

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JULIA DO CARMO PABST SCHOLOCHUSKI CARDOSO

**CURITIBA E DESIGUALDADE: SENTIDOS DE BAIRRO E DE CIDADE TECIDOS
POR CRIANÇAS DE REGIÕES E CONTEXTOS SOCIOECONÔMICOS
DIFERENTES**

CURITIBA

2018

JULIA DO CARMO PABST SCHOLOCHUSKI CARDOSO

**CURITIBA E DESIGUALDADE: SENTIDOS DE BAIRRO E DE CIDADE TECIDOS
POR CRIANÇAS DE REGIÕES E CONTEXTOS SOCIOECONÔMICOS
DIFERENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Valéria Milena Röhrich
Ferreira

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS
MARIA TERESA ALVES GONZATI, CRB 9/1584
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Cardoso, Julia do Carmo Pabst Scholochuski.

Curitiba e desigualdade: sentidos de bairro e de cidade tecidos por crianças de regiões e contextos socioeconômicos diferentes / Julia do Carmo Pabst Scholochuski Cardoso. – Curitiba, 2018. 193 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná . Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Valéria Milena Röhrich Ferreira

1. Educação – Aspectos sociais. 2. Educação – Sociologia educacional. 3. Escolas – Curitiba (PR). I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 306.43



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **JULIA DO CARMO PABST SCHOLOCHUSKI CARDOSO**, intitulada: **CURITIBA E DESIGUALDADE: SENTIDOS DE BAIRRO E DE CIDADE TECIDOS POR CRIANÇAS DE REGIÕES E CONTEXTOS SOCIOECONÔMICOS DIFERENTES**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 29 de Junho de 2018.


VALERIA MILENA ROHRICH FERREIRA(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


SUELI DE FATIMA FERNANDES(UFPR)


SAMY LANSKY(FUMEC)

Dedico aos meu pais Noemia e João (in memoriam),

À minha irmã Virginia,

E ao meu esposo Gilson,

Porque tudo o que sou hoje é por causa deles!

Dedico a todas as crianças,

*Por terem a capacidade de fazer o adulto
acreditar que um mundo mais justo e igual ainda é possível!*

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo quero agradecer a Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade de chegar até aqui e concretizar um sonho que era o de fazer mestrado.

Agradeço à minha querida orientadora, professora Valéria Milena Röhrich Ferreira, pela confiança e pela orientação carinhosa e competente durante todo esse percurso acadêmico. Com uma orientação brilhante, soube, com amor e paciência, dar sugestões expressivas para o caminhar do meu estudo.

A todos os professores da Linha de Pesquisa Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social por colaborarem imensamente na construção do meu conhecimento e por proporcionarem uma visão mais problematizadora de mundo para a minha vida.

Agradeço especialmente aos professores, Samy Lansky, Sueli Fernandes e Jader Lopes pelas excelentes sugestões no exame de qualificação e na defesa do mestrado.

À minha mãe e ao meu pai (in memoriam) que sempre acreditaram na minha capacidade e torceram muito por mim! Sempre fizeram de tudo para que eu tivesse a melhor educação possível, deixando até mesmo de conquistar bens materiais para investir na minha vida escolar. Para eles, a melhor herança que poderiam deixar para mim e para a minha irmã era o estudo, e fizeram isso muito bem!

À minha irmã Virginia, pelas valiosas dicas e leituras do meu texto. Obrigada pelo grande apoio e por se aventurar comigo nas idas e vindas ao campo da pesquisa.

Ao meu esposo, Gilson, pela ajuda durante a pesquisa em campo e pelas palavras de incentivo e força durante o mestrado.

Aos meus colegas do mestrado, pelas conversas e por todo o apoio recebido. Agradeço especialmente a Márcia, a Liliana e a Sabrina, pela amizade conquistada que será levada por toda a vida.

Aos amigos do Grupo de Estudo, Avelaine, Grasielle, Solange, Rojanira, Sonia e Jhon, por todas as conversas e sugestões compartilhadas. Foi muito bom participar de estudos e eventos com vocês.

À Secretaria Estadual de Educação do Paraná e à Prefeitura Municipal de Curitiba, pela concessão da licença remunerada para estudos no período do

mestrado, dessa forma, possibilitando maiores condições para realizar a pesquisa com qualidade.

A todos os meus amigos e também colegas professores, por sempre estarem preocupados comigo e também demonstrarem interesse em conhecer o meu objeto de pesquisa. Em especial, agradeço à equipe de profissionais do Colégio Estadual Professora Edimar Wright que entendeu a necessidade da minha licença para o mestrado, sempre incentivando e torcendo por essa etapa acadêmica em minha vida.

Agradeço a todas as escolas públicas e privadas que abriram as portas para a meu estudo e a todas as famílias que participaram de alguma forma da minha pesquisa.

E por fim, mas não menos importante, agradeço a todas as crianças, pela grande contribuição que deram a esse estudo. Essa pesquisa aconteceu por causa delas!

Dia após dia nega-se às crianças o direito de ser crianças. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, os que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem desde cedo, como destino, a vida prisioneira. Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças. (Eduardo Galeano)

RESUMO

Investigou-se nessa pesquisa a utilização e a significação dos espaços de dois diferentes bairros da cidade de Curitiba por crianças pertencentes à rede pública e privada de ensino. Essa escolha partiu da necessidade de entender como crianças, sendo atores sociais e sujeitos de direitos, tecem formas de viver em contextos espaciais desiguais. Partiu do seguinte problema de pesquisa: onde e como crianças tecem suas redes de interdependência e dão significados aos espaços do bairro e da cidade morando em regiões diferentes de Curitiba e, mais especificamente, sendo estudantes de escola pública ou privada? Realizou-se conversas com crianças de duas escolas públicas e duas escolas privadas dos bairros Tatuquara e Campo Comprido e observação em áreas verdes desses bairros. Utilizou-se como referencial teórico autores da Sociologia como Norbert Elias (conceitos de sociedade, indivíduo e rede de interdependência); da Sociologia da Infância como Sarmiento (criança sendo sujeito de direitos e infância como construção social) e Corsaro (criança sendo produtora de cultura); da Sociologia Urbana e da Geografia como Castells (espaço como expressão da sociedade) e Lefebvre (conceito de urbano e direito à cidade) e, para discutir a desigualdade permeando as relações sociais na sociedade contemporânea, utilizou-se das discussões de Bauman, Noguera e Reygadas. Após a análise dos dados (Bardin), verificou-se quatro indicadores: o medo, o consumo, o brincar e a desigualdade. Depois, organizou-se a rede de interdependência (Elias) de uma criança de cada escola. Quanto aos resultados, evidenciou-se que, Curitiba também é desigual para as crianças e, dessa forma, as tessituras de suas redes são influenciadas por essa desigualdade. A cidade oferece mais oportunidades de lazer e cultura para as crianças da parte norte e central da cidade, pois há vários espaços consolidados e turísticos nesses bairros. Contudo, para as crianças do sul de Curitiba (principalmente do extremo sul) há uma menor diversidade de espaços públicos e esses, muitas vezes, estão em condições precárias. As crianças das escolas públicas e privadas vivem vidas distintas e dão significados diferentes para os mesmos lugares do bairro e da cidade de Curitiba. Nota-se que, mesmo estudando em escola pública, as crianças do bairro Campo Comprido conseguem ir a mais lugares da cidade do que as crianças da escola privada do bairro Tatuquara. As oportunidades de socialização das crianças curitibanas são distintas dependendo da localização da sua moradia e das configurações econômicas e sociais a que pertencem.

Palavras-chave: Crianças. Espaço Urbano. Desigualdade. Curitiba. Escolas Públicas e Privadas.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the usage and meaning assigned to spaces of two different districts in the city of Curitiba by children from the public and private school systems. This choice emerged from the need of understanding how children, as social actors and entitled to rights, weave ways of existing at unequal spatial contexts. It started with the following research problem: where and how do kids weave their interdependence networks and assign meaning to the spaces of the district and of the city, when living in different regions of Curitiba and, more specifically, being students of public or private schools? Conversations were carried out with kids from two public schools and two private schools of the districts of Tatuquara and Campo Comprido, and observations were made in green areas of these districts. It was used as theoretical reference Sociology authors such as Norbert Elias (concepts of society, individual and interdependence network); of Childhood Sociology such as Sarmiento (child as subject to rights and childhood as a social construction) and Corsaro (child as culture producer); of Urban and Geography Sociology such as Castells (space as a society expression) and Lefebvre (urban concept and right to city) and, to discuss inequality that permeates social relations at the contemporary society, the discussions of Bauman, Noguera and Reygadas were used. After the analysis of data (Bardin), four indicators were verified: the fear, the consumption, the play and the inequality. Then, the interdependence net (Elias) of a child from each school was organized. Regarding the results, it was verified that Curitiba is also unequal for the children and, therefore, the texture of their networks are influenced by this inequality. The city offers more opportunities of leisure and culture for children of the north and central parts of the city because there are various consolidated and touristic spaces at these districts. However, for the children from the south part of Curitiba (mainly from the extreme south) there is a lower diversity of public spaces which, many times, are in precarious conditions. Children of the public and private schools live different lives and assign different meanings to the same places of the district and of the city of Curitiba. It can be noticed that, even studying at a public-school, children from the Campo Comprido district are able to go to more spots of the city than the children from the private school of the Tatuquara district. The socializing opportunities of the children of Curitiba are distinct, according to the localization of their residence and of the social and economic configurations of where they belong.

Keywords: Children. Urban Space. Inequality. Curitiba. Public and Private Schools.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	–	DIVISÃO ADMINISTRATIVA DE CURITIBA ATÉ O ANO DE 2015.....	63
FIGURA 2	–	DIVISÃO DE CURITIBA APÓS 2015 COM A CRIAÇÃO DA NOVA REGIONAL.....	63
FIGURA 3	–	LOCALIZAÇÃO DOS PARQUES E BOSQUES EM CURITIBA.....	76
FIGURA 4	–	LOCALIZAÇÃO DOS MUSEUS EM CURITIBA.....	78
FIGURA 5	–	LOCALIZAÇÃO DOS SHOPPINGS EM CURITIBA.....	80
FIGURA 6	–	REGIONAL TATUQUARA.....	91
FIGURA 7	–	REGIONAL SANTA FELICIDADE.....	97
FIGURA 8	–	REDE DE INTERDEPENDÊNCIA DA JULIANA.....	145
FIGURA 9	–	REDE DE INTERDEPENDÊNCIA DO LUCAS.....	149
FIGURA 10	–	REDE DE INTERDEPENDÊNCIA DO GUILHERME.....	153
FIGURA 11	–	REDE DE INTERDEPENDÊNCIA DA ALINE.....	157

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	– RENDIMENTO MENSAL DOMICILIAR DE CURITIBA E DO BAIRRO CABRAL.....	72
GRÁFICO 2	– RENDIMENTO MENSAL DOMICILIAR DE CURITIBA E DO BAIRRO CAXIMBA.....	72
GRÁFICO 3	– FREQUÊNCIA DAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS CONSOLIDADOS DE CURITIBA.....	88
GRÁFICO 4	– PERCENTUAL DA RENDA MÉDIA MENSAL DAS FAMÍLIAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO.....	89
GRÁFICO 5	– ÁREAS VERDES NA CIDADE DE CURITIBA E NO BAIRRO TATUQUARA.....	93
GRÁFICO 6	– ÁREAS VERDES NA CIDADE DE CURITIBA E NO BAIRRO CAMPO COMPRIDO.....	99

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 -	BAIRRO CABRAL.....	71
FOTOGRAFIA 2-	BAIRRO CAXIMBA.....	71
FOTOGRAFIA 3 -	BAIRRO ABRANCHES.....	73
FOTOGRAFIA 4 -	BAIRRO SÍTIO CERCADO.....	74
FOTOGRAFIA 5 -	ARREDORES DE UMA ESCOLA DE PERFIL 1 DA PESQUISA.....	83
FOTOGRAFIA 6 -	ARREDORES DE UMA ESCOLA DE PERFIL 2 DA PESQUISA.....	83
FOTOGRAFIA 7 -	ARREDORES DE UMA ESCOLA DE PERFIL 3 DA PESQUISA.....	83
FOTOGRAFIA 8 -	ARREDORES DE UMA ESCOLA DE PERFIL 4 DA PESQUISA.....	84
FOTOGRAFIA 9 -	PARQUE YBERÊ.....	91
FOTOGRAFIA 10 -	ATERRO SANITÁRIO DE CURITIBA.....	92
FOTOGRAFIA 11 -	ENTRADA DA RESERVA DO BUGIO.....	95
FOTOGRAFIA 12 -	VISTA DO MIRANTE DA RESERVA DO BUGIO....	95
FOTOGRAFIA 13 -	BOSQUE ALEMÃO.....	98
FOTOGRAFIA 14 -	PARQUE BARIGUI.....	98
FOTOGRAFIA 15 -	PORTAL DE SANTA FELICIDADE.....	98
FOTOGRAFIA 16 -	RUA PRÓXIMA À ESCOLA PRIVADA DO CAMPO COMPRIDO.....	102
FOTOGRAFIA 17 -	RUA PRÓXIMA À ESCOLA PRIVADA DO TATUQUARA.....	103
FOTOGRAFIA 18 -	RUA PRÓXIMA À ESCOLA PÚBLICA DO CAMPO COMPRIDO.....	104
FOTOGRAFIA 19 -	RUA PRÓXIMA À ESCOLA PÚBLICA DO TATUQUARA.....	104
FOTOGRAFIA 20 -	CRIANÇAS BRINCANDO EM UM JARDIM NO TATUQUARA.....	124
FOTOGRAFIA 21 -	CRIANÇAS BRINCANDO EM UMA PRAÇA NO TATUQUARA.....	125

FOTOGRAFIA 22 -	JARDIM COM CRIANÇAS BRINCANDO NO CAMPO COMPRIDO.....	128
FOTOGRAFIA 23 -	PRAÇA NO ECOVILLE.....	129
FOTOGRAFIA 24 -	HORTA COMUNITÁRIA DO TATUQUARA.....	154

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	–	RELAÇÕES SOCIAIS VIVIDAS POR DUAS CRIANÇAS DE CURITIBA.....	33
QUADRO 2	–	PRODUÇÕES ACADÊMICAS SIGNIFICATIVAS PARA A PESQUISA.....	55
QUADRO 3	–	ENCAMINHAMENTO DE PESQUISA DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS.....	58
QUADRO 4	–	RESUMO SOBRE A COLETA DE DADOS.....	61
QUADRO 5	–	RESUMO SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA NAS ESCOLAS.....	62
QUADRO 6	–	RESUMO DE OBSERVAÇÕES NAS ÁREAS VERDES DOS BAIRROS.....	62
QUADRO 7	–	BAIRROS DOS PERFIS DE CADA REGIONAL CURITIBANA.....	87
QUADRO 8	–	NOME DAS CRIANÇAS E IDADE DE CADA ESCOLA DA PESQUISA QUALITATIVA.....	105
QUADRO 9	–	OPINIÃO DAS CRIANÇAS SOBRE O BAIRRO DE MORADIA.....	135

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – VALOR DA MENSALIDADE DAS ESCOLAS PRIVADAS POR BAIRRO E CLASSIFICAÇÃO NA ESCOLHA PARA A PESQUISA.....	86
---	----

LISTA DE SIGLAS

CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIC	- Cidade Industrial de Curitiba
COCELPA	- Companhia de Celulose e Papel
COHAB	- Companhia de Habitação Popular de Curitiba
DIEESE	- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
FAS	- Fundação de Ação Social
FCC	- Fundação Cultural de Curitiba
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	- Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IPPUC	- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
MUMA	- Museu Municipal de Arte
PNAD	- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SANEPAR	- Companhia de Saneamento do Paraná
SEED	- Secretaria de Estado da Educação do Paraná
SMMA	- Secretaria Municipal do Meio Ambiente
SMTE	- Secretaria Municipal de Trabalho e Emprego de Curitiba
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
URBS	- Urbanização de Curitiba
UNICEF	- Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE ABREVIATURA

Av.	- Avenida
Dr.	- Doutor
ha.	- hectares
km ²	- quilômetros quadrados
m ²	- metros quadrados
Mons.	- Monsenhor
Prof.	- Professor
Profa.	- Professora
R.	- Rua

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	AS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS E A INFÂNCIA: TECENDO REDES NO ESPAÇO URBANO.....	28
2.1	MERGULHANDO NO CAMPO DA SOCIOLOGIA: NORBERT ELIAS E AS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA.....	28
2.2	OS ESTUDOS SOBRE A CRIANÇA E A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA.....	34
2.3	A CIDADE COMO CONSTRUÇÃO HUMANA E O ESPAÇO COMO EXPRESSÃO DA SOCIEDADE.....	41
2.4	A CIDADE CONTEMPORÂNEA PERMEADA PELA DESIGUALDADE.....	47
2.5	A INFÂNCIA, A DESIGUALDADE E O ESPAÇO URBANO NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS.....	53
3	APRESENTANDO O CAMPO DE PESQUISA.....	60
3.1	A CIDADE DE CURITIBA.....	62
3.2	O CAMINHO PERCORRIDO.....	81
3.2.1	Pesquisa Quantitativa.....	85
3.2.2	Pesquisa Qualitativa.....	90
4	A CRIANÇA TECENDO EXPERIÊNCIAS E PRODUZINDO FORMAS DE VIVER EM CONFIGURAÇÕES CURITIBANAS DESIGUAIS.....	106
4.1	A INFÂNCIA E O MEDO.....	108
4.2	A INFÂNCIA E O CONSUMO.....	114
4.3	A INFÂNCIA E O BRINCAR.....	121
4.4	A DESIGUALDADE PERPASSANDO TODAS AS CATEGORIAS...	132
4.5	CONSTRUINDO AS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA DE CRIANÇAS CURITIBANAS.....	140
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
	REFERÊNCIAS.....	165
	APÊNDICE 1 – ALGUNS EXEMPLOS DE GRÁFICOS ENCAMINHADOS PARA UMA ESCOLA PRIVADA DA	

REGIONAL BOA VISTA A PARTIR DAS RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS ENTREGUE PARA AS FAMÍLIAS.....	173
APÊNDICE 2 – TABELAS DA REGIONAL PINHEIRINHO E REGIONAL SANTA FELICIDADE SOBRE A FREQUÊNCIA NOS ESPAÇOS CONSOLIDADOS DA CIDADE.....	175
APÊNDICE 3 – RENDA MÉDIA MENSAL DAS REGIONAIS SANTA FELICIDADE E PINHEIRINHO.....	176
APÊNDICE 4 – ÁREAS VERDE DO TATUQUARA.....	177
APÊNDICE 5 – ÁREAS VERDES DO CAMPO COMPRIDO.....	179
ANEXO 1 – CONSTITUIÇÃO DOS BAIRROS AGREGADOS.....	181
ANEXO 2 - NÚMERO DE HABITANTES E FAIXA ETÁRIA SEGUNDO BAIRROS AGREGADOS – CURITIBA 2010.....	182
ANEXO 3 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA EM RELAÇÃO AO MUNICÍPIO, SEGUNDO BAIRROS AGREGADOS. CURITIBA, 2010.....	183
ANEXO 4 – QUESTIONÁRIO ENTREGUE ÀS ESCOLAS PRIVADAS.....	184
ANEXO 5 – AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CURITIBA.....	188
ANEXO 6 – BILHETE ENVIADO PARA AS FAMÍLIAS APRESENTANDO A PESQUISA.....	190
ANEXO 7 – QUESTÕES QUE NORTEARAM AS CONVERSAS COM AS CRIANÇAS.....	191

1 INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa diz respeito a utilização e a significação dos espaços de dois diferentes bairros da cidade de Curitiba por crianças pertencentes à rede pública e privada de ensino. A escolha desse objeto de pesquisa partiu do interesse por compreender como crianças, sendo sujeitos ativos de direitos e atores sociais, tecem formas de viver em contextos desiguais.

Percebe-se que a desigualdade atingiu níveis obscenos na atual conjuntura, uma centena de pessoas possui mais riqueza do que a metade da população mundial. Estudos mostram que dois bilhões de pessoas no mundo vivem com menos de dois dólares por dia. Quem ganha pouco gasta a sua renda, principalmente, com transporte e comida, já, quem ganha muito, acumula mais, aumentando ainda mais o seu patrimônio. Quase sempre, quem nasce pobre, permanece pobre, e quem enriquece é porque nasceu rico. (DOWBOR, 2014).

A desigualdade é um dos maiores problemas que atinge a sociedade contemporânea. Ela assume diferentes feições quando algum sujeito ou grupo fica em desvantagem em relação ao outro, sendo prejudicado. A desigualdade ainda é mais presente na sociedade em que o lucro é o objetivo final, estratificando e segregando os indivíduos que fazem parte dela, oportunizando formas injustas de viver.

Nesse sentido e sabendo da importância de investigar a desigualdade na infância, é válido diferenciar, antes de tudo, o conceito de diferença e de desigualdade que tanto aparecem nessa pesquisa. Noguera (2004) afirma que toda a desigualdade é diferença, porém nem toda diferença é desigualdade. O pesquisador relata que se pode caracterizar como diferença, por exemplo, a cor dos olhos, que é de origem natural, pois algumas pessoas têm olhos azuis enquanto outras têm olhos castanhos, o mesmo acontece com a questão do gosto musical que é de origem cultural. Contudo, se uma pessoa recebe mil de salário e a outra vinte mil por ter uma certa cor de olhos ou se pode assumir um cargo político porque gosta de um determinado estilo musical, isso é desigualdade.

Assim, o autor explica que a desigualdade pode ser definida como o recebimento de menos oportunidade e poder para um determinado segmento em comparação ao outro. Há desigualdade quando há benefícios e privilégios para um indivíduo, grupo ou instituição social enquanto para o outro há prejuízo e perda.

Sabe-se, portanto, que a desigualdade também perpassa as relações espaciais. Como se verá nos capítulos seguintes, alguns grupos que detêm determinados privilégios (financeiros, culturais, políticos e sociais) concentram-se em determinados locais, usufruem de bens de consumo e bem-estar, enquanto outros que não têm esses privilégios ficam em locais mais afastados, deteriorados e com serviços de atendimento público e privado precarizados. Na contemporaneidade, várias práticas de exclusão social são verificadas entre agrupamentos que concebem o “outro” como diferente e perigoso. A desigualdade vem crescendo nas últimas décadas e torna-se um gigantesco problema pois nunca se teve um abismo tão grande entre os mais ricos e os mais pobres. (BAUMAN, 2013).

Dessa maneira, várias formas distintas de viver são tecidas nestas configurações contemporâneas desiguais permeadas por inúmeros aspectos. E, nestas configurações, as crianças estão presentes e sofrem muito com as diferentes formas de desigualdade. Há inúmeras crianças vítimas da pobreza vivendo em péssimas condições, sem moradia e saneamento adequado, e outras estão em locais de conflito armado desconhecendo o que é viver em paz. Como se verá de maneira detalhada mais à frente, Qvortrup (2010a, 2010b) e Sarmiento (2002, 2003, 2008, 2009) ressaltam a necessidade de investimento e comprometimento entre todos os segmentos sociais para que a população infantil viva de maneira digna com todos os seus direitos preservados e assegurados em qualquer parte do mundo. Saúde, proteção e educação alcançam poucas crianças, deixando a maioria sem atendimento de qualidade quanto às suas necessidades básicas. No mundo, muitas crianças são prejudicadas pelas circunstâncias existentes já desde o seu nascimento, tendo também inúmeros direitos violados no decorrer de suas vidas. Condições precárias como a fome, a falta de saneamento básico e de moradia adequada, estão presentes no dia a dia da população infantil, principalmente quando residem em regiões de pobreza e vulnerabilidade social.

O relatório sobre a *Situação Mundial da Infância 2016 – Oportunidades justas para cada criança – do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)*¹ afirma que, nos últimos anos, existiu um pequeno progresso em relação ao salvamento da vida de crianças e a inserção delas na escola. Todavia esse pequeno avanço não

¹ Acesso ao Resumo Executivo em português. O relatório na íntegra “The State of the World’s Children- 2016” está disponível em inglês na página oficial da UNICEF: www.unicef.org/sowc2016. Esse relatório é produzido anualmente pela UNICEF e apresenta dados sobre o futuro das crianças no mundo.

ocorreu de forma igualitária em todas as regiões. A iniquidade apresenta-se como um grande problema nesta segunda década do século XXI. Estima-se que em 2015, 5,9 milhões de crianças morreram com menos de cinco anos de idade e a maioria dessas mortes aconteceram devido a doenças que poderiam ser prevenidas e tratadas de maneira barata e fácil. Destaca-se que quase metade da população extremamente pobre do mundo é criança. Por este motivo, é de extrema necessidade enfrentar as barreiras da desigualdade e da iniquidade para que todas as crianças sejam atendidas integralmente e investir naquelas que necessitam de mais ajuda.

Nesta mesma direção, Sarmiento (2002) realizou um estudo sobre a grande influência da desigualdade na situação alarmante da infância. Afirma que, para a infância sair dessa circunstância, são necessárias correntes contra-hegemônicas promotoras de uma infância investida de direitos. De acordo com o autor, a visibilidade da infância e as condições da vida das crianças ainda não são tidas como fundamentais nas agendas política, midiática e de investigação.

No Brasil, semelhante a outros países do mundo, as crianças também estão presentes em número expressivo. O Censo de 2010² assinalou a presença de 39 milhões de crianças de zero a doze anos no território brasileiro. Destas crianças, um pouco mais de 49% pertencem ao sexo feminino e quase 51% são do sexo masculino. Na pesquisa, 96% das crianças de 5 a 12 anos estavam na escola sendo 83,4% na rede pública e 16,6% na rede privada.

O Brasil, não diferente da situação mundial, também apresenta um contexto alarmante e desigual sobre a infância. Segundo o Relatório “*Síntese dos Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira-2015*”³ divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as crianças brasileiras somadas aos idosos e jovens representavam, em 2015, mais da metade da população. Referente ao aspecto econômico, ainda 17,6% das crianças de 0 a 4 anos e 18% das crianças e adolescentes de 5 a 14 anos residiam em domicílio com rendimento mensal per capita de até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo. Relativo a situação de

² Disponibilizado no endereço eletrônico <http://7a12.ibge.gov.br/especiais/criancas-no-censo-2010>. Página fornecida pelo IBGE para que as crianças tenham acesso de maneira divertida ao Censo 2010.

³ O Caderno Síntese dos Indicadores Sociais reúne várias informações sobre a realidade social brasileira. A fonte principal para a construção dos indicadores é o PNAD 2015 do IBGE.

insegurança alimentar⁴, as crianças e os adolescentes são os mais prejudicados. Conforme destaca o relatório, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2013, assinalou que o percentual de crianças de 0 a 4 anos moradoras de residências com insegurança alimentar era de 34,1% e de crianças e adolescentes de 5 a 14 anos era de 33,7%. De modo geral, poucos avanços em relação a infância têm acontecido.

Referente à cidade de Curitiba, os dados do último Censo realizado em 2010, mostram que a capital paranaense apresentava uma população de 1.751.907 habitantes, sendo que crianças e adolescentes até 14 anos somavam 20% da população. A cidade de Curitiba é muito heterogênea em diversos aspectos, como será discutido no capítulo três desta dissertação. É uma cidade que foi tecida a partir da vinda de diversos grupos étnicos de diferentes localidades. Desta forma, Curitiba é identificada por muitas pessoas como uma cidade de pluralidade cultural, porém, ao mesmo tempo, apresenta diversos problemas sociais e espaciais. E é importante ressaltar que várias políticas públicas e propagandas sobre Curitiba (como construções de parques e portais em homenagem a diversas etnias europeias e asiáticas)⁵, reforçam a presença de etnias brancas em detrimento de etnias negras e indígenas.

Segundo o estudo intitulado *“Perfil demográfico e socioeconômico dos bairros agregados de Curitiba”* do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE)⁶, os bairros curitibanos que apresentam uma concentração maior da população infantil são: Campo de Santana, Caximba, **Tatuquara**⁷ e Ganchinho. Observa-se que esses bairros estão localizados no extremo sul da cidade. Ao contrário, nas regiões centrais, há menor quantidade de crianças, destacando-se o Centro, Batel, Bigorrião, Centro Cívico e Juvevê.

Como as crianças não estão presentes no território curitibano de maneira homogênea, concentrando-se mais em determinados bairros em detrimento de

⁴ Segundo o Relatório apresentado, segurança alimentar existe quando há acesso regular a alimentos de qualidade e quantidade suficiente permanente.

⁵ Um exemplo é o Parque Tingui que parece homenagear o índio, porém, na verdade, preserva a memória e história do povo ucraniano.

⁶ Esse estudo pertence ao plano de atividades do Observatório de Curitiba, uma parceria entre o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, Prefeitura de Curitiba e Secretaria Municipal de Trabalho em Emprego de Curitiba (SMTE)). O objetivo desse estudo é produzir indicadores que contribuam com as análises sobre a ocupação da população e organização econômica de Curitiba.

⁷ Os nomes dos bairros Campo Comprido e Tatuquara estarão em negrito durante todo o texto por serem estes os campos específicos onde a pesquisa foi realizada.

outros, é necessário que estes dados sejam levados em consideração para a constituição de políticas públicas para a infância de Curitiba. Saber onde estão as crianças é o ponto de partida para que a infância possa ser assistida integralmente. Também estes dados são fundamentais para pesquisas que tenham como problemática a infância curitibana.

Partindo destas discussões, entende-se que as crianças, presentes nos bairros da cidade de Curitiba, vivenciam esta desigualdade, experimentando de forma diferente o espaço e tecendo variadas formas de vivenciar o bairro onde moram. Evidencia-se que a capital do Paraná, conhecida como uma cidade que valoriza o verde, com belos parques e pontos turísticos, como se verá mais à frente a partir de dados de uma pesquisa exploratória já realizada, ainda oferece poucas opções para a infância. Parques, museus e outros espaços urbanos⁸ públicos frequentados por crianças estão presentes em poucos bairros, principalmente naqueles localizados na parte norte e central da cidade (FERREIRA, V.; FERREIRA, S, no prelo). Desta forma, muitas crianças sujeitam-se a brincar em locais inapropriados (FERNANDES, 2016) ou são exiladas em suas casas e/ou condomínios, orientadas por seus familiares a só saírem com a presença de um adulto porque identificam o espaço urbano como perigoso. (FERREIRA, S. 2016).

Assim, pode-se afirmar que em Curitiba “os bairros oferecem diferentes condições de vida a seus moradores e produzem diferentes efeitos nas suas socializações.” (FERREIRA, V. 2016, p.53). Destaca-se também, que a situação econômica familiar influencia as formas de viver infantil, possibilitando que famílias com melhores condições econômicas, desloquem-se para outros bairros e equipamentos para vivenciar o que o espaço pode oferecer. Por outro lado, as famílias com menor poder aquisitivo são empurradas “para bairros periféricos, quando não para fora da cidade.” (FERREIRA, V. 2016, p.53).

Nestas diferentes condições de vida e vivenciando o espaço, as crianças constroem suas subjetividades, contudo, essa constituição não acontece a partir do reconhecimento da criança e do espaço isoladamente, mas sim a partir da relação entre pares, entre adultos e crianças e destes com o espaço. Produzindo pesquisas na área da sociologia, Norbert Elias (1994), autor judeu-alemão, discute a relação entre sociedade e indivíduo. Para ele, tanto a sociedade quanto o indivíduo não

⁸ Entende-se por espaços urbanos os equipamentos, mobiliários, instituições e locais disponíveis na cidade.

podem ser compreendidos isoladamente pois um não existe sem o outro. Cada ser humano é criado por outros que existiram antes dele e é na relação com os outros que o sujeito se constrói tornando-se um ser mais complexo. O autor aponta que todos os sujeitos se constituem a partir de experiências vividas em grupo. Cada indivíduo está preso a redes de interdependência que dão origem a configurações sociais variadas como, por exemplo, estado, cidade, bairro e família. Nessas redes, os indivíduos cumprem determinados papéis e estão em permanente dependência entre si. A criança constitui-se nessa rede, nas relações entre ela e as outras pessoas. Para ele:

Essas relações - por exemplo, entre pai, mãe, filho e irmãos, numa família -, por variáveis que sejam em seus detalhes, são determinadas, em sua estrutura básica, pela estrutura da sociedade em que a criança nasce e que existia *antes* dela. (ELIAS, 1994, p. 28, grifo do autor).

Nessas redes de interdependência, o espaço tem uma forte influência. Conforme será aprofundado no capítulo dois, Manuel Castells (1999) afirma que o espaço é expressão da sociedade e é tempo cristalizado. Nesse espaço, a partir das suas redes de interdependência, as crianças constroem e partilham significados aprendidos com outras pessoas. Entretanto, o espaço pode ser significado de diferentes formas pelas crianças, pois essas estão inseridas em grupos que apresentam determinadas compreensões de mundo que, por meio das relações sociais, constituem formas de entender a sociedade. Dependendo da rede que a criança está inserida, ela poderá compreender de forma diferenciada situações, pessoas ou objetos.

Assim, meu interesse pela problemática da pesquisa nasceu do campo de trabalho que atuo e da minha formação acadêmica. Sou pedagoga da rede municipal de ensino de Curitiba e da rede estadual de educação do Paraná e trabalho em escolas localizadas na periferia da capital paranaense. Já lecionei também em escolas privadas localizadas em bairros centrais de Curitiba. Dessa forma, percebi como o uso dos espaços urbanos e as vivências infantis são diferentes e, muitas vezes, desiguais na mesma cidade.

Partindo dessa vivência e em busca de um aprofundamento teórico para que eu pudesse compreender infância e desigualdade, em 2014, comecei a participar do grupo de estudos "*Vivendo a infância na cidade: redes de interdependência de*

crianças e processos de socialização em configurações urbanas” coordenado pela professora doutora Valéria Milena Röhrich Ferreira, que tem como objetivo analisar as formas de socialização das crianças em contextos urbanos. Dessa maneira, aproximei-me de discussões do campo da educação e da sociologia. Em 2016, ingressei no Mestrado em Educação com o objetivo de pesquisar a infância e a desigualdade na cidade de Curitiba.

Por meio de uma pesquisa exploratória realizada pelo grupo de estudos entre os anos de 2014 a 2016 com aplicação de questionários em escolas públicas, várias constatações já foram levantadas sobre as diferenças presentes no processo de socialização das crianças em diversos bairros da cidade de Curitiba. As pesquisadoras Ferreira, V.; e Ferreira, S. (no prelo) trazem vários dados sobre essas problematizações acerca do uso do bairro e da cidade. Destacam que há desigualdade na utilização do espaço curitibano pelas crianças, pois a oferta de oportunidades não é a mesma em todo o território da cidade de Curitiba.

A partir da realidade da capital do estado do Paraná, as pesquisadoras apontam a localização pontual de determinados equipamentos no espaço curitibano. Os museus, em sua grande maioria, estão localizados na área central da cidade, sendo, conforme a pesquisa, mais visitados pelas crianças moradoras da parte central e norte da Curitiba. As áreas verdes estão disponibilizadas em todo o território da cidade, porém, a quantia de parques também é bem maior na parte norte e central da cidade. Esses parques, além de serem mais famosos e serem atrativos turísticos, estão mais bem equipados e recebem manutenção frequentemente.

Na questão do uso dos shoppings, percebe-se que as crianças que mais utilizam residem na proximidade desses equipamentos. Por causa de uma presença marcante dos shoppings em determinadas regiões da cidade, a pesquisa demonstrou que as crianças que mais frequentam esses espaços são moradoras da região do bairro Portão, da região de Santa Felicidade e da região do Boqueirão. Destaca-se a presença de grande quantidade de shoppings na parte mais nobre da região sul, com uma população, em sua grande maioria, de poder aquisitivo médio.

Assim, de acordo com a pesquisa realizada, as crianças que moram em bairros centrais e ao norte da cidade, em que há uma presença variada de espaços públicos (museus, parques, bibliotecas), vão com maior frequência a estes lugares. Por outro lado, as crianças que moram ao sul, mais longe desses equipamentos

culturais e das áreas verdes consolidadas, estão mais frequentemente sujeitas às seduções de consumo e frequentam, portanto, mais shoppings e muitas ainda acabam tendo que pagar por lazer privado (em piscinas de bolinhas, pesque-pague etc.). Já, as crianças que residem no extremo sul, ficam impossibilitadas de visitar inúmeros equipamentos públicos, como, por exemplo, parques, por causa da distância dos poucos que existem na região sul e da inexistência destes no próprio bairro. Sendo assim, as pesquisadoras ressaltam que o aspecto socioespacial joga um importante papel nas socializações infantis.

Interessada em conhecer os locais em que as crianças da rede privada frequentavam e como vivenciavam os bairros da cidade, apliquei o mesmo questionário utilizado pela equipe de pesquisa mencionada acima, em escolas particulares situadas nos mesmos bairros (ou muito próximos) da pesquisa descrita. Assim, além de ampliar o acervo da pesquisa geral incluindo as vivências destas crianças de escolas particulares, esse levantamento também auxiliou na escolha algumas destas escolas para a continuidade do meu estudo.

Nesse sentido, partindo do acervo de dados coletados tanto pela pesquisa anterior quanto da realizada nas escolas privadas, pude definir o meu campo de estudo e constituir o seguinte problema de investigação: **Onde e como crianças tecem suas redes de interdependência e dão significado aos espaços do bairro e da cidade morando em regiões diferentes de Curitiba e, mais especificamente, sendo estudantes de escolas públicas ou privadas?**

Dessa forma, os objetivos específicos que subsidiaram esta pesquisa foram:

- Conhecer a constituição da cidade de Curitiba a partir das tensões presentes historicamente em seu território e como esse processo influencia atualmente a vida das crianças curitibanas.
- Comparar, a partir dos dados quantitativos e qualitativos, as semelhanças e diferenças na utilização dos espaços do bairro e da cidade de Curitiba entre crianças da rede pública e da rede privada de ensino de duas regiões curitibanas.
- Verificar quais significados as crianças atribuem para os locais do bairro e da cidade que frequentam a partir de suas redes de interdependência.

Para esse estudo lançou-se a hipótese de que as crianças das escolas privadas, por terem um maior poder aquisitivo, utilizam mais os espaços da cidade comparadas às crianças das escolas públicas.

Dessa forma, a pesquisa quantitativa foi realizada em escolas privadas de nove regionais de Curitiba. O valor mais alto da mensalidade foi o critério para a escolha da escola privada no bairro selecionado. Como na pesquisa exploratória, foram entregues questionários para as famílias das crianças de oito a onze anos dessas escolas com o objetivo de identificar como é a relação da criança com os espaços urbanos do bairro e da cidade.

Após, realizaram-se comparações entre os dados quantitativos das escolas privadas com os dados das escolas públicas da pesquisa exploratória e foi escolhido dois bairros que apresentaram, mais explicitamente, diferenças e desigualdades na utilização dos espaços do bairro e da cidade de Curitiba pelas crianças. Os bairros escolhidos foram **Campo Comprido** (Regional Santa Felicidade, localizada na parte norte e central de Curitiba) e **Tatuquara** (Regional Pinheirinho, no extremo sul), cada um localizado em uma regional curitibana com diferenças territoriais contrastantes. Partindo desta escolha e iniciando a pesquisa qualitativa, foram feitas imersões em duas escolas da rede privada (uma em cada bairro) e duas escolas da rede pública municipal (também uma em cada bairro). Realizou-se algumas pequenas observações nas áreas verdes do bairro, fotografias, conversas com moradores, além, é claro, de conversas com as próprias crianças com o objetivo de ouvir a opinião delas sobre o uso e os significados atribuídos ao bairro e a cidade.

Assim, a partir das discussões teóricas e do encaminhamento metodológico, é válido destacar como esta pesquisa está estruturada. Inicia-se com esta introdução que buscou contextualizar e discutir o objeto de pesquisa. A importância e a justificativa da investigação também são problematizadas no cenário atual neste primeiro capítulo.

No segundo capítulo realiza-se revisão da literatura dos principais conceitos discutidos no estudo. O objetivo deste capítulo é entender teoricamente os conceitos que permeiam o objeto de pesquisa a partir dos campos da sociologia, sociologia da infância e sociologia urbana e geografia. Por meio das discussões de Norbert Elias (1994), buscou-se compreender os conceitos de sociedade, indivíduo, rede de interdependências e configurações sociais. Referente à discussão sobre as crianças como sujeitos de direitos, realizou-se uma reflexão sobre os estudos da infância e como essa categoria é compreendida pela sociologia da infância. Já sobre o espaço e a cidade, foram trazidas problematizações que tecem a cidade para além de uma mera demarcação territorial, mas sim, marcada por contradições e pluralidades e a

partir da compreensão do espaço como uma das principais dimensões da vida humana. (CASTELLS, 1999). Também se discutiu sobre a presença da desigualdade permeando as relações sociais na sociedade contemporânea.

No terceiro capítulo é apresentado o percurso metodológico da pesquisa em escolas da rede pública e da rede privada da cidade de Curitiba. São descritos os encaminhamentos da pesquisa quantitativa e qualitativa. Nele também é realizada uma breve explanação sobre a conjuntura atual da cidade de Curitiba.

No quarto capítulo são analisados os dados coletados na pesquisa dialogando com o referencial teórico apresentado. A partir dos estudos sobre Análise de Conteúdo de Bardin (1977), os dados empíricos foram em um primeiro momento, categorizadas em grandes temas que estiveram presentes nas narrativas das crianças, na observação das áreas de lazer bem como nas respostas dos questionários. Por fim, constituindo diversos traços das redes de interdependência das crianças, conforme os estudos de Elias (1994), discute-se como a desigualdade perpassa as redes de interdependência das crianças da pesquisa.

No quinto e último capítulo são expostas as considerações finais deste estudo que buscam sintetizar toda a pesquisa e trazer novas contribuições para os estudos relacionados à infância e ao espaço urbano.

2 AS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS E A INFÂNCIA: TECENDO REDES NO ESPAÇO URBANO

As crianças estão presentes em todo o território da cidade de Curitiba tecendo experiências. Estão imersas em diversos espaços, relacionando-se com outras pessoas e constituindo formas de viver. Neste sentido, como será que crianças curitibanas, a partir de suas redes de interdependência, utilizam os espaços da cidade de Curitiba? Será que esses espaços oportunizam as mesmas vivências infantis? E também, o que as crianças pensam sobre o bairro onde moram e a cidade de Curitiba?

Para refletir sobre estas questões busca-se nesse segundo capítulo, trazer os referenciais teóricos que subsidiaram esta pesquisa. Para discutir as relações da criança na cidade são apresentadas as discussões sociológicas de Norbert Elias no que se refere às redes de interdependência e configurações sociais. Nessas configurações, a criança não pode ser considerada como um sujeito em formação para a vida adulta (um “vir a ser”), mas sim como um ator social, protagonista de sua vida e que precisa ser ouvida. Sendo assim, para essa reflexão, são apresentadas as discussões da sociologia da infância.

No meio da cidade as crianças tecem suas redes de interdependência e experimentam o mundo. Contudo o território da cidade de Curitiba é heterogêneo e desigual, dependendo do local em que essa criança vive ou frequenta, ela estará submetida a aspectos sociais distintos. Desta forma, para uma discussão ampliada sobre os conceitos de cidade, desigualdade e consumo, são realizadas reflexões pautadas na sociologia urbana.

E por fim, para conhecer melhor as pesquisas que discutem a infância, a desigualdade e o espaço, é realizado um levantamento bibliográfico combinando esses três descritores.

2.1 MERGULHANDO NO CAMPO DA SOCIOLOGIA: NORBERT ELIAS E AS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA

Todos os seres humanos participam de vários grupos sociais. Família, escola, igreja, bairro, cidade, são configurações sociais que estão presentes na vida contemporânea e nelas os sujeitos relacionam-se diretamente.

A sociologia, como ciência, procura analisar como acontecem as relações entre as pessoas nos processos sociais. É importante destacar que várias correntes sociológicas com distintas compreensões das relações sociais surgiram durante a história para entender a relação entre sujeito e sociedade.

O pesquisador Norbert Elias, a partir de seus inúmeros estudos, trouxe uma nova teoria sociológica. Essa teoria analisa todo o processo social e descarta as explicações que prezam entender o indivíduo e a sociedade isoladamente. Para esse estudioso, a “sociedade” significa todos os indivíduos juntos e esses só podem ser compreendidos a partir de suas relações com os outros. Elias, considerou-se como um “inovador em sociologia” (ELIAS, 2001, p.75), pois discutia inovações e intervenções que não eram muito aceitáveis na época:

Uma dessas intervenções tratava dos pronomes pessoais. Eu dizia sobre isso que em sociologia é preciso ver as coisas na perspectiva do ‘eu’, na do ‘ele/ela’, na do ‘nós’ e na terceira pessoa do plural – e tudo isso simultaneamente. Parece-me uma excelente ideia, mas tal coisa não era acolhida favoravelmente; na tradição inglesa, existe uma forte tendência conservadora. (ELIAS, 2001, p.75).

Com a intenção de entender a sociologia desta forma, Elias afirmava que uma das principais tarefas dessa ciência seria “alargar a nossa compreensão dos processos humanos e sociais e adquirir uma base crescente de conhecimentos mais sólidos acerca desses processos.” (ELIAS, 2008, p.17).

A partir de suas investigações, Elias (1994) procurou compreender como as questões sociológicas e históricas foram fundamentais na constituição de comportamentos no decorrer da história. Realizou uma análise abrangente pensando o indivíduo como um todo nas questões sociais, econômicas, psicológicas, entre outras. Relatou que para compreender o sujeito e a sociedade: “é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções.” (ELIAS, 1994, p.25).

Elias (1994) destacou dois campos opostos que tentam oferecer respostas às questões sobre indivíduo e sociedade. O primeiro analisa o indivíduo de forma isolada em que as ações individuais encontram-se no centro do interesse. O

segundo concebe a sociedade como entidade supra individual recebendo maior atenção os estilos e as formas culturais, ou as formas e instituições econômicas.⁹

De acordo com o pesquisador, existia uma falta de modelos conceituais e de uma visão global para que se compreendesse a realidade. Não existe sociedade sem indivíduo e indivíduo sem sociedade. Para elucidar essa proposição, Elias utilizou-se de vários exemplos, como o enunciado a seguir:

Aristóteles certa vez apontou um exemplo singelo: a relação entre pedras e casa. Esta realmente nos proporciona um modelo simples para mostrar como a junção de muitos elementos individuais formam uma unidade cuja a estrutura não pode ser inferida de seus componentes isolados. É que certamente não se pode compreender a estrutura da casa inteira pela contemplação isolada de cada uma das pedras que a compõe. Tampouco se pode compreendê-la pensando na casa como uma unidade somatória, uma acumulação de pedras; talvez isso não seja totalmente inútil para a compreensão da casa inteira, mas por certo não nos leva muito longe fazer uma análise estatística das características de cada pedra e depois calcular a média. (ELIAS, 1994, p.16).

Desta forma, “o todo é diferente da soma de suas partes, que ele incorpora leis de um tipo especial, as quais não podem ser elucidadas pelo exame de seus elementos isolados.” (ELIAS, 1994, p.16). Assim, a casa, é diferente da soma das pedras, não podendo ser compreendida quando essas são consideradas em isolamento, independentemente de suas relações.

Nesta perspectiva, a sociedade só existe porque, isoladamente, várias pessoas “querem e fazem certas coisas, e, no entanto, sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular.” (ELIAS, 1994, p.13).

Sendo assim, Elias (1994) afirmava que cada ser humano é criado por outros que existiram antes dele. Cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social, sendo gerado por outros seres humanos. É na relação com os outros que o sujeito se constrói, transformando-se em um ser mais complexo. Neste sentido:

Ao nascer, cada indivíduo pode ser muito diferente, conforme sua constituição natural. Mas é apenas na sociedade que a criança pequena, com suas funções mentais maleáveis e relativamente indiferenciadas, se transforma em um ser mais complexo. Somente na relação com outros seres humanos é que a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o

⁹ Para Elias o primeiro campo tem seus modelos conceituais retirados das ciências naturais, principalmente da biologia. O segundo campo, abordando as formações históricas e sociais, privilegia as instituições sociais, desprezando o papel do indivíduo.

caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto. (ELIAS,1994, p.27).

Um indivíduo depende do outro para continuar existindo, assim só pode ser entendido a partir de sua vida em comum com os outros: “Cada qual é obrigado a usar um certo tipo de traje; está preso a certo ritual no trato com os outros e a formas específicas de comportamento.” (ELIAS, 1994, p.21).

Os sujeitos constituem suas ideias a partir de todas as experiências vividas no interior do grupo e não singularmente. Cada pessoa, em algum momento, em algum lugar, tem uma atribuição específica, um trabalho, alguma atividade para com os outros, tendo um determinado papel.

É na relação com os outros seres humanos que o indivíduo se transforma em um ser mais complexo. No grupo social, aprende a falar, controlar os seus instintos, desenvolver-se e ter caráter de sujeito. Não é possível ter como ponto de partida o indivíduo sozinho para entender a estrutura de seus relacionamentos mútuos.

Os indivíduos sempre aparecem em configurações e as configurações de indivíduos são irreduzíveis. Fundamentar a reflexão num único indivíduo, como se, a princípio ele fosse independente de todos os demais, ou em indivíduos isolados, aqui e ali, sem levar em conta suas relações mútuas, é um ponto de partida fictício, não menos persistente, digamos, de que a vida social baseia-se num contrato firmado por indivíduos que, antes dele, vivam sozinhos na natureza, ou juntos numa desordem absoluta. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.184).

Para Elias (1994), a constituição natural de cada ser humano, traz ao mundo diversificadas individualidades possíveis. Contudo, as relações desses indivíduos com as outras pessoas terão muito mais influência sobre esse sujeito do que a sua própria constituição. A relação entre os seres humanos é tão imprevisível que, em uma conversa, cada um dos sujeitos forma ideias que não existiam antes, ou acaba levando adiante as ideias que já estavam presentes. Essas relações constituem-se em uma cadeia de atos interligados e interdependentes.

Cada indivíduo está preso a essa cadeia de atos que se liga a outra pessoa, ligando-se também aos demais e assim por diante. “Cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar a morte.” (ELIAS, 1994, p.27).

Para o mesmo pesquisador, as relações formadas e mantidas pelos indivíduos que compõem um grupo social, criam estruturas sociais que determinam

a conduta social. Elias (1994), para ilustrar a sua teoria sociológica, destacou o conceito de rede:

Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um dos fios podem ser compreendidas em termo de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos de maneira como elas se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto essa rede nada é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior do todo, cada fio continua a construir uma unidade em si; tem uma posição e forma singulares dentro dele. (ELIAS, 1994, p.35).

Na rede cada pessoa pode ser considerada um fio isolado que está ligada a outra pessoa. O sujeito só pode ser compreendido a partir da forma como se liga e se relaciona com outros sujeitos da rede. Para Elias (1994) esse modelo trouxe uma reflexão sobre como as redes humanas se constituem. Contudo, é importante que essa rede de pessoas seja imaginada em constante movimento “como um tecer e destecer ininterrupto das ligações. É assim que efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ajuda a formar.” (ELIAS, 1994, p.35). Cada pessoa que passa por outra está ligada por laços invisíveis, não sendo possível modificar ou romper.

As redes de interdependência dão origem a vários tipos de configurações como família, cidade, estado, igreja. A sociedade é uma rede de interdependência de configurações sociais. Segundo Elias (1994), as configurações são formadas por grupos interdependentes de pessoas e não por indivíduos singulares. Cada configuração produz um sujeito e constrói a estrutura psicológica de cada indivíduo. Toda configuração tem relações de poder o tempo todo.

A pessoa, individualmente considerada, está sempre ligada a outras de um modo muito específico através da interdependência. Mas, em diferentes sociedades e em diferentes fases e posições numa mesma sociedade, a margem individual de decisão difere em tipo e tamanho. (ELIAS, 1994, p.50).

De acordo com a época histórica e o contexto social, a posição e a influência de uma pessoa sobre outras podem ser diferentes. Dependendo do momento, as posições podem mudar, contudo a rede permanecerá sempre elástica e firme. Elias

(1994) reconheceu que o poder pode ser desigual em determinados grupos ou pessoas, gerando menos oportunidades de decisão.

Partindo dos referenciais discutidos, a teoria sociológica de Elias colabora com a compreensão sobre a forma como as relações sociais são tecidas. Neste sentido, é necessário entender a criança não de maneira isolada, mas inserida em várias redes constituídas por sujeitos que trocam experiências e relacionam-se diretamente.

As crianças estão imersas em Curitiba e se relacionam com os espaços da cidade. Sendo que, a partir das experiências tecidas e das configurações sociais em que estão inseridas, dão sentido ao mundo em que vivem. Contudo, percebe-se que dentro da mesma Curitiba, as redes tecidas por essas crianças são diferentes e, muitas vezes, desiguais. As relações sociais vividas por duas crianças participantes da pesquisa qualitativa podem ilustrar essa reflexão no quadro abaixo:

QUADRO 1 – RELAÇÕES SOCIAIS VIVIDAS POR DUAS CRIANÇAS DE CURITIBA

ADRIANA ¹⁰	MARIA
<p>Adriana, de 10 anos, mora em uma casa no bairro Tatuquara (bairro popular, localizado ao extremo sul da cidade) desde o ano passado, antes morava no Sítio Cercado. Estuda na Escola Pública do Tatuquara e reside com a mãe, o padrasto e quatro irmãos. A mãe é diarista e o padrasto é borracheiro. Além de estudar no quinto ano no período da manhã, também treina vôlei na escola duas vezes por semana no período da tarde. Vai para a escola a pé. Gosta de brincar em casa e na escola com os colegas da turma. Em casa brinca de boneca e de casinha. Também ajuda a cuidar dos irmãos. No final de semana costuma ficar em casa ou ir na casa dos avós. Referente à cidade de Curitiba, conhece o Museu Oscar Niemeyer e o Park Shopping Barigui.</p>	<p>Maria, de 10 anos, mora em um apartamento no bairro Mossunguê (bairro central em que há vários condomínios de luxo) desde criança, estuda no quinto ano de uma Escola Privada na divisa do bairro Campo Comprido e reside com o pai e com a mãe. Vai para a escola de carro. A mãe e o pai são jornalistas. Faz aulas de teatro e circo. Frequenta os comércios do bairro como farmácia, restaurante e panificadora. Tem uma biblioteca em casa. Afirma que ainda brinca de boneca quando está sozinha. Também gosta de ir ao shopping e brincar nele. Frequenta o Park Shopping Barigui, Shopping Pátio Batel e o Shopping Mueller. Visita frequentemente espaços de lazer e cultura em Curitiba como o Parque Barigui, Paço da Liberdade, Bosque Alemão, Parque Tingui e Museu Oscar Niemeyer.</p>

FONTE: A autora (2017).

As duas meninas Adriana e Maria moram em Curitiba, têm a mesma idade e relacionam-se com o bairro e a cidade de forma distinta. Suas experiências com a cidade foram construídas a partir das configurações sociais constituídas em suas vidas. Neste sentido, de acordo com os estudos de Elias, pode-se dizer que todos os lugares frequentados pela Maria e pela Adriana, fazem parte das suas redes de

¹⁰ Nomes fictícios. Posteriormente, no capítulo metodológico, será explicada a escolha desses nomes.

interdependência e contribuem efetivamente para a sua formação. Enquanto sujeitos sociais, Adriana e Maria participam de funções específicas nas configurações que fazem parte. Elas só podem ser compreendidas a partir das relações sociais que participam. Desta forma, todas as suas ideias e compreensões da realidade são constituídas nas experiências vividas nesses grupos.

Elias (2001) voltando-se as suas experiências infantis, destacou a importância da relação constituída na sua infância e com a sua configuração familiar, na sustentação e na perseverança vivenciada posteriormente, em sua época universitária:

Assim os homens trazem em si, no que diz respeito às suas vidas, uma intuição cuja origem remonta aos primeiros momentos passados em sua família. Tenho uma intuição que me dá segurança de que tudo irá bem, enfim atribuo isso à enorme sensação de segurança que usufruí como filho único, graças ao amor de meus pais. (ELIAS, 2001, p.22).

Discutindo a civilização dos pais, Elias (2012) entendia que as crianças ainda são um mistério para os adultos e precisam ser descobertas. Não se sabe como se pode ajudá-las a viver o processo civilizador individual e a sua própria vida em sociedades tão complexas e nada infantis. Sendo assim, “descobrir as crianças significa, em última medida, dar conta da sua autonomia, ou em outras palavras, deve-se descobrir que elas não são adultos pequenos.” (ELIAS, 2012, p.469).

Assim, para Elias (2012), as crianças ocupam posições específicas nas redes de interdependência e, durante o processo civilizador, convivem, muitas vezes ainda, com práticas de domesticação e submissão referente às ordens dos adultos, influenciando diretamente no seu ser como sujeito. Desta forma, para tentar analisar como as crianças estão relacionando-se nas configurações sociais e constituindo-se com agentes sociais em uma perspectiva sociológica, realiza-se em seguida, um diálogo com os pesquisadores dos estudos da infância.

2.2 OS ESTUDOS SOBRE A CRIANÇA E A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

Na contemporaneidade, as crianças estão presentes em todas as partes do mundo, constituindo formas de viver. As experiências tecidas nas suas redes de interdependência, influenciam diretamente a sua representação do mundo.

‘Ser criança’ varia entre sociedades, culturas e comunidades, pode variar no interior da fratria de uma mesma família e varia de acordo com a estratificação social. Do mesmo modo, varia com a duração histórica e com a definição institucional da infância dominante em cada época. (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 17).

Todavia, muitas dessas relações são constituídas em espaços de desigualdade, que não oportunizam condições adequadas e necessárias para a população infantil. Muitas crianças são vítimas da fome, do abandono, de maus-tratos, dos conflitos armados, entre outras situações preocupantes. Esta problemática é maior em regiões de extrema pobreza e de guerras.

Neste sentido, para Pinto e Sarmiento (1997), há hoje uma maior atenção às problemáticas da infância. Percebe-se uma visibilidade e uma preocupação acentuada sobre a infância nas agendas política, midiática e de investigação, por causa das condições de vida das crianças no universo cotidiano. Para estes autores:

A decidida entrada das crianças e da infância na agenda da opinião pública, e dos sistemas periciais produtores de conhecimento sobre a sociedade não pode deixar de ser senão a expressão da relevância social da infância neste final de século. (PINTO; SARMENTO, 1997, p.11).

Destaca-se um dos paradoxos da infância, pois no momento em que a quantidade de crianças está diminuindo no mundo, é onde estão sendo mais consideradas pela sociedade. Nota-se que no final do século XX, foram realizados inúmeros movimentos e discussões sobre a infância e suas necessidades em diversos aspectos. Várias políticas públicas para a infância começaram a ser constituídas para que essa categoria tenha a garantia de todos os seus direitos assegurados.

Todavia, Pinto e Sarmiento (1997) ressaltam que mesmo as crianças ganhando visibilidade na sociedade e sendo objetos de reuniões internacionais, ainda não possuem todos os seus direitos garantidos. A desigualdade influencia diretamente as crianças, oportunizando formas desiguais de viver e de se relacionar com a sociedade.

Os antropólogos Allison James e Alan Prout (2010), também percebem que a infância nunca foi tão discutida como no século XX. A criança tornou-se visível na política e nas práticas institucionais. Há uma busca em conhecer a criança e as suas especificidades. Várias áreas acadêmicas, como a medicina e a psicologia, voltaram-se para a infância e procuraram entender as qualidades particulares das

crianças. É válido destacar que o ano de 1979, considerado o ano internacional da criança¹¹, a visibilidade da infância no mundo, principalmente ocidental, foi maior ainda e problemas infantis como a fome, a miséria e o abuso, começaram a ser reconhecidos pela sociedade.

James e Prout (2010) relatam que, por muito tempo, o estudo da infância foi analisado pela abordagem dominante do desenvolvimento na qual três temas predominavam: racionalidade, naturalidade e universalidade. Não se dava importância para o significado, mas sim para marcadores simbólicos do progresso do desenvolvimento. Este modelo do desenvolvimento predominante no ocidente conectava o desenvolvimento social com o biológico. Uma grande referência dessa perspectiva foram os trabalhos de Jean Piaget que apresentavam o desenvolvimento da criança a partir de uma série de estágios pré-determinados. Esses estágios levavam a criança a uma possível conquista de competência lógica.

Neste contexto, o modelo psicológico foi recebido sem crítica dentro da teoria da socialização clássica. Para James e Prout (2010), essa teoria compreendia a natureza da criança como passiva e conformada, precisando de estímulos externos para transformar-se em um adulto social.

Essa negligência do processo de socialização, com ênfase indevida sobre seu resultado, criou uma série de debates e pânico morais sobre a infância. Esses focaram no papel da família e da escola como agentes socializantes com pouco peso dado a consideração do impacto ou significado dessas instituições nas vidas das crianças. Como características importantes no panorama social de adultos eles foram assumidos, pelos adultos, como sendo cruciais no progresso do desenvolvimento de suas crianças. Pouca atenção foi dada para a possibilidade de contradições ou de fato conflitos no processo de socialização. Ligado a um modelo psicológico implícito do desenvolvimento infantil, os relatos sociológicos do crescimento foram baseados numa individualização naturalista inerente. (JAMES; PROUT, 2010, p.14, tradução livre).¹²

O sociólogo Jens Qvortrup (2010a) em acordo com James e Prout, afirma que, por muito tempo, a infância foi compreendida como forma preparatória e

¹¹ O ano de 1979 foi referenciado pelas Nações Unidas como o Ano Internacional da Criança.

¹² Texto original: This neglect of the process of socialization, with undue emphasis placed upon its outcome, spawned a whole series of debates and moral panics about childhood. These focused upon the role of the family and the school as socializing agents with little weight given to consideration of the impact or meaning of these institutions in the lives of children. As important features in the social landscape of adults they were assumed, by adults to be critical to the developmental progress of their children. Little attention was paid to the possibility of contradictions or indeed conflict in the socialization process. Tied to the implicit psychological model of child development, the sociological account of growing up was based on an inherent individualistic naturalism.

antecipatória. Os estudos sobre a infância foram realizados principalmente pela psicologia ou pela pedagogia, sendo que as ciências sociais priorizavam estudos sobre a família e a escola. “A pergunta a ser respondida, há um quarto de século, era como o adulto poderia interagir com as crianças de forma mais positiva, ao invés de simplesmente tolerá-la por aquilo que elas viriam a se tornar.” (QVORTRUP, 2010a, p. 634).

Segundo Sarmiento (2008) a sociologia voltou-se por muito tempo para a socialização das crianças pautada nos estudos de Emile Durkheim¹³. Mas, na contemporaneidade, muitos pesquisadores compreendem a infância em uma nova perspectiva. A sociologia da infância, por exemplo, foi tecida concebendo as crianças como atores no processo de socialização e a infância como uma categoria construída socialmente:

Dissociando-se progressivamente de outras variantes disciplinares da Sociologia (como a Sociologia da Educação e a Sociologia da Família), ainda que em diálogo contínuo com elas, a Sociologia da Infância tem vindo, sobretudo no decurso das duas últimas décadas, a ganhar maior expressão, através da criação de seus próprios conceitos, da formulação de teorias e abordagens distintas e de constituição de problemáticas autônomas. (SARMENTO, 2008, p. 18).

Novas pesquisas realizadas no campo sociológico perceberam a necessidade de compreender a infância além do fator biológico e de formação, mas também como fator cultural, constituído nas relações sociais. Assim, reconhecendo todas as necessidades da infância contemporânea e a importância de estudos aprofundados que forneçam mais informações sobre essa categoria, o campo investigativo também avançou e buscou outras respostas além do que já se havia encontrado:

Também no campo investigativo, o estudo das crianças, a partir da década de 90, ultrapassou os tradicionais limites da investigação confinada aos campos médico, da psicologia do desenvolvimento ou da pedagogia, para considerar o fenômeno social da infância, concebida como uma categoria social autônoma, analisável nas suas relações com a ação e a estrutura social. (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 10).

Referenciando-se nos estudos sociais sobre as crianças e compreendendo a infância como categoria e fenômeno social com suas próprias especificidades e particularidades, James e Prout (2010) também destacam a emergência de um novo

¹³ Para Durkheim a socialização produz a interiorização de normas, práticas, conhecimentos e valores pelos novos membros e dessa forma garante a reprodução social.

paradigma sobre a infância que escute as crianças e compreenda a infância enquanto categoria social. Para isso, elencam as características necessárias para esse novo paradigma emergente:

1. Infância é entendida como uma construção social. Dessa forma deve-se providenciar um quadro interpretativo para contextualização dos primeiros anos da vida humana. A infância, sendo distinta da imaturidade biológica, não é nenhuma característica natural muito menos universal de grupos humanos, porém aparece como um componente cultural e estrutural específico de muitas sociedades. 2. Infância é uma variável da análise social. Ela nunca pode ser completamente distanciada de outras variáveis como classe, gênero ou etnia. A análise comparativa e intracultural revela uma variedade de infâncias ao invés de um fenômeno único e universal. 3. Os relacionamentos sociais e culturais das crianças merecem ser estudados por si só, independente da perspectiva e preocupações dos adultos. 4. Crianças são e devem ser vistas como agentes ativos na construção e determinação de suas próprias vidas sociais, das vidas daqueles que os cercam e das sociedades em que vivem. Crianças não são sujeitos passivos de estruturas e processos sociais. 5. A etnografia é uma metodologia particularmente útil para o estudo da infância. Ela permite às crianças uma voz mais direta e uma participação na produção de dados sociológicos que geralmente não era possível através de pesquisas do tipo experimental ou enquete. 6. A infância é um fenômeno na qual a dupla hermenêutica das ciências sociais está agudamente presente. Isso quer dizer, proclamar um novo paradigma de sociologia da infância também implica em engajar e responder ao processo de reconstrução da infância na sociedade. (JAMES; PROUT, 2010, p. 8, tradução livre).¹⁴

Essas seis características podem representar grosseiramente o potencial que o paradigma emergente oferece ao estudo da infância. Sarmiento (2008) acredita que esses pontos constituem um verdadeiro programa para a sociologia da infância. Nesta perspectiva, a infância é compreendida como construção social e pode ser combinada com outras variáveis de análise como etnia, gênero e classe. É necessário que a cultura infantil seja valorizada, sendo que a criança não pode ser

¹⁴Texto original: 1. Childhood is understood as a social construction. As such it provides an interpretative frame for contextualizing the early years of human life. Childhood, as distinct from biological immaturity, is neither a natural nor universal feature of human groups but appears as a specific structural and cultural component of many societies. 2. Childhood is a variable of social analysis. It can never be entirely divorced from other variables such as class, gender, or ethnicity. Comparative and cross-cultural analysis reveals a variety of childhoods rather than a single and universal phenomenon. 3. Children's social relationship and cultures are worthy of study in their own right, independent of the perspective and concerns of adults. 4. Children are and must be seen as active in the construction and determination of their own social lives, the lives of those around them and of the societies in which they live. Children are not just the passive subjects of social structures and processes. 5. Ethnography is a particularly useful methodology for the study of childhood. It allows children a more direct voice and participation in the production of sociological data than is usually possible through experimental or survey styles of research. 6. Childhood is a phenomenon in relation to which the double hermeneutic of the social science is acutely present. That is to say, to proclaim a new paradigm of childhood sociology is also to engage in and respond to the process of reconstructing childhood in society

considerada apenas um sujeito em formação, mas sim um ator social que constrói representações sobre o mundo.

Qvortrup (2010b) analisa a infância a partir de variáveis macroestruturais, assim conceitua o termo infância da seguinte maneira:

A noção de infância não considera a criança individual, e sim arranjos legais, espaciais, temporais e institucionais, voltados às crianças em uma determinada sociedade. Podemos falar de infância como um fenômeno social ou algo parecido. Sua forma ou arquitetura depende de parâmetros como economia, tecnologia, cultura, atitudes adultas, etc., e da interação entre eles. Visto que esses parâmetros mudam e assumem continuamente novas configurações, a infância nunca é a mesma – mesmo que seja da mesma natureza. (QVORTRUP, 2010b, p. 786).

Para QVORTRUP (2010a), a partir de uma compreensão sociológica, a categoria infância, em termos estruturais, não é transitória e não pode ser considerada um período, mas uma permanência. A perspectiva com orientação antecipatória e que entende a infância como uma fase transitória, visa apenas integrar a criança na sociedade.

A infância tanto se transforma de maneira constante assim como é uma categoria estrutural permanente pela qual todas as crianças passam. A infância existe enquanto espaço social para receber qualquer criança e incluí-la – para o que der e vier – por todo o período da sua infância. Quando essa criança crescer e se tornar um adulto, a sua infância terá chegado ao fim, mas enquanto categoria a infância não desaparece, ao contrário, continua a existir para receber novas gerações de crianças (QVORTRUP, 2010a, p.637).

A infância enquanto categoria geracional junto com outras categorias geracionais está sujeita a parâmetros econômicos, tecnológicos, culturais, entre outros. Para Sarmiento (2009), a infância precisa ser estudada de modo a articular os elementos da homogeneidade com os elementos da heterogeneidade. Os elementos da homogeneidade são as características comuns de todas as crianças independente de sua origem social. Os elementos da heterogeneidade estão relacionados às categorias sociais que as crianças estão desigualmente distribuídas.

Porém, é válido e interessante aproximar-se mais da categoria infância e olhar para a criança enquanto sujeito social que se relaciona com outros sujeitos na sociedade e produz cultura. Compreender como o sujeito-criança se constitui e se socializa em suas configurações sociais é também importante para entender as práticas macroestruturais.

Nesse viés, William Corsaro (2011), sociólogo americano, afirma que as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, constroem suas próprias culturas como também contribuem para a reprodução do mundo adulto. As crianças iniciam sua participação na cultura a partir das rotinas culturais da família. Pela interação com os colegas e amigos da pré-escola produzem a primeira de uma série de cultura de pares, transformando gradualmente práticas infantis em conhecimentos e habilidades necessários para o mundo adulto. “A criança e a sua infância são afetadas pelas sociedades e culturas que integram. Essas sociedades e culturas foram, por sua vez, moldadas e afetadas por processos de mudanças históricas.” (CORSARO, 2011, p.32). A partir das relações com os adultos e brincando com os seus pares, as crianças significam o mundo em que vivem. Assim, para Corsaro (2011, p.31), “as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações.”

Dessa forma, Corsaro (2011) compreende que as crianças precisam ser sujeitos de pesquisa e essa deve ser voltada para e com crianças, pois somente assim as vozes, interesses e perspectivas podem ser apreendidas, sendo as crianças atores sociais em seu próprio direito. Ele percebe que, por meio da cultura de pares, as crianças produzem e criam seu próprio mundo coletivo. Apesar de serem afetadas pelo mundo adulto, elas têm sua autonomia. Cada grupo de pares representa uma geração em um determinado momento cultural e histórico.

Nesse viés da criança produtora de cultura, já na década de 1940, Florestan Fernandes (2004), por meio de suas pesquisas no bairro Bom Retiro em São Paulo, percebe a relevância das brincadeiras entre as crianças e discute a importância dos grupos infantis que eram chamados de “trocinhas”. O objetivo das trocinhas era a recreação, porém também assumiam outros aspectos. A condição básica para a sua formação era a vizinhança. Muitas vezes, existia uma divisão à base do sexo: as meninas tinham uma mentalidade grupal menos intensa e agrupavam-se mais de acordo as habilidades femininas e os meninos tinham um espírito mais coletivo e dividiam com maior frequência o trabalho. Referente às questões de classe social, nacionalidade e integração de novos membros, as “trocinhas” eram mais democráticas. É válido ressaltar que em uma mesma vizinhança podiam existir várias “trocinhas”. A estrutura das “trocinhas” era modificada de acordo com as

diferentes atividades e, para isso, as crianças precisavam se organizar e distribuir os papéis nas brincadeiras.

Corsaro (2011), como Fernandes (2004), problematiza que as crianças reproduzem o mundo adulto em suas brincadeiras, mas também trazem novos elementos e fazem modificações. A cultura infantil é constituída a partir das relações das crianças com os adultos e nas interações delas com outras crianças. Assim, percebe-se a importância da participação da criança em grupos infantis, pois possibilitam a ela novas formas de vivenciar o mundo.

Pinto e Sarmiento (1997) consideram as crianças como atores sociais de pleno direito, que vivem, interagem e dão sentido ao que falam por isso precisam ser estudadas considerando a especificidade da infância e as suas condições de vida. As esferas sociais de produção devem ser consideradas para compreender as transformações e mudanças na infância. Sendo assim, é fundamental compreender a infância dentro de uma perspectiva macroestrutural que influencia diretamente as práticas das crianças. Porém, também é essencial olhar para a criança e reconhecê-la como sujeito de direito que, socializando-se em sua rede de interdependência produz significados e tece sua subjetividade. É válido destacar que essas configurações estão permeadas de diferenças e desigualdades.

Para continuar a discussão sobre as crianças e como elas se relacionam em configurações sociais urbanas, são realizadas a seguir discussões sobre a cidade e o espaço urbano.

2.3 A CIDADE COMO CONSTRUÇÃO HUMANA E O ESPAÇO COMO EXPRESSÃO DA SOCIEDADE

As cidades existem em todo o mundo exprimindo pluralidades de formas de se viver e sendo permeadas de contradições sociais. As crianças estão presentes nelas e participam de suas configurações sociais. Dessa forma, para pensar o objeto de pesquisa que discute a relação da infância com os espaços curitibanos, é fundamental compreender os conceitos de cidade e de espaço. Esses dois conceitos estão articulados e ao mesmo tempo são influenciados diretamente pelas práticas infantis, proporcionando diferentes e desiguais formas de socializações e representações de mundo.

Sabe-se que a cidade de Curitiba, com o seu espaço totalmente urbano¹⁵, é muito heterogênea, apresentando possibilidades de socializações diferenciadas e até mesmo desiguais. Em determinadas regiões há uma presença massiva do verde em parques e praças e em outros somente paredes, asfaltos e terra. Cada bairro tem configurações espaciais específicas que oportunizam diversos tipos de relações. A cidade possibilita uma pluralidade de sentidos e significados a partir de todo o seu espaço. Dietzsch (2006) discorre sobre o sentido da cidade:

Mais do que simplesmente uma paisagem geográfica, a cidade se apresenta como um símbolo inesgotável de existência humana, como o lugar que deveria e deverá ser o do cidadão: daquele que habita a cidade. Para muito além de um mapa, a cidade tem o sentido de uma rede a permitir o traçado de múltiplos fios que se emaranham em vozes de significações, e é como um texto a sugerir muitas leituras que a cidade pode oferecer suas imagens e sentidos em dispersão. (DIETZSCH, 2006, p.728).

Dietzsch (2006) relata que na Antiguidade era comum que os homens decidissem nas praças sobre o destino das cidades e, nessa discussão, aprendiam a ser cidadãos como também conheciam os seus direitos e deveres. Porém, com o tempo e a decadência das cidades antigas, tomar a palavra tornou-se privilégio de alguns indivíduos, como é percebido até hoje em quase todas as cidades.

A cidade não é apenas uma simples demarcação territorial, mas é marcada por contradições e pluralidades de formas de existência, por isso “é preciso desvendar os seus símbolos, conhecer os meandros de seu tecido, interrogá-la e responder às suas perguntas.” (DIETZSCH, 2006, p. 734). A cidade é multifacetada, é resultado da construção humana tecida a partir das relações nela criadas. Nesse sentido, para a autora:

Ler e ensinar a cidade tem aqui o significado de buscar entendê-la como uma construção humana que pode ser falada, escrita, reescrita, escutada, imaginada e projetada, em uma complementação flexível de linguagens e na interação de discursos passados e presentes. (DIETZSCH, 2006, p. 734).

A cidade não é apenas a sua extensão territorial, é muito mais do que se vê a olho nu, dessa forma, é fundamental escutar as vozes que soam na cidade. Para Dietzsch (2006) a cidade é um labirinto moderno, é um modo de existência da sociedade, um lugar que deverá ser do cidadão. A cidade pode confirmar privilégios

¹⁵ Essa proposição é discutida no capítulo 3 desse estudo.

para alguns e restrições para outros, marcada pelas contradições sociais. “A cidade moderna é tanto um lugar de riscos e enganos, quanto um espaço por onde circula a arte, a cultura: frutos da obra e da imaginação humana.” (DIETZSCH, 2006, p.731).

Sendo assim, é válido destacar que as cidades sofreram inúmeras transformações no decorrer da história. Para Martínez Bonafé (2013) novos significados e novas formas de relação com a cidade foram construídas. A cidade contemporânea apresenta muitos estímulos e diferenças. Para o autor, a cidade é uma forma material de cultura em que o indivíduo que nela habita precisa ser compreendido como sujeito que se relaciona e vive nela. Segundo Bonafé (2013):

Não podemos pensar na cidade sem pensar no sujeito que nela habita, no sujeito que a interpreta, que nela vive ou sobrevive. A cidade é uma forma material da cultura, um complexo dispositivo cultural, de onde emergem mensagens, significados, onde se constroem e destroem experiências, de onde se alimentam os relatos de narrativas, onde se formam e transformam as biografias. (BONAFÉ, 2013, p. 442).

Lefebvre (1999) aponta que as transformações das cidades, sendo essas expressões da produção social, estão intimamente ligadas com os modos de produção. Para chegar ao modelo atual, várias formas de cidade surgiram no decorrer da história: a cidade política, a cidade comercial, a cidade industrial e, por fim, a sociedade urbana. Esta última, que nasce da industrialização e a sucede, pode ser compreendida como “a sociedade que resulta da urbanização completa, hoje virtual, amanhã real.” (LEFEBVRE, 1999, p.15).

Lefebvre (1999) entende que os termos “fenômeno urbano” ou “urbano” são preferíveis à palavra cidade, pois essa parece caracterizar um objeto definido e definitivo. Para ele:

O urbano (abreviação de ‘sociedade urbana’) define-se, portanto, não como realidade acabada, situada, em relação à realidade atual, de maneira recuada no tempo, mas, ao contrário, como horizonte, como virtualidade iluminadora. O urbano é o possível, definido por uma direção, no fim do percurso que vai em direção a ele. Para atingi-lo, isto é, para realizá-lo, é preciso em princípio contornar ou romper os obstáculos que atualmente o tornam impossível. (LEFEBVRE, 1999, p.28).

Nesse sentido, Lefebvre (2011) discute sobre o direito à cidade. Esse direito não pode ser compreendido apenas como um direito de visita ou retorno às cidades tradicionais, mas sim como “*direito à vida urbana*, transformada e renovada.”

(LEFEBVRE, 2011, p. 118, grifos do autor). O urbano precisa priorizar o encontro, o valor de uso do espaço possibilitando que a classe operária torne-se o agente dessa realização.

Harvey (2012), discutindo a constituição das cidades por um viés econômico, compreende que o espaço urbano foi o canal de absorção de capital excedente ao longo da história. As cidades surgiram da concentração geográfica e social do produto excedente, sendo assim “a urbanização sempre foi um fenômeno de classe”. (HARVEY, 2012). A expansão do processo urbano trouxe transformações no estilo de vida. Tanto a cidade quanto a qualidade de vida tornaram-se mercadoria. Se existe dinheiro, há liberdade de escolha. O direito à cidade está, progressivamente, direcionando-se aos interesses privados “à pequena elite política e econômica, que está em posição de moldar as cidades cada vez mais ao seu gosto”. (HARVEY, 2012, p. 87).

Assim, sabendo que a cidade expressa as transformações constituídas em seu espaço, Lefebvre (2000) ressalta que esse não pode ser definido como passivo e vazio, sendo isolado e permanecendo estático. Conforme o autor, o espaço é produto das relações, intervindo na própria produção:

O espaço (social) não é uma coisa entre as coisas, um produto qualquer entre os produtos; ele engloba as coisas produzidas, ele compreende suas relações em sua coexistência e sua simultaneidade: ordem (relativa) e/ou desordem (relativa). Ele resulta de uma sequência e de um conjunto de operações, e não pode se reduzir a um simples objeto. Todavia, ele não tem nada de uma ficção, de uma irrealidade ou 'idealidade' comparável àquela de um signo, de uma representação, de uma ideia, de um sonho. Efeito de ações passadas, ele permite ações, as sugere ou as proíbe. Entre tais ações, umas produzem, outras consomem, ou seja, gozam os frutos da produção. O espaço social implica múltiplos conhecimentos. (LEFEBVRE, 2000, p.65).

Dessa forma, pode-se entender que o espaço é a ligação entre a natureza e a sociedade, envolvendo toda a sociedade e todos os tipos de redes sociais como econômicas, políticas, sociais, emocionais etc. Massey (2008) compreende que o espaço também é produto das inter-relações e é construído por meio das interações, tanto globais quanto locais e está sempre em construção, nunca está acabado e nem fechado. O espaço deve ser compreendido como:

A esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera portanto, da coexistência da heterogeneidade.

Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se o espaço, é sem dúvida, o produto das inter-relações, deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. (MASSEY, 2008, p.29).

Para a pesquisadora, as identidades, até mesmo as espaciais, são construídas relacionalmente. Essa compreensão possibilita o reconhecimento da coexistência de outros com suas próprias histórias.

Contudo, o conceito de espaço não pode ser confundido com o de lugar. Yi-Fu Tuan (1983) afirma que o espaço é liberdade, enquanto o lugar é segurança, atribuído por valor concreto. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor” (TUAN, 1983, p.06). O espaço torna-se lugar a partir de quando é apropriado afetivamente. “O lugar é um mundo de significado organizado” (TUAN, 1983, p. 198).

Dessa forma, compreende-se que o conceito de espaço, de um modo geral, é muito amplo. Sua utilização está presente nas relações diárias entre as pessoas bem como na constituição de conhecimento de várias ciências. O espaço pode ser conceituado na física, na geografia, na astronomia, entre outras áreas. É uma palavra com uma pluralidade de significados e multidisciplinar. Castells (1999), alicerçado na teoria social, define o espaço como expressão da sociedade. Para ele:

Uma vez que o espaço não é o reflexo da sociedade, é sua expressão fundamental. Em outras palavras: o espaço não é uma fotocópia da sociedade, é a sociedade. As formas e processos espaciais são constituídos pela dinâmica de toda a estrutura social [...] Na verdade, espaço é tempo cristalizado. (CASTELLS, 1999, p. 435).

Para Castells (1999) o espaço juntamente com o tempo são as principais dimensões da vida humana, pois há uma complexidade de significados atrás desses dois conceitos. De acordo com o autor, o espaço organiza o tempo e ambos “estão sendo transformados sob o efeito combinado da tecnologia da informação e das formas e processos sociais induzidos pelo processo atual de transformação histórica.” (CASTELLS, 1999, p.403).

A cidade é fruto das relações sociais. A sociedade está em constante mudança e, a tecnologia, a cada dia que passa, traz novidades interferindo nas práticas sociais dos sujeitos no espaço. A tecnologia e a economia global ultrapassam os muros da cidade, influenciando diretamente o espaço urbano.

Com a Revolução Industrial, as cidades urbanas se transformaram. Castells (1999) relata que o limite territorial já foi ultrapassado, há uma nova lógica de localização na qual o novo espaço industrial é reintegrado por conexões, flexibilidade e precisão. A partir de toda essa inovação, há uma nova relação com o trabalho, muitas vezes apresentando-se centralizado em casa e sendo autônomo. A forma urbana está transformando-se na cidade informacional. O cotidiano dos domicílios está sendo modificado. Assim,

O desenvolvimento da comunicação eletrônica e dos sistemas de informação propicia uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras: trabalho, compras, entretenimento, assistência à saúde, educação, serviços públicos, governo e assim por diante. Por isso, os futurologistas frequentemente predizem o fim da cidade, ou pelo menos das cidades como conhecemos até agora, visto que estão destituídas de sua necessidade funcional (CASTELLS, 1999, p.419).

Ainda segundo o autor, novos processos e formas sociais estão surgindo no decorrer da história, por isso é importante analisar os fundamentos que alicerçam essas novas formas de viver. Os processos sociais exercem influência no espaço. As pessoas envolvem-se em relações sociais que dão uma forma, uma função e um sentido para o espaço.

Ao mesmo tempo em que a elite ajuda na construção da cultura, gera também a desigualdade. Castells (1999) acredita que a elite busca desorganizar a sociedade para que seus interesses sejam representados. Para ele, os códigos culturais estão dentro da estrutura social:

A verdadeira dominação social provém do fato dos códigos culturais estarem embutidos na estrutura social, de tal forma que a posse desses códigos abre o acesso à estrutura do poder sem que a elite precise conspirar para impedir o acesso a suas redes. (CASTELLS, 1999, p.440).

A lógica da dominação assume duas formas para Castells (1999). Em um sentido, as elites formam a sua sociedade e tornam-se simbolicamente afastadas, protegidas atrás de barreiras de imóveis com preços altos, dificultado a sua aquisição por grupos sociais com menor poder aquisitivo. Esses espaços vivenciados pelas elites podem incluir residências, espaços de lazer juntamente com as empresas e seus serviços de elites. “A segregação ocorre tanto pela localidade em diferentes lugares quanto pelo controle de segurança de certos espaços abertos

à elite” (CASTELLS, 1999, p.441). Dessa forma tenderão a isolar-se do resto da sociedade.

A discussão de Castells (1999) parece bem evidente na rede vivenciada por Carlos, criança que participou da pesquisa, que possui alto poder aquisitivo e é morador de um bairro curitibano com várias opções de serviços. Carlos considera como fundamental ter os serviços que precisa perto de sua residência:

Carlos: *Da minha casa tem várias outras coisas...como padarias assim...tem o banco também... eu mudei para o Bigorriho principalmente para se aproximar da minha escola nova.*

Pesquisadora: *Que é essa aqui!*

Carlos: *E também... e também a minha mãe tem um consultório bem na frente do nosso prédio. Então fica mais fácil para ela. (10 anos, Escola Privada do Campo Comprido).*

No outro sentido da distinção cultural das elites, Castells (1999) destaca a criação de um estilo de vida e a projeção de formas espaciais para unificar e padronizar o ambiente simbólico desse grupo social em todo o mundo. Há práticas espaciais semelhantes em todo o planeta voltadas a atender a elite informacional. Segundo ele:

Há um estilo de vida cada vez mais homogêneo na elite da informação, que transcende as fronteiras culturais de todas as sociedades: o uso regular de spas (mesmo em viagens) e a prática de *jogging*; a dieta obrigatória de salmão grelhado e salada verde com *udon* e *sashimi* como equivalente funcional japonês; a cor ‘de camurça clara’ da parede com o objetivo de criar atmosfera aconchegante do espaço interno; o ubíquo *laptop*; a combinação dos ternos e roupas esportes; o estilo de vestir unissex, e assim por diante. Tudo isso são símbolos de uma cultura internacional cuja identidade não está ligada à nenhuma sociedade específica, mas aos membros dos círculos empresariais da economia informacional em âmbito cultural global (CASTELLS, 1999, p.441-442, grifos do autor).

A elite cria suas próprias configurações de espaço para evitar o contato com outros grupos sociais. Constrói mecanismos espaciais para diferenciar suas práticas e sua forma de viver. Assim, a partir da constituição desses centros urbanos e espaços de elite, são gerados também espaços abandonados à própria sorte, acentuando a desigualdade. Desta forma, percebe-se a presença massiva da desigualdade na cidade em todos os aspectos por isso, é fundamental discutir a cidade como espaço de desigualdade.

2.4 A CIDADE CONTEMPORÂNEA PERMEADA PELA DESIGUALDADE

A desigualdade está cada vez mais presente na cidade contemporânea por meio de diferentes formas e, produzindo, quase sempre, a exclusão e a segregação. Por esse motivo, quando se investiga o espaço urbano é fundamental problematizar o conceito de desigualdade presente em seu meio. Castells (1999) percebe que a desigualdade na cidade urbana e informacional é produto das relações sociais que, a partir de seus desdobramentos, constrói situações de diferenças, divisão e exclusão. Dentro dessa cidade e, transpassada por inúmeras variáveis, a criança está presente, constituindo-se como sujeito de direito e construindo cultura.

Nesse sentido, antes de discutir o significado de desigualdade, é importante problematizar o conceito de classe social que está presente na maioria dos contextos urbanos desiguais e nessa pesquisa. Entende-se que classe é uma das variáveis presentes na cidade contemporânea e contribui efetivamente nas formas dos sujeitos se relacionarem com o espaço urbano. Edward Thompson (2004), historiador inglês, entende classe como um fenômeno histórico, construída socialmente e, “que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência como na consciência.” (THOMPSON, 2004, p.09).

Para Thompson (2004), a noção de classe está encarnada em pessoas e contextos reais. A classe ocorre quando homens com experiências comuns articulam a identidade de seus interesses contra outros homens com interesses diferentes dos seus. A classe não deve ser compreendida como categoria e nem estrutura, mas algo que acontece nas relações humanas, uma formação social e cultural. “A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é a sua única definição.” (THOMPSON, 2004, p.12). O papel dos sujeitos é fundamental na constituição das suas identidades e ações coletivas.

De acordo com o historiador:

As classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário [...] as pessoas se veem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção, fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta da sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real. (THOMPSON, 2001, p.274).

Dessa forma, sabendo que as classes sociais foram constituídas no decorrer do processo histórico permeadas pelas relações sociais, é fundamental aprofundar-se na compreensão do conceito desigualdade. Noguera (2004) afirma que para formular um conceito de desigualdade é necessário criar critérios delimitadores para definir quais relações entre pessoas e grupos, têm propriedade de desigualdade. Para ele, a desigualdade é distinta da diferença. Todas as desigualdades são diferenças, porém nem todas as diferenças são desigualdades. A desigualdade traduz-se em que um recebe menos poder e oportunidades ou menor recursos que o outro:

Una desigualdad sería aquel tipo específico de diferencia que consiste en una asignación *social o institucional* diferencial que concede ventajas o desventajas (o beneficios y perjuicios, o privilegios y cargas) que afectan a la 'libertad real' de los individuos, sobre la base de determinadas acciones, estados o características de origen social y/o natural. (NOGUERA, 2004, p.06, grifos do autor).

A desigualdade não pode ser compreendida somente por uma dimensão, pois se apresenta de várias formas e inúmeras maneiras. Não se deve buscar os motivos da desigualdade somente em uma perspectiva social, pois ela desdobra-se em inúmeras direções.

Reygadas (2004) discute sobre as redes da desigualdade e destaca a importância de estudar a desigualdade a partir de um marco multidimensional. O autor percebe que a maioria dos estudos pauta-se no plano individual, esquecendo-se dos fatores sociais. Para ilustrar a sua teoria, traz a metáfora da rede de pescar:

Cada persona tiene una red para pescar diferente, más grande o más pequeña, hecha con material más resistente o más frágil, con un entramado más cerrado o más abierto, y que cada quien tiene más o menos fuerza y más o menos habilidad y conocimientos para pescar, de modo que, al conjugarse todos esos factores, algunos atrapan más peces que otros. (REYGADAS, 2004, p.12).

Nesse sentido, por meio do exemplo da rede de pescar, Reygadas (2004), problematiza as várias dimensões que a desigualdade pode ter, porém reitera o problema do esquecimento de muitas outras questões que permeiam esse ato:

No sabemos nada sobre las reglas que regulan la pesca, o por qué algunos pueden pescar en donde hay peces más grandes y de mejor calidad

mientras que para otros esos lugares están vedados, por qué algunos no tienen acceso a las mejores redes o como fue que algunos nacieron en pueblos en donde nadie sabía pescar, por no mencionar a aquellos que nunca han visto el mar. Tampoco nos explica como es que algunos se quedan con una parte de los peces de otros ni qué hacen para sobrevivir aquellos que no pudieron pescar. (REYGADAS, 2004, p.12).

Dessa forma, Reygadas (2004) ressalta a importância de considerar outras dimensões sobre a desigualdade. Todo o contexto e as relações sociais que o indivíduo está inserido, de alguma forma, interferem no seu ato de pescar, dificultando ou facilitando o seu trabalho.

Baseado nas análises de Charles Tilly, Reygadas (2004) propõe um enfoque relacional da desigualdade, atento às inter-relações de grupos e pessoas, criticando as aproximações individualistas desse fenômeno. Para essa discussão interessa os limites entre os grupos que criam estigmas e criam qualidades entre os sujeitos que estão em cada lado dos limites. Os limites separam os grupos em categorias internas, específicas da organização do grupo (exemplo dos direitos dos trabalhadores) e em categorias externas (homem/mulher, branco/negro). Quando as categorias internas e externas coincidem, a desigualdade se reforça:

La desigualdad categorial tiene efectos acumulativos, a la larga incide sobre las capacidades individuales y se crean estructuras duraderas de distribución asimétrica de los recursos, de acuerdo en las categorías. Considera que para eliminar la desigualdad no basta con eliminar las creencias y las actitudes discriminatorias, es necesario transformar las estructuras institucionales que organizan los flujos de recursos, cargas y recompensas. (REYGADAS, 2004, p.14).

Reygadas (2004) ressalta que há estratégias político-simbólicas que intervêm na construção da desigualdade no âmbito das relações sociais. Percebe-se quando determinados grupos sociais são imputados com características positivas e outros são estigmatizados com características negativas. Nesse sentido, os espaços coletivos da desigualdade reproduzem-se em torno das fronteiras que separam os diferentes grupos. Para o autor, as fronteiras podem ser por meio de barreiras físicas (muros, portas, detentores de metais, grades etc.), dispositivos legais (proibições, permissões, restrições, direitos etc.), ou de mecanismos simbólicos (tetos de vidros, estigmas, decorações, classificações etc.).

Estas fronteras rigen los flujos de las personas, los conocimientos, las mercancías, los objetos, los servicios, el trabajo, los símbolos y todo aquello

que sea susceptible de intercambio. Estas fronteras nunca están fijas, constantemente son cruzadas, reforzadas, desafiadas, levantadas, reconstruídas, transgredidas. Las personas se encuentran condicionadas por dichas fronteras, pero a la vez las modifican en forma constante. (REYGADAS, 2004, p. 15-16).

A desigualdade permeia as relações na cidade informacional. As relações sociais constituídas são norteadas por fronteiras explícitas ou implícitas, que criam mecanismos de diferenciação e exclusão. Uma grande forma de fronteira constituída na cidade contemporânea que reforça a desigualdade é a fronteira do consumo, essa fronteira define práticas sociais e até mesmo espaciais. Há uma grande valorização e veneração ao ato de consumir. Ter é ser na sociedade consumidora.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2013), a partir de inúmeros estudos, ressaltava que onde há grande propriedade, há grande desigualdade.

Em quase toda parte do mundo a desigualdade cresce rapidamente, e isso significa que os ricos, em particular os muitos ricos, ficam mais ricos, enquanto os pobres, em particular os mais pobres, ficam mais pobres". (BAUMAN, 2013, p.19).

Há uma tendência do mercado de naturalizar a desigualdade e compreender que a prática da exclusão é tão normal quanto necessária. Há uma hierarquia de posições sociais estabelecidas e a justiça é ditada pelas formas de injustiça. Sendo assim, nessa linha de pensamento, os pobres ficam com a culpa e os mais ricos com os prazeres. O crescimento econômico só atinge determinados grupos sociais, deixando vários sujeitos na degradação, na tristeza e na humilhação. Essa forma de vida estimula o aumento permanente do consumo, sendo a maneira efetiva de satisfazer a busca humana pela felicidade. Os supermercados e os shoppings são os templos de cultos. As pessoas esperam que o mundo responda aos seus desejos e seja obediente aos seus caprichos (BAUMAN, 2013).

As pessoas que vivem nas cidades informacionais estão expostas ao consumo e acreditam que a partir dessa prática serão realmente felizes: "o caminho para a felicidade passa pelas compras." (BAUMAN, 2013, p.61). O mesmo autor ressaltava que não comprar pode significar a marca da inexistência e de inutilidade.

Para consumidores fracassados, meras versões atualizadas dos pobres, não comprar é o estigma odioso e supurante de uma vida frustrada, uma marca de inexistência e inutilidade. Não apenas de ausência de prazer, mas

de ausência de humanidade e de qualquer outra base de amor próprio e respeito dos outros. (BAUMAN, 2013, p.67).

Consumir acaba sendo o sinônimo de ser. Tornar-se um sujeito na cidade do consumo implica em comprar e adquirir mercadoria ou serviço. Quanto mais a pessoa consome mais ela tem prestígio e poder. Nessa configuração, a desigualdade tende a crescer e separar, cada vez mais, os grupos sociais de acordo com o consumo no espaço urbano. Grupos de pessoas que consomem e adquirem mais mercadorias buscarão nas cidades lugares que assegurem a preservação de seus bens e de suas vidas, distanciando-se de grupos que não detêm o poder da compra. Esses lugares deverão estar a contento e de acordo com as necessidades do grupo dos consumidores. Já aqueles que não consomem ou consomem pouco, são excluídos desse meio, relacionando-se e vivendo em espaços precários com condições desiguais em relação ao grupo dos consumidores.

Outra grande forma de fronteira constituída na cidade contemporânea que gera a desigualdade é o medo da violência. A antropóloga Tereza Caldeira (2011), pesquisando a cidade de São Paulo, percebe que a violência é um fator fundante no engendramento de novas pautas de segregação espacial e discriminação social. O crime, o medo e o desrespeito aos direitos dos cidadãos estão associados aos processos de mudanças sociais. Vários grupos sociais, principalmente aqueles que pertencem às classes mais altas, usam o medo da violência para justificar o uso de novas tecnologias de exclusão social e a escolha de determinados locais para moradia. “Em geral, grupos que se sentem ameaçados com a ordem social que toma corpo nessas cidades constroem enclaves fortificados para sua residência, trabalho, lazer e consumo.” (CALDEIRA, 2011, p.09).

Contudo, conforme assegura Caldeira (2011), esses discursos que dizem respeito ao crime, especialmente ao violento, podem incorporar também preocupações raciais, étnicas e referências destrutivas a pessoas pobres e marginalizadas. Segundo a pesquisadora:

As formas de exclusão e encerramento sob as quais as atuais transformações espaciais ocorrem são tão generalizadas que se pode tratá-las como parte de uma fórmula que as elites em todo o mundo vêm adotando para reconfigurar a segregação espacial de suas cidades. (CALDEIRA, 2011, p.09).

Para a pesquisadora, a construção de muros é uma das várias estratégias utilizadas de proteção e reação. Simbólicos e materiais, os muros estabelecem diferenças, divisões, distâncias, separações e exclusões. Há uma valorização do que é privado e restrito e uma desvalorização do que é público e está aberto para todos. A cidade, que em sua essência, emergiu de uma perspectiva democrática com ideais de liberdade e igualdade, agora é segregadora e fragmentada. Há uma maior tendência em participar de espaços restritos com uma garantia de segurança sofisticada. A distância social tornou-se mais presente e os grupos sociais mais separados. (CALDEIRA, 2011). As classes sociais menos favorecidas, ficam a margem dessa cidade segregadora e fragmentada, usufruindo dos espaços públicos que, na maioria das vezes, estão abandonados pelas políticas públicas de proteção e atendimento.

Nessas configurações desiguais de espaço urbano em que o consumo e o medo da violência estão presentes e norteiam as práticas de vida, as crianças constroem suas identidades, socializam-se e criam significados. Assim, nessa perspectiva, é fundamental conhecer como os conceitos que norteiam esse estudo estão presentes nas produções acadêmicas.

2.5 A INFÂNCIA, A DESIGUALDADE E O ESPAÇO URBANO NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Para situar o estudo no campo científico e conhecer as produções realizadas que trabalham com temáticas parecidas com essa pesquisa, fez-se um levantamento bibliográfico combinando os descritores infância, desigualdade e espaço urbano no Banco de Teses e Dissertações do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É fundamental conhecer como esses termos estão sendo articulados e discutidos nas produções acadêmicas.

A primeira estratégia de busca realizada foi colocar na barra de pesquisa do Banco de Teses e Dissertações os três descritores com o auxílio do conector AND. O Banco não encontrou nenhum registro para essa busca. Destaca-se que, em toda a busca do levantamento bibliográfico, o termo espaço urbano foi colocado entre aspas para ser compreendido como um único descritor.

A partir dessa primeira estratégia sem resultados, procurou-se outras formas para encontrar pesquisas que utilizassem os principais descritores dessa investigação e trouxessem discussões acerca dos termos levantados. Dessa forma, partindo de uma segunda estratégia, buscou-se combinar um termo com outro. Primeiro, combinou-se os descritores infância e espaço urbano. O Banco de Teses e Dissertações apresentou 41 resultados sendo que estão distribuídos em grandes áreas do conhecimento: Ciências Agrárias, Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Linguística, Letras e Artes; e Multidisciplinar. Sendo assim, para deixar ainda mais específica a pesquisa, optou-se por continuar o levantamento somente com as pesquisas produzidas nas áreas de Ciências Humanas e Multidisciplinar que, nessa primeira combinação, somaram 32 publicações.

As discussões que permeiam as pesquisas que têm como conceitos principais a infância e o espaço urbano trazem importantes problematizações. É válido destacar as pesquisas acerca das crianças indígenas, meninos de rua, adolescentes em conflito com a lei, a criança e a cidadania, gestão do espaço urbano, infância rural, crianças em condomínio de luxo e imigração infantil. Após a leitura dos títulos das produções acadêmicas citadas e seus respectivos resumos, foram separadas duas produções para um maior aprofundamento teórico pois se aproximavam do objeto de pesquisa da presente investigação.

Após o levantamento com os termos infância e espaço urbano, combinou-se os descritores infância e desigualdade. O Banco de Teses e Dissertações apresentou 117 pesquisas sendo distribuídas nas áreas de Ciências da Saúde; Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas; Engenharias; Linguística, Letras e Artes; e Multidisciplinar. Como na estratégia anterior, utilizou-se somente as produções das áreas das Ciências Humanas e Multidisciplinar que somaram 70 publicações. As discussões encontradas nessas pesquisas referem-se à adoção, gênero, identidade juvenil, surdos, negros, violência infantil e juvenil, educação infantil e educação integral, corporeidade. Depois da leitura dos resumos das 70 publicações, separou-se uma produção com discussão próxima da temática investigada para realizar uma análise mais aprofundada e colaborar com essa pesquisa.

Testando os termos espaço urbano e desigualdade, o banco ofereceu 143 resultados que estão distribuídos entre as áreas de Ciências da Saúde; Ciências Exatas da Terra; Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Engenharias,

Linguística, Letras e Artes; e Multidisciplinar. Assim, a pesquisa continuou com as produções das Áreas de Ciências Humanas e Multidisciplinar totalizando em 77 publicações. As temáticas discutidas envolvem os deslocamentos urbanos, políticas habitacionais, agronegócio, degradação ambiental, criminalidade, moradores de rua, pobreza, saneamento e saúde, medo, segregação urbana e migrações. Sendo assim, após uma leitura cuidadosa dos resumos, percebeu-se que poucas pesquisas aproximavam-se da temática dessa discussão, por isso apenas quatro trabalhos foram separados para uma maior aprofundamento.

No quadro 2, a seguir, são apresentadas as sete publicações com discussões que colaboram na constituição dessa pesquisa:

QUADRO 2 – PRODUÇÕES ACADÊMICAS SIGNIFICATIVAS PARA A PESQUISA

(continua)

Título Tese/ Dissertação.	Pesquisador(a)	Palavras-chave	Problemática	Ano
Infância e espaço urbano: significados e sentidos de morar em posse urbana para crianças com idade entre sete e onze anos.	Luiz do Nascimento Carvalho	Psicologia social; Psicologia social crítica; Infância; Infância e espaço urbano; Significados e sentidos; Posse urbana.	A presente pesquisa tem como objeto de estudo os significados e sentidos de morar na posse urbana para crianças de camadas populares.	2006
A fábula da metrópole: a cidade do ponto de vista das crianças moradoras de condomínios fechados de luxo.	Marina Rebeca de Oliveira Saraiva	Sociologia urbana; Sociologia da infância; Condomínios de luxo; Espaço urbano; Sociabilidade; Cotidiano; Segregação urbana.	A pesquisa trata do fenômeno da segregação urbana nas metrópoles brasileiras tendo como referência o cotidiano de um grupo de crianças, com idade de 7 a 11 anos, moradoras de um condomínio fechado de luxo localizado na cidade de Campinas, São Paulo.	2009
As crianças: um estudo sobre os sentidos e significados da infância entre crianças em uma sociedade desigual.	Sandra Francisca de Oliveira Silva	Infância construção social; Criança ator social; Sujeitos de direitos.	Esta dissertação objetiva aproximar-se das significações sobre a infância constituídas nas vivências cotidianas de criança urbanas, residentes no município de São Paulo, em uma sociedade desigual	2015
Circuitos e modelos de desigualdade social intra-urbana	Oseias da Silva Martinuci	Geografia; Pobreza urbana; Isolamento social; Exclusão social; Teoria de córemas.	O objetivo da pesquisa é discutir a desigualdade extrema ligadas as cidades, pensando nas relações entre a pobreza e a exclusão social.	2008

Condomínios horizontais fechados: segregadores ou segregados? Um estudo sobre o caso do município de Maringá-PR	Altair Aparecido Galvão	Condomínios horizontais; Segregação; Espaço urbano; Habitação	Esta pesquisa busca analisar os impactos causados ao meio urbano, o perfil dos moradores e motivações que levaram à escolha desse estilo de vida e os aspectos sociais que permeiam a proliferação dos Condomínios Horizontais Fechados no perímetro urbano da cidade de Maringá.	2007
O lugar de cada um: Indicadores sociais de desigualdade intraurbana.	Alexandre Bergamin Vieira	Segregação socio-espacial; Exclusão social; Indicadores sociais de desigualdade intraurbana; Cidades médias; São José do Rio Preto.	Esta pesquisa busca revelar e desvendar as realidades sociais e espaciais das cidades médias por meio de indicadores sociais da desigualdade intraurbana.	2005
Desigualdade no acesso à cidade: a ocupação da Vila Ser-Pro no município de Rio Verde- Goiás	Telma Divina Nogueira Rodrigues	Direito à cidade; Segregação; Áreas sociais; Desigualdade; Espaço Urbano.	A pesquisa aborda a desigualdade no acesso à cidade procurando conhecer a ocupação da Vila Ser-Pro na cidade de Rio Verde –GO.	2013

FONTE: CAPES – Banco de Teses e Dissertações (2017). Org.: A autora (2017)

Como observado no quadro 2 e em todo o levantamento bibliográfico, a desigualdade, a infância e o espaço urbano são termos que estão presentes em vários campos de pesquisa e de diversas formas. Nas sete produções acadêmicas apresentadas no quadro 2, nota-se a variedade de discussões possíveis com esses descritores. Todas as pesquisas procuram pensar o espaço urbano como um importante papel nas relações dos sujeitos e, esse espaço, é muitas vezes desigual a partir do lugar em que se encontram.

As três primeiras pesquisas apresentadas trazem as crianças como objeto de investigação cada uma com uma vertente diferente. Carvalho (2006), alicerçado nas teorias da psicologia social, discute os significados e os sentidos que as crianças dão ao espaço urbano. Saraiva (2009), ancorando-se na sociologia, problematiza a cidade pelas crianças moradoras de um condomínio de luxo. E, Silva (2015), vinculada a teorias da Educação, reflete sobre os significados que as crianças dão em uma sociedade desigual.

Os quatro trabalhos seguintes são da área da geografia e da sociologia. Os pesquisadores Martinuci (2008), Galvão (2007) e Vieira (2005) discutem a desigualdade e o espaço urbano na área da geografia e destacam questões de

pobreza, exclusão social e segregação. Por outro lado, mas que também complementa os estudos anteriores, Rodrigues (2013), na área da sociologia, problematiza a desigualdade do direito a cidade em uma ocupação.

Dessa forma, é importante conhecer como encontram-se os termos discutidos e com quais autores dialogam. Assim, referente à discussão sobre a infância, três pesquisas apresentam essa temática e trazem referencial teórico para problematizar esse assunto. Carvalho (2006), para compreender a infância contemporânea, suas configurações e desafios na cidade, apoia-se nas reflexões de Sonia M. Gomes Souza, Irene Rizzini e Lucia Rabello de Castro. Silva (2015) alicerça a sua pesquisa nos estudos críticos da infância, compreendendo a criança como ator social ativo sendo a infância uma construção social, dialoga principalmente com Mary Del Priori, Fulvia Rosemberg e Manoel Sarmento. Saraiva (2009), discute a infância nas ciências sociais e utilizou como principais referências, os estudos de William Corsaro, Manoel Sarmento, Regine Sirota, e Clarice Cohn.

Já, problematizando o espaço urbano nas pesquisas selecionadas, Galvão (2007) discute a partir de Tereza Caldeira e Luiz César Ribeiro, a segregação socioespacial e a ordem social híbrida no espaço que gera o isolamento entre populações ricas e pobres. Vieira (2005) traz reflexões sobre o espaço urbano abordando os conceitos de segregação espacial e exclusão social. Os autores que colaboram nessas discussões são: Manoel Castells, Henri Lefebvre e Jean Lojckne. Rodrigues (2013) relata que o espaço urbano é fragmentado e articulado simultaneamente, organiza-se na ordem e no caos. Utiliza como referências os estudos de Roberto Corrêa e Henri Lefebvre. Também traz discussões sobre a propriedade e a transformação da paisagem na cidade problematizadas por Marx e Engels. Saraiva (2009) percebe que o espaço urbano oportuniza o encontro com o diferente, com o estranho e com o inesperado, e a forma do indivíduo utilizar a cidade diz também quem ele é. Para embasar a discussão, são trazidos autores como Michel Certeau e Lucia Castro. Carvalho (2006) afirma que o espaço urbano expressa a essência da sociedade e é caracterizado nas relações sociais em movimento. Utiliza também como um dos seus referenciais Henri Lefebvre.

Agora, discutindo o termo desigualdade, Rodrigues (2013) relata que a desigualdade urbana acentuou-se a partir da globalização, dialoga principalmente com Ermínia Maricato, Maura Vêras, Bader Sawaia e Luiz Eduardo Wanderley. Vieira (2005) aproxima a discussão sobre a desigualdade aos conceitos de pobreza,

segregação socioespacial e exclusão. Entre vários autores trazidos, destacam-se Milton Santos, Flávio Villaça, José de Souza Martins e Sarah Escorel. Martinuci (2008) versa sobre a desigualdade social extrema ligada às cidades, pensando as relações entre a pobreza e a exclusão social. Entre os autores que colaboram com esta reflexão estão Marcio Pochmann, Milton Santos e Sonia Rocha. Silva (2015) observa a desigualdade social na infância que é afetada significativamente pelas questões de renda. A pesquisadora traz vários autores que discutem esse tema, entre eles Fúlvia Rosemberg, Manoel Sarmiento e Ana Mercês Bock.

Desse modo, entendendo como os termos são apresentados nas produções acadêmicas e os principais referenciais teóricos para essas discussões, faz-se necessário conhecer o modelo de pesquisa de cada trabalho. O quadro 3 apresenta brevemente como ocorreu a pesquisa. É importante destacar que todos tiveram pesquisa em campo.

QUADRO 3 – ENCAMINHAMENTO DE PESQUISA DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Título Tese/ Dissertação.	Pesquisador(a)	Encaminhamento da pesquisa
Infância e espaço urbano: significados e sentidos de morar em posse urbana para crianças com idade entre sete e onze anos.	Luiz do Nascimento Carvalho	Discussão teórica e entrevista com cinquenta crianças e grupos focais. Pesquisa Etnográfica.
A fábula da metrópole: a cidade do ponto de vista das crianças moradoras de condomínios fechados de luxo.	Marina Rebeca de Oliveira Saraiva	Discussão teórica e observação participante, coleta de desenhos e registros audiovisuais. Os sujeitos da pesquisa são crianças de 7 a 11 anos que frequentam o clube do condomínio.
As crianças: um estudo sobre os sentidos e significados da infância entre crianças em uma sociedade desigual.	Sandra Francisca de Oliveira Silva	Discussão teórica e conversa com duas crianças: uma da escola pública e outra da escola privada localizadas na cidade de São Paulo.
Circuitos e modelos de desigualdade social intra-urbana	Oseias da Silva Martinuci	Discussão teórica e aplicação do método coremático (modelização gráfica) para conhecer as condições políticas e locais e a mobilidade populacional. Aplicação de questionários.
Condomínios horizontais fechados: segregadores ou segregados? Um estudo sobre o caso do município de Maringá-PR	Altair Aparecido Galvão	Discussão teórica, caracterização dos quatro condomínios de Maringá e entrega de questionários para moradores.
O lugar de cada um: Indicadores sociais de desigualdade intraurbana.	Alexandre Bergamin Vieira	Discussão teórica e elaboração de um sistema de indicadores sociais que revela as desigualdades espaciais em cidades como São José do Rio Preto.
Desigualdade no acesso à cidade: a ocupação da Vila Ser-Pro no município de Rio Verde- Goiás	Telma Divina Nogueira Rodrigues	Discussão teórica e de natureza qualitativa. Entrevista com moradores da Vila Ser-Pro e análise de documentos jurídicos.

FONTE: CAPES –Banco de Teses e Dissertações (2017). Org.: A autora (2017)

A partir dos encaminhamentos metodológicos constituídos no decorrer das pesquisas apresentadas, compreende-se que a segmentação do espaço urbano dificulta a comunicação com a sociedade local e que muitos indivíduos preferem morar em condomínios por medo da criminalidade e da deterioração das condições gerais da cidade. (GALVÃO, 2007). Contudo, percebe-se que, do outro lado, quando a pobreza é presente, há ausência de políticas públicas efetivas para a utilização do espaço urbano, dessa forma o direito à cidade acaba sendo desigual e injusto, desencadeando em exclusão social. (RODRIGUES, 2013). As crianças estão presentes em todos esses espaços e a desigualdade acaba sendo um fator de diferenciação da infância. A partir da forma e do local em que a criança se relaciona, há diferentes significações para a infância. (SILVA, 2015). As crianças vivem o espaço, experimentam e brincam, mesmo convivendo com o perigo e sendo afetadas pela visão da barbárie. (CARVALHO, 2006). Contudo, o espaço urbano, independente da forma como se apresenta, é apropriado pela criança de forma singular e, a partir de sua realidade, reescreve o espaço percebendo outras formas de existência. (SARAIVA, 2009). Assim sendo, pode-se dizer que a infância, o espaço urbano e a desigualdade são temas essenciais para compreender a constituição da sociedade contemporânea.

3 APRESENTANDO O CAMPO DE PESQUISA

Fazer pesquisa é fundamental para problematizar as relações contemporâneas e entender como determinados processos foram e são constituídos. Pesquisar é pensar a realidade e discutir como as teorias foram construídas no decorrer da história pelas relações humanas e/ou materiais. Luna (1997) destaca que pesquisar é produzir conhecimento novo, sendo que esse deve ser relevante na questão social e/ou técnica. O pesquisador precisa ser o intérprete da realidade pesquisada, tendo capacidade de demonstrar que o conhecimento que ele produz é fidedigno e relevante.

Sendo assim, a presente pesquisa que tem como problemática conhecer como crianças de escolas públicas e privadas tecem suas redes de interdependência nos espaços do bairro e da cidade de Curitiba, constituiu-se metodologicamente a partir da relação teoria-problema. Sabendo da necessidade de conhecer como as crianças relacionam-se com a cidade de Curitiba e também de escutá-las, optou-se por empregar simultaneamente metodologias quantitativa e qualitativa. Dessa forma, Gatti (2012) afirma que, de acordo ao problema de pesquisa, pode-se combinar vários procedimentos de busca para conseguir elementos relevantes à investigação. A autora relata que:

Nessa perspectiva é que se busca a superação da dicotomização irreconciliável entre abordagens qualitativas X quantitativas, por um olhar mais amplo, que implica a conjugação de fontes variadas de informação sob uma determinada perspectiva epistêmica. (GATTI, 2012, p. 29).

É necessário superar a compreensão de que duas abordagens distintas não podem se complementar. Tanto a pesquisa qualitativa quanto a pesquisa quantitativa, separadamente ou combinadas, contribuem para a produção de conhecimento novo. A presente pesquisa traz problematizações que não seriam levantadas caso só fosse empregada uma abordagem, desse modo, percebe-se a importância de utilizar as duas abordagens complementarmente. A pesquisa quantitativa possibilitou um olhar extensivo sobre as relações das crianças com os espaços curitibanos de lazer e cultura e a pesquisa qualitativa permitiu um olhar intensivo, escutando as crianças, conhecendo como elas relacionam-se com os espaços da cidade de Curitiba e como suas redes são tecidas.

O quadro 4, a seguir, permite antecipar, resumidamente, uma melhor visualização de todo o caminho percorrido referente aos dados coletados que constituem a presente pesquisa e será pormenorizado nesse capítulo:

QUADRO 4 – RESUMO SOBRE A COLETA DE DADOS

	Pesquisa quantitativa (escolas privadas)	Pesquisa Qualitativa	
		Escolas Públicas e Privadas	Pequenas observações em áreas de lazer do bairro
Período da pesquisa	Agosto/2016 a março/2017	Abril a setembro/2017	Janeiro e fevereiro/2018
Quantidade de regionais curitibanas	9	2	2
Quantidade de bairros	10 ¹⁶	2	2
Quantidade de crianças envolvidas	328	26	-----
Recursos metodológicos	* Questionários para as famílias. * Tabulação de dados. * Comparações entre as respostas das regionais.	* Conversas com as crianças em pequenos grupos; * Utilização do mapa da cidade e de fotos.	* Visita em campo, realização de fotografias, observação das brincadeiras infantis e conversas.

FONTE: A autora (2017)

Também, para elucidar a pesquisa qualitativa, em que foi realizada a conversa com as crianças e pequenas observações nas áreas de lazer do bairro, disponibiliza-se, a seguir, os quadros 5 e 6, com a intenção de fornecer uma prévia visualização do trabalho realizado durante todo esse momento da pesquisa.

¹⁶ Será explicado no decorrer desse capítulo o motivo da presença de 10 bairros sendo que na pesquisa quantitativa levou-se em consideração Curitiba com 9 regionais.

QUADRO 5 – RESUMO SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA NAS ESCOLAS

	Escolas do Norte/Centro de Curitiba		Escolas do Sul de Curitiba	
	Escola Privada, bairro Campo Comprido.	Escola Pública, - bairro Campo Comprido.	Escola Privada, bairro Tatuquara.	Escola Pública, - bairro Tatuquara
Quantidade de escolas:	1	1	1	1
Crianças com as quais se conversou ¹⁷	5	7	8	6
Quantidade de encontros	4	4	4	4
Duração média de cada encontro com as crianças.	25 min.	25 min.	25 min.	25 min.

FONTE: A autora (2017).

QUADRO 6 – RESUMO DE OBSERVAÇÕES NAS ÁREAS VERDES DOS BAIRROS

	Campo Comprido	Tatuquara
Quantidade de áreas verdes visitadas.	12	12
Quantidade de crianças que se conversou	4	5
Quantidade de dias de observação no bairro ¹⁸	3	4
Duração média de cada observação do espaço	20 min.	20 min

FONTE: A autora (2017).

Dessa forma, pautada nas discussões metodológicas apresentadas até aqui e nessa breve apresentação da pesquisa, neste capítulo é realizada uma explanação sobre a cidade de Curitiba e explica-se também, como a pesquisa constituiu-se metodologicamente nessa investigação.

3.1 A CIDADE DE CURITIBA

A cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, conhecida mundialmente, e apresentada pelos meios de comunicação com os títulos “cidade sorriso”, “capital ecológica”, “cidade de soluções urbanas” e “cidade de primeiro mundo”, está localizada na Região Sul do Brasil. Seu nome significa muito pinhão.

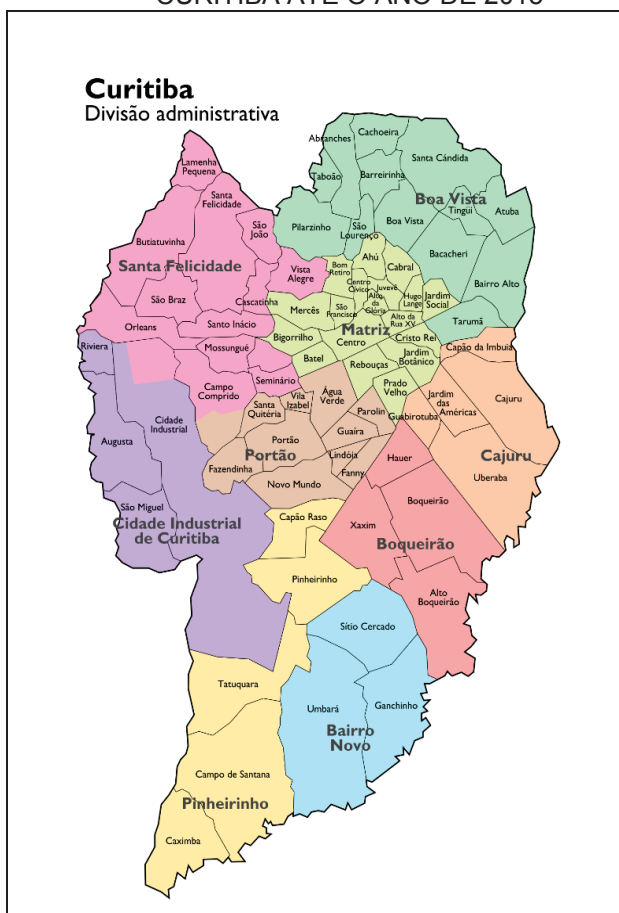
¹⁷ Será explicado, no decorrer do texto, o motivo da quantidade diferente de crianças nas conversas.

¹⁸ Por causa do tamanho do bairro Tatuquara e da distância entre as áreas de lazer e a casa da pesquisadora, foi necessário ir mais dias nele.

Os dados do último Censo realizado em 2010, revelam que a capital paranaense apresentava uma população de 1.751.907 habitantes, sendo que crianças e adolescentes até 14 anos somavam 20% da população.

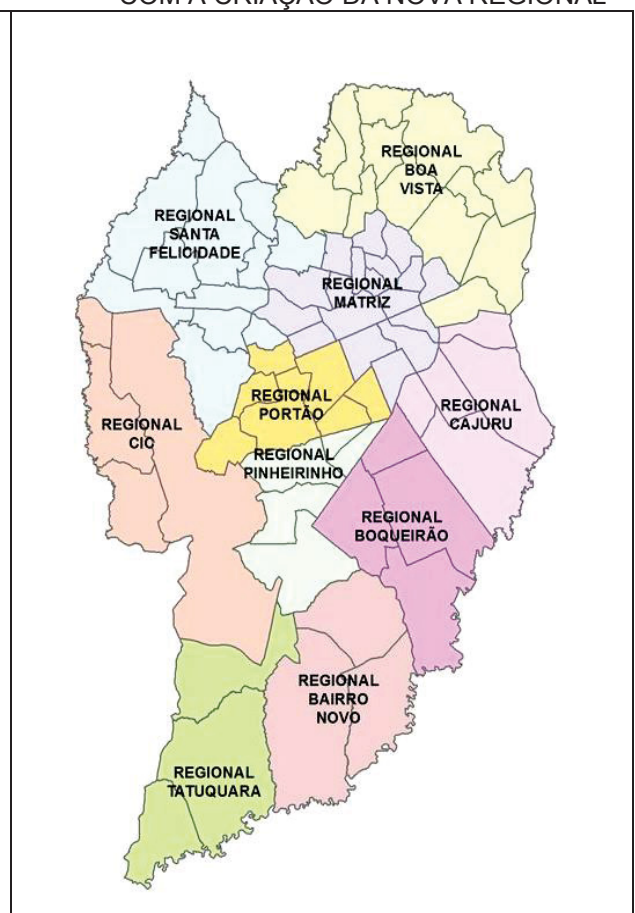
Segundo a ferramenta Cidades do site do IBGE, a área territorial de Curitiba, em 2016 era de 435,036 km² e sua densidade demográfica em 2010 era de 4.027,04 hab/km².¹⁹ Conforme dados do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC)²⁰, a cidade de Curitiba possui, atualmente, 75 bairros com áreas territoriais de tamanhos variados. A seguir, apresenta-se a figura de Curitiba, com os bairros e as divisões regionais antes de 2015 e após a constituição da Regional do Tatuquara²¹:

FIGURA 1 – DIVISÃO ADMINISTRATIVA DE CURITIBA ATÉ O ANO DE 2015



FONTE: Wikipedia (2017).

FIGURA 2 – DIVISÃO DE CURITIBA APÓS 2015 COM A CRIAÇÃO DA NOVA REGIONAL



FONTE: IPPUC (2018).

¹⁹ <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=410690&idtema=16&search=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es>. Consultado em 05 de agosto de 2017.

²⁰ O IPPUC é uma autarquia municipal que tem como objetivo coordenar o processo de planejamento e monitoramento urbano de Curitiba.

²¹ Na pesquisa exploratória do grupo de estudos, a cidade de Curitiba ainda era dividida em nove regionais. Por isso, para ampliar os dados com a pesquisa qualitativa desse estudo, foi utilizada essa divisão.

De acordo com a avaliação realizada pelo Censo 2010, o Índice do Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Curitiba é 0,823. Está acima tanto do IDHM do Paraná que é 0,749 como do Brasil que é 0,727. (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2017)²². Contudo, mesmo Curitiba apresentando um IDHM consideravelmente bom²³ comparado aos outros, quando se percorre os bairros e as ruas curitibanas, percebe-se a heterogeneidade presente em seu território. Sua população apresenta muita desigualdade e diferença em vários aspectos.

Para compreender Curitiba hoje, é necessário entender que a capital do estado do Paraná constituiu-se historicamente, a partir das redes tecidas em seu espaço. Por muito tempo, a história da cidade de Curitiba foi contada por pesquisadores, como Wachowicz (2001) e Martins (1941), que valorizavam a presença dos imigrantes de etnias brancas e europeias, invisibilizando a população negra e indígena nas terras da capital paranaense.

Nesse contexto, Ferreira (2008) ressalta, por meio de sua pesquisa, alguns mitos que fizeram parte da história contada sobre a cidade de Curitiba. Um deles é a “ideia” de que os brancos e os índios relacionavam-se pacificamente. Sabe-se que, no decorrer da história, existiram inúmeras tensões entre o branco colonizador, que chegou à vila impondo crenças e religiões, e o índio que já estava na cidade e precisava defender o seu espaço. Também, referente à relação dos negros com os brancos, há uma tendência em afirmar que no sul do Brasil quase não teve escravidão de negros, silenciando a história dessa população.

Para Ferreira (2008), a história oficial dos imigrantes europeus em Curitiba é cheia de floreios e festejos. Na escola ensina-se sobre as comidas típicas, tradições e costumes trazidos pelos imigrantes, privilegiando o conhecimento desses grupos étnicos. Contudo, esquece-se de problematizar a ideia do branqueamento que passou a cidade de Curitiba. O projeto de branqueamento da população brasileira e consequentemente do sul, acreditava que, por causa da porcentagem da população negra, o Brasil não estava se desenvolvendo. Nesse sentido, existiu o apoio para

²²O Atlas do Desenvolvimento Humano, conhecido popularmente como Atlas Brasil, é uma plataforma de consulta do IDHM dos municípios brasileiros, unidades de federação e regiões metropolitanas e suas respectivas Unidades de Desenvolvimento Humano. Além do IDHM, traz indicadores sobre demografia, trabalho, renda, educação e vulnerabilidade retirados do Censo 1991, 2000 e 2010.

²³Curitiba está em quarto lugar entre as capitais brasileiras referente à posição no IDHM, atrás apenas de Florianópolis (0,847), Vitória (0,845) e Brasília (0,824). Das capitais brasileiras as que estão com os menores IDHM são Macapá (0,733), Rio Branco (0,727) e Maceió (0,721).

que imigrantes europeus viessem para as terras brasileiras, pois somente assim, segundo esse projeto, o Brasil finalmente iria se desenvolver.

As políticas urbanas da cidade de Curitiba enaltecem os imigrantes europeus valorizando a sua cultura, e estigmatiza as populações indígenas, ora tratando-as como folclore, ora silenciando-as. A capital do Paraná homenageia o imigrante em seus parques, bosques e praças e em diversos eventos, porém a homenagem é muito maior e visível para os imigrantes oriundos de determinados continentes como a Europa e a Ásia. O índio é romantizado e sua cultura aparece apenas em nomes de parques e praças. Hoje, os índios já não têm espaço em Curitiba, somente para trabalhar informalmente e precariamente, oferecendo artesanatos em algumas esquinas da cidade. O negro sofre racismo até hoje e, muitas vezes, é silenciado. A história que é repetida não lembra da importância da população negra para a constituição da cidade. A esse respeito Moraes e Souza (1999) já problematizaram, no final do século XX, o processo de construção de Curitiba como capital europeia em que a população negra era invisibilizada. Os autores relataram que a identidade branca e europeia constituiu os projetos políticos e arquitetônicos da cidade, tentando acentuar em Curitiba (como em todo o Brasil) o discurso de uma suposta democracia racial, em que existiria grande harmonia étnica entre a população.

Já Oliveira (2014), quando analisa o planejamento urbano de Curitiba, na segunda metade do século XX, diz que esse esteve articulado com a dependência da cidade em face do capital, “a qual gera poderosos efeitos sobre a maneira pela qual os planejadores urbanos refletem sobre e/ou gerenciam o desenvolvimento econômico e social de seus municípios.” (OLIVEIRA, 2014, p.41). Nesse sentido, para refletir sobre o planejamento urbano de Curitiba relacionado ao capital, é fundamental discutir sobre o valor de uso e o valor de troca do espaço da cidade. Lefebvre (2013) percebeu que, com o desenvolvimento do capitalismo industrial, uma cidade que antes era primada pelo valor do uso, em que a beleza, a totalidade, o pertencimento e a fruição do espaço da cidade eram valorizados, agora transforma-se em mercadoria, produto com valor de troca, sendo o espaço utilizado para a obtenção de lucro. O valor de uso desaparece e dá lugar aos preceitos estabelecidos pelo valor de troca. Esse valor impõe seu ritmo acelerado assumindo a qualidade da mercadoria potencializando o lucro. Para o pesquisador:

O espaço entra nas forças produtivas, na divisão do trabalho; ele tem relações com a propriedade, isso é claro. Com as trocas, com as instituições, a cultura, o saber. Ele se vende e se compra; ele tem valor de troca e valor de uso. (LEFEBVRE, 2013, p. 125-126).

Podendo-se pensar, assim, que Curitiba foi planejada como propôs Lefebvre, Oliveira (2014) relata que, desde 1960, começou-se a pensar locais estratégicos em Curitiba para a atração de investimentos industriais. Nesse sentido, por meio de um plano diretor de Curitiba com o objetivo de pensar o planejamento urbano da cidade, propôs-se a criação de vias lineares de circulação, em que seriam incentivados o adensamento populacional e a oferta de transporte público. O pesquisador assegura que:

A definição desses eixos de transporte foi feita através da explicitação dos padrões históricos de crescimento da cidade. Inicialmente se definiu um eixo estrutural no sentido norte-sul, acrescido posteriormente de um outro, no sentido leste-oeste e, finalmente de um terceiro eixo a sudeste, através da extensa avenida Marechal Floriano. Em todos prevalecia a concepção de que a cidade deveria crescer ao longo desses eixos estruturais, contendo a expansão do centro tradicional da cidade e, evitando, dessa forma, a sua deterioração. (OLIVEIRA, 2014, p. 50).

Oliveira (2014) destaca o arquiteto Jaime Lerner como um dos principais prefeitos curitibanos que pensou o planejamento urbano da cidade em face ao capital. Durante as três vezes que administrou a cidade, fortaleceu o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), transformando os planejadores em executores. No discurso do então prefeito, Curitiba deveria assumir um caráter humano, com áreas verdes e culturais que seriam oportunizadas para o encontro das pessoas. Oliveira (2014) lembra dos discursos que Lerner fazia:

Promover a 'integração do homem à cidade', fazer com que 'o cidadão tivesse orgulho de sua cidade', integrar 'o homem no projeto de revitalização dos valores tradicionais da cidade', fazer 'de cada curitibano um urbanista' e fazer uma cidade 'humana' eram objetivos recorrentemente colocados pela elite do planejamento. Assim, a criação de um leque de oportunidades de cultura e lazer, utilizando ao máximo os equipamentos disponibilizados pela reforma urbana, além da política de preservação do patrimônio histórico, foram instrumentos acionados recorrentemente pelos administradores para a consecução desses objetivos. (OLIVEIRA, 2014, p.56).

Contudo, é importante problematizar que nem todo o território de Curitiba foi beneficiado por esse planejamento urbano proposto por Lerner. O ex-prefeito

privilegiou apenas uma parte da cidade, deixando a outra parte sem acesso a essa política urbana. Nem todos os curitibanos tiveram acesso a essa cidade verde discursada por Jaime Lerner

Como se percebe, esse discurso de cidade planejada e humanizada não era para todos os curitibanos, embora fosse ressaltada pelos meios de comunicação. A população menos favorecida economicamente, principalmente a residente na parte sul da cidade, foi esquecida e isolada não sendo privilegiada pelos inovados projetos de urbanização (SOUZA, 2001)²⁴. Ainda que se possa compreender que no sul, os muitos bairros são de formação mais recentes, os equipamentos de lazer e cultura estão mais presentes ao norte e ao centro da cidade, excluindo o restante da população.

Carvalho e Sugai (2013) discutem sobre esse suposto êxito internacional do planejamento urbano de Curitiba, reconhecida como uma cidade equilibrada, sem pobreza ou favelas e sem graves problemas urbanos. Os autores destacam que esse processo de planejamento limitou a um espaço da metrópole, deixando de lado a parte da população pobre. Esse processo demonstrou que seus planejadores estavam pouco preocupados com as pessoas menos favorecidas economicamente, em termos de habitação e cultura, favorecidas economicamente, da cidade. O espaço urbano de Curitiba foi produzido nas últimas cinco décadas por um processo de segregação que excluiu a maioria da sua população. Para os autores, há:

Um claro interesse em afastar e invisibilizar pobreza e conflitos das partes da cidade que deveriam ser positivadas, midiaticizadas e vendidas como um projeto bem-sucedido de cidade viável, criativa, com boa qualidade de vida e oposta às demais caóticas e desorganizadas metrópoles brasileiras. (CARVALHO; SUGAI, 2013, não paginado).

A positivação da imagem da cidade de Curitiba compreendia apenas uma parte privilegiada da cidade. Carvalho e Sugai (2013) afirmam que o planejamento urbano de Curitiba junto com a política habitacional não favoreceu a integração social, excluindo uma grande parcela da população. A localização dos conjuntos habitacionais construídos pelas políticas de habitação da cidade era distante, desconexa, isolada e desintegrada do perímetro urbano curitibano. A população de baixa renda foi periférica em Curitiba. Nesse sentido:

²⁴ Nelson Rosário de Souza faz um estudo sobre o planejamento urbano de Curitiba e percebe que, alguns bairros ao sul da cidade, como por exemplo o Boqueirão, sofrem com políticas urbanas desiguais. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n16/a07n16.pdf>.

O reverso da cidade dotada de boa infraestrutura, qualidade de vida e habitada por uma população relativamente homogênea e 'qualificada' é uma região apartada de benesses urbanas e paisagísticas, habitada por uma população de baixo rendimento, menor escolaridade e que enfrenta maiores distâncias e tempos de deslocamento para ter o direito de desfrutar da cidade e de seus serviços. (CARVALHO; SUGAI, 2013, não paginado).

Como visto, Curitiba, a cidade "planejada", está repleta de desigualdades em sua constituição. O suposto exitoso planejamento urbano não aconteceu conforme mediatizado e vários problemas sociais e estruturais são enfrentados diariamente pela população curitibana. A pobreza e o crescimento populacional são variáveis que estão presentes em Curitiba e vários de seus moradores ainda precisam de atendimentos sociais para que possam viver com dignidade.

Samek (1996) mencionava, já nos anos noventa, que Curitiba era classificada como uma das metrópoles brasileiras que ofereciam melhores condições de vida para os seus habitantes, contudo, apenas uma parcela da população tinha acesso a essas condições privilegiadas. Para ele:

Se observarmos a realidade à nossa volta com isenção, vamos constatar que a nossa cidade continua reproduzindo o mesmo quadro de profundas desigualdades que dividem o Brasil. São abundantes os estudos acadêmicos que acentuam o caráter dual da sociedade brasileira, virtualmente cindida em duas nações: uma muito rica, formada por uma minoria com padrões de consumo altamente sofisticados; outra muito pobre, que reúne a maioria da população, excluída dos benefícios do desenvolvimento e do consumo dos bens básicos. (SAMEK, 1996, p. 186).

Dessa forma, é necessário pensar como estão dispostas, atualmente, as políticas públicas na capital paranaense. O investimento da cidade não pode ser somente onde estão presentes os pontos turísticos e passeiam os turistas, mas sim onde a população se encontra e sofre mais com as mazelas sociais, precisando, urgentemente, de melhoria da qualidade de vida.

Nesse contexto espacial desigual e para conhecer mais sobre os bairros curitibanos e suas características como também as suas diferenças, o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) realizou o estudo "Perfil demográfico e socioeconômico dos bairros agregados de Curitiba"²⁵,

²⁵ Esse estudo pertence ao plano de atividades do Observatório de Curitiba, uma parceria entre o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), Prefeitura de Curitiba e Secretaria Municipal de Trabalho e Emprego de Curitiba (SMTE). O objetivo desse

publicado em fevereiro de 2016, com o objetivo de produzir indicadores para subsidiar análises sobre a ocupação econômica da capital paranaense. Esse estudo divide a cidade em 40 bairros agregados (anexo 1). Os bairros agregados são a união de uma ou mais áreas de ponderação²⁶, englobando os bairros da administração municipal.

Pautado nos dados coletados do Censo Demográfico 2010, o documento aponta que os três bairros agregados mais populosos (concentram a maior população em termo absoluto) da cidade de Curitiba são: a Cidade Industrial de Curitiba (bairro CIC) com 9,9% do total da população, Sítio Cercado (bairro Sítio Cercado) com 6,6% do total da população e Cajuru (bairro Cajuru) com 5,5% total da população, esses três bairros agregados somam 22% da população curitibana e se encontram no sul de Curitiba.

O estudo do DIEESE discute a população dos bairros agregados e também o percentual da população de acordo as faixas etárias (anexo 2). Percebe-se que nos bairros agregados mais populosos, localizados mais ao sul da cidade, concentram-se também um maior número de crianças (0 a 14 anos) e adolescentes/jovens (15 a 29 anos), e nos bairros menos populosos há uma maior concentração de idosos (60 anos ou mais).

Os dados das outras variáveis seguem nesta mesma direção. Referente à leitura e à escrita, nota-se que ao sul de Curitiba existe, percentualmente, mais pessoas que não sabem ler e escrever, enquanto a parte central da cidade não apareceu essa situação.

Referente ao perfil étnico-racial de Curitiba, o DIEESE traz os dados apresentados do censo demográfico (anexo 3). Observa-se que a população autodeclarada branca é a maioria na cidade de Curitiba, sendo 78,8%, já, a população negra é 19,7% (composta por 2,8% de pretos e 16,9% de pardos).

estudo é produzir indicadores que contribuam com as análises sobre a ocupação da população e organização econômica de Curitiba.

²⁶ Segundo a página do IBGE Define-se área de ponderação como sendo uma unidade geográfica, formada por um agrupamento mutuamente exclusivo de setores censitários contíguos, para a aplicação dos procedimentos de calibração dos pesos de forma a produzir estimativas compatíveis com algumas das informações conhecidas para a população como um todo. O tamanho dessas áreas, em termos de número de domicílios e de população, não pode ser muito reduzido, sob pena de perda de precisão de suas estimativas. Assim este tamanho mínimo foi definido em 400 domicílios ocupados na amostra, exceto para os municípios que não atingem este total onde, neste caso, o próprio município é considerado uma área de ponderação. http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_gerais_amostra_areas_ponderacao/default.shtm 08/03/2017.

Contudo, a distribuição territorial da população curitibana de acordo ao perfil étnico-racial não é uniforme. Há uma concentração maior da população negra especialmente na região sul de Curitiba, principalmente nos bairros mais populosos como Cidade Industrial, Cajuru e Sítio Cercado. Em contrapartida, os bairros da região norte e central contam com a menor presença da população negra, destacando-se o bairro Cabral que não foi possível fazer uma estimativa. Nesse sentido, pode-se afirmar que a população negra está mais presente em regiões em que há investimentos públicos menores.

Em consonância com todas as informações apresentadas até o momento, constata-se que Curitiba é desigual em seu território e em sua população. Os dados expressos trazem informações relevantes sobre a desigualdade e a heterogeneidade na cidade de Curitiba. De acordo com o estudo, as áreas verdes não estão dispostas da mesma forma para todos os moradores como também os parques e bosques. Há um privilégio e incentivo maior da presença do verde na parte norte e central de Curitiba, enquanto que na parte sul, onde a população está mais presente e, conseqüentemente as crianças, há menor índice desses equipamentos. Nesse sentido, é permeada por todas essas variáveis, que a infância experimenta o bairro e a capital paranaense. A partir das relações vividas nos espaços disponibilizados pelos bairros e pela cidade de Curitiba, as crianças tecem suas redes e constituem-se como sujeitos.

Outra desigualdade presente que também colabora com a qualidade de vida é a questão da renda dos curitibanos. As diferenças são muito relevantes entre os bairros da capital do Paraná. Analisando os gráficos disponibilizados a seguir, que foram construídos a partir dos dados coletados no Censo 2010, pode-se destacar, para exemplificar essa problematização, a renda média domiciliar²⁷ da cidade de Curitiba e de dois de seus bairros – selecionados de forma aleatória, mas, um na parte central e outro no extremo sul da cidade – Cabral e Caximba, que já possuem registros de povoamento no início do século XX. Para uma melhor compreensão, as figuras seguintes, ilustram a paisagem dos dois bairros:

²⁷ O valor do salário mínimo utilizado era de R\$ 510,00.

FOTOGRAFIA 1 – BAIRRO CABRAL



FONTE: A autora (2018).

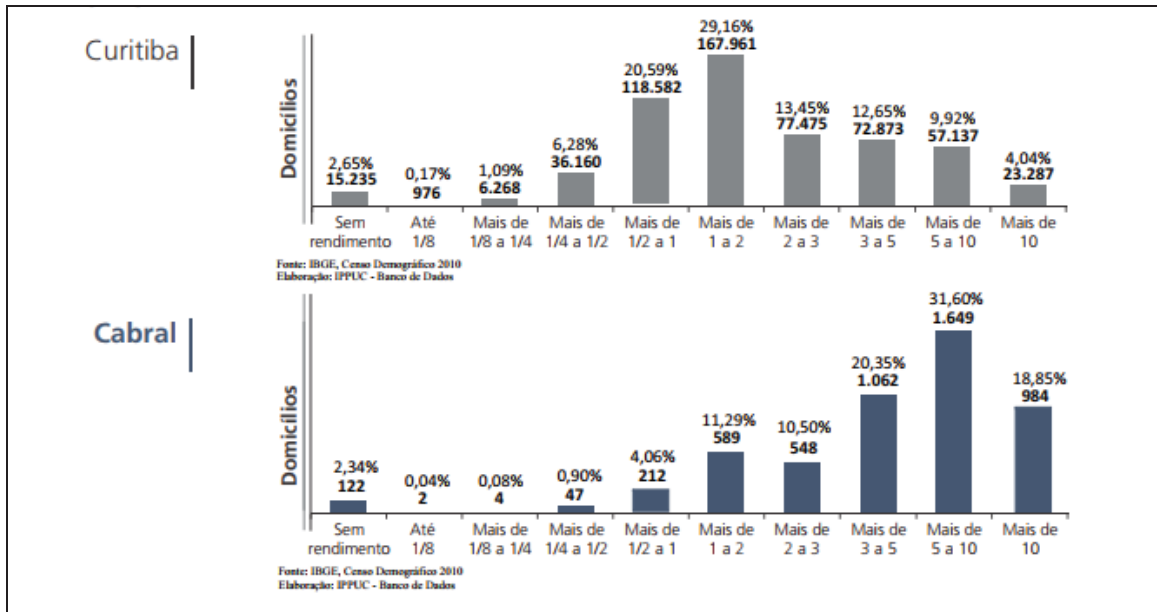
FOTOGRAFIA 2 – BAIRRO CAXIMBA



FONTE: A autora (2018).

No gráfico 1, destaca-se o bairro Cabral, localizado na parte central da cidade, apresentando mais de 50% dos seus domicílios com a renda domiciliar igual ou superior a 5 salários mínimos.

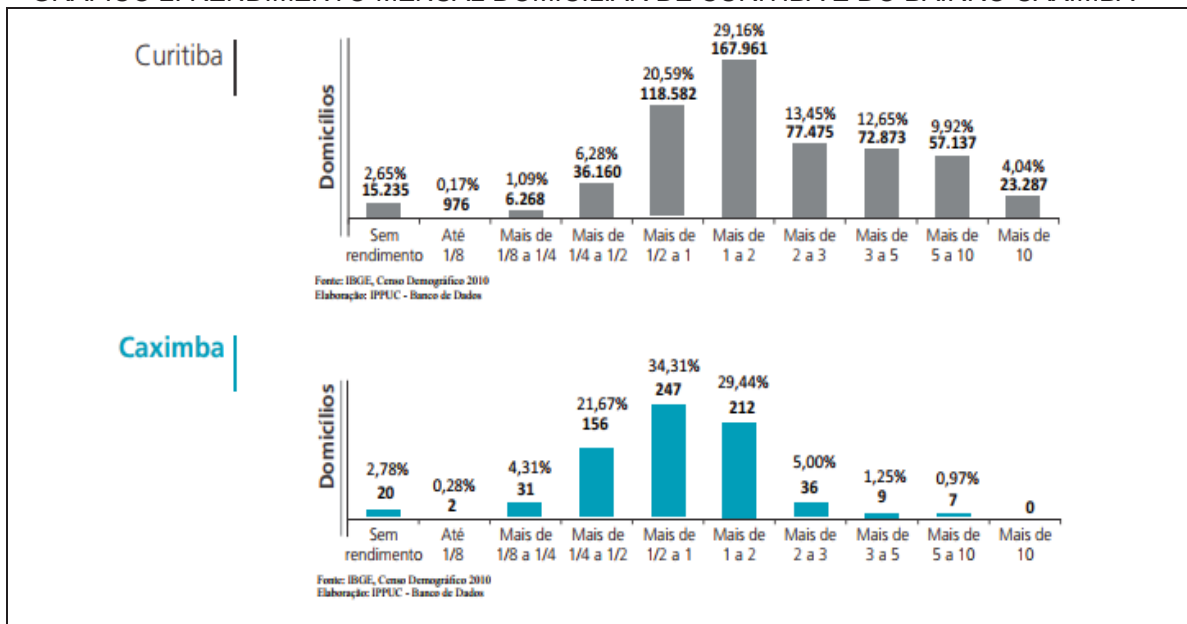
GRÁFICO 1: RENDIMENTO MENSAL DOMICILIAR DE CURITIBA E DO BAIRRO CABRAL



FONTE: IPPUC (2015b).

Por outro lado, como demonstra o gráfico 2, o bairro do Caximba, localizado no extremo sul da cidade, apresenta mais de 85% dos seus domicílios com a renda igual ou inferior a 2 salários mínimos.

GRÁFICO 2: RENDIMENTO MENSAL DOMICILIAR DE CURITIBA E DO BAIRRO CAXIMBA



FONTE: IPPUC (2015d)

Conforme o exemplo das rendas dos bairros Caximba e Cabral, pode-se afirmar que há uma grande desigualdade nas rendas domiciliares entre os bairros da cidade de Curitiba. A cidade cresce desigual e isso influencia diretamente nas

formas de viver de sua população. A renda domiciliar também oportuniza acesso diferenciado aos espaços e equipamentos da cidade e experiências de vida.

Pensando Curitiba também a partir da questão ambiental, é importante conhecer seu dimensionamento heterogêneo na disposição de áreas verdes. O IPPUC (2015a, 2015e), baseado em estudo da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, no ano de 2010, relata que a capital do Paraná apresenta 23,51% de áreas verdes em seu território, sendo que a média por habitante é de 58m². Mas, aproximando-se dos bairros, percebe-se uma grande diferença em relação a presença de áreas verdes. Uma comparação contundente que se pode fazer é cotejar dois bairros localizados em regiões diferentes da cidade. Um exemplo é o bairro Abranches, localizado no norte de Curitiba, que apresenta 35,55% de áreas verdes em seu território e a média por habitante de 116,38m², já o bairro Sitio Cercado, localizado na parte sul da cidade, tem 5,92% de áreas verdes no bairro e 5,70m² por habitante. Nota-se, nessa pequena comparação há também grande diferença e desigualdade dentro do território curitibano na presença de áreas verdes. (IPPUC 2015a, 2015e). As fotografias 3 e 4 apresentam esses dois bairros:

FOTOGRAFIA 3 – BAIRRO ABRANCHES



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA 4 – BAIRRO SITIO CERCADO



FONTE: A autora (2018).

Dessa forma, antes de conhecer onde estão localizados todos os parques e bosques de Curitiba, é válido saber qual é a compreensão que a cidade tem sobre essas áreas verdes. De acordo ao documento de apoio fornecido pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente que posteriormente será publicado, os parques podem ser definidos da seguinte forma:

Parques Municipais: São espaços públicos que reúnem, em amplas áreas verdes e aquáticas, desde um pequeno zoológico até um local para a realização de grandes eventos. Tratam-se de Unidades de Conservação, criadas pelo Poder Público (Federal, Estadual ou Municipal) com fins conservacionistas, científicos, educacionais e de lazer. Os parques municipais classificam-se em:

Parques de Conservação: São áreas destinadas à proteção de recursos naturais existentes, que possuem uma área mínima de 10ha (dez hectares), podendo conter corpos d'água, bosques de preservação ou qualquer outro bem de valor ambiental e que se destinem à manutenção da qualidade de vida e proteção do interesse comum de todos os habitantes.

Parques Lineares: São extensas áreas ao longo dos corpos d'água, em toda a sua extensão ou não, que visam garantir a qualidade ambiental dos fundos de vale, podendo conter bosques de preservação e mata ciliar dentro de sua área de abrangência.

Parques de Lazer: São áreas que se destinam ao lazer da população, possuindo uma área mínima de 10ha (dez hectares), podendo conter bosque de preservação ou vegetação de importância significativa, comportando equipamentos para recreação e esportes, como canchas de futebol, canchas polivalentes, playgrounds, churrasqueiras e outros atrativos da população. (CURITIBA, em fase de elaboração).

Os Bosques Municipais também estão presentes na cidade e são classificados em quatro formas:

Bosques de Conservação: São áreas destinadas à proteção dos recursos naturais existentes, contendo vegetação significativa de grande porte e

possíveis cursos d'água, possuindo área menos que 10ha (dez hectares) e que tem por objetivo a manutenção da qualidade de vida de todos os habitantes.

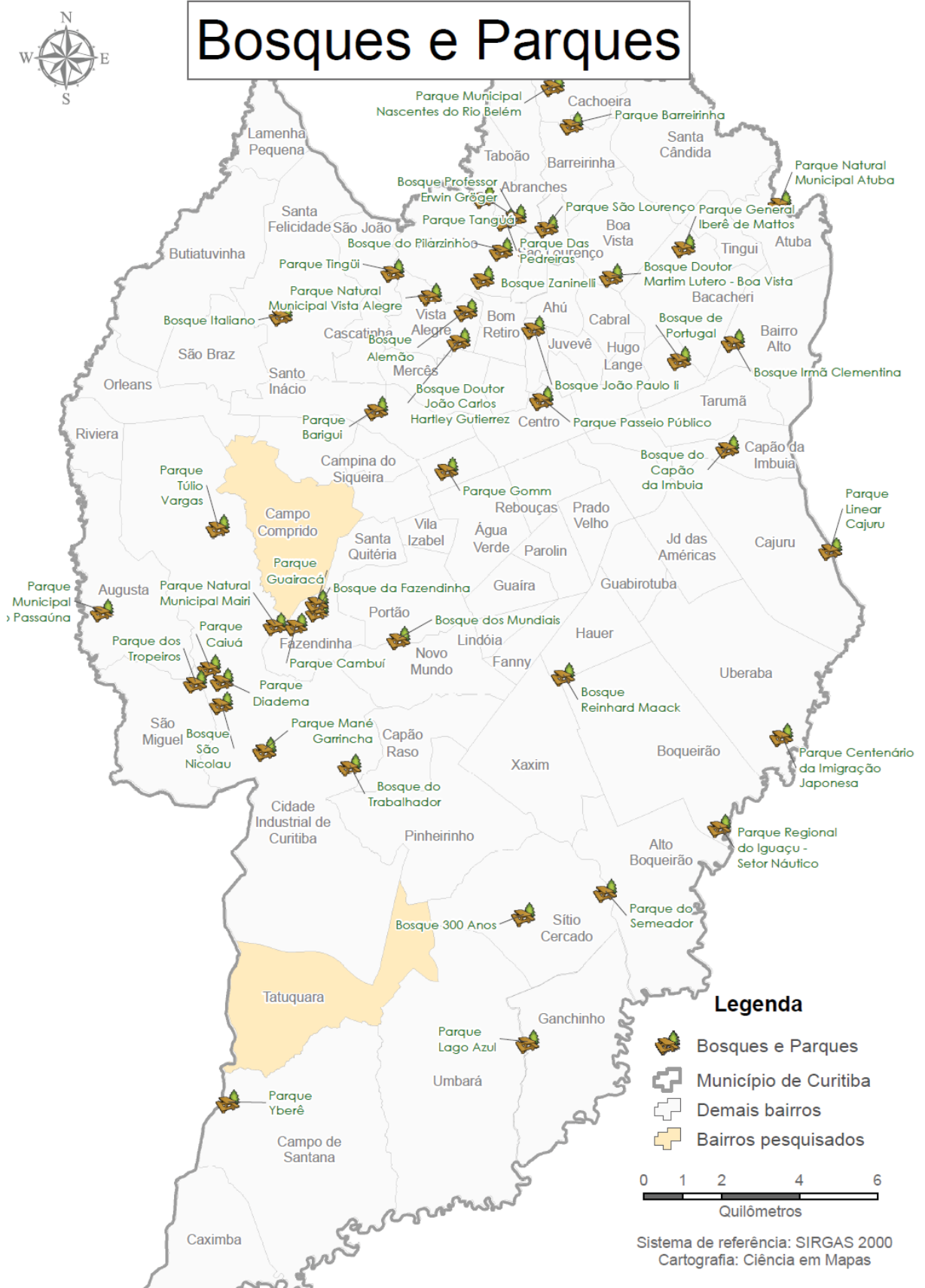
Bosques de Lazer: São áreas destinadas à proteção dos recursos naturais existentes, contendo ampla vegetação de importância significativa, com predominância de uso público de lazer, com área inferior a 10ha (dez hectares). Podem conter equipamentos de recreação como: canchas esportivas, playgrounds, espaços de lazer, etc.

Bosques Nativos Relevantes: São áreas com bosques de mata nativa, representativos da flora do município de Curitiba, que visam a preservação das águas existentes, do habitat da fauna, da estabilidade dos solos, de proteção paisagística e manutenção da distribuição equilibrada dos maciços vegetais, onde o município impõe a restrição à ocupação do solo e o uso pela população.

Bosques Temáticos: São áreas destinadas à proteção dos recursos naturais existentes, contendo ampla vegetação de importância significativa, com predominância de uso público e de lazer. Tem ligação direta com a preservação dos valores culturais e tradição das diferentes etnias que contribuíram com a formação da cidade de Curitiba, podendo conter edificações e monumentos que homenageiam essas diversas culturas e povos. (CURITIBA, em fase de elaboração).

Contudo, essas áreas verdes estão dispostas de forma desigual na cidade de Curitiba, há bairros com uma variedade de parques e bosques enquanto outros não contam com essas áreas. Conforme a figura 3, nota-se uma desigualdade na quantidade de parques e bosques no território da cidade de Curitiba.

FIGURA 3 – LOCALIZAÇÃO DOS PARQUES E BOSQUES EM CURITIBA



FONTE: IPPUC (2018). Elaboração: Ciências em Mapas (2018).

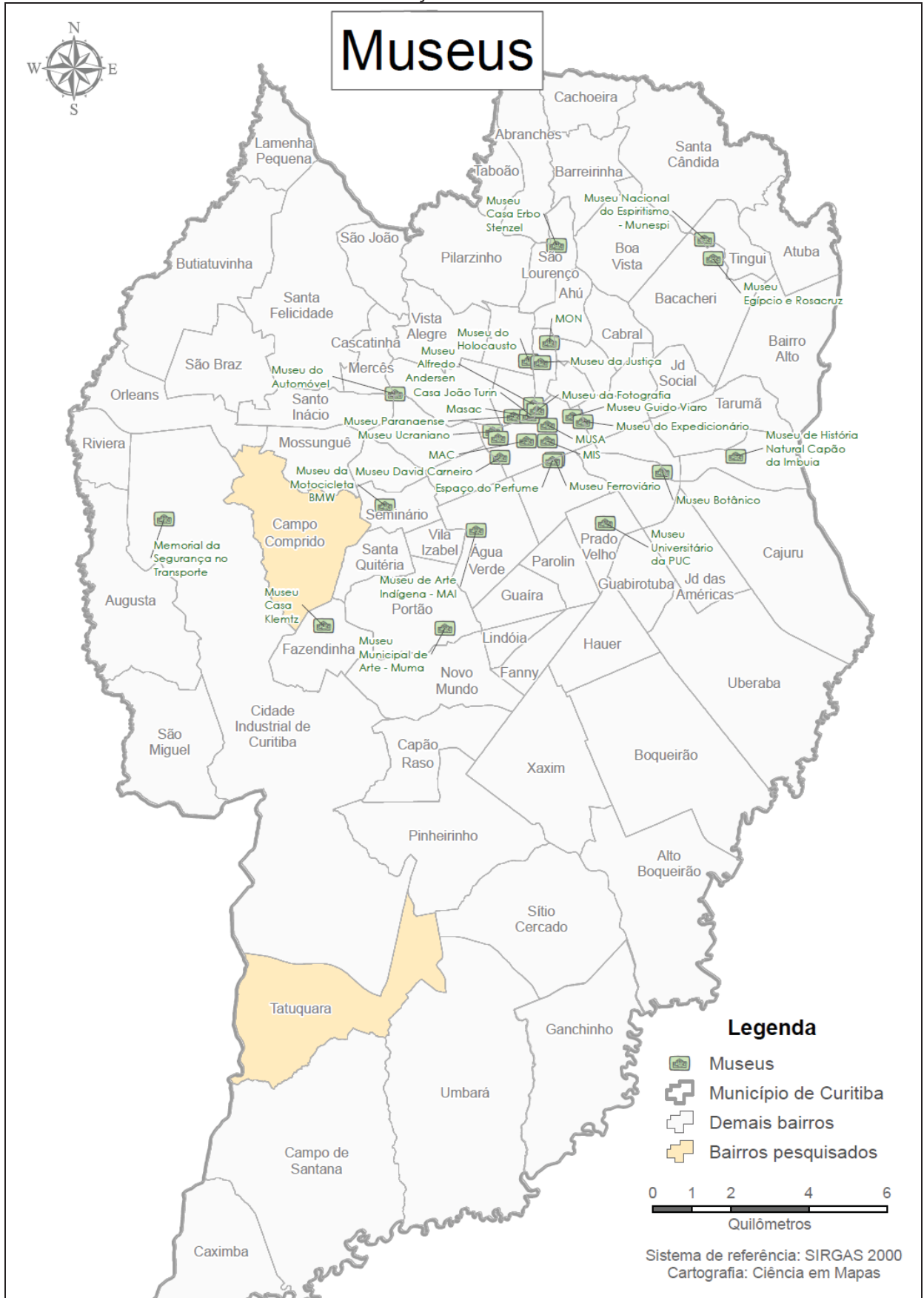
É importante ressaltar que, embora apareçam áreas verdes na parte sul de Curitiba, muitas delas apresentam-se abandonadas e tomadas pelo tráfico de drogas. As próprias crianças do **Tatuquara** partilham que alguns parques e bosques que estão em bairros próximos de suas casas estão destruídos e são perigosos. Essas crianças, no decorrer da pesquisa qualitativa, denunciam a desigualdade na manutenção das áreas verdes perto de suas casas, percebendo que os parques e praças não são cuidados pela prefeitura.

Percebe-se que a parte norte e central de Curitiba, a partir do planejamento urbano construído nas últimas décadas, oportuniza à população acesso com maior facilidade a parques e bosques com melhor infraestrutura e equipamentos. Já, a parte do extremo sul da cidade quase não conta com esses equipamentos para seus moradores.

É importante destacar que, no mapa da figura 3, em laranja, estão os bairros **Campo Comprido** e **Tatuquara** que são analisados no decorrer dessa pesquisa. Nota-se que o bairro **Campo Comprido** tem em sua proximidade famosos e reconhecidos parques e bosques, já o bairro **Tatuquara**, presente no sul de Curitiba, não tem próximo esses equipamentos urbanos.

Curitiba também conta com inúmeros museus, alguns são conhecidos como pontos turísticos da cidade. Esses espaços são frequentados tanto pela população curitibana quanto por pessoas que visitam a cidade. Dessa forma, também é importante destacar que a localização dos museus também é desigual no território da cidade de Curitiba. Conforme destaca a figura 4, há presença marcante desses equipamentos na região central de Curitiba, e ausência na parte sul da cidade.

FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO DOS MUSEUS EM CURITIBA



FONTE: IPPUC (2018). Elaboração: Ciências em Mapas (2018).

O artigo 1º da Lei 11.904 de 2009 que institui os Estatuto dos Museus no Brasil, classifica os espaços denominados museus da seguinte forma:

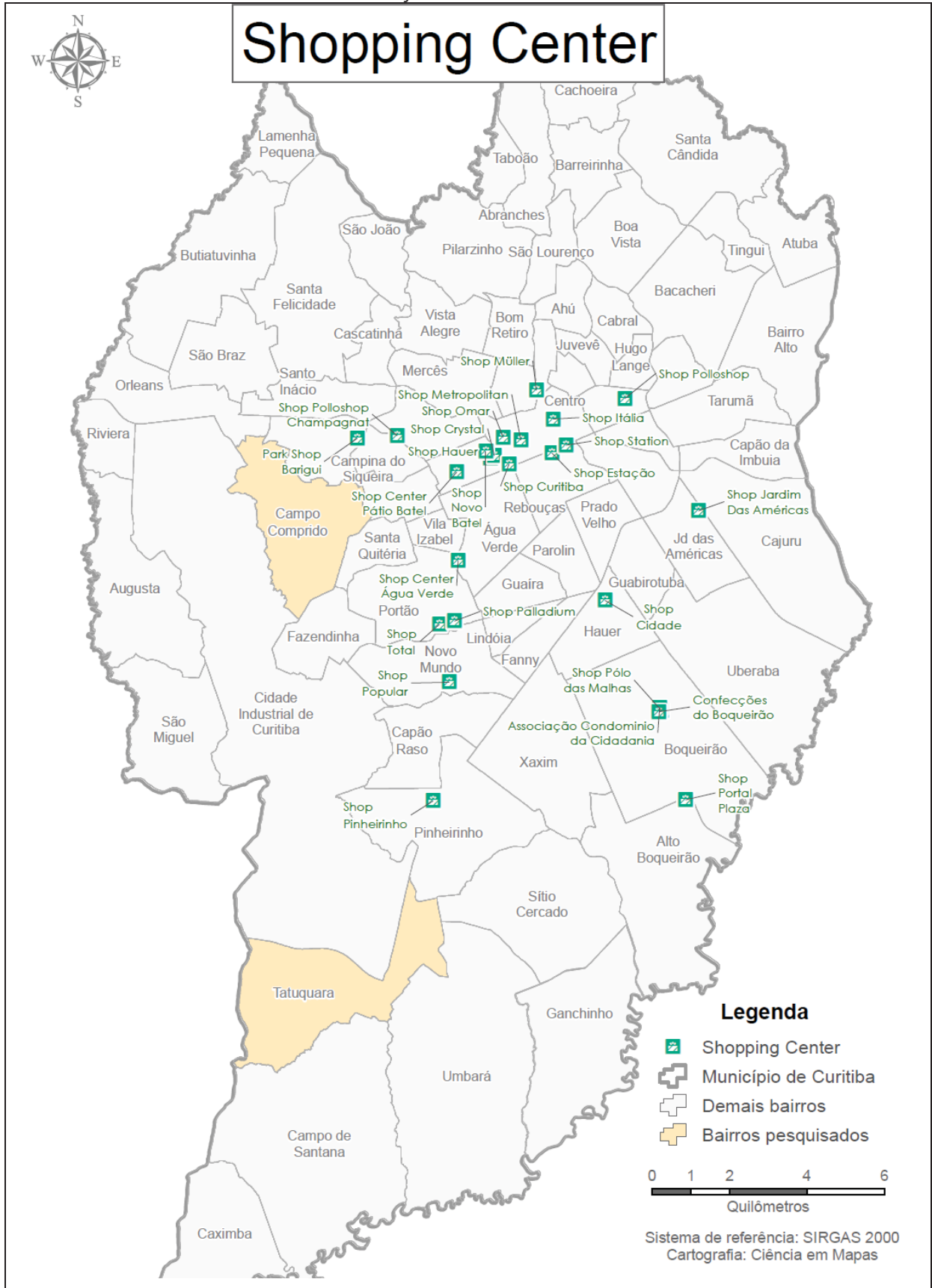
Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Curitiba, além das áreas verdes e dos museus, também conta com diversos shoppings centers em seu território. Sabe-se que o shopping center é um espaço presente na vida de várias famílias curitibanas e muitas crianças frequentam esses espaços como apresentado no decorrer dessa pesquisa. É importante destacar que hoje quase todos os cinemas estão presentes nos shoppings centers, levando ainda mais as famílias frequentarem esses espaços, proporcionando também uma vivência cultural.

Padilha (2006) discute sobre a função dos shoppings centers na sociedade capitalista contemporânea. Para ela, o shopping center tem como objetivo principal a criação de uma cidade ideal com várias opções atraentes de consumo. Hoje, além de ser um espaço de compras, o shopping center é um espaço de lazer, em que as pessoas buscam ocupar o seu tempo livre. Dessa forma, o shopping center utiliza recursos poderosos de influência, relacionando o consumo com a realização e com a felicidade e, assim, manipulando as necessidades das pessoas e colaborando na construção de suas identidades.

Referente a localização dos shoppings centers na cidade de Curitiba, a figura 5 demonstra a presença desses espaços na região central e em uma determinada localidade da região sul. Como nas outras situações, o bairro **Campo Comprido** está próximo desses equipamentos, porém o bairro **Tatuquara**, apesar de uma menor distância comparado a museus e parques, ainda não tem em sua proximidade esse serviço.

FIGURA 5 – LOCALIZAÇÃO DOS SHOPPINGS EM CURITIBA



FONTE: IPPUC (2018). Elaboração: Ciências em Mapas (2018).

Assim, a partir da realidade heterogênea e desigual que se mostra na cidade de Curitiba, em que a desigualdade espacial, social, econômica e populacional são variáveis presentes, vale constituir um estudo investigativo que procure entender como se desenvolvem as redes de interdependência das crianças nesses espaços alicerçado em um percurso metodológico que leve em consideração todas essas problematizações.

3.2 O CAMINHO PERCORRIDO

Como já citado no capítulo da Introdução, a presente pesquisa desdobrou-se a partir das investigações do grupo de estudos *“Vivendo a infância na cidade: redes de interdependência de crianças e processos de socialização em configurações urbanas”* de um grupo de estudos de uma professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) que, desde o ano de 2010, analisa as formas de socialização das crianças na cidade de Curitiba. Em um de seus estudos, o grupo trabalhou com 1600 questionários²⁸, respondidos em casa por famílias de crianças que estudam no 5º ano de 27 escolas públicas municipais dispostas nos 9 núcleos regionais de Curitiba. Dessa forma:

A intenção de realizar a coleta de dados quantitativos foi a de coletar dados gerais, extensivos, que oferecessem um maior conhecimento do terreno de pesquisa para que, em um segundo momento, se pudesse realizar com mais segurança uma coleta de dados intensiva e aprofundada. Sobre essa questão, o interessante foi verificar que esta análise já trouxe uma série de dados e pistas importantes sobre diferenças no uso do bairro por crianças que moravam e estudavam em diferentes regiões da cidade. (FERREIRA, V.; FERREIRA, S., no prelo).

Já conhecendo a distribuição das nove regionais de Curitiba no início da pesquisa, Ferreira, V e Ferreira, S (no prelo) relatam que a escolha dos bairros de cada regional se deu a partir do critério de que pelo menos uma das pesquisadoras do grupo conhecesse bem o bairro. Feito esse levantamento e após a seleção dos bairros, escolheu-se as escolas públicas municipais de período regular que estivessem presentes em regiões diferentes no mesmo bairro:

²⁸ O questionário dispunha de 40 questões, sendo a maioria fechada e algumas abertas. Ao final, era possível que a família deixasse alguma sugestão ou crítica.

Uma escola que estivesse em uma região bem localizada do bairro (próxima de comércio, grandes avenidas, acesso a ônibus e outros equipamentos importantes do bairro), chamada Perfil 1; uma escola localizada em uma parte mais afastada do bairro (com poucos equipamentos, longe das grandes avenidas e/ou espaços considerados regiões vulneráveis ou favelas) chamada na pesquisa de Perfil 3; e em terceira escola situada em uma região intermediária destas duas outras escolas, chamada na pesquisa de Perfil 2. (FERREIRA, V.; FERREIRA, S, no prelo).

Ressalta-se que em algumas situações, apesar da comunidade utilizar o bairro pesquisado, a unidade escolar estava localizada em outro bairro. Também, em alguns bairros, não existiam três escolas municipais, precisando buscar outras unidades escolares em bairros próximos na mesma regional.

No caso da não possibilidade de escolha de outra escola que mantivesse o critério de seleção de apenas um bairro para cada regional, precisou-se abranger 2 ou até 3 bairros próximos dentro de uma mesma regional. Foi o caso da Regional da Matriz por exemplo, regional pequena que acabou agregando escolas vizinhas, para se poder manter o critério dos três diferentes perfis. (FERREIRA, V.; FERREIRA, S, no prelo).

Sendo assim, as fotografias a seguir podem ilustrar o entorno dos três perfis de escolas municipais da Regional do Boa Vista. Nota-se que a escola do Perfil 1, está próxima a grandes avenidas do bairro, com comércios, parques, praças, bibliotecas e acesso a ônibus. A escola do Perfil 2 está localizada em um conjunto residencial mais antigo próximo a comércios, farol do saber e parques. Já, a escola do Perfil 3, situa-se em uma parte do bairro mais afastada, onde está concentrada uma área de vulnerabilidade. E por fim, a escola do Perfil 4, constituída nesse presente estudo, que é a escola privada com a mensalidade mais alta do bairro, está em uma região próxima a condomínios e a áreas verdes famosas da cidade.

FOTOGRAFIA 5 – ARREDORES DE UMA ESCOLA DE PERFIL 1 DA PESQUISA



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA 6 – ARREDORES DE UMA ESCOLA DE PERFIL 2 DA PESQUISA



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA 7 – ARREDORES DE UMA ESCOLA DE PERFIL 3 DA PESQUISA



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA 8 – ARREDORES DE UMA ESCOLA DE PERFIL 4 DA PESQUISA



FONTE: A autora (2018).

Nesse sentido e levando em consideração as situações relatadas acima, foram trabalhados com questionários de escolas públicas municipais presentes em 13 bairros de Curitiba²⁹. É interessante destacar que, com a análise dos dados de um mesmo bairro (pensando-se nos perfis 1, 2 e 3 de um mesmo bairro), já há desigualdade nos processos de socialização das crianças no uso dos equipamentos de cultura e lazer. Mas, quando a comparação da utilização dos espaços é entre distintas regionais, a diferença é maior ainda. Segundo os dados coletados nos questionários preenchidos pelas famílias de todas as regionais curitibanas e a partir do levantamento da localização dos equipamentos urbanos de Curitiba, percebe-se que nos bairros em que a cidade oferece mais parques, bibliotecas, museus e teatros (notadamente bairros centrais e ao norte), observa-se uma maior frequência das crianças nesses espaços. Já, onde esses espaços públicos não existem ou existem em muito menor quantidade e/ou de forma precária (bairros ao sul e extremo sul), as crianças frequentam mais igrejas, shoppings e em último caso, pagam por lazer. Pode-se dizer que o espaço tem um importante papel nas socializações infantis. (FERREIRA, V.; FERREIRA, S, no prelo).

Desta forma, levando-se em consideração os dados já coletados nas escolas públicas municipais, optou-se em fazer a pesquisa quantitativa com os questionários em escolas privadas. Além disso, por meio da pesquisa qualitativa, buscou-se

²⁹ Bairros selecionados a partir de cada núcleo: Regional Boa Vista (Pilarzinho), Regional Matriz (Bom Retiro, Alto da XV e Rebouças), Regional Santa Felicidade (Campo Comprido, Santo Inácio, Mossunguê), Regional Pinheirinho (Tatuquara), Regional Bairro Novo (Umbará), Regional do Portão (Novo Mundo), Regional Boqueirão (Xaxim), Regional Cajuru (Uberaba) e Regional Cidade Industrial de Curitiba (CIC).

escutar a opinião das crianças das escolas privadas e públicas sobre o bairro e a cidade de Curitiba por meio de recursos metodológicos qualitativos. Assim, partindo dos contrastes encontrados entre norte/centro e sul da cidade, optou-se por escolher bairros nestas duas localidades, para a pesquisa qualitativa.

Desse modo, abaixo, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa que estiverem presente no decorrer dessa investigação.

3.2.1 Pesquisa Quantitativa

Para realizar a pesquisa com crianças pertencentes à rede privada de ensino, foram levantados dados das escolas privadas³⁰ de Curitiba. A intenção era conhecer as experiências de crianças com um alto nível de renda no bairro já pesquisado. Assim, para entrega dos questionários (anexo 4) para as famílias responderem, escolheu-se a escola privada de maior mensalidade. Quando a escola com a maior mensalidade não autorizava a pesquisa, reportava-se a escola com a segunda maior mensalidade, e assim por diante.

Na tabela 1, foram descritos alguns aspectos das escolas que contribuíram com a pesquisa como o valor da mensalidade e a classificação no bairro referente a esse item.

³⁰ Para esse levantamento utilizou-se como subsidio a ferramenta Consulta à Escolas da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) tendo como referência a cidade de Curitiba. Site de consulta: <http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/#>.

TABELA 1 – VALOR DA MENSALIDADE DAS ESCOLAS PRIVADAS POR BAIRRO E CLASSIFICAÇÃO NA ESCOLHA PARA A PESQUISA

Regional	Bairro	Mensalidade do 5º ano da escola pesquisada em 2016.	Classificação da escola no bairro referente ao valor da mensalidade ³¹
Bairro Novo	Umbará	R\$ 378,00	1ª
CIC	CIC	R\$ 450,00	2º
Pinheirinho	Tatuquara	R\$ 475,00	1ª
Boa Vista	São Lourenço	R\$ 500,00	4ª
	Boa Vista	R\$ 485,00	5º
Cajuru	Uberaba	R\$ 568,00	1ª
	Uberaba	R\$ 515,00	2ª
Portão	Novo Mundo	R\$ 582,00	3ª
Boqueirão	Xaxim	R\$ 872,91	1ª
Santa Felicidade	Campo Comprido	R\$ 1197,00	1ª
	Campo Comprido	R\$ 1094,00	2ª
Matriz	Bom Retiro	R\$ 1542,00	1ª

FONTE: A autora (2017).

É interessante destacar que, em algumas regionais, a pesquisa foi realizada em mais de uma escola. Dois foram os motivos: a pouca adesão das famílias no preenchimento dos questionários e demora do retorno sobre a adesão à pesquisa de algumas escolas.

É importante relatar que todas as instituições que possibilitaram a entrega dos questionários, receberam o retorno dos dados coletados da pesquisa por meio de uma planilha³².

Os dados encontrados nas escolas privadas foram colocados em planilhas, transformados em gráficos e tabelas e por fim analisados. Após esse procedimento, acrescentou-se os dados das escolas privadas aos dados das escolas públicas já coletados na pesquisa exploratória. Dessa forma, a partir desta coleta, foram escolhidos dois bairros contrastantes, ou seja, que são opostos na frequência da utilização dos espaços do bairro, para a realização da pesquisa qualitativa. Os dados coletados nas escolas privadas foram categorizados como Perfil 4, conforme já relatado anteriormente.

Dessa forma, com o quarto perfil constituído, apresenta-se o quadro 7 com as regionais de Curitiba e os bairros envolvidos na pesquisa:

³¹ As escolas foram classificadas a partir do maior valor da mensalidade dentro do bairro pesquisado. Nota-se que os valores destoam entre si dependendo do bairro. O valor do poder aquisitivo dos moradores, provavelmente, pode ser uma das explicações dessa diferença.

³² Para cada escola que colaborou com a pesquisa quantitativa, encaminhou-se um e-mail com os dados coletados em planilha e com os gráficos gerados. Cada questão do questionário gerou um gráfico diferente. No Apêndice 1 são trazidos alguns gráficos encaminhados para uma escola privada da Regional Boa Vista que colaborou com a pesquisa, como exemplo dessa parte do trabalho

QUADRO 7 – BAIRROS DOS PERFIS DE CADA REGIONAL CURITIBANA

Regional	Perfil 1 – Bairro pesquisado	Perfil 2 – Bairro pesquisado	Perfil 3 – Bairro Pesquisado	Perfil 4 – Bairro Pesquisado
Bairro Novo	Sítio Cercado	Ganchinho	Umbará	Umbará
Boa Vista	Pilarzinho	Pilarzinho	Pilarzinho	Boa Vista/ São Lourenço
Boqueirão	Xaxim	Xaxim	Xaxim	Xaxim
Cajuru	Uberaba	Uberaba	Uberaba	Uberaba
CIC	Cidade Industrial	Cidade Industrial	Vila São Miguel	Cidade Industrial
Matriz	Alto da XV	Bom Retiro	Rebouças	Bom Retiro
Pinheirinho	Tatuquara	Tatuquara	Tatuquara	Tatuquara
Portão	Novo Mundo	Novo Mundo	Novo Mundo	Novo Mundo
Santa Felicidade	Santo Inácio	Mossunguê	Campo Comprido	Campo Comprido

FONTE: A Autora (2017).

Assim, após a constituição do Perfil 4, buscou-se conhecer como é a utilização dos espaços da cidade de Curitiba pelas crianças pesquisadas em todos os perfis a partir de respostas do questionário em que foi problematizada a frequência das crianças a alguns espaços consolidados³³ da cidade. Os espaços avaliados foram: parques, shoppings, museus e cinemas. Essa escolha partiu da observação da presença marcante de crianças curitibanas nesses espaços sozinhas ou acompanhadas de suas famílias. Vale destacar que eles podem exemplificar várias práticas cotidianas presentes nas famílias como o consumo, o lazer e o entretenimento.

Também é importante destacar que, para essa primeira etapa da pesquisa, levou-se em consideração, conforme relatado anteriormente, os espaços consolidados da cidade produzidos pelos adultos. Independente se o espaço era apropriado ou não, o importante, para esse primeiro momento, era a presença de crianças nele.

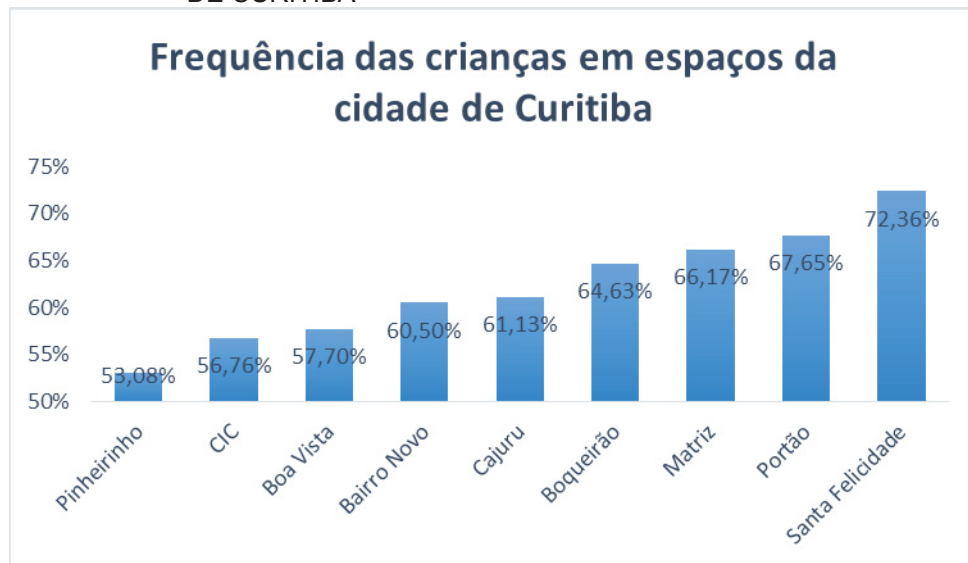
No questionário dos quatro perfis, as famílias deveriam marcar se a criança frequentava ou não aquele espaço consolidado na cidade. Dessa forma, em cada regional constitui-se uma média geral da frequência das crianças nos espaços consolidados citados³⁴.

³³ Espaços convencionais reconhecidos pela população, mídia, etc., como espaços de lazer e cultura. Sabe-se que existem muitos espaços frequentados pelas crianças, mas, para essa etapa da pesquisa, selecionou-se esta parte do questionário por querer entender o direito à cidade e o que a cidade oferece às crianças.

³⁴ Em cada regional e partindo das respostas afirmativas sobre a frequência da criança em espaços da cidade, sem levar em consideração a quantidade de frequência da criança no espaço consolidado mas somente se ela frequenta, foi construída uma média de frequência para cada tipo de espaço consolidado (parques, cinemas, shoppings e museus) e de acordo ao perfil da escola. Após essa etapa, somou-se a média de frequência dos quatro perfis de cada espaço consolidado e gerou-se uma média geral. Depois, todas as médias gerais dos espaços consolidados foram

Este trabalho foi construído em cada regional para possibilitar uma reflexão sobre semelhanças e diferenças no que se refere a utilização de espaços consolidados curitibanos. O gráfico 3 compara a média da frequência geral por regional das crianças em alguns dos espaços consolidados destacados nesse momento da pesquisa:

GRÁFICO 3 - FREQUÊNCIA DAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS CONSOLIDADOS DE CURITIBA



FONTE: A autora (2017).

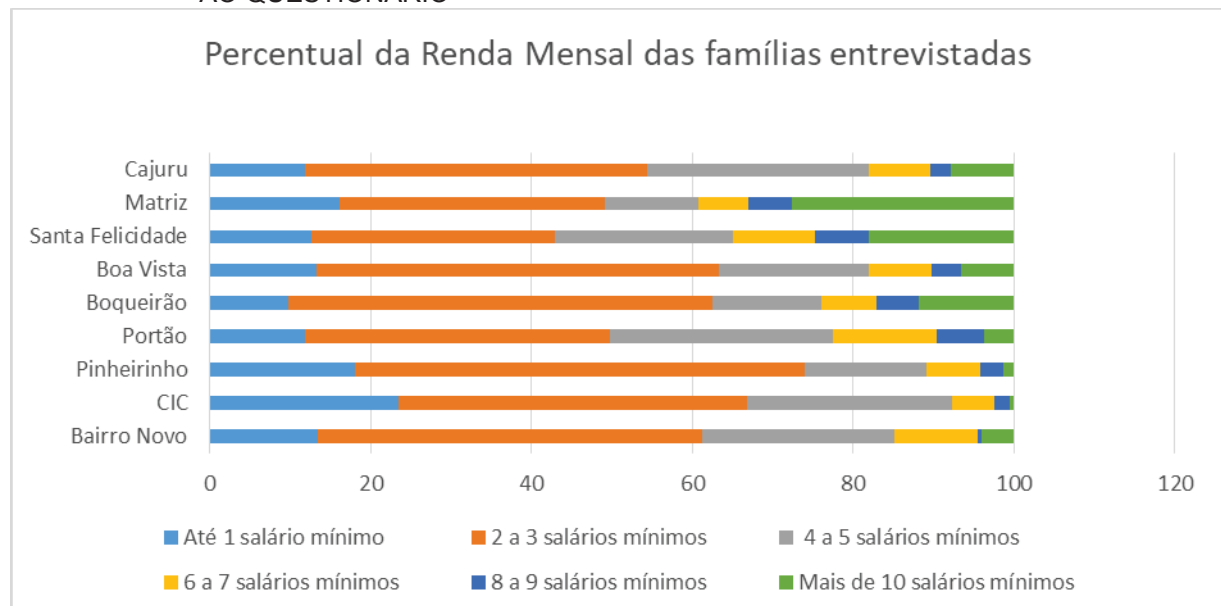
Observando o gráfico 3, nota-se que a média geral de frequência das crianças nos espaços consolidados da cidade de Curitiba apresenta semelhanças e diferenças entre as regionais. Enquanto as crianças pesquisadas das Regionais ao sul, Pinheirinho e CIC, utilizam menos os espaços legitimados da cidade, as crianças das Regionais Portão (ao sul, mas com amplas possibilidades de transporte coletivo e de diversos equipamentos muito próximos), Matriz (central) e Santa Felicidade (norte e central) vivenciam mais esses espaços. Percebe-se uma diferença de quase 20% no valor das médias gerais entre as Regionais Santa Felicidade e Pinheirinho (as regionais que ficaram nos dois extremos). Desta forma, é importante problematizar e refletir sobre o que significa essa diferença, já que as crianças estão imersas nessas regionais e experimentam diariamente a cidade de Curitiba.

somadas e, assim, uma média da regional referente à frequência nos espaços consolidados da cidade, pelas crianças, foi obtida. No Apêndice 2 há o exemplo dessa construção com a regional Pinheirinho e Santa Felicidade.

Outra informação importante para destacar é a questão do percentual de renda mensal das famílias entrevistadas nas nove regionais. Considerando os quatro perfis de cada regional, agruparam-se as respostas³⁵ iguais, sendo descartados nessa etapa, os questionários que não tiveram respostas nessa questão³⁶.

Observando os dados gerais obtidos a partir de todos os questionários, de todos os perfis, no que diz respeito à questão da renda familiar, o gráfico 4 traz as informações sobre a renda média bruta familiar em todas as regionais

GRÁFICO 4 – PERCENTUAL DA RENDA MÉDIA MENSAL DAS FAMÍLIAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO



FONTE: A autora (2017).

Novamente a diferença é presente na cidade de Curitiba. Há regionais em que mais de 60% das crianças pesquisadas vivem em famílias com renda de até 3 salários mínimos, como é o caso do Boa Vista, Boqueirão, Pinheirinho, CIC e Bairro Novo. Enquanto que na Matriz e Santa Felicidade, mais 35% das crianças vivem em famílias com mais de 6 salários mínimos.

³⁵ A questão pedia para que marcasse um X na renda bruta total da família. As opções eram: a) Até 1 salário mínimo; b) De 2 a 3 salários mínimos; c) De 4 a 5 salários mínimos; d) De 6 a 7 salários mínimos; e) De 8 a 9 salários mínimos e f) Mais de 10 salários mínimos (Apêndice 3).

³⁶ Em cada perfil, constatou-se uma média percentual para cada nível de salário. A soma total das médias das respostas de cada perfil deveria ser de 100%. Depois, somou-se as médias de cada nível de salário dos perfis da regional e gerou-se um valor de renda média percentual. No Apêndice 2 há exemplos de construção dessa questão com a regional Pinheirinho e Santa Felicidade.

Dessa forma, para dar continuidade a pesquisa, decidiu-se então, na metodologia qualitativa, escolher duas regionais que aparecem opostas nos gráficos 3 e 4 e que indicariam, portanto, pouco ou muito acesso aos equipamentos de lazer e cultura na cidade como também rendas médias familiares diferentes. As regionais escolhidas foram a Regional Pinheirinho e a Regional Santa Felicidade. Neste sentido, a partir da diferença acentuada na questão da utilização dos espaços da cidade pelas crianças das duas redes de ensino, foram analisados com elas, como são tecidos os significados desses espaços em suas redes de interdependência.

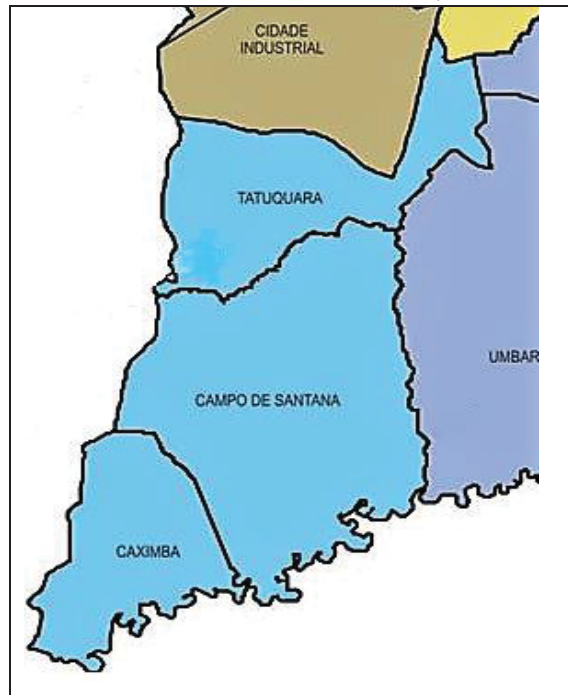
Vale ressaltar, que para esse segundo momento de pesquisa, o bairro **Tatuquara**, foi considerado pertencente à nova Regional Tatuquara, já que a sua criação foi no final do ano de 2015, e não mais a Regional Pinheirinho como na pesquisa quantitativa.

3.2.2 Pesquisa Qualitativa

Antes de iniciar a apresentação do percurso metodológico da parte qualitativa dessa pesquisa, é importante conhecer algumas características das regionais curitibanas e dos bairros escolhidos. Com esse intuito, será discorrida uma breve apresentação sobre a Regional Tatuquara, a Regional Santa Felicidade, o bairro **Tatuquara** e o bairro **Campo Comprido**.

A **Regional Tatuquara** atende os bairros do **Tatuquara**, Caximba e Campo de Santana, como ilustra a figura 6, logo a seguir, e foi criada no dia 14 de novembro de 2015. Esses bairros pertenciam antes à Regional Pinheirinho. Segundo o site oficial da Prefeitura de Curitiba, o objetivo da criação da Regional Tatuquara foi “melhorar o atendimento da população de uma das regiões que mais cresce na cidade”. (CURITIBA, 2015, não paginado). Argumenta-se que, a partir dessa nova regional, os moradores podem ter acesso a serviços públicos em locais mais acessíveis e próximos de suas residências. Junto com a criação da Regional Tatuquara, foi inaugurada também a Rua da Cidadania, com atendimentos da Companhia de Habitação Popular de Curitiba (COHAB), Fundação Cultural de Curitiba (FCC), Fundação de Ação Social (FAS), Agência do Trabalhador, Secretárias Municipais, serviços da Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR) e da Urbanização de Curitiba (URBS).

FIGURA 6 – REGIONAL TATUQUARA



FONTE: Adaptada do Pagina oficial da Prefeitura de Curitiba (2017)

Na Regional Tatuquara estão presentes alguns equipamentos conhecidos por vários curitibanos. Um deles, conforme a fotografia 9, é o Parque Yberê, muito utilizado para a prática de esportes e lazer em família. Outro equipamento conhecido pelos curitibanos é o Aterro Sanitário de Curitiba, conhecido popularmente como Aterro do Caximba, que recebia até 2010 o lixo da cidade de Curitiba e da região metropolitana. Hoje não recebe mais resíduos e passa por um tratamento. A fotografia 10 ilustra esse espaço:

FOTOGRAFIA 9 – PARQUE YBERÊ



FONTE: Curitiba (2016).

FOTOGRAFIA 10 –ATERRO SANITÁRIO DE CURITIBA



FONTE: Curitiba (2018).

O bairro **Tatuquara**, sendo um dos três bairros pertencentes à essa regional, é um dos campos de investigação para a composição da parte qualitativa da pesquisa, por isso é importante ressaltar alguns dados sobre ele. O nome **Tatuquara** significa na língua tupi-guarani “buraco do tatu”, possui uma população de 52.780 habitantes e sua extensão territorial é de 11,23 km² (IBGE, 2010). Segundo dados do IPPUC (2015f), **Tatuquara** já aparece nos registros históricos da cidade de Curitiba no ano de 1786. Esse bairro era utilizado como ponto de passagem para o trânsito de boiadas, ligando o bairro Umbará ao **Campo Comprido**. É importante ressaltar que por muitos anos, conforme dados do IPPUC (2015e), o bairro **Tatuquara** manteve-se predominantemente rural em suas atividades econômicas.

Sabe-se que o bairro **Tatuquara** cresceu muito em população nas últimas décadas, por causa de políticas habitacionais. Segundo o pesquisador Souza (2002), o processo de urbanização e adensamento populacional do bairro **Tatuquara** é um fenômeno recente, remontando a década de 1980. Nos anos de 1960 e 1970, a COHAB implantou vários loteamentos da prefeitura para famílias de baixa renda (3,5 salários mínimos) nesse bairro. No ano de 1980 existiam 3.705 habitantes no bairro, já em 1990 o número multiplicou-se para 19.465 habitantes.

O mesmo pesquisador vê o bairro **Tatuquara** como uma outra cidade dentro de Curitiba, longe daquela apresentada para os turistas. Percebe que o bairro leva um estigma de marginalidade, violência e tráfico de drogas. Segundo Souza (2002):

Para um visitante que circule por aquelas plagas a impressão que fixada num primeiro momento é de que o Tatuquara, lembra a zona leste paulistana. Tal como esta, o Tatuquara é um imenso aglomerado de casas apinhadas em eterno construir, um bairro em construção, com áreas faveladas salpicadas por exuberantes extensões verdes, incredivelmente preservadas, embora cercado de fábricas e poluição, sobretudo pela fábrica de celulose COCELPA (Companhia de celulose e papel) torna o ar do bairro em manhãs de inverno seco quase irrespirável. (SOUZA, 2002, p. 15).

A partir dos dados do Censo Demográfico 2010 disponibilizados pelo caderno Nosso Bairro do IPPUC (2015f), o **Tatuquara** conta com uma população 65,05% branca, 30,02% parda, 4,44% preta, 0,35% amarela e 0,14% indígena³⁷. Há 13 áreas de ocupação irregular no bairro³⁸ e, em 2010, referente a questões de segurança, foram registrados 106,10 homicídios por 100.000 habitantes.³⁹

No que tange as áreas verdes públicas, o documento do IPPUC (2015f) afirma que o bairro **Tatuquara** não conta com muitas áreas verdes públicas. O gráfico 5, baseado em estudo realizado pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente, traz a quantidade de áreas verdes disponibilizadas em Curitiba e no bairro **Tatuquara**:

GRÁFICO 5 – ÁREAS VERDES NA CIDADE DE CURITIBA E NO BAIRRO TATUQUARA.

Áreas verdes públicas										
Localidade	Bosque de Preservação	Bosques	Eixos de Animação	Jardinetes	Jardim Ambiental	Largos	Núcleos Ambientais	Parques	Praças	Total
Curitiba	1	16	18	461	2	56	31	22	452	1.064
Tatuquara	--	--	2	6	--	--	--	--	9	17

Fonte: SMM/ Parques e Praças, 2012
Elaboração: IPPUC - Banco de Dados

FONTE: IPPUC (2015f).

Antes de prosseguir com a discussão, é importante definir o que são essas áreas verdes públicas apresentadas pelo documento do IPPUC (2015f). Segundo as informações disponibilizadas pelo documento de apoio da Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Curitiba (2018) que está em elaboração, as áreas verdes públicas podem ser definidas da seguinte maneira:

Praças: São espaços livres na cidade, com área superior a 2500m², destinadas ao lazer, e ao convívio social da população. Permeando a malha urbana, cumprem a sua finalidade como áreas que visam melhorar os fatores ambientais do ecossistema urbano, favorecem as condições de

³⁷ Segundo o Censo 2010, a cidade de Curitiba conta com uma população de 78,88% de brancos, 16,79% de pardos, 2,85% de pretos, 1,32% de amarelos e 0,15% de indígenas.

³⁸ O Censo 2010 apontou 381 ocupações irregulares em Curitiba.

³⁹ Em Curitiba, no ano de 2010, foram registrados 42,81 homicídios por 100.000 habitantes.

ventilação e aeração dos bairros, de insolação das edificações, de drenagem superficial e de reserva futura para adensamento da vegetação. [...] As praças caracterizam-se conforme o seu uso: Praças de Lazer, Praças Esportivas e Praças Temáticas.

Eixos de Animação: São áreas remanescentes ao longo de uma rua, fundos de vale ou refúgios centrais com grandes larguras, que permitam a implementação de área de lazer, esportivo ou paisagismo e que abranjam mais de uma quadra.

Jardinetes: São áreas de lazer, com área inferior a 2.500m², de uso público urbano, podendo conter paisagismo composto de vegetação de pequeno e médio porte, monumentos ou bustos de pessoas homenageadas. Embora tratem-se de logradouros com pequenas dimensões, podem comportar também playgrounds, equipamentos esportivos com canchas de futebol de areia e vôlei.

Jardim Ambiental: Trata-se de um trecho de rua fechado à circulação de veículos, permitindo apenas o acesso de moradores. Poderá conter paisagismo com vegetação de pequeno e grande porte, equipamentos esportivos (canchas polivalentes), playgrounds, estar entre outros.

Largos: São áreas remanescentes de loteamento ou arruamento e lindeiras a um cruzamento de várias ruas, formando um conjunto de vários jardins. A vegetação pode ser de pequeno e grande porte, aproveitando-se a arborização viária já existente.

Núcleos ambientais: São áreas formadas pelo encontro de ruas bloqueadas, constituindo uma área central, que poderá conter paisagismo, estar com bancos e até um pequeno playground. (CURITIBA, em fase de elaboração)

Esse documento de apoio vem ao encontro das informações contidas no Decreto nº 427/83 que define critérios para denominação de áreas públicas ajardinadas, porém esse material contempla apenas as definições de jardinetes, praças, eixos de animação e largos.

Assim, referente às áreas verdes públicos do bairro **Tatuquara**, consultou-se a página da Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Curitiba (SMMA)⁴⁰ para encontrar a localidade de alguns desses espaços. Para essa pesquisa e com a intenção de melhor conhecer esse bairro, visitou-se essas áreas verdes públicas. Percebeu-se várias especificidades, algumas áreas verdes estão bem cuidadas com extensa vegetação, porém, a maioria encontra-se em péssimas condições (há lixos jogados no espaço, pichações, depredação, matos precisando ser cortados). Grande parte das áreas verdes do bairro **Tatuquara** apresentam canchas esportivas e algumas possuem brinquedos para crianças e equipamentos para atividades físicas. Várias dessas áreas verdes são vizinhas de rios que se apresentam poluídos com lixo em suas margens (Apêndice 4).

Além dessas áreas verdes públicas, o bairro **Tatuquara** conta com outros espaços como Centro de Atividade Física, Centro de Esporte e Lazer e Portal do Futuro. Também há 11 academias ao ar livre presentes em praças ou em ruas que

⁴⁰ <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/pracas-regional-pinheiro-tatuquara/424>

contam com aparelhos que servem para a realização de atividades colaborando com a qualidade de vida das pessoas.

Um outro equipamento público encontrado no bairro **Tatuquara** e muito citado pelas crianças durante as conversas nas escolas como local de brincadeiras, é a Reserva do Bugio. Segundo a Agência de Notícias da Prefeitura Municipal de Curitiba (2015), a Reserva do Bugio foi inaugurada em 2015 sendo a maior Unidade de Conservação Integral de Curitiba e a maior em ambiente urbano do Brasil. A reserva possui oito milhões de metros quadrados e envolve mais dois municípios além de Curitiba: Fazenda Rio Grande e Araucária. Essa unidade de conservação foi criada com o objetivo de contribuir com a preservação da biodiversidade, melhorar a qualidade dos rios Barigui e Iguaçu e minimizar os impactos das enchentes. As imagens a seguir, apresentam a Reserva do Bugio:

FOTOGRAFIA 11 – ENTRADA DA RESERVA DO BUGIO



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA 12 – VISTA DO MIRANTE DA RESERVA DO BUGIO



FONTE: A autora (2018).

Para essa pesquisa, realizou-se pequenas visitas nessas áreas de lazer, no período da tarde, para ver crianças utilizando esses espaços. É interessante ressaltar que as crianças estavam presentes em vários deles, sozinhas ou com adultos⁴¹.

Várias crianças encontradas nessas áreas verdes públicas do bairro **Tatuquara**, utilizavam os equipamentos presentes nesses espaços como gangorras, trepa-trepas, gira-giras, escorregadores. Também foram encontradas crianças jogando bola quando o espaço dispunha de uma cancha de areia e também nas margens de riachos que cruzavam ou estavam próximos dessas áreas verdes.

É importante destacar que as crianças também construía formas de brincar com os equipamentos presentes nos espaços. Nas visitas as áreas de lazer, observou-se muitas crianças brincando nos equipamentos das academias ao ar livre ou nos próprios bancos presentes nesses espaços. Várias crianças também estavam com brinquedos como patinetes, bicicletas e carrinhos de rolimã.

Nesse contexto em que a infância está presente, **Tatuquara** junto com outros bairros, principalmente localizados na parte do extremo sul da cidade, sofrem estigmas e preconceito por parte de determinada população curitibana. O bairro **Tatuquara** não conta com pontos turísticos reconhecidos socialmente, está distante 16 quilômetros do centro e vários de seus moradores possuem baixa renda, sendo assim, percebe-se que por essas e outras situações, os investimentos referentes ao bairro e a manutenção efetiva de equipamentos urbanos são mínimos. As fábricas estão presentes no bairro, tornando o ar diferente do restante da cidade e desencadeando diversos problemas respiratórios a adultos, idosos e crianças. Como citado muito pelas crianças na pesquisa, falta segurança no bairro e os equipamentos urbanos que existem (praças e parquinhos) estão sucateados. Dessa forma, a partir de toda a discussão sobre a regional e o bairro **Tatuquara**, percebe-se que não há investimento público de qualidade para a população.

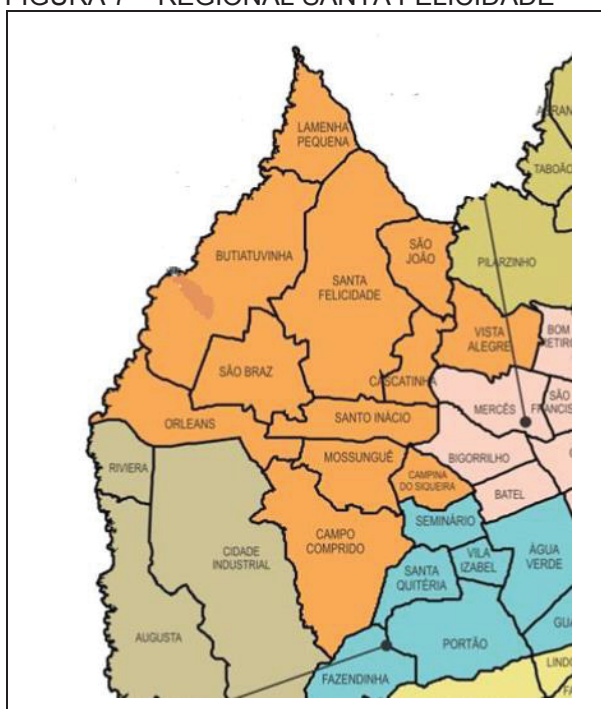
Já, do outro lado da cidade, não tão distante, está presente a **Regional Santa Felicidade**⁴². Conforme a figura 7, a seguir, e a partir da nova divisão construída

⁴¹Nem todas as fotografias aparecem crianças por causa do caráter ético da pesquisa. A pesquisadora era alguém diferente em campo sendo desconhecida pelos frequentadores da área de lazer. Por causa disso e das situações de medo vivida no bairro e também, para não atrapalhar as crianças, tentou ser a mais discreta possível, privilegiando as anotações e a observação. Dessa forma, muitas fotos foram tiradas de longe.

⁴² Por causa da localização da Regional Santa Felicidade ao norte da cidade de Curitiba e o bairro do Campo Comprido presente mais no limite dessa regional (mais ao centro), será articulado durante

com a criação da Regional Tatuquara, a Regional Santa Felicidade ficou responsável por 12 bairros: Lamenha Pequena, Santa Felicidade, São João, Vista Alegre, Butiatuvinha, São Braz, Santo Inácio, Mossunguê, Campina do Siqueira e **Campo Comprido**. De acordo ao Caderno “A cidade que queremos” do IPPUC (sem data), a Regional Santa Felicidade tem a maior extensão em áreas verdes da cidade, com 21% do total de Curitiba.

FIGURA 7 – REGIONAL SANTA FELICIDADE



FONTE: Adaptada da página oficial da Prefeitura de Curitiba (2017).

Na **Regional Santa Felicidade** estão presentes pontos turísticos reconhecidos tanto pelos curitibanos como por muitos turistas. Nessa regional encontram-se o Parque Barigui, o Parque Tingui, o Bosque Alemão, o Bosque Italiano, o Memorial Ucraniano e o Portal Santa Felicidade. Também, nessa regional, há a presença marcante da cultura vinda dos imigrantes italianos. Destaca-se o bairro de Santa Felicidade, com os tradicionais restaurantes italianos que são visitados, diariamente, por turistas que vem à Curitiba. Vale sublinhar a presença de importantes universidades na regional como também shoppings centers e teatros.

todo o texto como parte norte e central da cidade. Mesmo estando no limite da regional, durante a pesquisa, as crianças do Campo Comprido demonstraram grande frequência aos espaços e equipamentos dos outros bairros da Regional Santa Felicidade e da Regional Matriz (regional central de Curitiba).

A seguir são apresentadas imagens de alguns pontos turísticos da Regional Santa Felicidade:

FOTOGRAFIA 13 – BOSQUE ALEMÃO



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA 14 – PARQUE BARIGUI



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA 15 – PORTAL DE SANTA FELICIDADE



FONTE: A autora (2018).

Nessa regional, encontra-se o **bairro Campo Comprido**, que também faz parte do estudo qualitativo dessa pesquisa. Possui uma área de 8,57 km² e uma população de 28.816 habitantes e está localizado à 7 quilômetros do Centro de Curitiba. **Campo Comprido** tem suas referências já na década de 1660, quando pertencia as terras de Baltazar Carrasco dos Reis. Porém, em 1875, foi ocupado por núcleos coloniais poloneses e, no final da década de 1870, chegaram os colonos italianos que se fixaram às margens de uma das principais ruas do bairro. A maior parte da população do **Campo Comprido**, no início do século XX, dedicava-se à lavoura. Em 1938 foi criado oficialmente o Distrito de Campo Comprido. (IPPUC, 2015c).

De acordo com o caderno Nosso Bairro do IPPUC (2015c), baseado no Censo 2010, o bairro **Campo Comprido** tem uma população 81,53% branca, 14,44% parda, 2,80% preta, 0,96% amarela e 0,27% indígena (destaca-se que, como apresentado anteriormente, o bairro **Tatuquara**, no extremo sul de Curitiba, tem 65% da sua população branca e 30% parda e 4,4% preta). O bairro **Campo Comprido** apresenta 6 áreas de ocupação irregular e 64,47 homicídios por 100.000 habitantes no que concerne à questão de segurança no ano de 2010 (já, no **Tatuquara**, para essa mesma quantidade de população, foram registrados no mesmo ano 106,10 homicídios).

Referente às áreas verdes públicas, o documento do IPPUC (2015c), retratado no Gráfico 6, traz os equipamentos presentes no bairro:

GRÁFICO 6 – ÁREAS VERDES NA CIDADE DE CURITIBA E NO BAIRRO CAMPO COMPRIDO

Áreas verdes públicas										
Localidade	Bosque de Preservação	Bosques	Eixos de Animação	Jardinets	Jardim Ambiental	Largos	Núcleos Ambientais	Parques	Praças	Total
Curitiba	1	16	18	461	2	56	31	22	452	1.064
Campo Comprido	--	--	--	6	--	--	--	--	10	16

Fonte: SMMA, Parques e Praças, 2012
Elaboração: IPPUC - Banco de Dados

FONTE: IPPUC (2015e).

Como foi realizado no bairro **Tatuquara**, para ter acesso à localidade das áreas verdes do bairro **Campo Comprido**, também consultou-se a página da Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Curitiba (SMMA)⁴³ para buscar o endereço desses espaços. O bairro **Campo Comprido**, apesar de ter uma população menor, apresenta mais áreas verdes que o **Tatuquara**. Notou-se que as

⁴³ <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/pracas-regional-portao-santa-felicidade-campo-comprido/426>

praças e jardins próximas a residências e condomínios de alto padrão são mais cuidadas e há maior presença de árvores e ausência de canchas esportivas e brinquedos para as crianças. Já, onde há mais residências populares, há presença de canchas esportivas e brinquedos, algumas dessas áreas verdes estão preservadas e cuidadas pela comunidade local, outras estão em péssimas condições, com a presença de lixo e mato em seu espaço.

É importante ressaltar que existem algumas diferenças estruturais entre as praças e jardins do **Campo Comprido**. Os equipamentos mais próximos do Ecoville⁴⁴, tendem a ser mais arborizados e cuidados, já os equipamentos localizados na periferia do bairro, mais ao sul, apresentam mais canchas de areia e brinquedos para as crianças (Apêndice 5).

Destaca-se que também observou-se algumas crianças nas áreas verdes do bairro **Campo Comprido**. Contudo, notou-se uma presença menor delas nesses espaços. Nos jardins e praças perto dos condomínios de alto padrão, tanto verticais como horizontais, em todos os dias de observação, não foi percebida a presença infantil nesses espaços.

Já, as crianças encontradas em algumas áreas verdes públicas, estavam brincando na cancha esportiva ou nos brinquedos do parque presente nesse espaço como trepa-trepa, balança, gira-gira e escorregador. Estavam sozinhas ou acompanhadas de adultos. Muitas também estavam com seus brinquedos como patinetes, skates, bicicletas, bonecas interagindo com outras crianças⁴⁵.

Nesse sentido e para entender melhor a organização do bairro **Campo Comprido**, é importante destacar que ele é composto hoje por inúmeros condomínios verticais e horizontais de luxo, casas antigas construídas por imigrantes e casas e prédios populares. Percebe-se um grande investimento e incentivo da construção civil referente ao bairro, exaltando várias características positivas como localização, serviços, áreas verdes e segurança, sendo fundamentais para uma moradia tranquila. É importante relatar que o bairro possui um terminal de

⁴⁴ Região nobre entre os bairros Campo Comprido, Mossunguê e Campina do Siqueira com residências e prédios de alto padrão.

⁴⁵ Como já relatado antes, para uma melhor observação, a pesquisadora tentou ser a mais discreta possível, por isso privilegiou-se mais a observação do que a captura de fotos das crianças.

transporte coletivo que é atendido por uma das linhas de biarticulado⁴⁶ que liga o bairro a outras localidades da cidade.

Assim, após a escolha e a caracterização das duas regionais e dos dois bairros de Curitiba para a continuidade da pesquisa, procurou-se maneiras de conversar com as crianças pertencentes ao bairro do **Campo Comprido** e ao bairro do **Tatuquara**. Para iniciar a pesquisa, foi decidido conversar com as crianças do perfil 4, escola privada de maior mensalidade do bairro, e com as crianças das escolas públicas categorizadas como perfil 3, escola localizada em uma parte afastada do bairro ou em região considerada vulnerável, nos bairros levantados. O objetivo foi conhecer a opinião delas sobre os espaços do bairro e da cidade de Curitiba em grupos de conversas realizados na escola em que estudam.

Dessa forma, antes de imergir no campo de pesquisa, apresentou-se a proposta e o encaminhamento da pesquisa qualitativa para as direções das escolas privadas e para a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, solicitando a autorização para a realização do estudo (Anexo 5). Após a autorização das mantenedoras, foram entregues bilhetes para as famílias tanto da escola pública quanto da privada (Anexo 6), pedindo a autorização da participação com uma breve explicação sobre o encaminhamento da pesquisa. Entretanto, o mais importante para a pesquisa, foi o aceite das crianças em participar do processo. Devido ao caráter ético dessa investigação, não foram revelados os nomes das instituições nem os nomes das crianças. Os nomes utilizados para identificar as crianças nessa pesquisa foram escolhidos a partir do Censo 2010 que divulgou os nomes mais populares no estado do Paraná.

A pesquisa qualitativa ocorreu a partir de conversas em grupos com algumas crianças de cada escola e entrevistas com as equipes gestoras. Foram 4 encontros de 25 minutos, sendo que cada um possuía um tema norteador que elucidava a problemática da pesquisa com algumas questões (Anexo 7). Os temas foram os seguintes: ser criança hoje, como percebo o meu bairro, a cidade de Curitiba e seus espaços, Curitiba e as crianças. Destaca-se que, apesar de existirem problemáticas norteadoras para esses encontros, várias outras questões surgiram e eram

⁴⁶ É uma versão de ônibus com duas articulações que transporta mais que o dobro de passageiros em relação aos ônibus convencionais. Sua rota é feita em corredores exclusivos e passam por diferentes terminais de Curitiba.

discutidas pelas crianças. A pesquisadora trazia a problemática e as crianças apresentavam a sua opinião e debatiam com as outras crianças.

É importante esclarecer o motivo da quantidade diferente de crianças nos grupos de conversas em cada escola. Para cada equipe escolar foi solicitado aproximadamente seis crianças para participar da pesquisa e que estivessem presentes meninos e meninas. Contudo, devido ao encaminhamento de cada escola e o retorno das famílias referente à adesão, houve disparidade na quantidade de crianças em cada escola, mas que não prejudicou o andamento da pesquisa.

Deste modo, é importante ressaltar algumas características de cada unidade de ensino e como o percurso investigativo foi constituindo-se no espaço da unidade escolar. A primeira escola visitada é da rede privada de ensino e está localizada na divisa do bairro **Campo Comprido** e tem a mensalidade mais alta das escolas levantadas. A “Escola Privada do **Campo Comprido**”, como será chamada a partir de agora, no decorrer da pesquisa tinha aproximadamente 420 estudantes e 24 turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental até o 9º ano. Apresentava duas turmas de 5º ano no período da tarde. Os docentes são de vários bairros de Curitiba como também os alunos. Segundo a equipe gestora da escola, os pais procuram esta escola pelo reconhecimento pedagógico que ela possui e também da qualidade de ensino ofertada. Para a realização da pesquisa, foi solicitada que as crianças morassem no bairro do **Campo Comprido** ou nos bairros próximos. Sendo assim, participaram do estudo, cinco crianças: três meninas e dois meninos. Os encontros aconteceram no período da tarde, antes do recreio e na biblioteca da escola.

A seguir, é apresentada uma imagem de uma rua próxima à escola:

FOTOGRAFIA 16 – RUA PRÓXIMA À ESCOLA PRIVADA DO CAMPO COMPRIDO



FONTE: A autora (2018).

A segunda unidade escolar visitada foi no bairro **Tatuquara**, também pertencendo à rede privada de ensino. A “Escola Privada do **Tatuquara**” tinha, na época da pesquisa, aproximadamente 230 estudantes e atendia 12 turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental até o 5º ano. Apresentava somente uma turma de 5º ano no período da manhã com oito alunos. Tanto os professores quanto as crianças moram pela região. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada com a turma toda, já que o número de crianças era próximo ao estimado para a realização das conversas. Dessas oito crianças quatro eram meninas e quatro eram meninos. As quatro conversas em grupo ocorreram em sala de aula após o recreio. As carteiras eram colocadas de lado e era feita uma roda com as crianças. A fotografia 17 apresenta uma rua perto da Escola Privada do **Tatuquara**:

FOTOGRAFIA 17 – RUA PRÓXIMA À ESCOLA PRIVADA DO TATUQUARA



FONTE: A autora (2018).

A terceira unidade escolar visitada foi no bairro do **Campo Comprido**, pertencente à rede municipal de ensino de Curitiba e categorizada como perfil 3 na pesquisa do grupo de estudos relatada anteriormente. A “Escola Pública do **Campo Comprido**” tinha, durante a pesquisa, 302 estudantes aproximadamente e ofertava 10 turmas de ensino fundamental de 1º ao 5º ano, uma turma de Classe Especial e uma turma de Educação Infantil. Também contava com uma turma integral em cada período. A escola ofertava, nos finais de semana, o Programa Comunidade Escola. A maioria das crianças reside na proximidade da unidade escolar e as professoras moram nos bairros próximos ou em regionais vizinhas. Nessa escola participaram sete crianças: cinco meninas e dois meninos. As conversas em grupo ocorreram no início da tarde na Biblioteca.

A seguir, apresenta-se uma fotografia das proximidades da escola:

FOTOGRAFIA 18 – RUA PRÓXIMA À ESCOLA PÚBLICA DO CAMPO COMPRIDO



FONTE: A autora (2018).

A quarta e última escola visitada é localizada no bairro **Tatuquara**, pertencente à rede municipal de ensino de Curitiba e categorizada como perfil 3 na pesquisa anterior. A “Escola Pública do **Tatuquara**” tinha aproximadamente, durante a investigação, 866 estudantes e atendia 17 turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, 4 turmas de Educação Infantil e 2 turmas de Classe Especial. A escola tinha 4 turmas de 5º ano de Ensino Fundamental. Quase todas as crianças moravam no bairro **Tatuquara**. Uma grande parte dos professores moram também no bairro ou em bairros vizinhos e alguns vem das cidades de Fazenda Rio Grande e Mandirituba. Participaram seis crianças: quatro meninas e dois meninos. As conversas ocorreram em lugares variados: sala da equipe pedagógica, biblioteca e pátio coberto da escola.

FOTOGRAFIA 19 – RUA PRÓXIMA À ESCOLA PÚBLICA DO TATUQUARA



FONTE: A autora (2018).

O quadro 8 abaixo, permite uma melhor visualização dos nomes⁴⁷ das crianças de cada escola que participaram da pesquisa qualitativa e suas respectivas idades:

QUADRO 8 – NOME DAS CRIANÇAS E IDADE DE CADA ESCOLA DA PESQUISA QUALITATIVA
CRIANÇAS DA PESQUISA QUALITATIVA

Escola Privada do Campo Comprido		Escola Privada do Tatuquara		Escola Pública do Campo Comprido		Escola Pública do Tatuquara	
Nome	Idade	Nome	Idade	Nome	Idade	Nome	Idade
Carlos	10 anos	Ana	9 anos	Amanda	10 anos	Adriana	10 anos
Jéssica	9 anos	Fernanda	10 anos	Bruna	10 anos	Aline	10 anos
Juliana	9 anos	Guilherme	10 anos	Eduardo	10 anos	Camila	9 anos
Maria	10 anos	João	10 anos	Eliane	10 anos	Marcos	9 anos
Paulo	9 anos	Letícia	10 anos	Lucas	10 anos	Rafael	11 anos
		Marcelo	9 anos	Marcia	9 anos	Sandra	10 anos
		Rodrigo	11 anos	Patrícia	10 anos		
		Vanessa	9 anos				

FONTE: A autora (2017).

Assim sendo, destaca-se que os momentos de conversas com as crianças contribuíram significativamente para compreender como elas pensam o bairro e a cidade de Curitiba. A partir do lugar que moram, tecem suas redes, experimentam e dão significado ao espaço urbano. Dessa forma, após essa longa explanação sobre o percurso metodológico da pesquisa, no próximo capítulo serão apresentadas as referências teóricas que embasaram toda a investigação.

⁴⁷ Conforme já relatado anteriormente e de acordo a ética da pesquisa, os nomes dados as crianças na pesquisa são fictícios bem como aos adultos entrevistados nos bairros.

4 A CRIANÇA TECENDO EXPERIÊNCIAS E PRODUZINDO FORMAS DE VIVER EM CONFIGURAÇÕES CURITIBANAS DESIGUAIS

A partir da discussão realizada teoricamente e do caminho metodológico percorrido, procurou-se por formas de análise que valorizassem todo o material coletado e possibilitassem uma maior discussão sobre o problema de pesquisa levantado.

Assim sendo, em um primeiro momento, aproximou-se da técnica de investigação conhecida como Análise de Conteúdo que, por meio do tratamento da informação, busca descrever e interpretar os dados coletados. Laurence Bardin (1977) compreende o método de investigação da Análise de Conteúdo da seguinte forma:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 1977, p.38).

Assim, seguiu-se as fases propostas pela autora: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação. Primeiro realizou-se a pré-análise por meio de uma leitura flutuante com os três instrumentos coletados: questionários, transcrições das conversas com as crianças e observações de espaços públicos no bairro. Para que isso ocorresse, o material foi preparado e os dados dos questionários foram tabulados e gerados gráficos. Os áudios com as falas das crianças também foram transcritos integralmente. Depois dessa fase, todo o material foi explorado e levantou-se os indicadores mais recorrentes que foram agrupados em categorias de análise⁴⁸. Os quatro indicadores foram: o medo, o consumo, o brincar e a desigualdade.

Dessa forma, após o processo de categorização, realizou-se a interpretação dos dados. Assim, é importante ressaltar que para esse estudo, utilizou-se o critério

⁴⁸ Bardin (1977, p. 117) define esse processo de categorização como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos.”

de categorização semântico (temática), a partir do que há em comum entre os elementos⁴⁹.

Após as análises das categorias levantadas no estudo e para problematizar ainda mais a pesquisa, procurou-se também em um segundo momento, construir uma rede de uma criança de cada escola pesquisada, que fosse representativa das crianças daquela instituição. Para isso, são trazidas as discussões de Norbert Elias (1994) e Bernard Lahire (1997). Como já discutido no texto, Elias (1994) afirma que não se pode pensar a sociedade e o indivíduo isoladamente, mas a partir de suas relações e funções. Cada ser humano é constituído a partir de suas relações com os outros, dessa forma tornando-se um ser mais complexo. As relações entre os seres humanos influenciam diretamente o sujeito mais do que a sua própria constituição natural. O indivíduo está preso a uma rede que se liga a outras pessoas e ele só pode ser compreendido a partir da maneira como se relaciona com os outros sujeitos presentes nessa rede. Assim, a criança não pode ser vista de maneira isolada, mas sim inserida nas relações que estabelece em sua rede de interdependência.

Desse modo, Lahire (1997), tendo como referência, entre outros autores, também os estudos de Elias, ressalta que a personalidade das crianças, o comportamento e suas ações não podem ser entendidos fora das relações sociais. Para ele “a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo”. (LAHIRE, 1997, p.17). Ela não reproduz diretamente o modo de agir do grupo que pertence, mas “encontra sua própria modalidade de comportamento em função da configuração das relações de interdependência no seio da qual está inserida.” (LAHIRE, 1997, p. 17).

Assim, sabendo que cada criança está inserida em uma rede de relações que influencia sua forma de ver o mundo, buscou-se compreender como realidades desiguais no espaço urbano podem colaborar na produção de significados diferentes na vida das crianças curitibanas.

⁴⁹Bardin (1977) distingue os diferentes processos de categorização. Para ela, o critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas), sintático (os verbos e os adjetivos), léxico e expressivo.

4.1 A INFÂNCIA E O MEDO

O medo é um sentimento presente na vida das crianças e das famílias, na cidade de Curitiba. Mesmo sem ser uma questão objetiva nos questionários entregues nas escolas, essa categoria apareceu nas respostas dos familiares. Também inúmeras discussões sobre o medo e a insegurança no bairro e na cidade fizeram parte da conversa com as crianças. O medo pode tornar-se como um dos fios condutores de práticas rotineiras familiares com as crianças.

Segundo Bauman (2006), o medo na Europa do século XVI estava situado na escuridão, pois nela, havia o habitat da incerteza, tudo poderia acontecer. A modernidade era vista como o salto à frente, para longe desse medo, onde o mundo seria livre do destino cego. Porém, não foi isso que aconteceu. Parece que a sensação do ter medo está ainda mais presente na sociedade contemporânea.

Tuan (1979) percebe que o medo está tanto no passado quanto no presente da história humana e pode se apresentar de várias formas e de diversas maneiras. O ser humano tem medo como também o próprio animal. Para o autor o medo é:

um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a ansiedade é uma sensação difusa do medo e pressupõe uma habilidade de antecipação. Comumente acontece quando um animal está em um ambiente estranho e desorientador, longe do seu território, dos objetos e figuras conhecidas que lhe dão apoio. A ansiedade é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo. A necessidade de agir é refreada pela ausência de qualquer ameaça. (TUAN, 1979, p.10).

De acordo com Tuan (1979), a cidade foi constituída com a aspiração de uma ordem perfeita e harmônica, tanto arquitetonicamente quanto socialmente. Essa cidade deveria ser hierárquica, sendo que no topo estavam os governantes e na base a população. Porém, não é isso que predominou desde a sua criação. Frequentemente, a cidade parece ser um lugar assustador. São diversas as manifestações de desordens que apareceram na cidade desde a Antiguidade e que estão presentes até hoje. Como exemplo, pode-se citar o medo ao ruído, ao fogo, ao estrangeiro, ao crime e aos governantes. Vários desses medos estiveram presentes nas falas das crianças e de seus familiares durante a pesquisa.

Bauman (2006) também percebe que o medo, em essência, é conhecido por toda a criatura viva, tanto para os seres humanos quanto para os animais. Porém, o homem tem um medo diferente, que é social e cultural:

Um 'medo derivado' que orienta seu comportamento (tendo primeiramente reformado sua percepção de mundo e as expectativas que guiam suas escolhas comportamentais), quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente. (BAUMAN, 2006, p.09).

No questionário entregue às escolas, tanto na pesquisa qualitativa realizada nas escolas privadas quanto na pesquisa exploratória realizada nas escolas públicas pelo grupo de estudos, existia uma questão que a família deveria marcar os locais que as crianças frequentavam sozinhas ou com seus amigos. Muitos familiares, com a intenção de justificar a ausência de resposta nessa questão, escreveram, na parte das observações, que seus filhos não frequentavam sozinhos os espaços comerciais do bairro e alguns explicaram o motivo:

Acho difícil hoje em dia deixar as crianças brincarem na rua ou até ir na esquina comprar um picolé porque não temos segurança. Minha filha tem 11 anos, não fica sozinha e nunca sai sem estar acompanhada. (Questionário 1433, Menina, 11 anos, Escola Perfil 4, Bairro São Lourenço, Regional Boa Vista).

Ele não frequenta nenhum lugar que não seja com os pais ou adultos. (Questionário 646, Menino, 10 anos, Escola Perfil 1, Bairro Alto Boqueirão, Regional Bairro Novo).

Não sai de casa sem o pai e a mãe. (Questionário 146, Menina, 8 anos, Perfil 2, Bairro Bom Retiro, Regional Boa Vista).

Se observar as minhas respostas, verifique porque não frequentamos muitos lugares por falta de segurança e a violência contra nossas crianças. (Questionário 796, Menina, 10 anos, Escola Perfil 3, Bairro Tatuquara, Regional Pinheirinho).

Roubos, mortes, drogas, medo de sair de casa e ser surpreendido. (Questionário 779, Menina, 10 anos, Escola Perfil 3, Bairro Tatuquara, Regional Pinheirinho).

Deixar criança sozinha é abandono de incapaz. Meu Deus, que pergunta mais nonsense. (Questionário 1325, Menina, 10 anos, Escola Perfil 4, Bairro Bom Retiro, Regional Matriz)

Nessas respostas elucidadas e nas outras presentes no questionário, percebe-se uma preocupação dos familiares em permitir a frequência das crianças nos espaços comerciais do bairro sozinhas ou com os amigos. Vários motivos podem ser elencados por causa dessa ação, contudo, uma justificativa que mais

aparece é a questão do perigo sentido pelos familiares. As famílias não veem o bairro como seguro para os seus filhos poderem circular sozinhos ou com seus amigos. Nos questionários 1433 e 779 percebe-se na escrita dos pais a falta de segurança e o perigo do bairro. Já no questionário 1325 até há uma certa indignação do responsável por essa questão, não demonstrando satisfação em respondê-la.

Ferreira, V. (2016) analisa pesquisas que defendem a importância das crianças apreenderem o espaço da rua. Nessas investigações os pesquisadores observaram que está existindo um aumento, nos últimos tempos, de crianças que se deslocam pelo seu bairro acompanhadas, crescendo a “mobilidade dependente” infantil. Huguenin-Richard⁵⁰ (2010 apud FERREIRA, V. 2016), percebeu que na França, há um índice elevado de atropelamento de crianças de 11 anos, pois nesse período começam a deslocar-se, pela primeira vez, sozinhas para a escola. Esse exemplo mostra que a falta de autonomia infantil referente às vivências no bairro, posteriormente, pode tornar-se um fator de risco na vida das crianças. Nesse sentido, é importante que o bairro seja visto como um lugar de aprendizagem em paralelo com a família e com a escola. Nele, a criança se desenvolve adquirindo autonomia e mobilidade. Quando a criança vivencia sempre esse espaço acompanhada, não adquire as experiências de mobilidade necessárias para mais tarde, deslocar-se em distâncias maiores, com segurança.

Já, aproximando-se das conversas com as crianças desta pesquisa, observa-se que a categoria medo também esteve presente. O medo aparece de várias maneiras e pode estar ligado a vários tipos de situações, sendo associada à insegurança, roubo, assalto, perigo e preocupação. Pode-se afirmar que as crianças pesquisadas sentem medo nos bairros e na cidade de Curitiba e são vítimas de políticas que não prezam pela segurança de seus cidadãos em determinadas localidades. Nessas configurações contornadas pelo medo, as crianças vão constituindo-se enquanto sujeitos de direito e atores sociais. Leticia relata sua percepção de segurança no bairro **Tatuquara**, em que mora:

***Pesquisadora:** O que você quer falar Leticia?*

***Leticia:** Aqui não tem segurança!*

***Pesquisadora:** Você acha então Curitiba perigosa, na sua opinião?*

***Leticia:** Por causa na minha vila que eu moro lá, muita pessoa morre por causa de bala perdida.*

⁵⁰ HUGUENIN-RICHARD, F. La mobilité des enfants à l'épreuve de la rue. **Enfances, Familles, Générations**. Montréal: INRS, n. 12, p.66-67, 2010.

Pesquisadora: *Sim, acontece isso lá?*

Letícia: *Perto da minha casa tem um caixa [de banco] daí explodiu! (10 anos, Escola Privada do Tatuquara)*

A questão do medo de assaltos é muito presente na fala das crianças das duas redes de ensino – a pública e a privada - no bairro **Tatuquara**. Ambas demonstram preocupação referente aos roubos e assaltos que acontecem na proximidade de suas casas:

Marcos: *A casa do meu tio já foi roubada umas três vezes que é casa do meu primo e na minha casa também já roubaram um monte de vez. (9 anos, Escola Pública do Tatuquara).*

As crianças da Escola Pública do bairro **Tatuquara** percebem como um dos grandes problemas do bairro, a questão da falta de segurança. Elas relatam entristecidas que a violência é tão presente que já perpassou os muros da escola e essa já foi vítima também da insegurança presente na região:

Camila: *Aqui na escola também já roubaram milhares de vezes.*

Pesquisadora: *A escola?*

Camila: *Os computadores roubaram e daí também quebraram porta, quebraram vidro, tiraram todos os trabalhos das crianças.*

Marcos: *Quebraram até um trabalho da nossa professora.*

Camila: *Quebraram até os armários, tiraram tudo e não foi só uma vez, foi milhares de vezes. (Camila, 9 anos, Marcos, 9 anos, Escola Pública do Tatuquara).*

Do outro lado da cidade, as crianças da Escola Pública do **Campo Comprido** também têm medo no bairro no que se refere às questões de roubos e assaltos. Relatam que por causa da insegurança, câmeras e iluminação precisaram ser colocadas nas ruas para que os moradores fiquem mais protegidos.

Amanda: *Eu me sinto segura ali na minha rua e eu me sinto insegura no centro, porque no centro tem muitos roubos essas coisas. Na minha rua a gente teve que instalar câmeras na nossa casa porque roubaram a nossa casa, daí depois que a gente instalou a câmera, a gente mora em uma esquina dá pra ver toda a rua. Daí depois disso não teve tanto assalto porque às vezes pega, daí parou um pouco. (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido).*

Referente à utilização de câmeras, Bauman (2013) afirma que “para sua segurança, as pessoas tendem a confiar mais nas câmeras de circuito fechado e em guardas armados à entrada que na boa vontade humana e na cordialidade.”

(BAUMAN, 2013, p. 92-93). As crianças dessa localidade têm na câmera de vigilância, o principal livramento de suas casas, de assaltos e roubos.

O local em que mora no bairro **Campo Comprido** é visto pela menina Eliane como mais calmo comparado ao bairro em que ela residia antes. Provavelmente todos os aparatos de segurança na rua oportunizam uma maior tranquilidade para a sua família:

***Eliane:** Eu me sinto segura em bairros que têm iluminação, câmeras, e eu me sinto insegura em ruas que dá medo, ruas que têm casas abandonadas coisas assim. No bairro que eu morava antes [não lembra o nome] era muito perigoso, mas agora eu vim morar pra cá e é mais calmo. (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido).*

Já, na conversa com as crianças da escola privada localizada nas proximidades do bairro **Campo Comprido**, o medo encontrado na fala das crianças, é um pouco diferente, refere-se ao barulho do trânsito e a velocidade dos carros.

***Juliana:** Eu gosto muito de ficar no meu condomínio [...] eu gosto bastante, porque meus pais, eles não deixam eu sair porque antes quando eu era bem pequenininha tipo, quando eu nasci, eu tava em apartamento aí meus pais se mudaram para o outro porque tinha muito barulho. Quando eu tinha três anos eu tinha muito medo de barulho, porque eu morava em um apartamento que era no centro e daí fazia muito barulho, daí meus pais queriam um lugar que fosse longe do centro e em um condomínio que não tivesse barulho e eu pudesse brincar com as outras crianças porque a minha irmãzinha ia nascer. Daí a gente mudou para uma casa com jardim e condomínio no Campo Comprido, que primeiro que é um bairro grande, é bem grandão. (9 anos, Escola Privada do Campo Comprido).*

Galvão (2007) percebe que a elite, com medo da violência e desacreditando na eficácia da justiça, busca por meios próprios, a sua proteção. As áreas privatizadas começam a aparecer como enormes fortalezas: com muros altos, seguranças armados e fios eletrificados. Assim sentem-se realmente seguros.

Dessa forma, é importante destacar que a partir da posição ocupada pela criança na rede que pertence, o bairro pode oportunizar significados distintos de modos de viver. Enquanto as crianças do **Tatuquara** e da Escola Pública do **Campo Comprido** destacam, de diferentes maneiras, questões sobre roubos e assaltos, as crianças da Escola Privada do bairro **Campo Comprido** rejeitam ou desconhecem essa realidade e trazem outros tipos de medos.

Bauman (2005) percebe que as novas elites globais não fazem questão de participar da vida local. Acreditam que “escapar dos problemas locais permite que

tenham uma independência com que os outros urbanos só podem sonhar; e que exibam o luxo – que os outros não se podem permitir – de uma nobre indiferença.” (BAUMAN, 2005, p.12). Assim, as configurações que compõem a vida das crianças da Escola Privada do **Campo Comprido**, pelos dados coletados que serão vistos mais à frente, não têm o bairro como um espaço importante e fundamental para a socialização infantil.

Ao que parece, pode-se afirmar que as crianças do bairro **Tatuquara**, localizado ao sul da cidade, convivem com o medo diariamente denunciado pelos assaltos, roubos, sequestros e estupros. Elas acreditam que um número maior de policiamento poderia ajudar a resolver esse problema que assola drasticamente o seu bairro. Na fala das crianças da Escola Pública do **Tatuquara**, os motivos que se traduzem em medo parecem já estar naturalizados, pois são relatados de forma familiarizada e, ao menos aparentemente, tranquila. Sandra faz um relato sobre essa situação:

Sandra: Lá perto de casa tem um mato que sempre acham gente morta. Vai um monte de gente ver. O homem que acharam semana passada passou na TV. (10 anos, Escola Pública do Tatuquara).

As crianças da Escola Pública do **Campo Comprido** também convivem com o medo de assaltos e roubos nas proximidades, porém veem as câmeras como salvadoras desse mal. Para elas, a instalação desse equipamento extingue esse tipo de violência. Até relatam situações em que as câmeras foram colocadas e não aconteceram mais roubos e assaltos. As crianças da Escola Privada do **Campo Comprido** não apresentam a violência no bairro como um de seus medos, enumerando medos que estão focados em questão de trânsito, barulho e roubo de crianças no parque. Além de relatarem suas próprias experiências (que são mais protegidas), provavelmente, isso se explica também, por causa da falta de vivência nos espaços disponibilizados pelo bairro ou porque, nas poucas vezes que saem no bairro, este é relativamente mais seguro em comparação com os outros da pesquisa.

Dessa forma, aproximando-se dos espaços públicos de vários bairros e observando as praças e jardins presentes em Curitiba e principalmente nos bairros **Campo Comprido** e **Tatuquara**, percebeu-se algumas crianças acompanhadas de

adultos. No bairro **Tatuquara**, conversou-se com uma mãe (Roseli)⁵¹ que estava chegando com a sua filha no “Espaço de Lazer Tatuquara” que também comentou sobre o medo do bairro:

***Pesquisadora:** O que você acha desse lugar?*

***Roseli:** Eu gosto! Posso vir fazer ginástica e deixar a minha filha brincando.*

***Pesquisadora:** Vem muita criança brincar aqui sozinha ou sempre com um adulto?*

***Roseli:** Até vem, mas eu acho perigoso, principalmente de tardezinha ou bem cedo. Tem umas pessoas estranhas que ficam por aqui. Eu não deixaria minha filha vir sozinha aqui nunca. Eu só trago ela porque moramos em apartamento bem pequeno aí lá ela não tem espaço para andar de motoca e aqui tem mais.*

Como relatado pelas crianças da pesquisa, pelos familiares e pela mãe entrevistada, o medo é presente no bairro **Tatuquara** e as crianças estão inseridas nesse espaço, tecendo formas de viver. Muitas vezes, como ressalta a mãe na entrevista, o espaço público é visto como perigoso pelas famílias, sendo utilizado apenas por causa da falta de opção ao espaço privado. Conforme Caldeira (2011) a segregação espacial acaba privilegiando a elite que reside em enclaves fortificados e constrói a sua própria reordenação simbólica do mundo, constituindo preconceitos e naturalizando a percepção de que certos grupos são perigosos. Participar do espaço público só é interessante se não existir esse mesmo espaço, só que na forma de espaço privado (muito mais seletivo e “protegido”).

O medo presente nas redes tecidas pelas crianças nos bairros curitibanos, oportuniza vários tipos de compreensão de mundo. As crianças relacionam-se com o bairro a partir de suas experiências constituídas nesse espaço, interpretam a sua realidade e constituem sua subjetividade.

4.2 A INFÂNCIA E O CONSUMO

O consumo é uma prática cotidiana na sociedade contemporânea em que o capital apresenta muita força. Em quase todos os lugares, as pessoas são incentivadas a adquirir produtos e serviços. Na conjuntura do século XXI, cada vez criam-se novidades para que as pessoas consumam mais, mantenham e perpetuem essa maneira de viver. Dessa forma, mergulhados em uma sociedade que incentiva

⁵¹ Estas informações advêm de um conjunto de dados coletados por meio da visita aos espaços dos bairros da pesquisa.

o ato de consumir sempre, as crianças estão presentes, construindo representações sobre o mundo. Quando se perguntou sobre os locais frequentados no bairro e na cidade, os espaços comerciais foram os mais apontados.

Durante as conversas com as crianças e nos questionários, um espaço comercial muito destacado por elas foi o shopping center (principalmente pelas crianças das escolas do **Campo Comprido** e da Escola Privada do **Tatuquara**). Sabe-se que a intenção principal desse espaço é a compra, embora também possa ser o espaço de encontros com os amigos e dos “rolezinhos”⁵². Nos shoppings centers estão disponibilizados diferentes serviços e lojas que seduzem famílias ao ato de consumir. Padilha (2006) discute sobre o surgimento do fetichismo consumista:

O fetichismo, revestimento dos objetos para a venda com valores ideológicos, era o novo fenômeno intrínseco às primeiras lojas de departamentos. As compras passaram a ser prazerosas para os ricos, que foram deixando de mandar seus empregados ou aguardar a presença dos mercadores em suas residências. O consumo de mercadorias começa, então, a significar um mergulho em fantasias e status social, na medida em que os objetos passaram a ser adquiridos não pelo seu valor-de-uso, mas pelo significado social de sua posse. (Padilha, 2006, p. 55).

Na conversa com as crianças, o espaço do shopping center esteve presente. Pode-se salientar que todas as crianças da pesquisa qualitativa realizada nas escolas já foram ao shopping, pelo menos uma vez, e utilizaram esse espaço de alguma forma. Nas conversas, percebeu-se que a utilização e o consumo dentro do shopping não são iguais pelas crianças como também a quantidade de frequência nesse espaço. Para exemplificar essa situação, a seguir, duas crianças falam sobre dois grandes shoppings curitibanos localizados respectivamente no bairro Portão e no bairro Mossunguê:

Rodrigo: *O único motivo para eu ter ido lá uma vez, foi para assistir um filme e comprar um jogo e tomar aqueles iogurtes lá.* (11 anos, Escola Privada do Tatuquara).

Jéssica: *Eu normalmente vou lá para ir no salão.[...] Eu acompanho a minha mãe. Ou para fazer compras ou para eu ir comer. Eu sempre como no McDonald's, no Burg King⁵³, uma comida japonesa.* (9 anos, Escola Privada do Campo Comprido).

⁵² Passeio entre um grupo de pessoas que pode ser em espaços públicos, como praças, e espaços privados, como shoppings centers. Esse encontro pode ser marcado pela internet.

⁵³ Redes mundiais de restaurantes que vende hambúrgueres.

Como percebe-se na fala das duas crianças de escolas privadas, ambas utilizam o shopping, porém de forma diferente. O shopping pode ter vários significados para as crianças. Conforme teoriza Hall (1997), há uma diversidade de significados sobre qualquer objeto ou situação e esses podem ser representados ou interpretados de várias formas. A partir das redes tecidas pela criança dentro e fora do shopping, ela constrói sua subjetividade e sua compreensão de mundo.

Assim, é importante sublinhar que as crianças das escolas públicas do **Tatuquara** e do **Campo Comprido** também conhecem o shopping e já fizeram uso dele:

***Pesquisadora:** Legal, o Marcos já foi em algum shopping?*

***Marcos:** Já, no Palladium.*

***Pesquisadora:** E o que que você fez lá quando você foi?*

***Marcos:** Eu joguei muito naqueles computadores que tem lá, que tem a visão. Daí eu fui numa lanchonete pra comer e poder ir embora. (9 anos, Escola Pública do Tatuquara).*

***Patrícia:** Bom, eu tenho dois lugares favoritos: que é o Park Shopping Barigui e o Shopping Palladium. No Palladium eu fico jogando em um lugar de joguinhos e no Park Shopping Barigui eu vou lá no parque e ando de patins. (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido).*

As crianças parecem demonstrar gosto por utilizar o shopping, independentemente da forma como utilizam. O shopping é um espaço que atrai as crianças por meio dos inúmeros produtos e serviços que ele apresenta ao mundo infantil. Contudo, é importante entender que a utilização infantil e a experiência com o shopping podem ser diferentes, ou seja, as atividades realizadas nesse espaço podem não ser as mesmas pois elas estão ligadas às configurações sociais que as crianças estão imersas e a sua renda familiar. Enquanto para algumas crianças o shopping é o lugar de grandes compras, de relacionar-se com o outro e da utilização de serviços, para outras crianças esse mesmo lugar pode significar um local de passagem e de vislumbramento, estratificação e exclusão. Sarmiento (2002) discute sobre a criança e o acesso ao consumo:

A criação do mercado de produtos para a infância (jogos, roupas tênis e sapatos, vídeos, produtos informáticos, livros, serviços dos mais diversos, parques temáticos, rotas de turismo infanto-juvenil, guloseimas, etc.) para além dos efeitos que produz na uniformização de gostos e estilos de comportamento e de vida, gera, pelos custos que a obtenção desses

produtos implica nas famílias e pela apetência gerada pelo *marketing* e publicidade, novas estratificações, sendo as crianças pobres remetidas para a condição de exclusão perante seus pares por menor acesso ao consumo. As desigualdades tendem, deste modo, a ser constituídas nas relações de pares, pela perversidade do fetichismo da mercadoria e pela inculcação de valores de mercado nas gerações mais jovens. (SARMENTO, 2002, p. 272, grifos do autor).

A opinião sobre o shopping também apresenta diferença comparando as crianças das duas regionais como também das duas redes de ensino. As crianças da Escola Privada do **Campo Comprido** frequentam muito mais os shoppings e utilizam mais os serviços oferecidos. Elas veem esse espaço como fundamental para se viver. Maria, em sua fala, classifica de forma bem específica o Park Shopping Barigui:

***Maria:** Porque eu acho que é a melhor coisa porque lá tem tudo! (10 anos, Escola Privada do Campo Comprido).*

Entre as inúmeras atividades que as crianças da Escola Privada do **Campo Comprido** fazem no shopping podem-se citar as compras, ida a restaurantes, visita a exposições, participação em leilões, ida a livrarias, visita a lojas de tecnologia e de informática. Esse espaço acaba sendo até mesmo um lugar de consultoria e de amizade da criança com o prestador de serviço de uma loja:

***Carlos:** Bom, o que eu mais gosto de lá, é ir na Livraria Cultura porque eu tenho um amigo lá que vende videogames e ele me dá muitas, vamos dizer, instruções para os jogos que eu posso comprar, os melhores. Aí eu sempre vou lá para consultar ele, se tem algum jogo novo. Eu também vou na Livraria Cultura para comprar uns livros que eu acabei de começar uma nova série de um livro e eu vou lá às vezes para ir no cinema também. Uma coisa que eu acho muito engraçado é que eu falo para o meu pai ou para a minha mãe, tipo vamos lá no shopping dar uma passeada, aí a gente acaba sempre comprando alguma coisa. (10 anos, Escola Privada Campo Comprido).*

Outro shopping frequentado pelas crianças dessa escola é o Shopping Pátio Batel, considerado pelos curitibanos como um shopping voltado para o mercado de luxo. Paulo relata o que faz quando frequenta esse shopping:

***Paulo:** A minha mãe participou de um leilão lá! [...] Eu já fui lá várias vezes e eu acho lá muito legal.[...] Então, agora tem uma nova exposição, é um barco pirata, parece legal! (9 anos, Escola Privada Campo Comprido).*

Harvey (2012) aponta que a qualidade de vida na sociedade pós-moderna tornou-se mercadoria como a própria cidade. “O consumismo, o turismo e a indústria da cultura e do conhecimento se tornaram os principais aspectos da economia política urbana.” (HARVEY, 2012, p. 81). A tendência atual é trazer a liberdade de escolha na experiência urbana, mas somente para aqueles que têm dinheiro. Dessa forma, como possuem melhores condições financeiras, as crianças da Escola Privada do **Campo Comprido** acabam utilizando mais os serviços oferecidos pelos shoppings que, muitas vezes, não podem ser utilizados da mesma forma pelas crianças da Escola Pública.

Nota-se que as crianças da Escola Pública do **Campo Comprido** também frequentam periodicamente o Park Shopping Barigui que está localizado próximo de suas casas. Elas relatam que costumam jogar, andar de patins, ir ao cinema, compram roupas e sapatos, almoçar e fazer lanche. Eliane relata o que faz nesse shopping:

***Eliane:** Eu, às vezes, vou almoçar, quando a gente tá no shopping e às vezes pra comprar roupa. (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido).*

Contudo, as crianças da Escola Pública do **Campo Comprido** não consideram o shopping como o primeiro lugar para se brincar em Curitiba, mas também, o citam como importante para as brincadeiras infantis. Referente ao Shopping Pátio Batel, aquele shopping de luxo comentado logo acima, das sete crianças da escola pública que participaram das conversas, três afirmaram que já foram visitar esse espaço. Destacam que utilizaram o cinema com projeção 4D, participaram de brincadeiras de caça aos bichos promovidas pela Lego Store, que eram gratuitas, e fizeram compras em algumas lojas. Dessa forma, pode-se afirmar que, mesmo com condições financeiras muito mais limitadas, morar na parte norte e central, parece oferecer, de alguma forma, relações diferenciadas com o espaço do shopping e como se verá na sequência, também na cidade.

As crianças da Escola Privada do **Tatuquara**, do outro lado da cidade, também frequentam os shoppings de Curitiba. Nas conversas, demonstraram que conhecem alguns shoppings de Curitiba e nesses espaços costumam tomar sorvete, comprar roupas, ir ao cinema, ir em loja de brinquedos e jogos. Geralmente vão aos shoppings localizados no bairro Portão, como o Shopping Palladium e Shopping

Total⁵⁴, pois são mais próximos ao bairro **Tatuquara**. Vanessa conta sobre o que gosta de fazer no Shopping Palladium:

Vanessa: *Eu gosto de andar naqueles bichinhos, eu vou no cinema, eu vou comprar roupas, daí eu almoço, aí vou comprar roupas na loja da minha tia, daí eu tomo milk-shake. (9 anos, Escola Privada do Tatuquara).*

Referente ao shopping de luxo, o Pátio Batel, a maioria das crianças demonstra desconhecimento da existência desse espaço. Somente duas crianças já visitaram esse shopping:

Rodrigo: *O meu primo já foi lá!*

Guilherme: *Eu já fui uma vez lá, mas não tinha muita coisa.*

Pesquisadora: *O que você fez lá quando foi?*

Guilherme: *Eu fui lá para dar uma olhada, ver como é que é o shopping para mim conhecer.*

Rodrigo: *Tem muita coisa cara nesse shopping. Meu tio foi comprar um jogo e disse que era muito caro. (Rodrigo, 11 anos; Guilherme, 10 anos, Escola Privada do Tatuquara).*

As crianças pesquisadas da Escola Privada do **Tatuquara**, quando perguntadas sobre onde as crianças vão em Curitiba, assinalam que, as crianças curitibanas brincam em parques, parques aquáticos e de diversões, nos shoppings e em casa. Marcelo ressalta de que forma as crianças costumam brincar no shopping:

Marcelo: *De videogame, vão ao cinema, às vezes tem parque dentro do shopping, tem não sei se é no Total ou no Palladium, tem um barco grande assim... (9 anos, Escola Privada do Tatuquara).*

Já, as crianças da Escola Pública do **Tatuquara**, ou seja, as moradoras da região mais empobrecida da pesquisa, só conversaram sobre a utilização do shopping quando esse fez parte da temática da discussão. As crianças afirmaram que já foram ao shopping. Com a exceção da Camila que conhece vários shoppings em Curitiba, as outras crianças relataram que foram poucas vezes nesses espaços, inclusive a Aline não lembrava o nome de qual já tinha ido. Algumas vezes, foi a escola que oportunizou esse momento. Elas relatam que, quando vão ao shopping, geralmente compram roupa para algum familiar ou vão ao cinema e brincam nos espaços para as crianças. A Aline relata o que fez na ida ao shopping que não lembrava o nome:

⁵⁴ Shopping mais popular, com preços mais acessíveis e grande variedade de pequenos lojistas.

Pesquisadora: Legal, e a Aline, já foi no shopping?

Aline: Já.

Pesquisadora: Qual que você foi?

Aline: Eu não me lembro o nome, mas é lá no Portão.

Pesquisadora: E o que que você fez lá?

Aline: Eu fui com a minha mãe porque ela foi comprar roupa para a minha irmãzinha. (Aline, 10 anos, Escola Pública do Tatuquara).

O Rafael traz uma outra forma de utilizar o shopping diferente do ato de consumir. Ele relata que quando foi ao shopping encontrou uma forma de brincar nas estruturas desse espaço e também que achou interessante a presença de dois shoppings próximos no mesmo bairro:

Rafael: Eu fui no Shopping Palladium.

Pesquisadora: E o que que você fez no Shopping Palladium?

Rafael: Fiquei brincando.

Pesquisadora: Brincou onde, do que?

Rafael: De escada rolante.

Pesquisadora: Com quem que você foi?

Rafael: Com a minha mãe e com o meu irmão. Eu fui na escada rolante.[...] Esqueci de contar também, eu fui em dois shoppings. Tinha um shopping aqui desse lado e na outra rua tinha o outro shopping.

Pesquisadora: Acho que é no Total e no Palladium.

Rafael: Tipo aqui um shopping e aqui outro. Eu atravessei a rua e fui no outro shopping. Descia assim! E tinha um monte de lojas. (Rafael, 11 anos, Escola Pública do Tatuquara).

Rafael altera o significado da escada rolante e aproveita esse equipamento para brincar, ele faz um outro uso desse equipamento, não aquele esperado pelo mundo adulto. Conforme Corsaro (2002, p.114):

as crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares. Tal apropriação é criativa na medida em que tanto expande a cultura de pares (tal transforma a informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo dos pares) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta.

Referente ao Shopping Pátio Batel, um colega do Rafael, o Marcos, já ouviu falar desse shopping, porém disse que não entrou, somente passou na frente. Marcos também afirmou que a esposa do vizinho da frente de sua casa trabalha lá, vendendo sorvete na parte de fora do shopping.

Marcos: Só que eu não cheguei a entrar. Passei na frente, dei uma olhada, comprei sorvete. (Marcos, 9 anos, Escola Pública do Tatuquara).

É interessante problematizar que o Marcos parece estar intimidado em relação ao Shopping Pátio Batel. Provavelmente ele compreenda que a estrutura imponente, luxuosa, não seja para ele, tornando-se uma espécie de exclusão e de segregação. Nem todas as pessoas sentem-se pertencentes a esse espaço.

A partir de toda a discussão sobre a utilização do shopping como meio de consumo pela sociedade contemporânea, pode-se afirmar que as crianças utilizam esse espaço de várias formas, tendo como variáveis a proximidade com o espaço, bem como a renda das famílias. Arrisca-se dizer que o shopping pode ser para algumas crianças um espaço fundamental para a sua existência como também, para outras, um espaço para visitas eventuais. Tanto a pesquisa quantitativa quanto a qualitativa demonstrou que o shopping pode ter significados diferentes para as crianças curitibanas pois, para as do bairro **Campo Comprido**, o shopping é um espaço presente e de assiduidade nas suas vidas, uma prática frequente, porém, para as crianças do **Tatuquara**, ir ao shopping é quase como um evento que acontece esporadicamente, principalmente para as crianças da escola pública.

Destaca-se mais uma vez a desigualdade entre ser criança de escola privada no **Tatuquara**, pois ainda que tenha um certo recurso financeiro, por estar em um bairro com poucos equipamentos públicos como também privados, limita as possibilidades de ir a esses locais. Já, as crianças da Escola Pública do **Campo Comprido**, por causa da localidade que moram, podem ir aos locais privados, mesmo fazendo outros usos, já que esses espaços, à princípio, não eram destinadas a elas (brincar nos corredores e participar de brincadeiras gratuitas).

4.3 A INFÂNCIA E O BRINCAR

A criança constitui-se como um ser mais complexo por meio das relações estabelecidas nas configurações sociais que faz parte. Nessas relações, constrói formas de ver e representar o mundo. De acordo com Corsaro (2011), as crianças são agentes sociais e criativos que, pela interação com seus pares, transformam práticas infantis em conhecimentos necessários para o mundo adulto. Por meio da brincadeira, a criança interpreta o mundo.

Assim, a partir de todas as relações vividas nas configurações sociais que pertence, a criança constrói sua opinião sobre o mundo e sobre o que é ser criança.

Conforme James e Prout (2010), é fundamental escutar as crianças e compreender a infância como construção social. A infância é muito mais do que um fator biológico e de formação, mas também é um fator cultural.

Assim, nas conversas realizadas na pesquisa qualitativa, refletiu-se com as crianças sobre o que é ser criança em Curitiba:

Adriana: [...] *Ser criança é brincar, estudar, fazer o dever de casa.* (10 anos, Escola Pública do Tatuquara)

Jéssica: [...] *Porque é a única parte da vida que a gente não tem questão de responsabilidade, que a gente curte. [...] brincar, é assim, eu gosto de brincar. É ser feliz!* (9 anos, Escola Privada do Campo Comprido).

Letícia: *Ser criança é como se você tivesse aprendendo, aprendendo para você crescer e ter uma vida melhor.* (10 anos, Escola Privada do Tatuquara).

Bruna: *Eu acho que ser criança é tipo pra você aprender um pouco mais pra quando você ser adulto você aprender as coisas que está acontecendo no mundo, tipo como essas coisas de crise, corrupção pra você aprender mais, pra poder evoluir o mundo.* (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido).

Brincar e aprender estiveram presentes nas falas das crianças durante as conversas. As crianças compreendem a categoria infância, como um momento de aprendizagem, mas também como um momento de brincar e ser feliz. Para Sarmiento (2003), brincar e fazer coisas sérias é a mesma coisa para as crianças. Brincar é um dos primeiros elementos da cultura da infância e é condição de aprendizagem. O brinquedo acompanha as crianças durante todas as fases de construção de suas relações sociais. “O brinquedo e o brincar são também um factor fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis.” (SARMENTO, 2003, p.16).

Dessa forma, entendendo que as crianças são atores sociais e protagonistas de sua própria vida, nota-se que elas brincam nos espaços da cidade, tanto no público quanto no privado. Neles, constituem formas de viver e representar o mundo. Assim, para escutar a opinião delas, perguntou-se a elas onde as crianças brincam em Curitiba.

As crianças da Escola Pública do **Tatuquara** afirmam que as crianças curitibanas brincam nos campos de futebol, nas ruas, em parques e parquinhos, em casa e na escola. Porém alertam sobre o perigo de brincar na rua por causa da movimentação de carros e de sequestro.

Pesquisadora: *Camila, onde você acha que as crianças brincam?*

Camila: *Eu acho que elas brincam nos parques, em casa. Porque tipo mais para lá, tem muito carro, né? Ai elas não conseguem brincar na rua.*

Pesquisadora: *Olha que legal que ela trouxe. Ela acha que tem muito carro mais para frente.*

Camila: *Tem muita movimentação, aí elas não conseguem brincar pra rua.*

Marcos: *A minha vila é muito quieta, eu brinco na rua.*

Camila: *Mas eu também não posso brincar na rua. O meu pai não deixa.*

Rafael: *Eu também não brinco. Eu moro na frente da avenida. E também é perigoso ter sequestrador. (Camila, 9 anos; Marcos, 9 anos; Rafael, 9 anos, Escola Pública do Tatuquara).*

Nota-se que as crianças do **Tatuquara** problematizam a questão da rua para brincar. Parece ser um ambiente interessante para as brincadeiras infantis, porém, por causa dos carros e da insegurança, duas crianças relatam que são impedidas de brincar nela. Para Gullov e Olwig (2003), a produção de espaços para crianças pode ser caracterizada de duas formas: lugares seguros, sem surpresas e riscos, ou ruas e espaços públicos compreendidos como inseguros. Esses espaços, supostamente inapropriados, ofertam maiores possibilidades para as crianças se desenvolverem como atores sociais. Brincar na rua, para as crianças, parece ser divertido, porém, para algumas, é inapropriado e perigoso.

As crianças da Escola Privada do **Tatuquara** também apresentaram a sua opinião sobre os locais que as crianças brincam em Curitiba e somam com o discurso que a rua é um lugar perigoso. Para Rodrigo e Ana, estudantes dessa escola, as crianças curitibanas brincam nos seguintes lugares:

Rodrigo: *As crianças de Curitiba brincam nas praças, parques, shoppings e nas casas delas também. Na rua não dá para brincar porque é muito perigoso, podem sequestrar as crianças.*

Ana: *Eu só brinco em casa mesmo, no parque. Deus me livre brincar na rua, eu fico com muito medo. Às vezes brinco no shopping. Tem brinquedo para criança lá às vezes. (Rodrigo, 11 anos, Ana, 9 anos. Escola Privada do Tatuquara).*

Assim, nota-se que as crianças da escola pública sinalizam como espaços do brincar as casas, parques e ruas, apesar desse espaço ser perigoso e nem todos poderem ter acesso. Já, as crianças da escola privada também brincam em casa e nos parques, mas trazem o shopping como espaço para brincadeiras.

Para conhecer como as crianças brincam nos espaços do bairro, observou-se as praças e jardins do **Tatuquara**. Procurou-se por crianças brincando nesses

espaços ou nas proximidades. Comparado ao bairro **Campo Comprido**, nota-se uma maior presença de crianças em praças e jardins do **Tatuquara**.

No decorrer da Avenida Santa Rita dos Impossíveis, em boa parte, há praças, canchas, jardins e hortas comunitárias. Nos dias das observações, foram encontradas várias crianças brincando sozinhas ou com algum responsável. Entre essas crianças, conforme a fotografia 20, observou-se quatro meninos que, antes de tirar a foto, estavam brincando de pular um pequeno rio que corta um jardim no bairro **Tatuquara**:

FOTOGRAFIA 20 – CRIANÇAS BRINCANDO EM UM JARDIM NO TATUQUARA



FONTE: A autora (2018).

Após observar os meninos brincando e parecendo que estavam se divertindo, levantou-se algumas questões com eles:

Pesquisadora: O que vocês acham desse lugar?

Luiz: Muito massa!

Gustavo: É legal pra caramba!

Pesquisadora: E o que vocês costumam fazer aqui?

Luiz: A gente brinca de soltar raia, de jogar bola, andar de rolimã.

José: É legal jogar uns futeba!

Pesquisadora: Nossa! Que bacana! Eu vi que vcs estavam pertinho do rio, passando por cima dele, do que vocês estavam brincando?

Gustavo: Sei lá, estávamos brincando de pular sem cair na água [risos] o Luiz quase caiu...[risos]..ia se molhar todo..[risos]

Luiz: Um dia você caiu, chorou um monte. [risos].

Provavelmente, a intenção daquele rio no meio do jardim, não era para que as crianças brincassem nele, mas os meninos, alterando o significado desse espaço rio, dão-lhe um sentido próprio. Lopes (2009) aponta que as crianças constroem

espacialidades não existentes, experimentando a sensação dos lugares, dessa forma vivenciam as multiplicidades do uso daquele espaço. Elas inventam o espaço no seu contato com o outro e com a sua capacidade de criação.

Na praça localizada na Rua Leonildo Burbello no **Tatuquara**, conforme fotografia 21, foi encontrado outros meninos brincando. Eles estavam jogando bola em uma cancha de areia e pareciam concentrados na brincadeira:

FOTOGRAFIA 21 – CRIANÇAS BRINCANDO EM UMA PRAÇA NO TATUQUARA



FONTE: A autora (2018).

Dessa forma, a pesquisadora aproximou-se de um dos meninos que estava jogando e que já há algum tempo olhava para a pesquisadora e acenava, e fez algumas perguntas sobre a utilização da praça e sobre as brincadeiras realizadas naquele espaço:

Pesquisadora: *Você sempre brinca aqui?*

Gabriel: *Sim!*

Pesquisadora: *Do que que você brinca?*

Gabriel: *Eu jogo bola e solto raia.*

Pesquisadora: *E você acha legal?*

Gabriel: *Sim, porque se não a gente ia brincar na rua e lá é perigoso por causa de acidente. Na rua eu só brinco de rolimã.*

Pesquisadora: *E o que você acha dessas praças do bairro que vocês brincam? Estão bem cuidadas?*

Gabriel: *Então, eu acho meio sujo, as pessoas jogam lixo e tem mato grande, tem vez que atrapalha até para achar a bola, tem que entrar no mato.*

O menino Gabriel utiliza a praça com seus amigos para brincar, apesar de reclamar sobre o estado dela que atrapalha até mesmo nas atividades que faz com os seus amigos. Mas, mesmo assim, acha a praça importante.

Observa-se que, no bairro **Tatuquara**, existem vários equipamentos públicos para as crianças brincarem, como praças e jardins. A maioria desses equipamentos conta com canchas e brinquedos. Porém, como alerta Gabriel, esses espaços ainda precisam de um cuidado maior pela prefeitura e conscientização da população referente ao abandono de lixo em áreas públicas. Em várias praças e jardins encontrou-se rios bem próximos, com margens cheias de lixo e matos altos. As duas imagens a seguir ilustram a realidade desses espaços:

Do outro lado de Curitiba, as crianças da Escola Pública do **Campo Comprido** também trouxeram suas contribuições sobre os locais que as crianças brincam na cidade. Para elas, as crianças brincam nas ruas, nos parques, nos shoppings, nos condomínios:

***Márcia:** Geralmente elas brincam mais em condomínios, shoppings, parques ou nas ruas sem saída.*

***Eliane:** Antes eu morava em uma rua sem saída, geralmente a gente ia no parquinho perto ou a gente brincava na rua assim. Mas geralmente a gente combinava de brincar na casa dos colegas porque é mais seguro. (Escola Pública do Campo Comprido, 9 anos).*

A rua também aparece como um espaço do brincar para as crianças da Escola Pública do **Campo Comprido**. Fernandes (2004), já em sua pesquisa, destaca a rua como um lugar importante no desenvolvimento de práticas culturais constituídas por meio do brincar pelas crianças de sua pesquisa. Na época, a rua era o principal local do bairro, de ludicidade para aquelas crianças.

Contudo, é importante ressaltar que, diferente das crianças da Escola Pública do **Tatuquara**, as do **Campo Comprido** também trazem o shopping como uma opção, provavelmente por terem acesso a um grande shopping perto de suas casas.

Quando problematizado com as crianças da Escola Privada do **Campo Comprido** sobre o local em que as crianças brincam em Curitiba, elas apresentaram, primeiramente, o shopping como um dos espaços mais interessantes para brincar. Maria ilustra essa proposição:

***Maria:** Eu vou falar por mim: geralmente quando elas vão brincar, ou elas ligam para um amigo para ir na casa ou assim, é mais fácil encontrar a criança no shopping assim da nossa idade do que no parque... no parque você vai andar de bicicleta, de roller, alguma coisa, ou ficar em algum parquinho. Daí no shopping já tem mais coisa pra fazer, porque tem praça de alimentação, tem loja, tem brinquedos.. (10 anos, Escola Privada do Campo Comprido).*

Jéssica: Eu acho que as crianças brincam nos condomínios e nos shoppings. Ah! E no parque também! (9 anos, Escola Privada do Campo Comprido).

As crianças da Escola Privada da **Campo Comprido**, além dos shoppings, trazem o condomínio como local de brincadeiras para crianças. Caldeira (2011), em sua pesquisa, percebe que dentre os motivos da elite procurar viver em condomínios, estão tanto a questão da valorização da seletividade dos vizinhos quanto a distância da imprevisibilidade da rua. As crianças que moram nesses condomínios convivem com outras crianças do mesmo grupo social, construindo formas de viver a partir dessas relações.

Já, as crianças da Escola Pública do **Campo Comprido**, também sabem que existem crianças nos enormes condomínios perto de suas casas e que nesses lugares elas brincam, pois quando passam perto desses locais escutam a voz das crianças.

Observando as praças e jardins do bairro **Campo Comprido**, notou-se poucas crianças brincando nesses espaços. As crianças encontradas geralmente estavam com um adulto e traziam um brinquedo como bicicleta, patinete, skate. É importante destacar que somente foi encontrado crianças nas praças e jardins localizados em partes mais empobrecidas do bairro, onde existem moradias mais populares. Na maioria das vezes, essas praças contavam com canchas de areia e brinquedos.

Chegando no Jardim Circe Silva Peixoto conforme a fotografia 22, localizada ao sul do bairro Campo Comprido, foi observada uma mulher cuidando de duas crianças que estavam brincando no escorregador.

FOTOGRAFIA 22 – JARDIM COM CRIANÇAS BRINCANDO NO CAMPO COMPRIDO



FONTE: A autora (2018).

Assim, com a intenção de saber sobre o jardim e as brincadeiras das meninas, dirigiu-se a ela:

Pesquisadora: *Então, você sempre traz as meninas para brincar aqui?*

Cida: *Eu trago elas às vezes, quando não estou trabalhando e elas não estão na creche.*

Pesquisadora: *E elas gostam de brincar aqui?*

Cida: *Essas meninas brincam em qualquer lugar, são muito arteiras.*

Pesquisadora: *E do que elas gostam de brincar aqui?*

Cida: *Aqui elas brincam o escorregador e naquele outro brinquedo (trepatarepa).*

Observando as meninas durante um tempo, notou-se como elas utilizam o espaço daquele jardim. Brincaram no escorregador, no trepa-trepa, corriam no jardim e a criança maior também chegou a subir nos pneus que cercam esse espaço. A menor, por não conseguir subir, começou a chorar e assim, a mãe levou as duas embora.

Já, referente às praças localizadas onde há vários prédios residenciais de alto padrão no bairro e condomínios horizontais de luxo, há menos espaços infantis e presença maior de árvores. Nos dias de observação no **Campo Comprido**, não foram encontradas crianças brincando nesses espaços. Contudo, escutava-se crianças brincando dentro dos condomínios próximos. Mesmo assim, a pesquisadora conseguiu achar uma criança no outro lado de uma praça junto com uma moça. Com a intenção de entender como uma criança percebe esse espaço, fez-se algumas perguntas sobre a Praça Maria de Lurdes Gasparin Pianowski,

localizada na parte do bairro conhecida como Ecoville, fotografia 23, também próxima a uma das ruas principais da região:

FOTOGRAFIA 23 – PRAÇA NO ECOVILLE



FONTE: A autora (2018).

Pesquisadora: *Você mora aqui perto?*

Andressa: *Sim, eu moro naquele prédio ali! (Mostrando o prédio com a mão)*

Pesquisadora: *Então, você costuma vir nessa praça?*

Andressa: *Não.*

Pesquisadora: *Por que?*

Andressa: *Não sei.*

Pesquisadora: *Não sabe? Você não acha esse lugar legal para brincar?*

Andressa: *É que no meu prédio tem um bosque parecido com esse, aí eu brinco lá. E também tem bastante crianças lá*

Pesquisadora: *Você já viu alguma criança brincando nela?*

Andressa: *Não, só passando!*

Como Andressa, muitas crianças, moradoras dos condomínios do **Campo Comprido**, brincam apenas nos espaços oferecidos por esses empreendimentos, parecendo desconsiderar qualquer outro espaço do bairro. Castells (1999) afirma que as pessoas “da primeira fila” (ou seja, a elite informacional), não se percebem no bairro em que moram, sendo que seus interesses estão em outros locais. Somente desejam do local onde moram a segurança e a paz, para assim poderem dedicar-se aos seus entretenimentos e às suas necessidades de conforto, não se apresentando interessados em experimentar e conviver no bairro em que moram, sendo mais móveis, globais e não locais. Logo, as pessoas que estão na “última fila”, isto é, aquelas que dispõem de menos recursos, são condenadas a permanecer no lugar onde moram, mas, por outro lado, vivem mais intensamente as questões locais.

Dessa forma, concordando com Castells (1999), as crianças moradoras dos condomínios de luxo do bairro, parecem brincar mais nesses espaços privados e segregados e desvalorizando o público. Enquanto isso, as outras crianças, brincam nas ruas e nos parques e praças do bairro.

É importante destacar que, durante as conversas, as crianças apontaram dois espaços presentes nas proximidades de suas casas onde pode-se brincar: a Reserva do Bugio no **Tatuquara** e o Parque Barigui, próximo ao **Campo Comprido**.

O Parque Barigui, como já relatado anteriormente, é um dos pontos turísticos de Curitiba e conhecido pela maioria dos curitibanos. As crianças do **Tatuquara** também já foram nesse parque ou pelo mesmo já ouviram falar.

Carlos e Bruna, moradores da região do **Campo Comprido**, relatam como brincam nesse parque:

***Carlos:** Eu gosto de ficar pulando nesses troncos de árvores. Tem uma passagem que tem uma espinheira ali, e o rio tá logo assim perto, e eu gosto de descer ali e depois eu volto do outro lado. (10 anos, Escola Privada do Campo Comprido).*

***Bruna:** Às vezes eu vou lá porque a minha mãe joga vôlei. Também pra passear, andar de skate, de roller. Quando a minha mãe vai jogar vôlei lá eu fico brincando com os bichinhos que tem lá. (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido).*

Carlos altera o significado dos troncos de árvores presentes no Parque Barigui. Bruna, enquanto sua mãe joga vôlei, brinca com as capivaras do parque. As duas crianças encontram formas de brincar no Parque Barigui. É importante destacar que tanto as crianças da Escola Pública quanto da Escola Privada do **Campo Comprido** não fizeram nenhuma crítica à estrutura do Parque Barigui. Todas relataram que é um parque limpo, bonito e que gostam de brincar em seu espaço, somente a Juliana disse que não gosta de brincar nas canchas de areia porque tem abelha e já foi picada uma vez.

Já, do outro lado da cidade, está a Reserva do Bugio, espaço que as crianças do **Tatuquara** trouxeram várias vezes nas conversas. É interessante destacar que nenhuma criança da pesquisa das escolas do **Campo Comprido** conhece ou ouviu falar dessa reserva. Sandra, criança que mora no **Tatuquara**, fala sobre sua ida na Reserva do Bugio:

Sandra: *Eu também já fui uma vez. Quando eu fui, a minha irmã disse que era para mim levar ou o roller ou a bicicleta, e eu levei a boneca, daí nós só brincou com a areia, nós andou bastante.* (10 anos, Escola Pública do Tatuquara).

As crianças da Escola Pública do **Tatuquara** gostam de ir na Reserva do Bugio e acham legal brincar nela. Algumas crianças relatam que suas famílias fazem churrasco nesse local. Só reclamam da quantidade de mato e da sujeira presente nesse espaço.

As crianças da Escola Privada do **Tatuquara** apresentam outras opiniões sobre a Reserva do Bugio. Vanessa e João dizem o seguinte:

Vanessa: *Eu não gosto porque a água da Reserva do Bugio é meio de bueiro, ela é muito suja. Ela vem não sei de onde, mas eles jogam muito lixo e traz bastante mosquito.* (9 anos, Escola Pública do Tatuquara).

João: *Dá para andar de skate daí eu sempre vou levar a minha raia.* (10 anos, Escola Pública do Tatuquara).

As crianças da Escola Privada do **Tatuquara** demonstraram opiniões diferentes sobre a Reserva do Bugio, algumas crianças gostam desse lugar e outras não gostam. Reclamam da sujeira, afirmam que a Reserva não é bonita e não é cuidada pela prefeitura.

Assim, percebe-se dois espaços importantes, mas muito diferentes, na cidade de Curitiba. Enquanto o Parque Barigui, um dos principais pontos turísticos, está localizado na parte mais central da cidade e é muito bem cuidado pela prefeitura, do outro lado, existe a Reserva do Bugio, área verde relativamente nova e desconhecida ainda por muitos curitibanos e que, segundo algumas crianças, não recebe uma atenção necessária dos órgãos competentes. Dois espaços curitibanos que as crianças estão presentes, constituindo formas de viver, porém tão desiguais em vários aspectos.

Nesse sentido, Lopes (2009) afirma que o espaço não é um palco, mas sim um atributo cultural da dimensão humana que oportuniza possibilidades e experiências. Curitiba, com os seus espaços desiguais, oportuniza diferentes e desiguais relações para as crianças, dessa forma:

No processo de humanização, as crianças utilizam o mundo que está disponível, aquele que é possível usar/estar. Elas se humanizam vivendo a experiência humana, nos seus encontros com os diversos outros

carregados de histórias passadas, de espaços e artefatos culturais. (LOPES, 2009, p.121).

Assim, nessas configurações desiguais, cada criança brinca e constitui sua subjetividade e torna-se um ser mais complexo. Quando a cidade oferece oportunidades desiguais para as crianças, muitas delas tornam-se vítimas de experiências segregadoras e de exclusão social.

4.4 A DESIGUALDADE PERPASSANDO TODAS AS CATEGORIAS

As crianças curitibanas não utilizam a cidade da mesma maneira conforme levantado tanto na pesquisa quantitativa quanto na pesquisa qualitativa. A partir das experiências vividas em suas configurações sociais, tecem formas de viver na cidade. Porém, essas experiências são constituídas em espaços públicos e privados de Curitiba e, como já discutido nessa investigação, o espaço curitibano é desigual em sua composição.

Conforme Noguera (2004), a desigualdade não é sinônimo de diferença. A desigualdade pode ser compreendida quando um lado ou uma pessoa recebe menos poder ou oportunidade do que o outro. Quando as políticas públicas de uma cidade procuram investir e atender uma determinada localidade e não oferecem o mesmo suporte para outra, estão contribuindo com a desigualdade espacial.

Para compreender a desigualdade na cidade de Curitiba, pode-se fazer uma analogia com a metáfora da rede de pescar de Reygadas (2004) discutida no capítulo dois desse estudo. O autor, ressaltando o marco multidimensional da desigualdade, faz uma comparação com a rede de pescar, em que cada pessoa tem uma rede diferente, de tamanhos e materiais variados. Deve-se levar em consideração que o ato de pescar pode acontecer em vários lugares no rio, onde pode haver quantidades distintas de peixes e diferentes formas de solo. Assim, compreende-se que o ato de pescar não é igual para todas as pessoas.

Dessa forma, cada criança vive na cidade e pertence a configurações sociais diferentes, por meio das redes de interdependência, as crianças ligam-se a outras pessoas e ocupam posições específicas. As redes dessas crianças podem ser maiores ou menores dependendo das configurações que elas fazem parte. As posições que essas crianças ocupam nas redes são diferentes, a partir das experiências vividas e dos significados construídos, constituem-se como sujeitos.

Porém, também, como na metáfora da pesca, não se pode esquecer a influência do espaço na constituição do sujeito. É necessário entender como a cidade está disposta para a criança, se há equipamentos para a população infantil e se esses estão adequados e preservados. Também é importante saber se as políticas para a população infantil levam em consideração a criança como atora social e sujeito de direito. Quando esses elementos são oportunizados somente para uma parcela das crianças, a desigualdade está presente na constituição da cidade.

As categorias discutidas até aqui – o medo, o consumo e o brincar - estão permeadas pela desigualdade. Quando problematizadas com as crianças a questão do medo, nota-se a diferença entre as opiniões delas. Enquanto para algumas crianças o medo significa barulho e trânsito, para outras, principalmente moradoras dos bairros do sul de Curitiba, o medo é sinônimo de roubo e furto e de perder a própria vida. As próprias crianças percebem a desigualdade na cidade quando alertam a presença de um número maior de policiamento em determinada região (aqui no caso o norte/centro) comparada a outra (ao sul):

Ana: Lá em Santa Felicidade, onde meu tio mora, a rua é bem calma, tem bastante segurança. Em toda rua que eu passo tem bastante polícia lá. (9 anos, Escola Privada do Tatuquara).

As crianças do **Tatuquara** também acham que o outro lado da cidade é diferente, e até mesmo classificam como mais bonito:

Camila: Lá é muito mais legal, lá tem mais parquinhos e é mais bonito [referente ao bairro Santa Felicidade]. (9 anos, Escola Pública do Tatuquara).

Leticia: Sabe o Barigui aqui em Curitiba? Lá tem mais carros bonitos e aqui os carros são velhos.

Pesquisadora: Você acha que tem mais carros bonitos lá?

Leticia: Eu acho, as casas também, lá são mais bonitas e tem mais prédios. (10 anos, Escola Privada do Tatuquara).

Dietzsch (2006) alerta que a cidade pode confirmar privilégios para algumas pessoas e restrições para outras. Nesse sentido, parece que as crianças do **Tatuquara** já percebem que a outra parte de Curitiba é diferente daquela parte que elas moram. Elas notam que nessa região há mais investimento e cuidado comparado ao bairro **Tatuquara**.

Referente às crianças da Escola Pública do **Campo Comprido**, algumas conhecem o lado sul da cidade de Curitiba, onde está o bairro do **Tatuquara**, e também percebem a desigualdade espacial. Relatam que há um número maior de violência e perigo nesses bairros. Amanda relata o seguinte:

***Amanda:** Uma vez eu tava passando pelo Tatuquara pra ir pra casa da minha tia que ela mora bem próximo do Tatuquara. Daí a gente passou à noite e a gente pensou que é muito inseguro lá porque tem muitos bandidos, tem muita biqueira⁵⁵ como o meu pai fala. (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido).*

As crianças da Escola Privada do **Campo Comprido**, afirmaram desconhecer os bairros do sul de Curitiba quando interrogado sobre eles. Essas crianças demonstram conhecer apenas os bairros próximos as suas residências, pois esses oferecem todos os serviços utilizados pelas suas famílias.

Outra questão sobre a desigualdade que apareceu na fala das crianças é referente à compreensão sobre a escola pública e privada. Mesmo não sendo tema de discussão para os encontros, as crianças apresentaram opiniões sobre esse assunto. Marcos, respondendo a uma colega sobre onde estudam as crianças ricas, relatou a sua opinião sobre a escola dessas crianças:

***Marcos:** Só que não é escolinha de pobre, só escola particular que elas vão. Nas escolas delas têm bastante coisa legal. (9 anos, Escola Pública do Tatuquara).*

As crianças do **Tatuquara** sabem que existem as escolas privadas e que essas, muitas vezes, têm muito mais estrutura do que a escola pública. Também compreendem que nelas estudam as crianças ricas.

Já, as crianças da Escola Privada do **Campo Comprido** trouxeram opiniões sobre a escola pública:

***Jessica:** Ela não tem tanto ensino quanto tem a particular.
Juliana: Ela não tem tanto livro com livros tão direitinhos. Não é tão organizada. (Jéssica, 9 anos, Juliana, 9 anos, Escola Privada do Campo Comprido).*

Dessa forma, pode-se dizer que a desigualdade permeia as relações infantis na cidade de Curitiba. Como na metáfora da pesca de Reygadas (2004), as crianças

⁵⁵ Popularmente conhecido como lugar que vende drogas, boca de fumo.

sofrem com a desigualdade já nas relações estabelecidas nas configurações sociais em que vivem quando recebem um atendimento sem qualidade dos serviços ofertados no bairro. Também a desigualdade impera quando os equipamentos públicos ofertados não estão presentes em todos os bairros, oportunizando ou não certas experiências para quem mora na localidade.

As crianças apresentam várias opiniões sobre o bairro em que moram, contemplando qualidades e defeitos encontrados. Na conversa com elas e como ressaltado no quadro 9, a seguir, são enumerados vários comentários realizados pelas crianças referente aos aspectos positivos e negativos do **Tatuquara** e do **Campo Comprido**:

QUADRO 9 – OPINIÃO DAS CRIANÇAS SOBRE O BAIRRO DE MORADIA

(continua)

TATUQUARA	CAMPO COMPRIDO E BAIRROS PRÓXIMOS
Na opinião das crianças, o que é bom no bairro em que moram:	Na opinião das crianças, o que é bom no bairro em que moram:
<u>Escola Privada do Tatuquara</u>	<u>Escola Privada do Campo Comprido</u>
<p>João: Andar (10 anos).</p> <p>Rodrigo: Subidas. (11 anos).</p> <p>Vanessa: [...] as praças que dá para brincar. (9 anos).</p> <p>João e Vanessa: Reserva do Bugio. (João, 10 anos e Vanessa, 9 anos).</p>	<p>Jéssica: [...] é que ele é calmo [...]. (9 anos).</p> <p>Maria: [...] porque lá tem tudo! (Referente à presença do shopping no bairro). (10 anos).</p> <p>Carlos: [...] no nosso apartamento que sempre quando o Sol nasce, nasce na janela do meu quarto. (10 anos).</p>
<u>Escola Pública do Tatuquara</u>	<u>Escola Pública do Campo Comprido</u>
<p>Rafael: Ele tem campo de futebol. (11 anos).</p> <p>Camila: [...] tem muito parquinhos e é muito legal. (9 anos).</p> <p>Sandra: Tem bastante escola, tem bastante ônibus. (10 anos).</p>	<p>Amanda: [...] porque tem muita criança [...]. (10 anos).</p> <p>Eliane: [...] porque na minha rua tem um monte de gente da sala e dá pra gente brincar. [...]. (10 anos).</p> <p>Patrícia: [...] eu acho bom, mas eu moro em condomínio, e os condomínios aqui são bem seguros, cheio de câmara [...]. (10 anos).</p> <p>Lucas: [...] o Parque Barigui. Ele é grande e dá para brincar de um monte de coisa. (10 anos).</p>
Na opinião das crianças, o que não é bom no bairro em que moram:	
<u>Escola Privada do Tatuquara</u>	<u>Escola Privada do Campo Comprido</u>

<p>Ana: Reserva do Bugio, não gosto de lá! Não é bonito. (9 anos).</p> <p>Letícia: Não gosto das ruas...são muito esburacadas.. (10 anos).</p> <p>Guilherme: É por causa que acontece muitos assaltos nesse bairro! (10 anos).</p> <p>Letícia: [...] eu não gosto muito de brincar perto de casa porque tem mosquito e muita fumaça. (10 anos).</p>	<p>Jéssica: [...] passa um monte de moto correndo e faz o maior barulhão... (9 anos).</p> <p>Carlos: É o barulho pra ela de noite [referindo-se a mãe dele]. É por causa que ali também é estação de ônibus e aí passa barulho. (10 anos)</p> <p>Juliana: [...] porque toda vez que eu venho para a escola [...] tem um caminho e esse caminho tem muito trânsito [...]. (9 anos).</p> <p>Jéssica: [...] assim tem uma escola atrás do meu quarto daí eu ouço todo o barulho de crianças chorando [...]. (9 anos).</p>
<p><u>Escola Pública do Tatuquara</u></p>	<p><u>Escola Pública do Campo Comprido</u></p>
<p>Sandra: Eu acho ele legal, mas só a robadeira que eu não gosto. (10 anos)</p> <p>Rafael: A questão do roubo. (11 anos).</p> <p>Marcos: A casa do meu tio já foi roubada umas três vezes e na minha casa também já roubaram um monte de vez. (9 anos).</p> <p>Camila: Aqui na escola também já roubaram milhares de vezes. (9 anos).</p> <p>Marcos: Eu acho muito ruim. Ali perto de casa geralmente passa muito rio poluído cheio de lixo. A vila inteira é cercada de rios [...]. (9 anos).</p> <p>Camila: É porque vem uns homens lá e estragam tudo. (9 anos).</p>	<p>Eliane: [...]O lado ruim é que não tem muita sinalização e é meio esburacada a rua [...] (10 anos).</p> <p>Amanda: [...] eu acho também que tem um lado ruim, porque as ruas são muito esburacadas e tem pouca sinalização. [...]. (10 anos).</p> <p>Patrícia: [...]o lado ruim é que tem sinalização lá perto do Subway,⁵⁶ essas coisas, só que a sinalização não funciona! Fica o bonequinho parado por muito tempo! (10 anos).</p> <p>Bruna: Tem vez que as minhas amigas vão lá na minha casa, só que eu não fico brincando na rua porque a rua é perigosa e tem bastante assalto.. (10 anos)</p>

FONTE: A autora (2017).

Observa-se que as crianças do bairro **Tatuquara**, tanto da escola pública quanto privada, ressaltam como positivo a quantidade de escolas, as praças, o transporte público e a Reserva do Bugio, já, no bairro **Campo Comprido**, do outro lado, é destacado a questão da tranquilidade e da proximidade com serviços utilizados cotidianamente. Sobre a questão dos aspectos negativos do bairro, as crianças do **Tatuquara** anunciam que há poluição, roubo, assaltos, ruas esburacadas e descuido com o patrimônio público. As crianças pesquisadas do bairro **Campo Comprido** afirmam que o trânsito, as ruas esburacadas, o barulho e os assaltos são aspectos negativos no bairro em que moram.

⁵⁶ Rede de restaurantes fast food que vende sanduíches e saladas.

Destaca-se também, que as crianças da Escola Privada do **Campo Comprido** não percebem os perigos reais do bairro (assaltos, roubos e violência) como as crianças da Escola Pública do **Campo Comprido** e das Escolas do **Tatuquara**. Nas conversas, aparece como problema para essas crianças o trânsito do bairro.

Nesse sentido, percebe-se que cada criança constitui formas de viver a partir da realidade que está inserida. Cada bairro de Curitiba oferece formas de viver diferentes para a criança e, essas formas, como as crianças mesmo relatam, são desiguais. Nesse sentido, é válido destacar, conforme Dietzsch (2006), que a cidade não é apenas uma demarcação territorial, assim como o bairro. É marcada por contradições sociais e diversas formas de existência que foram construídas a partir das relações humanas tecidas em seus espaços. Quando a cidade oferece mais equipamentos e oportunidades para se viver em uma determinada localidade, excluindo as demais, ela está fazendo uma distinção entre os seus moradores.

Outro tema discutido com as crianças da pesquisa foi sobre as crianças pobres de Curitiba. O objetivo era saber onde estão essas crianças e como utilizam a cidade. As opiniões encontradas foram diferentes. Para as crianças do **Tatuquara**, as crianças pobres juntam lixo nas ruas ou vivem em orfanatos:

Sandra: *Elas catam papel na rua para vender.*

[...]

Adriana: *Têm uns meninos de rua que eles ficam dançando na rua pra pedir dinheiro, eles usam tinta prateada e ficam dançando.* (Sandra, 10 anos, Adriana, 10 anos, Escola Pública do Tatuquara)

Ana: *Eu acho que elas ficam no orfanato ou na rua.* (9 anos, Escola Privada do Tatuquara).

É importante destacar que quando questionado às crianças sobre os bairros de moradia dessas crianças pobres, as respostas foram Pinheirinho, Parolin, Portão Fazendinha e Xaxim, todos bairros localizados na parte sul de Curitiba. Em nenhum momento, reportaram-se ao bairro **Tatuquara** como um local que possui crianças pobres.

Já, as crianças do bairro **Campo Comprido**, percebem que as crianças pobres moram em comunidades, abrigos e lugares longes que não possuem uma certa beleza. Até uma criança relata a fala de uma professora que contou sobre as crianças pobres de Curitiba:

Amanda: *Eu acho que às vezes elas podem morar em comunidades, também podem morar em abrigo, essas coisas.* (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido)

Maria: *Eu acho que elas moram em bairros mais pobres, mais distantes assim. [...] Eu não sei os nomes, mas são longes e não são bonitos.*

Juliana: *Tem, eu não sei onde é que fica, tem um lixão aqui em Curitiba, a Ana⁵⁷, nossa professora, ela falou que lá perto do lixão tem várias casinhas de pessoas, de crianças, de famílias que se alimentam do lixo e pegam as coisas do lixo.* (Maria, 10 anos, Juliana, 9 anos, Escola Privada Campo Comprido).

Quando problematizado sobre o bairro de moradia das crianças pobres, elas não souberam responder, tanto as crianças da Escola Pública quanto da Escola Privada. Somente as crianças da Escola Privada disseram que as crianças pobres não moram perto delas. Contudo, sabe-se que o bairro **Campo Comprido** apresenta também algumas áreas de vulnerabilidade social, que talvez, não estão visíveis por onde essas crianças passam. Sendo assim, arrisca-se em dizer, que as crianças da Escola Privada do **Campo Comprido**, desconhecem esses espaços e só sabem da existência deles por meio de relatos da professora.

Refletindo sobre a presença de crianças ricas em Curitiba, outras problematizações foram encontradas. As crianças da Escola Pública do **Campo Comprido** sabem onde moram essas crianças. Destaca-se que quando levantada essa problemática, as crianças dessa escola responderam que era uma questão muito fácil de responder:

Lucas: *Perto da minha casa tem muita mansão.*

Pesquisadora: *Mas as mansões são dentro do condomínio?*

Lucas: *Sim.* (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido).

Eliane: *Nos condomínios aqui perto, acho que deve ter bastante criança lá. Uma vez escutei elas brincando.* (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido).

As crianças da pesquisa da Escola Pública do **Campo Comprido** sabem que há crianças ricas presentes no bairro, porém não as conhecem. Elas têm vontade de conhecer os condomínios de luxo presentes no bairro e brincar neles, inclusive já tentaram entrar em um condomínio de luxo, mas não tiveram êxito:

⁵⁷ Nome fictício.

Bruna: Tanto que o Lucas, uma vez, ia subir o muro e quase morreu pra poder ir brincar lá. [...] Eu acho que essas crianças que são ricas, elas gostam de passear, viajar, sair com os pais. Ontem eu vi uma casa que tinha um monte de criança lá, só que elas moravam tipo em uma mansão. Elas estavam pulando de um andar só para cair na piscina. Eu só via água pulando. (10 anos, Escola Pública do Campo Comprido).

Elas também percebem que há crianças ricas em outros bairros de Curitiba que são próximos ao **Campo Comprido** e têm amizade com algumas dessas crianças:

Márcia: Minha amiga, ela tem dinheiro. Ela morou em uma mansão em Santa Felicidade. [...] Ela morava em uma casa que em um andar tinha três quartos, mais a parte de cima, mais a parte de baixo, Aí atrás tinha um quintal grande e mais uma casa atrás. (9 anos, Escola Pública do Campo Comprido).

As crianças da Escola Privada do **Campo Comprido**⁵⁸ também sabem onde moram as crianças ricas e confirmam as respostas das crianças da escola pública sobre a presença de crianças ricas no bairro **Campo Comprido**:

Paulo: Eu tenho uns amigos que moram perto da minha casa que são ricos. (9 anos, Escola Privada do Campo Comprido).

Maria: No meu condomínio tem um monte de crianças ricas que vivem viajando para outros países. (10 anos, Escola Privada do Campo Comprido).

As crianças da Escola Privada do **Campo Comprido** brincam com as crianças ricas e, em vários casos, moram próximas a elas. As crianças da pesquisa também sabem que as crianças ricas moram em outros bairros na cidade de Curitiba:

Carlos: Eu tenho uns amigos ricos que moram no Ecoville. O apartamento deles tem dois andares, é enorme! (10 anos, Escola Privada do Campo Comprido).

Por outro lado, ao sul da cidade, as crianças do **Tatuquara**, não percebem que as crianças ricas moram em seu bairro como as crianças do **Campo Comprido**. As crianças da Escola Pública apresentaram algumas dúvidas e desconhecimento, sobre o bairro das crianças ricas. Após, várias problematizações, elas trouxeram

⁵⁸ É importante lembrar que essas crianças estudam em uma escola com a maior mensalidade na região.

algumas opiniões. Outras cidades até foram lembradas como moradia de crianças ricas:

Adriana: *No Centro [...] Em mansões, prédios e apartamentos. (10 anos, Escola Pública do Tatuquara).*

Sandra: *Eu acho que elas moram em São Paulo. (10 anos, Escola Pública do Tatuquara).*

Entretanto, o menino Marcos, traz uma outra opinião sobre a localidade que estão as crianças ricas em Curitiba. Marcos associa a construção de vários shoppings em um bairro como sinal de progresso e riqueza:

Marcos: *No Batel, porque como saiu muito shoppings ali está muito rico. Têm muitas pessoas que estão indo ali e conseguindo emprego no shopping que é novo. É mais fácil! Tão pegando bastante pessoas para trabalhar. (9 anos, Escola Pública do Tatuquara).*

As crianças da Escola Privada do **Tatuquara** também problematizaram sobre a presença de crianças ricas em Curitiba. Elas acham que no bairro Batel há crianças ricas, mas destacam outros bairros:

Rodrigo: *Batel. [...] Bacacheri também.*

Leticia: *Caximba.*

(Rodrigo, 11 anos, Leticia, 10 anos, Escola Privada do Tatuquara).

Arrisca-se em dizer que, as crianças da pesquisa não têm a mesma opinião sobre a presença das crianças pobres e ricas em Curitiba. A partir da configuração social que cada criança está inserida e do bairro que mora na cidade, ela interpreta e significa essas vivências. Enquanto as crianças do **Campo Comprido** avaliam que a pobreza está longe de seu bairro e a riqueza bem próxima, as crianças do **Tatuquara** veem a pobreza nos bairros próximos e a riqueza em bairros distantes. Pelo que os dados da pesquisa indicam, o bairro de moradia das crianças influencia diretamente nas suas representações de mundo.

4.5 CONSTRUINDO AS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA DE CRIANÇAS CURITIBANAS

As crianças da pesquisa estão imersas em diferentes espaços da cidade de Curitiba, relacionando-se com outras pessoas e construindo formas de viver. Conforme já afirmado por Elias (1994), é na relação com o outro que o sujeito se constitui e, dessa maneira, pode ser entendido a partir da sua vida em comum com outros sujeitos, transformando-se em um ser mais complexo. A partir das redes de interdependência que as crianças estão inseridas, elas experimentam o mundo e produzem significados. Assim, para pensar na relação entre criança e espaço e demonstrar a fertilidade de pensar este binômio a partir da composição de redes de interdependência das crianças, apresenta-se a seguir, uma rede de uma criança de cada escola onde ocorreu a pesquisa qualitativa. O intuito é trazer um maior detalhamento e as conexões das crianças dentro da rede, ainda que apenas de uma criança de cada local pesquisado. Escolheu-se uma criança de cada escola com características próximas das outras crianças para exemplificar as relações infantis daquele grupo com o bairro e a cidade.

A primeira criança é a **JULIANA**, uma menina de 10 anos que estuda na Escola Privada do **Campo Comprido** e participou com muito interesse durante todas as conversas. Demonstrou muita vontade em partilhar suas opiniões com as outras crianças.

Na casa da Juliana mora o pai, a mãe, um irmão mais velho e uma irmã menor. Segundo as outras crianças, a casa de Juliana é gigantesca e tem uma grande biblioteca. O pai dela é advogado e a mãe é arquiteta. Juliana mora em um condomínio de casas no bairro **Campo Comprido** e gosta muito desse lugar:

Juliana: Eu gosto de lá porque eu moro em um condomínio que tem bastante criança e eu adoro brincar na rua. [...] Eu gosto de brincar com os meus vizinhos, tem bastante vizinho! Tinha uma parede lá em uma das casas bem grande que era bem grande mesmo, que tinha uma escada, aí a gente brincava lá e também pegava umas cordas e pulava.

Juliana diz que gosta muito de morar no seu condomínio e afirma que seus pais não deixam ela sair sozinha. Como já descrito nessa pesquisa, Juliana morava antes em um apartamento no Centro, mas como havia muito barulho e a sua irmã estava para nascer, a família resolveu mudar-se para um bairro que não tivesse tanto barulho e que as crianças pudessem brincar tranquilamente. Juliana afirma que gosta muito do seu condomínio pois pode brincar na rua desse local e também no parquinho e seus pais não ficam preocupados.

É importante ressaltar que um dos motivos que levam as famílias de classe média e alta procurarem condomínios para moradia é a questão da segurança. Nesses locais, por causa de toda a estrutura, é muito mais difícil acontecer casos de violência e assaltos. Assim, nesse contexto, Caldeira (2011) afirma que esses condomínios estão mudando o panorama das grandes cidades pois acabam segregando o espaço e homogeneizando o ambiente, valorizando o privado e a vida em um mesmo grupo social. Saraiva (2009), relata que o condomínio, assim como a escola, a família e a mídia, colabora na construção de sentidos sobre o urbano na criança, constituindo maneiras de compreender a cidade.

Os pais de Juliana não a deixam andar sozinha no bairro pois acham perigoso, tudo que ela faz nesse espaço a família está sempre presente. Relata que costuma ir junto com seus pais, de carro, em alguns lugares do seu bairro como, por exemplo, na panificadora, no restaurante, e no frigorífico (que chama de churrasceria).

Juliana: Pertinho da minha casa tem uma panificadora, daí tipo toda vez que a gente precisa de frios para comer à noite nós vamos lá. E também tem uma churrasceria que não é um restaurante, que a gente vai pegar carne, daí como meu pai e minha mãe têm uma família grande, tipo nos domingos eles fazem churrasco.

Juliana estuda à tarde em uma turma de 5º ano, vai para a escola de carro com o seu pai ou com a sua mãe e junto de sua irmã mais nova que também estuda na mesma escola. Ela tem medo da velocidade alta dos carros nas ruas próximas da escola e também dos barulhos que os carros fazem. Tuan (1979) relata que esse medo ao ruído na cidade está presente desde os tempos antigos. Na Roma Imperial a gritaria e o barulho do empurra-empurra nas ruas causavam medo nas pessoas. O som dos sinos tocando várias vezes durante o dia também era causa de desconforto. Já no século XVII, os gritos dos vendedores nas ruas e o aumento de carruagens com rodas feriam os ouvidos dos moradores.

Juliana relata que prefere estudar na escola privada pois acredita que na escola pública “o ensino não é tão bom”. Na escola, no período contrário à aula, realiza aula de circo para aprender a se movimentar mais. E, quando não está na escola, Juliana faz curso de inglês, sapateado, brinca e gosta muito de ler antes de dormir. Relata, com apreço, quando vai com seu pai em uma livraria:

Juliana: *Eu também gosto! Tem uma livraria na Sete de Setembro que eu não me lembro o nome só que é de navegantes. É uma livraria que o tema dela é um navio. Daí você vai em um lugar em cima que parece um navio, tem até uma escotilha. É muito massa!*

Juliana relata que, muitas vezes, à noite, sai para jantar com a sua família e nos finais de semana, quando não visita avós, seus pais fazem churrasco em sua casa com a presença de parentes:

Juliana: *E no final de semana geralmente no sábado e no domingo eu vou na casa da minha avó, quando ela está aqui, ou do meu avô, ou da minha outra avó [...] Os meus pais também fazem churrasco em casa, aí vem um monte de tios e primos meus.*

Juliana frequenta vários shoppings centers em Curitiba com a sua mãe. Costuma ir no Park Shopping Barigui (onde vai mais), Shopping Pátio Batel, e Shopping Curitiba. Geralmente compra roupas, brinquedos, passeia, brinca, come e vai nas livrarias. Também acompanha a mãe no salão de beleza. Gosta muito de ir ao shopping.

Ela frequenta com sua família vários parques de Curitiba como, por exemplo, Parque Tingui, Parque São Lourenço e o Parcão dos Cachorros. Contudo destaca que vai mais no Parque Barigui para brincar e andar de bicicleta. Até fez amizade com outras crianças no parque e compartilhou brinquedos:

Juliana: *Eu fiz amizade com uma menina chamada Andreia, que ela tava brincando comigo. Ela tinha uns Trolls⁵⁹, eu também tinha trazido os meus, daí a gente ficou brincando lá, de cidade dos Zelfos⁶⁰.*

Juliana relata que não gosta muito do outro lado do Parque Barigui (que possui um parquinho para as crianças e canchas de areia), afirma que na última vez que brincou nessa parte foi picada por uma abelha. Ela também ressalta que já escutou boatos sobre o rapto de crianças nesse parque.

Juliana destaca que costuma frequentar o Teatro Positivo e o Teatro Guaíra para assistir alguns espetáculos com seus pais e seus irmãos. Frequenta também o Museu Oscar Niemeyer com a sua família. Gosta de brincar no “Parcão dos cachorros” que é atrás desse museu.

⁵⁹ São bonecos com cabelos coloridos e diferentes acessórios. Em 2016 a Dreamworks produziu o filme de animação Trolls.

⁶⁰ São criaturas de diversas cores com enormes cabelos. Existem vários modelos e com vários poderes. Muitas crianças fazem coleções desse brinquedo.

Juliana: Eu presto muita atenção nas obras! Eu também fico brincando com a minha irmã mais nova de pega-pega e esconde-esconde dentro do museu. [...] Eu também entrava naquele túnel, até proibirem a entrada de crianças.

Quando foi apresentado para as crianças o mapa dos bairros de Curitiba, problematizou-se com elas sobre os locais que conheciam. Juliana falou o seguinte:

Juliana: Os únicos bairros que eu conheço é o Campo Comprido, Bigorriho, Mossungué que eu não sei se são o mesmo bairro e o Sete de Setembro que o meu pai trabalha lá e eu vou muito.

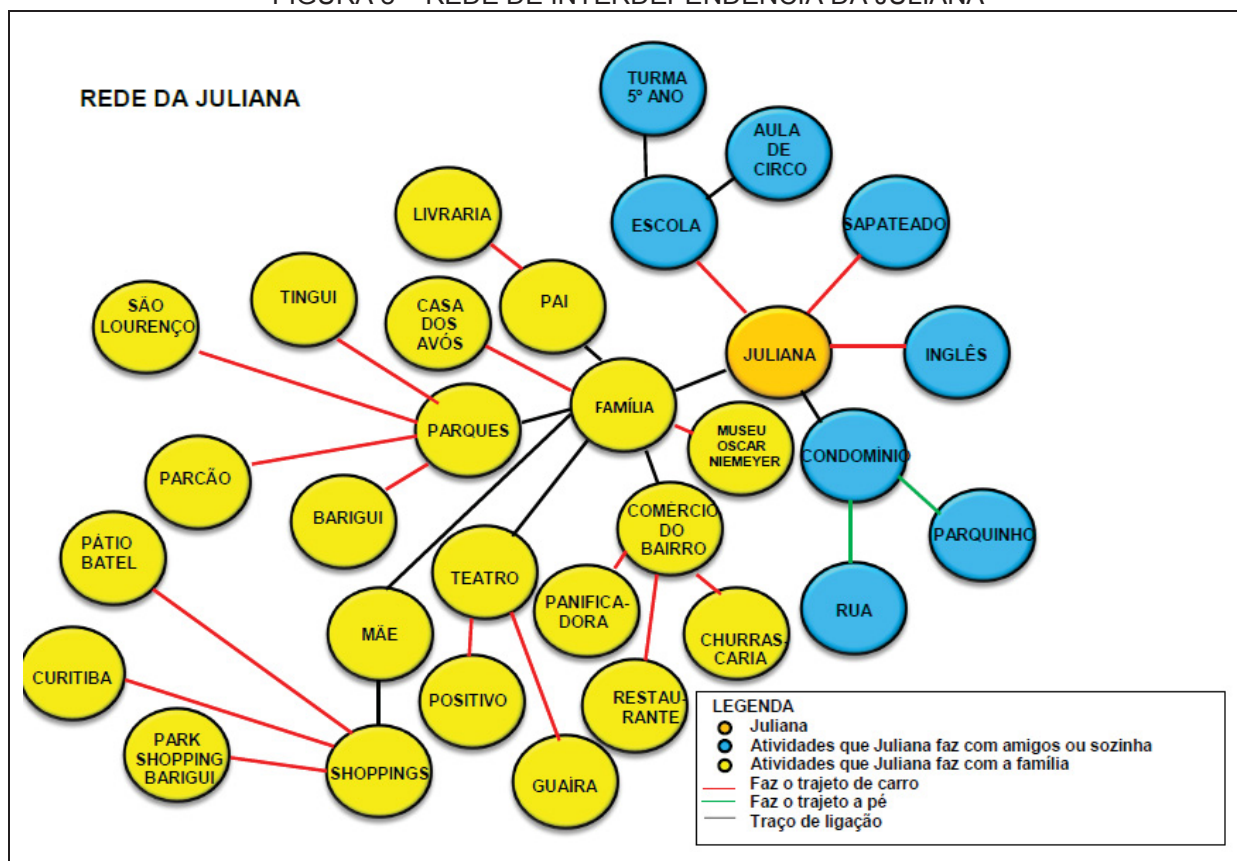
Se Juliana fosse prefeita de Curitiba abaixaria os preços dos alimentos básicos (maçã, banana) e aumentaria daqueles alimentos que não são tão básicos (blueberry,⁶¹ cereja, pera). Também diminuiria o preço da passagem de ônibus e aumentaria o salário mínimo.

Dessa forma, a partir das discussões de Elias (1994) pode-se afirmar que a composição da rede de interdependência de Juliana é variada culturalmente e tem muita mobilidade, só que essa mobilidade é mais para fora do bairro com uma elasticidade induzida, de elite, sendo a rede elástica para determinados locais. Conforme a figura 8, a seguir, Juliana desloca-se bastante pela cidade de Curitiba, apesar de conhecer pouco o bairro em que mora, tem uma rede de interdependência ampla. Contudo percebe-se que a família está presente na maior parte da rede de Juliana, participando com ela em diferentes situações. É importante destacar que, nas atividades que Juliana faz sozinha, a família também está presente, como quando leva a menina até a escola ou até aos cursos que realiza. No condomínio quando brinca também é cuidada ou pelas câmeras de segurança ou pelos próprios pais.

A vida de Juliana pode ser compreendida a partir das relações que estabelece com as pessoas que fazem parte da sua rede de interdependência e pelos espaços de convívio. A compreensão de mundo e os significados criados por Juliana são produzidos a partir das configurações sociais que fazem parte da sua vida.

⁶¹ Fruta conhecida no Brasil como mirtilo.

FIGURA 8 – REDE DE INTERDEPENDÊNCIA DA JULIANA



FONTE: A autora (2018).

Assim, apresenta-se a rede da segunda criança, o menino **LUCAS** de 10 anos que estuda na Escola Pública do **Campo Comprido**. É importante destacar que, durante todas as conversas realizadas, ele participou com muito entusiasmo. Sempre fez questão de relatar a sua opinião sobre os assuntos discutidos com as crianças.

Lucas mora em uma casa que está localizada em uma rua sem saída, numa região mais simples do bairro **Campo Comprido**, mas que também há a presença de condomínios horizontais de luxo. Mora com o pai, com a mãe, com um irmão mais novo de três anos e com uma tia que, segundo ele, está morando em sua casa porque veio para Curitiba fazer faculdade e trabalhar. No momento, essa tia do Lucas só faz faculdade:

***Lucas:** A minha tia mora em uma cidade que não tem muita coisa, tem bastante plantação. Aí ela veio para Curitiba porque aqui ela consegue estudar a faculdade. Ela quer ser enfermeira. Ela está procurando emprego também.*

A mãe de Lucas trabalha como vendedora em uma loja de eletrodomésticos que está localizada no Centro de Curitiba. Seu pai trabalha com a colocação de cerâmica (azulejista) em casas e comércios.

Lucas afirma que gosta muito de morar no bairro **Campo Comprido** e, principalmente na sua rua. Onde sua casa está localizada, há várias outras casas que moram muitas crianças, assim, costumam brincar juntas, uma na casa das outras ou na própria rua:

***Lucas:** Eu tenho uns amigos que moram perto de casa, aí eu vou na casa deles jogar no computador. [...]. Na rua eu ando de bicicleta, solto pipa, brinco de patinete e jogo bola. [...] A minha rua é calma, passa pouco carro porque não tem saída para nenhuma outra rua. A gente brinca bastante nela, todo mundo se conhece aí não tem perigo.*

Lucas acha a sua rua tranquila porque não tem saída, dessa forma pode aproveitar o espaço para se encontrar e brincar com outras crianças. É interessante destacar, que já na metade do século XX, Fernandes (2004), percebe a importância dos grupos infantis constituídos entre a vizinhança. As crianças se organizavam durante as brincadeiras e faziam atividades diferentes distribuindo papéis. Já, naquela época, os meninos brincavam mais de jogos e bate-bolas na rua.

Lucas percebe, que nas proximidades de sua casa, existem muitos condomínios, por isso passa muitos carros de equipe de segurança cuidando da região. Mas, mesmo assim, afirma que não anda muito sozinho. Sua família só deixa ele brincar na frente de casa ou ir em alguns lugares próximos como mercado, sorveteria e panificadora. Quando precisa ir longe, sempre um adulto o acompanha. Ele discorda da opinião da sua família:

***Lucas:** Minha mãe diz que é perigoso. Que pode acontecer alguma coisa. Só que eu já sou grande, sei andar sozinho. Não tenho medo. Na minha rua até que não tem tanto assalto, só assaltaram uma vez.*

Referente à vida escolar, Lucas estuda no período da tarde em uma turma de 5º ano e vai para a escola de van⁶² junto com os seus amigos que moram perto de sua casa e estudam na mesma escola. Acredita que, no ano de 2018, quando estará no 6º ano, poderá ir sozinho para a escola de ônibus de linha.

⁶² Meio de transporte que as famílias contratam para levar as crianças até a escola.

Durante a semana, no período da manhã, Lucas treina futebol em uma escolinha perto de sua casa. No sábado, pela manhã, faz curso de inglês e à tarde vai para a catequese na igreja. Ele relata como vai para esses locais:

***Lucas:** No treino de futebol eu vou com os meus amigos de a pé, é só nas terças e quintas, é bem perto de casa! Na catequese também, tem uma igreja quase do lado de casa, aí vou sozinho pois já sou grande. No curso de inglês eu vou com o meu pai de carro, é longe, fica em um bairro que tem um monte de prédios, acho que o nome é Água Verde [...]. Minha mãe diz que é bom fazer inglês por causa do trabalho.*

A família de Lucas sempre residiu no bairro **Campo Comprido**, desde criança ele mora na mesma casa. Seus avós maternos moram no Umbará, já, os avós paternos, moram em uma outra cidade no interior do Paraná. Às vezes, quando tem algum feriado, a família de Lucas viaja e visita os seus avós.

Referente ao bairro **Campo Comprido**, Lucas afirma gostar e conhecer. Além de estudar, fazer catequese e treinar futebol no próprio bairro, costuma frequentar as pizzarias com a família. Acha interessante os condomínios perto de sua casa e tem vontade de conhecê-los, porém não pode porque não é morador. Caldeira (2011) relata que, em cidades fragmentadas por condomínios, os princípios de acessibilidade e livre circulação são difíceis de se manter para a população em geral. Esses condomínios são símbolos de status, elaborando diferenças sociais e separação, criando fronteiras e hierarquias.

Lucas relata que não conhece nenhuma criança que mora nesses condomínios perto de sua casa. Escuta somente elas brincando na piscina e nas quadras e saindo de carro. Uma vez, como comentado anteriormente por uma amiga, Lucas já tentou pular o muro de um condomínio para poder ir brincar nele, mas não conseguiu.

Lucas também gosta bastante da cidade de Curitiba. Costuma ir com a sua família no Park Shopping Barigui e lá geralmente compra roupa, vai ao cinema e faz lanche. Frequenta também o Shopping Palladium e o Shopping Curitiba. Vai quase todos os finais de semana ao Parque Barigui, gosta muito de soltar pipa e andar de bicicleta. Gosta de brincar, junto com a sua família, na parte do parque que tem as canchas de areia. Acha essa parte a mais legal. Frequenta também o Parque Lago Azul e o Parque Tingui.

Lucas geralmente vai com os seus pais e seu irmão no Museu Oscar Niemayer ver as pinturas. Também já foi na Universidade Positivo jogar uma partida de futebol. Lucas ficou impressionado com o tamanho do lugar e deseja estudar nessa instituição:

***Lucas:** Nossa, eu quero estudar na Faculdade Positivo, é muito grande lá, parece uma cidade de tão grande. A quadra de futebol é enorme, dá para fazer um campeonato.*

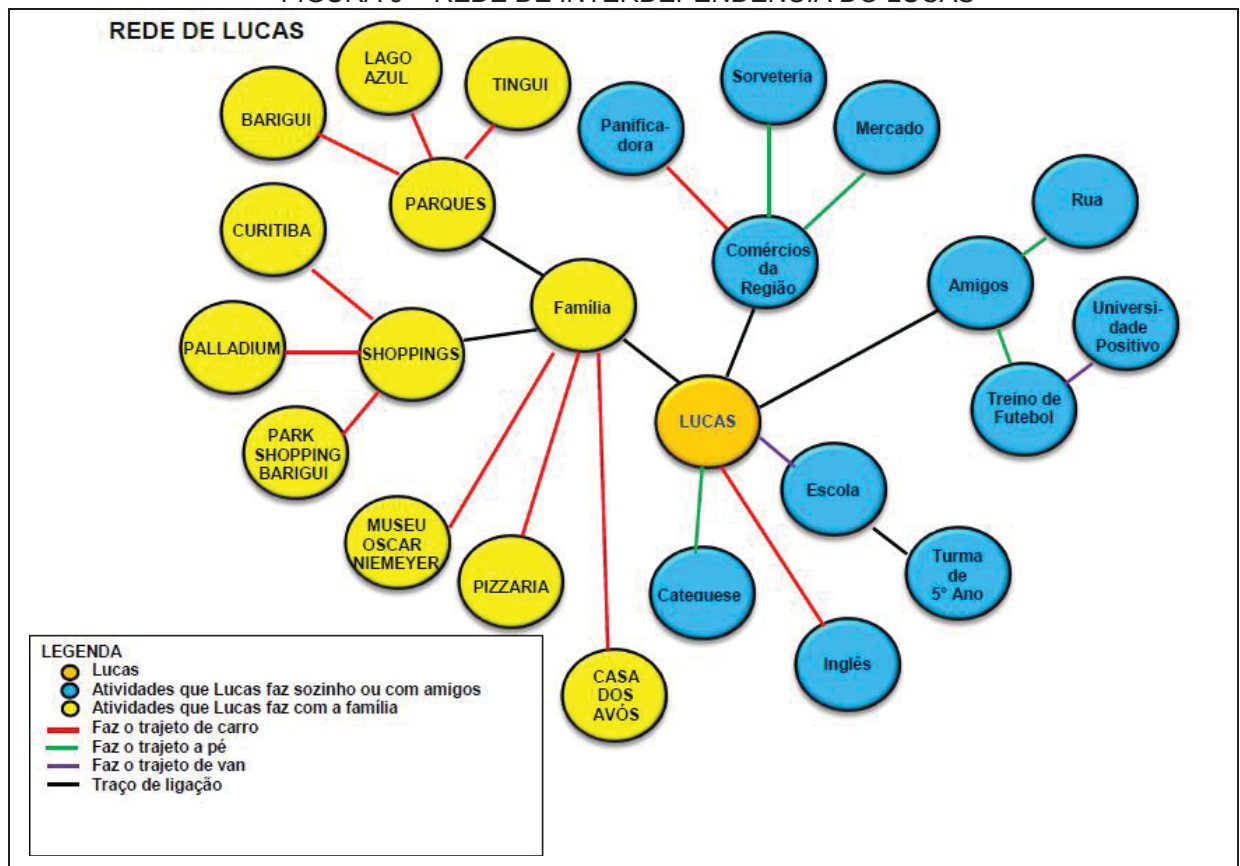
Referente aos bairros da cidade, Lucas conhece o Pinheirinho, Mercês, Água Verde, Ecoville e Centro. Disse que costuma observar a cidade quando anda de carro com os seus pais ou caminha a pé no bairro e vê que tem alguns problemas. Nesse sentido afirma que se fosse prefeito de Curitiba, faria o seguinte:

***Lucas:** Eu ia pôr mais sinalizações, iria asfaltar muitas ruas que tem em Curitiba e são terra ainda pra melhorar. Iria fazer um abrigo para os animais de rua e para os moradores de rua.*

Assim sendo, nota-se que Lucas está imerso em uma rede bem variada e elástica. Há presença marcante de sua família, mas também de amigos. Lucas realiza algumas atividades no seu próprio bairro, fazendo alguns trajetos até mesmo a pé, possibilitando uma maior conhecimento e convívio com o **Campo Comprido**.

Nesse sentido, pensando a partir de Elias (1994), as compreensões que Lucas tem do mundo e os sentidos que ele dá a realidade são tecidos a partir das configurações sociais e espaciais que participa. Essas relações acontecem mais próximas ao bairro, oportunizando a constituição de laços mais firmes com esse local. A partir de suas vivências no bairro, entende a própria cidade de Curitiba. A capital do estado do Paraná, como visto nessa pesquisa, apresenta-se para Lucas, além de interessante e com vários pontos turísticos e shoppings, como segregadora e privada, em que separa as pessoas a partir de alguns determinantes como a própria riqueza e o local de moradia. Mas Lucas, não satisfeito em só observar, quer ter acesso também, mesmo que para isso, seja preciso pular o muro. A figura 9, a seguir, ilustra a rede de Lucas:

FIGURA 9 – REDE DE INTERDEPENDÊNCIA DO LUCAS



FONTE: A autora (2018).

A terceira rede apresentada pertence ao **GUILHERME**, um menino de 10 anos que estuda na Escola Privada do bairro **Tatuquara**, ao sul da cidade. Durante as conversas, expôs com interesse as suas opiniões sobre as questões referentes ao bairro e à cidade de Curitiba.

Guilherme reside em uma casa que fica em uma rua movimentada do bairro **Tatuquara** e mora nesse lugar desde que nasceu. Na sua casa moram seu pai, sua mãe, sua irmã mais velha e sua avó materna. Sua mãe é polícia militar e seu pai é segurança de um shopping. Segundo Guilherme, a sua irmã está terminando o ensino médio e quer ser médica. Durante as conversas, ele faz um comentário sobre o trabalho de sua mãe:

***Guilherme:** Minha mãe e os outros policiais cuidam de Curitiba! É bem difícil, tem muito crime e ela prende um monte de bandido, ela chega em casa cansada. Tadinha dela!*

Guilherme afirma que brinca muito em casa, gosta de mexer no computador, no celular e jogar bola. Às vezes tem um amigo seu, da mesma sala, que vai na sua

casa brincar com ele. Não costuma andar sozinho no bairro porque a família acha perigoso por causa dos muitos assaltos na região, só vai sozinho buscar pão em uma panificadora que fica na quadra da sua casa. Ressalta que gosta de ir com o pai em uma praça perto de sua casa:

***Guilherme:** Eu esqueci de mencionar um negócio, nos dias da semana eu vou numa pracinha que tem do lado da minha casa com o meu pai. Tipo minha casa é aqui e tem uma ruazinha aqui, aí já tem a praça.*

Referente ao bairro **Tatuquara**, Guilherme acha que precisa muito melhorar, ressalta que há muitas ruas esburacadas e muita sujeira. As praças são pichadas e há muito mato que precisa ser cortado. Ele afirma que acontecem muitos assaltos e mortes perto de sua casa:

***Guilherme:** Meus dois vizinhos foram assaltados e roubados. Ainda bem que a minha casa não é assaltada porque eles têm medo dos meus cachorros porque são enormes.*

O **Tatuquara**, conforme Souza (2002), que também estudou esse bairro, é muito diferente daquela Curitiba apresentada aos turistas que desejam conhecer a cidade, o bairro carrega um estigma de violência e tráfico de drogas, deixando a sua própria população com medo do bairro.

Apesar desses problemas, Guilherme gosta do **Tatuquara** e sente-se feliz em morar nele. Geralmente vai com a sua avó no mercado, no aviário e na unidade de saúde. Relata que tem vários amigos e gosta muito da sua escola, onde frequenta desde bebê. Ele estuda de manhã no 5º ano e terá que sair da escola no próximo ano pois a instituição não tem turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, e isso o deixa preocupado. Segundo Guilherme, a ida e o retorno da escola são realizados de carro junto com o seu pai pois a escola é um pouco longe de sua casa e a pé seria muito demorado. À tarde, duas vezes por semana, faz curso de informática no bairro Portão e a sua avó o acompanha. Durante o curso, a avó do Guilherme fica no shopping e depois vai buscá-lo. No final de semana, participa da escolinha dominical de sua igreja, acha importante pois diz aprender a ter mais fé em Deus. Referente ao que costuma fazer em Curitiba, Guilherme relata:

Guilherme: *Eu gosto de ir no shopping, no parque, eu gosto de passear com os meus pais. Quando está chovendo, eu também fico em casa, daí eu faço isso em Curitiba, eu gosto bastante dos parques, essas coisas...*

Guilherme também frequenta vários shoppings em Curitiba, principalmente o Shopping Palladium e o Shopping Total pois são perto do seu curso e a sua avó sempre leva-o para fazer um lanche:

Guilherme: *A minha avó é bem legal, tem vezes que depois do curso ela me leva para tomar sorvete ou no Palladium ou no Total.*

Ele também afirma que frequenta os shoppings com a sua mãe e sua irmã no final de semana. Gosta muito de ir ao cinema e ver filmes de super heróis e fazer lanche no McDonalds⁶³. Outro shopping que frequenta é o Shopping Estação, mas vai um pouco menos porque é longe de sua casa. Foi uma vez no Shopping Pátio Batel, relatando o seguinte:

Guilherme: *Eu já fui uma vez lá, mas não tinha muita coisa. Eu fui só dar uma olhada, ver como é o shopping, pra mim conhecer.*

Referente aos parques e museus de Curitiba, Guilherme conta que já foi, algumas vezes, no Parque Barigui e no Zoológico. Perguntando para ele o motivo de não conhecer muitos parques de Curitiba, Guilherme fala o seguinte:

Guilherme: *Os parques que passa na TV são muito longe daqui do Tatuquara.*

Dessa forma, problematiza-se como o território da cidade de Curitiba é desigual para a sua população. Enquanto algumas regiões têm vários equipamentos de lazer e cultura oportunizando experiências variadas para os moradores, outras regiões estão desamparadas, contando apenas com alguns equipamentos que, na maioria das vezes, estão inapropriados para a utilização, dessa forma, restringindo o seu acesso. Castells (1999), percebe que o espaço desempenha papel fundamental na articulação das elites. Enquanto elas têm a maioria dos seus interesses atendidos, o restante da população, fica isolada e segregada.

⁶³ Restaurante de fast food de hambúrguer.

Guilherme destaca que vai sempre na Reserva do Bugio que é perto de sua casa com o seu pai. Como a maioria dos seus colegas de turma, Guilherme percebe que a Reserva do Bugio, um dos principais atrativos do bairro, está precisando de um maior cuidado da prefeitura e da população:

Guilherme: *Eu gosto da Reserva do Bugio, tem muita natureza lá, a única coisa é que o rio tá poluído, jogam muito lixo e cheira ruim, não tem nem como nadar, a água é suja. Mas eu gosto de ir lá andar de bicicleta.*

Guilherme relata que conhece poucos museus em Curitiba, lembra que foi algumas vezes no Museu Municipal da Arte (MUMA) com a sua avó depois do curso de informática, pois fica nas proximidades. Uma vez também foi com os seus pais assistir um teatro nesse local.

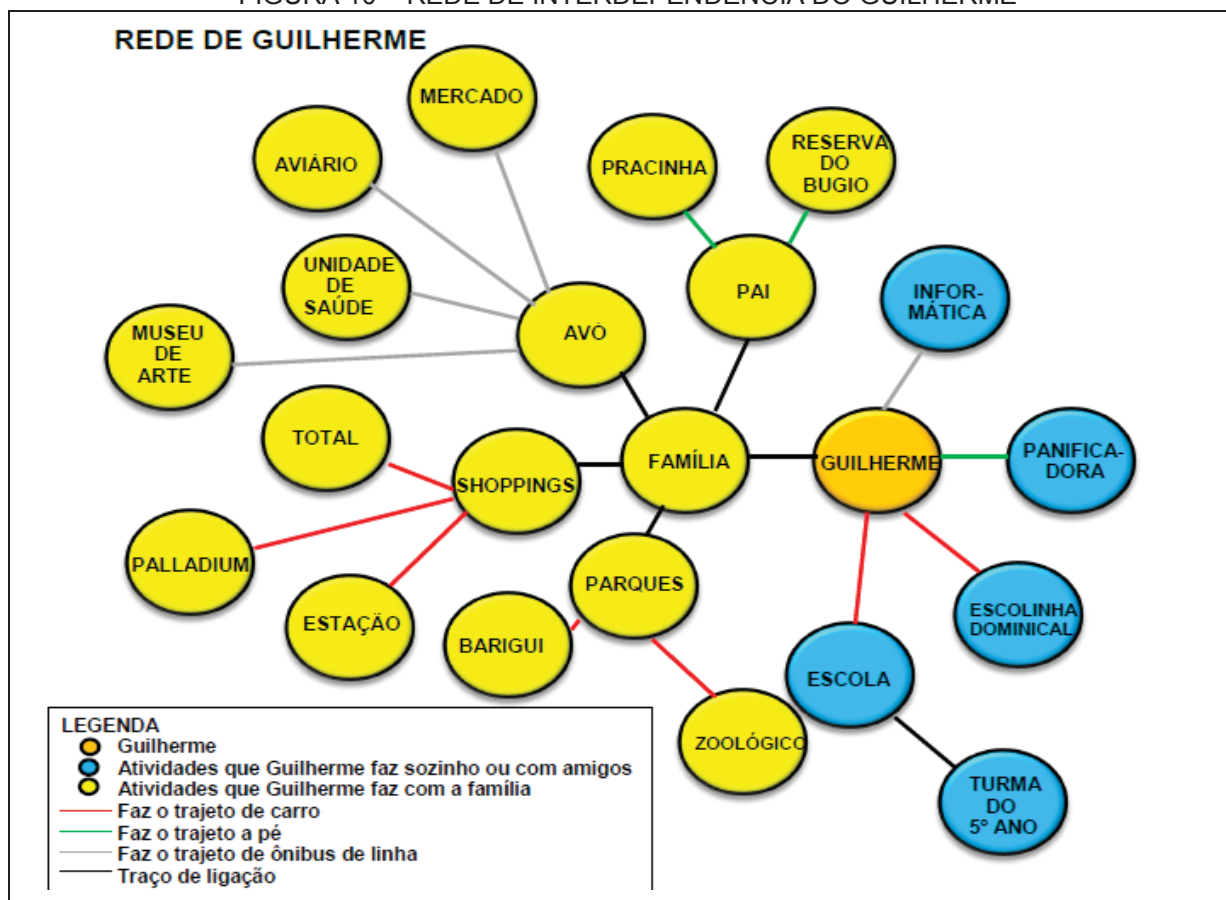
Se fosse prefeito de Curitiba, afirma que faria mais shoppings, diminuiria o preço dos produtos e faria parques. Ele acha que os bairros da parte central de Curitiba são mais seguros para se morar e também mais bonitos:

Guilherme: *Os bairros que são mais perto do centro, tipo Santa Felicidade, são mais bem cuidados, não tem nenhum ladrão e é tudo calminho.*

Assim, a partir de todas as configurações sociais que Guilherme participa, ele se mostra um ser mais complexo. Todos esses espaços e os sentidos que eles têm, constituem a forma de Guilherme ver o mundo. O medo da violência, a cidade desigual, os equipamentos públicos descuidados influenciam diretamente a sua formação. A constituição de Guilherme só pode ser pensada a partir de todas as relações que estabelece em seus espaços de convívio.

Dessa forma, apresenta-se, na figura 10 a rede de Guilherme na cidade de Curitiba:

FIGURA 10 – REDE DE INTERDEPENDÊNCIA DO GUILHERME



FONTE: A autora (2018).

A quarta e última rede a ser apresentada é de **ALINE**, uma menina de 10 anos, que estuda em uma Escola Pública no bairro **Tatuquara**. No início das conversas, Aline demonstrou-se meio tímida, mas, com o passar dos encontros, interagiu mais e trouxe importantes contribuições.

Aline mora em uma casa com o pai, a mãe, oito irmãos e dois cunhados. Ela relatou que é a filha do meio, tem duas irmãs e dois irmãos mais velhos e três irmãos e uma irmã mais nova, inclusive essa é bebê ainda. Sobre o trabalho de seus pais relata o seguinte:

***Aline:** Minha mãe não trabalha porque eu tenho a minha irmãzinha mais novinha e o meu pai trabalha de pedreiro, só que está sem serviço agora, está desempregado, mas ele trabalha registrado.*

Aline disse que os seus dois cunhados e uma de suas irmãs trabalham. Um cunhado trabalha no mercado perto de casa, o outro cunhado trabalha em um restaurante e a sua irmã trabalha em um salão de beleza. Ela relata que a mãe

planta na Horta Comunitária e vende as verduras para ganhar dinheiro e ajudar em casa⁶⁴. Abaixo, segue uma imagem de uma horta comunitária do **Tatuquara**:

FOTOGRAFIA 24 – HORTA COMUNITÁRIA DO TATUQUARA



FONTE: A autora (2018).

Aline nem sempre morou no bairro **Tatuquara**. Até os 5 anos de idade morava em uma cidade em Santa Catarina, mas não lembra o nome da cidade. Referente ao seu bairro, Aline disse que tem muito roubo, drogas e morte, contou que uns dias antes da conversa, aconteceu uma situação de violência bem perto de sua casa que até passou na televisão:

***Aline:** Esses dias entraram na casa do meu vizinho e esfaquearam ele, aí fugiram, acho que até pulou no terreno da minha casa para fugir. Ele foi no 24 horas, mas não aguentou e morreu. Passou até no Programa da Massa. O pai acha que foi por causa de droga.*

Apesar da violência, Aline disse que brinca dentro de casa, no terreno da sua casa e na escola. É muito difícil brincar em outro lugar porque não tem quem a acompanhe, pois, os adultos de sua casa trabalham ou saem para procurar emprego. Ela até ajuda no cuidado dos irmãos e nas tarefas domésticas:

***Aline:** Quando todo mundo sai de casa eu fico com os meus irmãos, dou comida e tenho que cuidar deles. Eu também ajudo a minha mãe com as coisas de casa, tem muita gente e ela precisa de ajuda pois tem a minha irmãzinha pequena que sempre quer mamar.*

⁶⁴ Espaço de terra disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Curitiba junto com a Eletrosul para que os moradores possam plantar verduras e legumes embaixo das torres de transmissão.

Às vezes as irmãs mais velhas levam ela e os irmãos para brincarem em uma pracinha no **Tatuquara** que é meio longe de sua casa. Lá eles brincam no escorregador, no trepa-trepa e brincam com a bola. Aline relata que os irmãos gostam de brincar muito nessa praça porque podem correr e tem espaço, pois o terreno de sua casa é bem pequeno e não tem como brincar na rua porque é perigoso. Ela diz o seguinte:

Aline: Estão roubando muita criança para vender para outras famílias. Eles levam para o estrangeiro e o estrangeiro leva para outra família.

Aline tem muita vontade de conhecer a Reserva do Bugio que os colegas tanto falam, mas ainda não conhece. A mãe prometeu que irá levá-la logo. No **Tatuquara**, Aline costuma ir sozinha ao mercado, à padaria e à farmácia que ficam próximos sua casa. Também acompanha a sua mãe e seus irmãos menores quando vão à Unidade de Saúde e na Horta Comunitária. Destaca que na Horta Comunitária, enquanto a mãe está plantando e colhendo as verduras e legumes, ela cuida dos irmãos.

De acordo com Sarmiento (2002), mesmo a infância ganhando visibilidade nas discussões mundiais, ainda sofre muito com a desigualdade. As crianças são as que mais passam fome no mundo e são afetadas pela exclusão social. Nesse sentido, percebe-se que Aline e seus irmãos ainda não possuem todos os seus direitos assegurados, vivem em situação precária, convivendo com a violência, a injustiça e a segregação. Tanto Aline como seus irmãos, são vítimas da falta da efetivação de políticas públicas para a infância.

Mesmo com a quantidade de tarefas domésticas e familiares que Aline tem, é importante destacar que ela é uma menina dedicada com as suas atividades escolares. Aline estuda no 5º ano de uma Escola Pública do **Tatuquara** no período da manhã. À tarde geralmente brinca de boneca, faz tarefas da escola ou ajuda a família. Não realiza nenhum tipo de curso no contraturno escolar. Para a escola sempre vai a pé junto com seus dois irmãos, sendo responsável por eles.

Referente à cidade de Curitiba, Aline disse que uma vez foi a um shopping, de ônibus, com a sua irmã mais velha e seu cunhado, mas não lembra o nome. Ela relata que gostaria de ir mais ao shopping como até mesmo ir ao cinema, pois nunca foi e tem muita vontade de conhecer. Também já foi uma vez no Parque Barigui com a sua mãe:

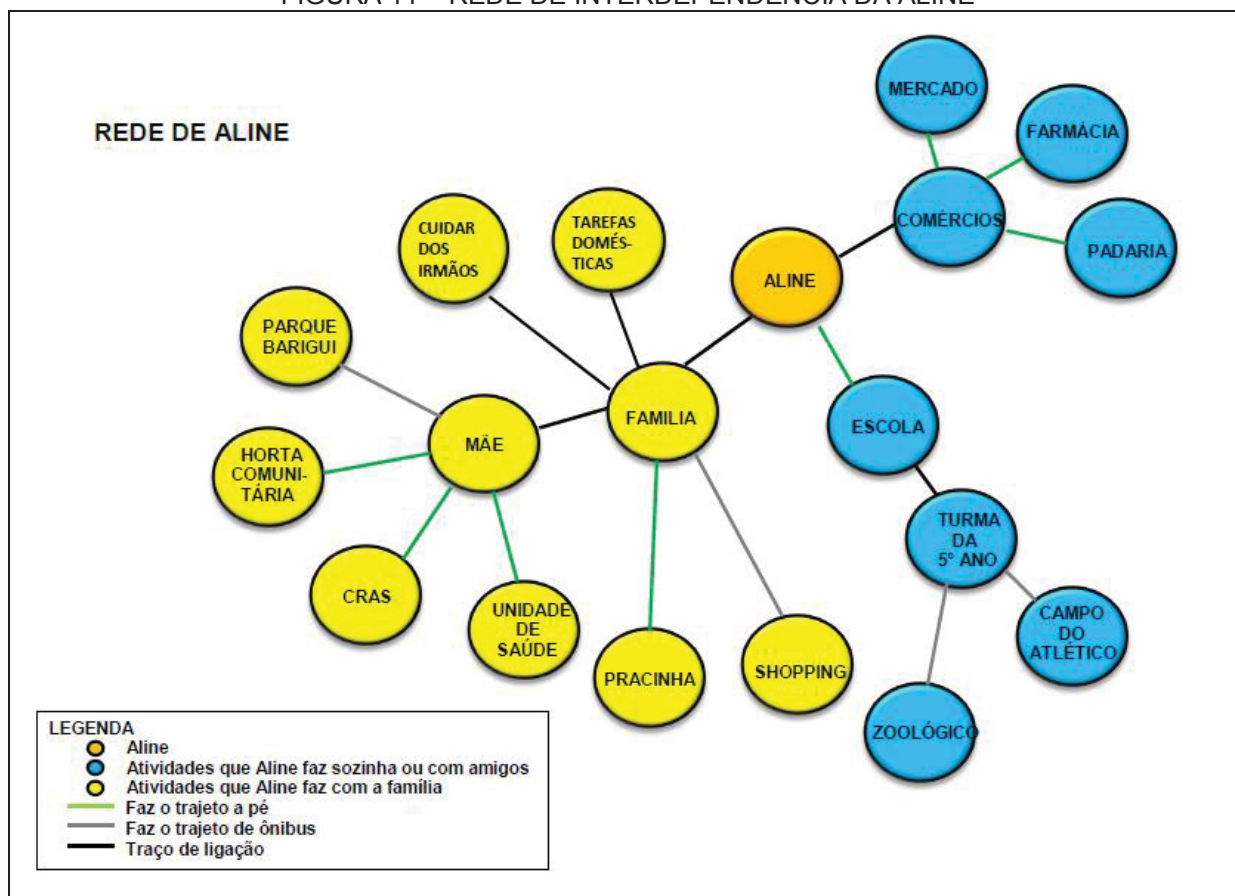
Aline: Fui lá ver as coisas com a minha mãe. Nós vimos um monte de animais dentro assim dos rios.

Aline não lembra de ter ido visitar outros parques de Curitiba como também espaços culturais. Sabe-se que Aline, como criança e moradora de Curitiba, tem direito à cidade, porém, de acordo Harvey (2012), esse direito tem se direcionado aos interesses privados, excluindo muitas pessoas de poder vivenciar a cidade na sua integralidade. Aline, como criança e por estar em condição de injustiça social, não tem a oportunidade de frequentar os espaços de Curitiba, sendo até mesmo excluída pela cidade.

Aline disse que, com a escola, foi em alguns lugares como o Zoológico, o campo de futebol do time Atlético Paranaense e um teatro. Ela lembra com muita alegria desses dias. Quando apresentado o mapa da cidade, disse conhecer os bairros do Pinheirinho e do Portão. Acha a cidade muito bonita, só precisa diminuir a criminalidade que está muito grande. Se fosse prefeita de Curitiba, investiria mais nas escolas, daria comida para quem passa fome e casa para as pessoas que não têm onde morar.

Assim, conforme figura 11, nota-se que a rede de Aline é restrita, pois, apesar de ter uma família numerosa, participa de poucas configurações espaciais e sociais diferentes das de seu universo mais próximo. Referente aos poucos grupos sociais que faz parte, a escola é uma das instituições que mais ela frequenta e possibilita novas relações com a cidade, como a ida em passeios que foram muito significativos para ela. Seus espaços de convívio estão fortemente imersos no bairro. Aline compreende a cidade de Curitiba a partir das formas de viver que ela constitui com os outros nesses espaços. Ela é uma criança curitibana que parece não ter todos os seus direitos assegurados e, dessa forma, não tem tempo para vivenciar a sua infância como outras crianças dessa pesquisa.

FIGURA 11 – REDE DE INTERDEPENDÊNCIA DA ALINE



FONTE: A autora (2018)

Sendo assim, tendo como referência as discussões de Elias (1994), compreende-se que essas quatro crianças estão imersas na cidade de Curitiba e utilizam os seus espaços para constituírem formas de viver, porém as redes tecidas por elas não são iguais. Todos os lugares que essas crianças frequentam contribuem para a construção de suas subjetividades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E no mundo de pesquisadora de Curitiba, a desigualdade socioespacial é sentida na própria pele:

Eu, tirando fotos de um espaço localizado na Regional Santa Felicidade, passa um homem e, com empolgação diz:

- Bem-vinda à Curitiba, a nossa linda cidade!

No mesmo dia vou até a Regional Tatuquara, e começo a tirar fotos de um espaço dessa regional. Uma mulher vem até mim preocupada e diz:

- Viu, amanhã a gente vai roçar e vai plantar! Não se preocupe! Você é fiscal da prefeitura, né!?

Curitiba, uma única cidade, mas tão contraditória e desigual!

Esse pequeno fragmento ilustra a grande desigualdade presente no território curitibano que parece já estar naturalizada na vida dos seus moradores. Na mesma cidade, dois comportamentos distintos referentes ao mesmo ato de fotografar. Nesse sentido, pode-se problematizar como foram tecidas as relações dessas duas pessoas com a cidade, em que uma trata a pesquisadora como turista e a outra como fiscal da prefeitura.

Dessa forma, nesse contexto desigual, as crianças vivem na cidade de Curitiba e estão presentes em todo o seu território. Como visto nesse estudo, a capital do Paraná oferece oportunidades socioespaciais desiguais para as crianças, influenciando diretamente nas vivências infantis.

Já, nas gestões do ex-prefeito Jaime Lerner, percebeu-se o caráter desigual das políticas urbanas constituídas para o desenvolvimento da Curitiba. Lerner fez um planejamento que privilegiava apenas uma parte da cidade. As áreas verdes e as oportunidades de lazer e cultura, que deveriam estimular o encontro entre as pessoas, foram concebidas muito mais para uma parte da cidade, principalmente ao norte e centro, deixando a outra parte, localizada ao sul da cidade, menos contemplada por esse projeto.

Também é fundamental destacar, conforme já tratado nessa pesquisa, que as políticas urbanas de cidade de Curitiba, historicamente, invisibilizaram determinados povos e exaltaram outros. Há uma valorização dos povos europeus e asiáticos que vieram para a cidade e um esquecimento da população negra e indígena, que muitas vezes têm sua cultura menos valorizada. Vários povos europeus são homenageados em parques e bosques de Curitiba, enquanto a população negra e indígena é pouco representada. E, essa forma branca e europeia, influencia até hoje

a identidade dos projetos urbanos, emergindo uma espécie de discurso em que há uma democracia racial e uma suposta harmonia étnica na cidade.

Na parte sul e nos extremos de Curitiba, foram construídos muitos dos conjuntos habitacionais da cidade, para a moradia da população de baixo rendimento. Essa população mora bem longe do centro urbano e da infraestrutura da cidade 'planejada' sendo periférica, quase não podendo utilizar as benfeitorias do planejamento construído pelas políticas urbanas.

Assim, Curitiba se constitui hoje, como cidade, a partir de todas as relações tecidas em seu espaço. Nota-se que, em seu território, há, em alguns bairros, uma grande concentração de renda e vários equipamentos públicos reconhecidos socialmente, enquanto em outros, mais populosos, localizados principalmente ao sul de Curitiba, há ainda pouco investimento público e precarização de vários serviços ofertados.

Dessa forma, Curitiba está presente hoje na vida das crianças e elas também se relacionam com o seu território. Assim, o objetivo central desse estudo buscou saber onde e como as crianças tecem suas redes de interdependência e significam os espaços do bairro e da cidade de Curitiba analisando aspectos relacionados à desigualdade. Nos espaços da cidade, as crianças experimentam a cidade e constituem formas de viver.

Sendo assim, para a construção dessa pesquisa, vários conceitos foram essenciais. Com os estudos de Norbert Elias, entendeu-se a relação entre indivíduo e sociedade. Ambos não podem ser entendidos isoladamente, porque um não existe sem o outro. Também, compreendeu-se que os indivíduos tecem suas redes de interdependência que dão origem a várias configurações sociais como, por exemplo, a família, a escola, o bairro, o estado, etc. As crianças dessa pesquisa, estão imersas em diferentes espaços da cidade e constituem-se como sujeitos a partir da vida em comum com outros indivíduos. Elas só podem ser compreendidas a partir das relações que constituem com as pessoas que fazem parte da sua rede e pelos espaços que convivem.

Para entender a infância e a criança, buscou-se, por meio da Sociologia da Infância, discussões que deixam de lado a criança como um sujeito entendido "a vir a ser", e compreendendo-a como ator social, que deve ser ouvida e é agente de sua própria ação. A infância, muito mais que uma etapa, é uma categoria geracional construída socialmente, sujeita aos parâmetros econômicos, culturais, tecnológicos

etc. Dessa forma, para essa pesquisa, foi de grande importância a compreensão da infância como categoria, pois além de valorizar o papel das crianças como agentes sociais e protagonistas durante a pesquisa empírica, também possibilitou um melhor entendimento de como elas vivem e dão sentido ao que falam nas configurações em que fazem parte.

Dessa forma, sabendo que as crianças utilizam o espaço do bairro e da cidade, procurou-se por estudos que discutissem a Sociologia Urbana em uma perspectiva relacional. Por isso a discussão dos conceitos de cidade e espaço foram de suma importância. A cidade é vista como resultado da construção humana, tecida a partir das relações sociais, marcada por pluralidades e contradições, e o espaço, é compreendido como expressão política da sociedade, sendo produto construído socialmente. A cidade contemporânea é permeada pela desigualdade que está presente nas relações estabelecidas no espaço. Nessa cidade são construídas fronteiras físicas e/ou simbólicas que criam mecanismos de exclusão e diferenciação. Alguns mecanismos que geram a desigualdade na cidade são: o consumo, o medo e a violência. Sendo assim, a desigualdade foi compreendida durante toda a pesquisa a partir de um enfoque relacional, pois acredita-se que, todo o contexto que o indivíduo está inserido e as relações sociais que ele faz parte, interferem na sua forma de vivenciar o mundo.

Nessa cidade, as crianças estão presentes, compreendendo o mundo e constituindo suas subjetividades. Por causa da desigualdade vivenciada na cidade, as crianças são prejudicadas, sendo segregadas e excluídas na própria cidade em que vivem. Diante de todo esse referencial teórico e dessa problemática, constituiu-se o caminho metodológico dessa presente investigação.

Verificou-se diferenças entre os bairros **Campo Comprido** e **Tatuquara**. No bairro **Tatuquara**, as crianças demonstraram menos uso dos espaços consolidados da cidade, já, no bairro **Campo Comprido**, ao contrário, as crianças demonstraram maior uso da cidade. É interessante destacar que os resultados dessa pesquisa se aproximaram da forma como o planejamento urbano foi constituído na cidade de Curitiba e parece ser uma das consequências desse modelo urbano de cidade. As crianças da parte norte e central de Curitiba frequentam mais os espaços consolidados da cidade porque estão mais próximas deles, em contrapartida, as crianças do sul, frequentam menos e pertencem a famílias com menor renda, ainda considerando as famílias que pagam a escola a privada.

Sendo assim, a partir dos dados quantitativos e qualitativos, foram levantadas as semelhanças e diferenças na utilização dos espaços do bairro e da cidade entre crianças da rede pública e da rede privada de ensino e das regiões norte/centro e sul de Curitiba. A partir dos temas mais recorrentes analisados durante a pesquisa quantitativa e qualitativa, constituiu-se quatro categorias de análise.

Sobre a categoria “A Infância e o Medo”, fica explícito que o medo à violência é muito presente entre as famílias curitibanas e por esse motivo não deixam os filhos deslocarem-se sozinhos no bairro e na cidade, limitando a terem experiências e aprendizagens com esses locais. Parece que há um medo maior das crianças do sul de Curitiba, principalmente daquelas da escola privada. As crianças da escola pública do **Tatuquara** já têm situações de medo um pouco mais naturalizadas. As crianças da escola pública do **Campo Comprido** também apresentam medo da violência, mas, demonstram confiar nas câmeras e nos seguranças que rodeiam suas casas por causa da presença de condomínios de luxo. Já, as crianças da escola privada desse bairro, apresentam medos diferentes, provavelmente por estarem mais protegidas dentro dos condomínios e pela falta de vivência no bairro de moradia.

A categoria “A Infância e o Consumo” demonstrou, mais uma vez, a desigualdade entre as crianças. É possível, por exemplo, comparar as crianças da escola pública do norte/centro, com as crianças da escola privada do sul. As crianças da Escola Privada do **Tatuquara**, mesmo tendo um certo recurso financeiro, mas, por morarem em um bairro afastado, com poucos equipamentos públicos como também privados, ficam limitadas em ir periodicamente nesses locais. Já, as crianças da escola pública do **Campo Comprido**, mesmo não tendo tantas condições financeiras, porém, por causa do lugar em que moram, podem ir mais aos locais públicos e, curiosamente, também em alguns privados, como foi o caso da experiência de uma criança com as atividades do Lego. É, claro, muitas delas fazem outros usos, já que esses espaços, à princípio, não eram para elas. Neste sentido, pode-se contrapor uma criança que brinca nas escadas rolantes do shopping enquanto outra acompanha a mãe no leilão. A conclusão dessa parte da pesquisa evidencia a importância da localização de moradia das crianças e que o aspecto espacial conta muito na forma com que vivenciam a cidade.

Na terceira categoria “A infância e o brincar” compreendeu-se que, mesmo morando na mesma cidade, o ato de brincar das crianças é influenciado pela

constituição do espaço ofertado. Enquanto as crianças do sul brincam em casa com medo da rua e percebem o abandono de um parque no bairro, que é um espaço interessante para brincar, do outro lado da cidade, as crianças da escola pública brincam na rua e, como as crianças da escola privada, tem o Parque Barigui com vários equipamentos atraentes para brincar.

A última categoria “A Desigualdade perpassando todas as categorias” discutiu como a desigualdade está presente na vida das crianças curitibanas. Elas relataram que percebem diferenças entre morar no norte/centro e no sul da cidade, principalmente aquelas que moram no **Tatuquara**. Elas afirmaram que os bairros da parte norte/centro são mais bem cuidados, têm mais policiamento e as casas e os carros são mais bonitos. Para elas, no **Tatuquara** falta policiamento, as ruas são esburacadas e há muita poluição, mas mesmo assim gostam do bairro. As crianças do **Campo Comprido**, da escola pública, afirmaram que já visitaram bairros do sul de Curitiba e acharam que há muita violência e tráfico de drogas. Já, as crianças da escola privada, desconhecem os bairros localizados ao sul de Curitiba.

Visitando as áreas de lazer dos dois bairros da pesquisa qualitativa também se percebe a desigualdade. As áreas verdes do **Campo Comprido**, principalmente as localizadas próximas ao Ecoville, são mais arborizadas e estão cuidadas. Os equipamentos e brinquedos infantis, em grande parte, estão preservados. Do outro lado, no bairro **Tatuquara**, a maioria das áreas verdes visitadas estão precárias, com lixos no chão, pichação e brinquedos quebrados. É importante lembrar que nesse bairro foi onde encontrou-se mais crianças utilizando esses equipamentos.

Por último, foi construída uma rede de interdependência de uma criança da cada escola pesquisada, para problematizar os significados infantis atribuídos aos locais do bairro e da cidade.

JULIANA estuda na Escola Privada do **Campo Comprido** e tem uma rede variada culturalmente com muita mobilidade, só que essa mobilidade é mais para fora do bairro com uma elasticidade induzida, de elite, sendo a rede elástica para determinados locais. Ela participa de várias configurações da cidade, apesar de não conhecer muito o bairro que mora, faz diferentes atividades extracurriculares, tendo um tempo menor dedicado ao brincar. Na maioria dos momentos, ela está junto com algum adulto, pois não é permitido que se locomova sozinha pela cidade. Juliana tem dificuldade de falar sobre o bairro pois não o reconhece, ele só serve de passagem para ela. Não conhece as crianças pobres de Curitiba, a única referência

que tem é de um relato de sua professora sobre a pobreza na cidade. Percebe-se que as crianças que convivem com Juliana também fazem parte de um grupo social específico, provavelmente parecidos com ela.

LUCAS estuda na Escola Pública do **Campo Comprido**. Por morar mais perto de vários pontos turísticos e por andar mais sozinho, tem uma opinião mais formada sobre o bairro, diferente de Juliana. Conhece o seu bairro e convive nele como também frequenta vários equipamentos de Curitiba. Tem vários amigos e com eles, caminha pelo **Campo Comprido**. Sua família também está presente na rede e o acompanha em algumas atividades. Lucas tem uma rede variada e aproveita-se de alguns benefícios do entorno de sua casa (como a segurança) para aproveitar mais a sua infância. Ele tem consciência social sobre o seu bairro e percebe as diferenças entre classe quando lhe é proibido brincar com crianças que moram com condomínio de luxo.

GUILHERME estuda na Escola Privada do **Tatuquara** e, por causa do medo da violência que acontece no seu bairro, só pode ir sozinho em um comércio do bairro. Participa de várias configurações sociais, mas sempre acompanhado. Não tem muitos amigos no bairro, sendo a escola o local que possibilita esse tipo de interação. Gosta do seu bairro mas acha que ele poderia melhorar se diminuísse a poluição e fosse mais cuidado. Não conhece muitos espaços da cidade de Curitiba porque mora longe deles. Dessa forma, a rede de Guilherme é limitada (espacialmente) e variada porque ele participa de vários grupos sociais.

ALINE estuda na Escola Pública do **Tatuquara** e desloca-se mais pelo seu bairro, porém em poucos lugares. Conhece pouco a cidade de Curitiba e o próprio bairro do **Tatuquara**, sendo que a escola foi uma das instituições que mais lhe oportunizou o conhecimento de alguns lugares da cidade. Aline, por causa da situação financeira e espacial, precisa ajudar a família tanto no cuidado da casa como na responsabilidade com seus irmãos. Ela é uma menina que, mesmo sendo criança, já carrega responsabilidades de adulto. Provavelmente essas tarefas roubem dela os momentos que poderia ter para brincar. Assim, a rede de Aline é restrita, do ponto de vista das relações sociais, pois participa de poucos grupos sociais e limitada tanto espacialmente quanto financeiramente.

Assim, a partir de todo o percurso metodológico dessa pesquisa articulado com os aspectos teóricos, percebeu-se que, a hipótese levantada no início desse trabalho em que se acreditava que as crianças das escolas privadas, por terem um

maior poder aquisitivo, utilizam mais os espaços da cidade comparadas as crianças das escolas públicas, não foi totalmente confirmada. Nem sempre estudar na escola privada significa mais acesso à cidade, principalmente quando o bairro da criança dessa escola estiver localizado em uma região mais afastada da parte central da cidade.

Desse modo, com esse estudo, pode-se concluir que o espaço urbano da cidade de Curitiba, além de ser desigual para a população, também é desigual para as crianças e, conseqüentemente as tessituras de suas redes são influenciadas por essa desigualdade. As oportunidades de socialização das crianças são distintas dependendo da localização da sua moradia e das configurações sociais a que fazem parte. Se elas moram na região norte ou central da cidade, terão mais chances de utilizar as áreas de lazer e cultura de Curitiba. Mesmo que a família não tenha uma boa condição econômica, é mais fácil para a criança frequentar esses lugares, ainda que seja só de passagem ou para participar das brincadeiras gratuitas.

Já, morando mais ao sul de Curitiba, as crianças terão maior dificuldade para utilizar os espaços consolidados e famosos da cidade, pois estes estão localizados mais na parte norte e central. Para elas, sobram apenas os espaços públicos do seu bairro que estão em situação precária e são, muitas vezes, usados por usuários de drogas. Dessa forma, quando a família tem condições, acaba optando pelo lazer privado, geralmente em shoppings mais próximos de seu bairro, porém, quando não tem condições de adquirir esses serviços, a rede da criança acaba sendo tecida nos espaços, na maioria das vezes precários, encontrados no bairro.

Sendo assim, a cidade de Curitiba apresenta-se desigual para as crianças, pois enquanto para algumas a pobreza parece estar longe e invisível, para outras, a pobreza faz parte de suas vidas. Conforme a pesquisa, a capital do Paraná parece ser mais bonita e interessante para as crianças que moram nas regiões norte e central da cidade e segregadora, descuidada e violenta para as crianças da região sul. Portanto, as crianças curitibanas tecem suas redes em uma cidade profundamente desigual e contraditória, que influencia diretamente nos seus modos de viver e de compreender o mundo.

REFERÊNCIAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Curitiba, PR**, 2017. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/curitiba_pr>. Acesso em: 18 ago. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Confiança e Medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRASIL, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm>. Acesso em: 06 mar. 2018.

BONAFÉ, J. M. A cidade no currículo e o currículo na cidade. In SACRISTÁN, J. G. **Saberes e Incertezas sobre o Currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013. P. 442-458.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, Edusp, 2011.

CAPES, Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Banco de Teses e Dissertações**. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>> Acesso em 12 set. 2017.

CARVALHO, L. N. **Infância e espaço urbano**: significados e sentidos de morar em posse urbana para crianças com idade entre sete e onze anos. 2006. 213f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3569>> Acesso em 14 set. 2017.

CARVALHO, A. S.; SUGAI, M. I. **A produção da cidade segregada: o caso de Curitiba**. Trabalho apresentado no II Simpósio de Estudos Urbanos, Campo Mourão, 2013.

CASTELLS, M. O espaço de fluxos. In: _____. **A Sociedade em Rede – Volume 1**. Tradução de: MAJER, R. V.; GERHARDT, K. B. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 403-455.

CORSARO, W. A. A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças. **Educação, Sociedade e Cultura**, Porto, Portugal, n.17, p.113-134, 2002.

_____. O estudo sociológico da infância. In: CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. Tradução de: REIS, L.G. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 13-72.

CURITIBA, Agências de Notícias da Prefeitura de. **Inaugurada em Curitiba a Reserva do Bugio, o maior refúgio urbano de vida silvestre no País**. Curitiba, mar. 2015. Disponível em:

< <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/inaugurada-em-curitiba-a-reserva-do-bugio-o-maior-refugio-urbano-de-vida-silvestre-do-pais/35969>>. Acesso em 21 fev. 2018.

CURITIBA, Agência de Notícia da Prefeitura de. **Prefeito Gustavo Fruet inaugura Parque Yberê, no Campo de Santana**. Curitiba, dez. 2016. Disponível em:

<<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/prefeito-gustavo-fruet-inaugura-parque-ybere-no-campo-de-santana/40738>>. Acesso em 29 abr. 2018.

CURITIBA, Decreto nº427/83, de 20 de outubro de 1983. Define critérios para definição de áreas públicas ajardinadas. **Sistema de Leis Municipais**, Curitiba, PR, 31 mar.2009. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/decreto/1983/43/427/decreto-n-427-1983-define-criterios-para-denominacao-de-areas-publicas-ajardinadas>> . Acesso em 25 dez. 2017.

CURITIBA, Portal Administrativo do Município. **Prefeito assina decreto da criação da Regional Tatuquara, a décima de Curitiba**. Curitiba, 2015. Disponível em: < <http://www.pam.curitiba.pr.gov.br/geral/noticia.aspx?idf=38199>> Acesso em: 04 set. 2017.

CURITIBA, Portal da Prefeitura de. **Aterro Sanitário de Curitiba**. Secretaria Municipal do Meio Ambiente.. Disponível em: < <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/aterro-sanitario-smma/454>> Acesso em 29 abr. 2018.

CURITIBA, Portal da Prefeitura de. **Campo Comprido**, Regional Portão / Santa Felicidade, logradouros. Curitiba. Não paginado. Disponível em:

< <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/pracas-regional-portao-santa-felicidade-campo-comprido/426>>. Acesso em 25 dez. 2017.

CURITIBA, Portal da Prefeitura de. **Tatuquara**, Regional Pinheirinho, logradouros. Curitiba. Não paginado. Disponível em:

<<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/pracas-regional-pinheirinho-tatuquara/424>>. Acesso em 25 dez. 2017.

CURITIBA, Prefeitura Municipal de. **Logradouros**. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Em fase de elaboração.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE) **Estudo Temático 2** – Perfil demográfico e socioeconômico dos bairros agregados de Curitiba. 2016. Disponível em: <<http://www.coreconpr.org.br/wp-content/uploads/2016/07/bairros.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

DIETZSCH, M. J. M. Leituras da cidade educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 727-759, set./dez. 2006.

DOWBOR, L. Entender a desigualdade: reflexões sobre o capital no século XXI. In: BAVA, S. C.(org). **Thomas Piketty e o segredo dos ricos**. São Paulo: Veneta: Le Monde Diplomatique Brasil, 2014. p. 8-18.

ELIAS, N. A civilização dos pais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 469-493, set./dez. 2012.

_____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008

_____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Kahar Editor, 2001.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERNANDES, F. As trocinhas do Bom Retiro. Contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. **Pro-posições**, v. 15, n. 43, p. 229-250, 2004.

FERNANDES, S. M. **Infância, políticas de educação integral/integrada e a constituição de territórios educativos: Um estudo no bairro Uberaba em Curitiba**. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FERREIRA, S. P. **Políticas Educacionais de ampliação do tempo e espaço para a infância em territórios urbanos: uma análise a partir do bairro do Pilarzinho da cidade de Curitiba**. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FERREIRA, V. M. R. Deslocamento de Crianças nos bairros de Curitiba e sua relação com processos de socialização. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v.10, n.1, p.52-68, 2016.

_____. **Tecendo uma cidade modular: Relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba na década de 1990**. 261 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FERREIRA, V. M. R. FERREIRA, S. P. **Infância e desigualdade na cidade: diferença interbairros na relação entre processos de mobilidade especial e de socialização de crianças de Curitiba**. No prelo.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Situação Mundial da Infância 2016: Oportunidades justas para cada criança**. Prefácio e Resumo Executivo. New York, 2016. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/SOWC2016_ResumoExecutivo.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2017.

GALEANO, E. **De pernas para o ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1999.

GALVÃO, A. A. **Condomínios horizontais fechados: segregadores ou segregados?** Um estudo sobre o caso do município de Maringá-PR. 2007. 142f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007. Disponível em: < <http://www.pge.uem.br/documentos-para-publicacao/dissertacoes1/dissertacoes/Condominios%20Horizontais%20Fechados.pdf>>. Acesso em 15 set. 2017.

GATTI, B. A. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Goiânia, v. 28, n. 01, p. 13-34, jan./abr. 2012.

GULLOV, E. OLWIG, F. **Children's Places, Cross-Cultural Perspectives**. London: Routledge/Falmer, 2003.

HALL, S. The Work of Representations. In: HALL, S. (org). **Representation. Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HARVEY, D. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 29, p. 73-89. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: < <http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

_____. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/panorama>>. Acesso em: 30 out. 2017.

_____. **Crianças no Censo 2010**. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/especiais/criancas-no-censo-2010>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

_____. Nomes do Brasil. **Censo 2010**. Disponível em <<http://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#!/ranking>> Acesso em 10 jun. 2017

_____. **Síntese dos Indicadores Sociais** – Uma análise das condições de vida da população brasileira-2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). **A Cidade que queremos: regional Santa Felicidade**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/planodiretor2014/arquivos/oficinas/SF%20-%20A%20CIDADE%20QUE%20QUEREMOS_opt.pdf>. Acesso em 04 set. 2017.

_____. **Curitiba em Dados**. Disponível em: <http://curitibaemdados.ippuc.org.br/anexos/2011_Mapa%20de%20Localiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20Parques%20e%20Bosques%20de%20Curitiba.jpg> Acesso em 18 ago. 2017.

_____. **Mapa das regionais**. Disponível em:
<<http://www.ippuc.org.br/mostrarpagina.php?pagina=351&idioma=1&liar=n%E3o>> Acesso em 26 abr. 2018.

_____. **Nosso bairro: Abranches**. Curitiba, 2015a. Disponível em:
<<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/50-Abranches.pdf>> Acesso em 15 set. 2017.

_____. **Nosso bairro: Cabral**. Curitiba, 2015b. Disponível em:
<<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/16-Cabral.pdf>> Acesso em 26 out. 2017.

_____. **Nosso bairro: Campo Comprido**. Curitiba, 2015c. Disponível em:
<<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/44-Campo%20Comprido.pdf>> Acesso em 03 set. 2017.

_____. **Nosso bairro: Caximba**. Curitiba, 2015d. Disponível em:
<<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/70-Caximba.pdf>> Acesso em 26 out. 2017.

_____. **Nosso Bairro: Sítio Cercado**. Curitiba, 2015e. Disponível em:
<<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/65-Sitio%20Cercado.pdf>> Acesso em 15 set. 2017.

_____. **Nosso Bairro: Tatuquara**. Curitiba, 2015f. Disponível em:
<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/74-Tatuquara.pdf> Acesso em 03 set. 2017.

JAMES, A.; PROUT, A. (org.) **Constructing and Reconstructing Childhood**. 2. Ed. London and New York: Routledge, 2010.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo, 1997.

LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: **La production de l'espace**. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

_____. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011.

_____. Prefácio – A produção do espaço. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 27, n. 79, p. 123-132, 2013.

LOPES, J. J. M. A criança e sua condição geográfica: contribuições da geografia da infância. **O social em Questão**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 21, p 111-122, 2009.1.

LUNA, S. V. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Educ, 1997.

MARTINS, R. **Quanto somos e quem somos**. Curitiba: Empresa Grafica Paranaense, 1941.

MARTINUCI, O. S. **Circuitos e modelos de desigualdade social intra-urbana**. 2008 146 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <
http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bpp/33004129042P3/2008/martinuci_os_me_prud.pdf>. Acesso em 15 set. 2017.

MASSEY, D. **Pelo Espaço**: Uma Nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORAES, P. R. B.; SOUZA, M. G. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, n. 13, p.7-16, nov. 1999.

NOGUERA, J. A.; **Sobre el concepto de desigualdad em ciencias sociales**. Cerdanyola del Vallès, 2004. Disponível em:
 <<http://gsadi.uab.cat/images/pdfs/noguera/Sobre%20el%20concepto%20de%20desigualdad%20en%20ciencias%20sociales.pdf>>. Consultado em 01.jun.2017.

OLIVEIRA, D. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

PADILHA, V. **Shopping center**: a catedral das mercadorias. São Paulo: Editora Boitempo, 2006.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Consulta Escolas**. Disponível em:
 <<http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/#>>. Consultado em: 13 ago. 2016.

PINTO, M.; SARMENTO, M.J. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (coord.) **As crianças contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997. P. 9-30.

QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, maio/ago. 2010a.

_____. Infância e Política. **Cadernos de Pesquisa**. v.40, n. 141, p. 777-792, set./dez. 2010b.

REYGADAS, L. Las redes de la Desigualdad: um enfoque multidimensional. **Política y Cultura**, Distrito Federal, n. 22, p. 7-25, outono 2004.

RODRIGUES, T. D. N. **Desigualdade no acesso à cidade**: a ocupação da Vila Ser-Pro no município de Rio Verde-Goiás. 2013. 227f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=80993> Acesso em 15 set. 2017.

SAMEK, J. **A Curitiba do Terceiro Milênio**. Curitiba: Gráfica e Editora Palavra LTDA, 1996.

SARAIVA, M. R. O. **A fábula da metrópole**: a cidade do ponto de vista das crianças moradoras de condomínio de luxo. 2009. 181f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281982/1/Saraiva_MarinaRebeca deOliveira_M.pdf> Acesso em 14 set. 2017.

SARMENTO, M.J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003.

_____. Estudos da infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano 12, n. 21, p. 15-30, 1/2009.

_____. Infância, exclusão social e educação como utopia realizável. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 265-283, abril 2002.

_____. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. de (org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 17-39.

SILVA, S. F. O. **As crianças**: um estudo sobre os sentidos e significados da infância entre crianças de uma sociedade desigual. 2015. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: < <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/16207>> Acesso em 15 set. 2015.

SOUZA, N. R. Planejamento urbano em Curitiba: saber técnico, classificação dos cidadãos e partilha da cidade. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, p. 107-122, jun. 2001.

SOUZA, O. A. **Estigma no bairro Tatuquara e a luta pela conquista da cidadania. Estratégias discursivas e práticas sociais de reversão**. 145f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2002.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”. In: NEGRO, A. L.; SILVA, S. (orgs.). **E. P. Thompson. A peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 2001.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Paisagens do Medo**. São Paulo: Editora UNESP, 1979.

VIEIRA, A. B. **O lugar de cada um**: Indicadores sociais de desigualdade intraurbana. 2005. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2005. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/05/05_alexandre.pdf> Acesso em: 15 set. 2017.

WACHOWICZ, R. **História do Paraná**. 9. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WIKIPÉDIA: A Enciclopédia Livre. **Lista de Bairros de Curitiba**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_bairros_de_Curitiba> Acesso em: 28 ago. 2017.

APÊNDICE 1 – ALGUNS EXEMPLOS DE GRÁFICOS ENCAMINHADOS PARA UMA ESCOLA PRIVADA DA REGIONAL BOA VISTA A PARTIR DAS RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS ENTREGUES PARA AS FAMÍLIAS.

GRÁFICO A – COR/RAÇA/ETNIA DA CRIANÇA:

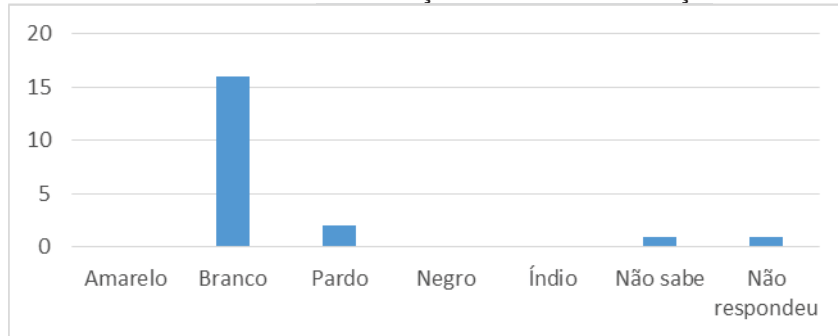


GRÁFICO B – QUEM ACOMPANHA A CRIANÇA ATÉ A ESCOLA:

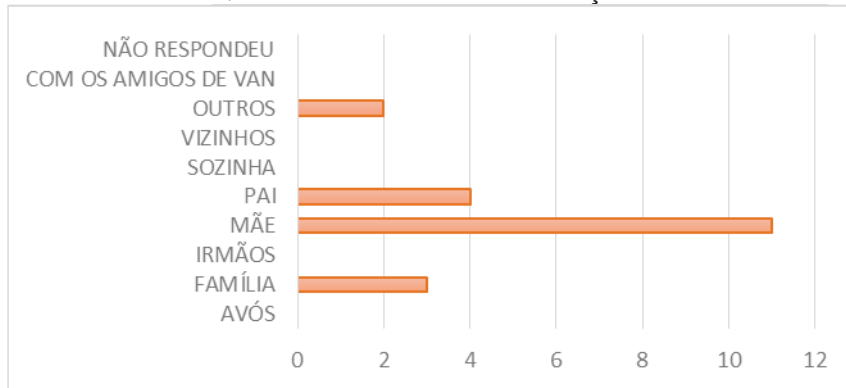


GRÁFICO C - COMO A CRIANÇA VAI PARA A ESCOLA:

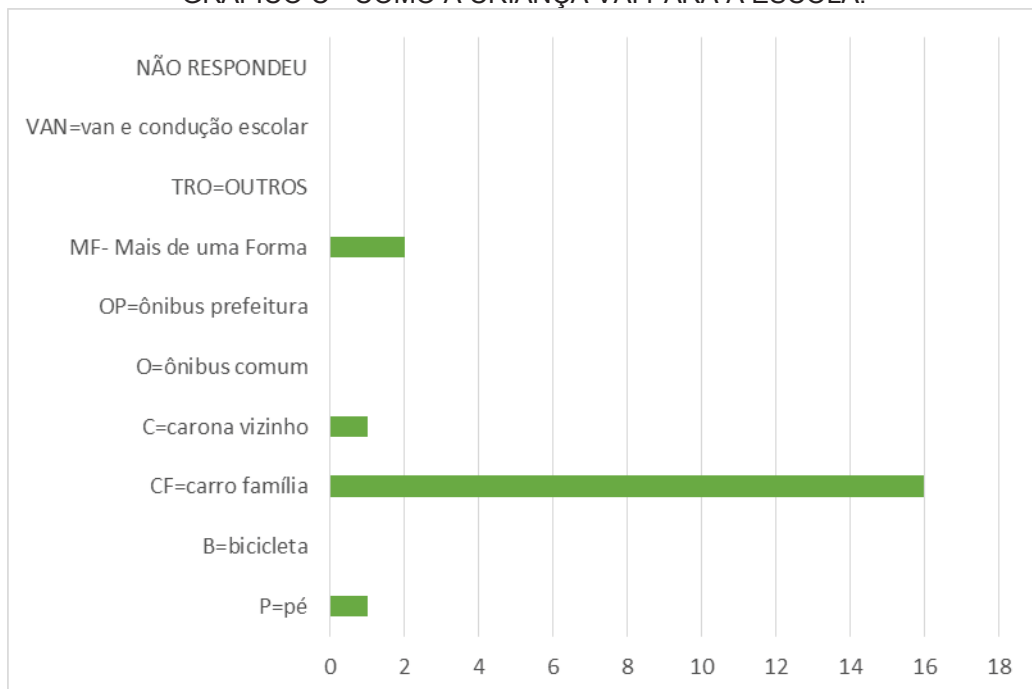


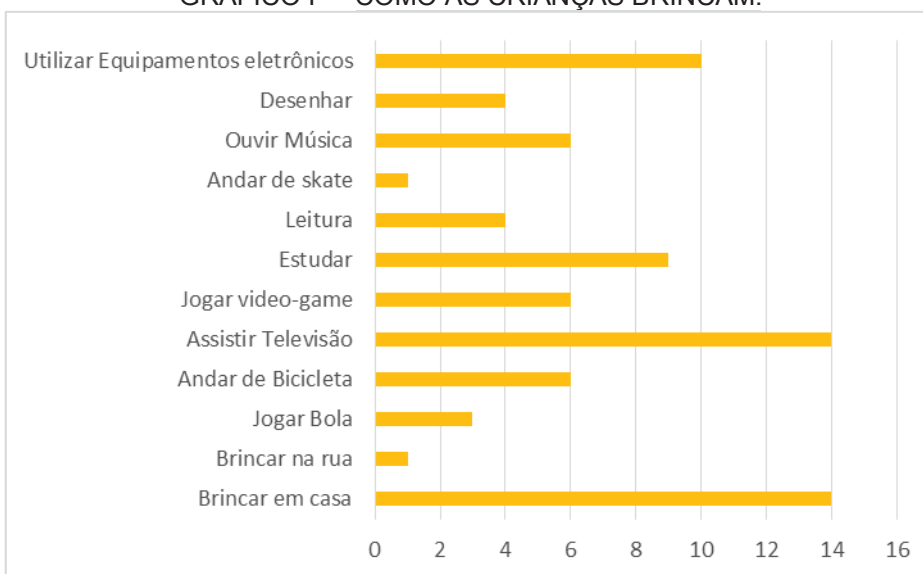
GRÁFICO D- REALIZA ATIVIDADES EM PERÍODO CONTRÁRIO AO DE AULA NA ESCOLA:



GRÁFICO E- REALIZA ATIVIDADES EM PERÍODO CONTRÁRIO AO DE AULA EM OUTRA INSTITUIÇÃO:



GRÁFICO F – COMO AS CRIANÇAS BRINCAM:



APÊNDICE 2 – TABELAS DA REGIONAL PINHEIRINHO E REGIONAL SANTA FELICIDADE SOBRE A FREQUÊNCIA NOS ESPAÇOS CONSOLIDADOS DA CIDADE

TABELA A – FREQUÊNCIA DAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS DA CIDADE NA REGIONAL PINHEIRINHO

Espaços Legitimados	Média de crianças do Perfil 1 que frequentam o espaço citado:	Média de crianças do Perfil 2 que frequentam o espaço citado	Média de crianças do Perfil 3 que frequentam o espaço citado	Média de crianças do Perfil 4 que frequentam o espaço citado	Média Geral das crianças da regional que frequentam o espaço citado
Parques	54,8%	56%	52,8%	68,2%	57,9%
Cinemas	54,8%	54%	58,5%	77,3%	61,2%
Shoppings	80,9%	66%	60,4%	86,4%	73,4%
Museus	16,6%	14%	16,9%	31,8%	19,8%
Média geral da regional (soma das médias gerais de cada espaço legitimado)	$\frac{57,9\%+61,2\%+73,4\%+19,8\%}{4} = 53,08\%$				

FONTE: A autora (2017)

TABELA B – FREQUÊNCIA DAS CRIANÇAS NOS ESPACOS DA CIDADE NA REGIONAL SANTA FELICIDADE

Espaços Legitimados	Média de crianças do Perfil 1 que frequentam o espaço citado:	Média de crianças do Perfil 2 que frequentam o espaço citado	Média de crianças do Perfil 3 que frequentam o espaço citado	Média de crianças do Perfil 4 que frequentam o espaço citado	Média Geral das crianças da regional que frequentam o espaço citado
Parques	81,6%	72%	83,9%	87%	81,12%
Cinemas	78,9%	68%	64,5%	98,1%	77,4%
Shoppings	86,8%	76%	74,2%	94,4%	82,8%
Museus	52,6%	32%	22,6%	85,2%	48,1%
Média geral da regional (soma das médias gerais de cada espaço legitimado)	$\frac{81,12\%+77,4\%+82,8\%+48,1\%}{4} = 72,36\%$				

FONTE: A autora (2017)

APÊNDICE 3 – RENDA MÉDIA MENSAL DAS REGIONAIS SANTA FELICIDADE E PINHEIRINHO

TABELA C: RENDA MÉDIA SALARIAL NA REGIONAL SANTA FELICIDADE

Qual é a renda média bruta total da família?	Perfil 1	Perfil 2	Perfil 3	Perfil 4	Valor de renda média bruta percentual da regional.
Até um salário mínimo;	5,7%	29,2%	15,4%	0%	12,6%
De 2 a 3 salários mínimos;	28,6%	29,2%	61,6%	1,9%	30,3%
De 4 a 5 salários mínimos;	37,1%	25%	11,5%	15,4%	22,2%
De 6 a 7 salários mínimos;	17,1%	8,3%	7,7%	7,7%	10,2%
De 8 a 9 salários mínimos;	8,6%	4,2%	3,8%	9,6%	6,6%
Mais de 10 salários mínimos.	2,6%	4,2%	0%	65,4%	18,1%

FONTE: A autora (2017).

TABELA D: RENDA MÉDIA SALARIAL NA REGIONAL PINHEIRINHO

Qual é a renda média bruta total da família?	Perfil 1	Perfil 2	Perfil 3	Perfil 4	Valor de renda média bruta percentual da regional.
Até um salário mínimo;	15%	22,2%	53,2%	0%	18,1%
De 2 a 3 salários mínimos;	72,5%	55,6%	55,6%	40%	55,9%
De 4 a 5 salários mínimos;	10%	17,8%	7,4%	25%	15,1%
De 6 a 7 salários mínimos;	2,5%	4,4%	0%	20%	6,7%
De 8 a 9 salários mínimos;	0%	0%	1,8%	10%	2,9%
Mais de 10 salários mínimos.	0%	0%	0%	5%	1,3%

FONTE: A autora (2017).

APÊNDICE 4 – ÁREAS VERDES DO TATUQUARA

FOTOGRAFIA A – JARDIM CAPITÃO SHINGO KUBA



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA B – PRAÇA NA R. ERNESTO GERMANO FRANCISCO HANNEMANN



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA C – JARDIM ENTRE A AV. SANTA RITA DE CÁSSIA DOS IMPOSSÍVEIS E A R. ENETTE DUBARD



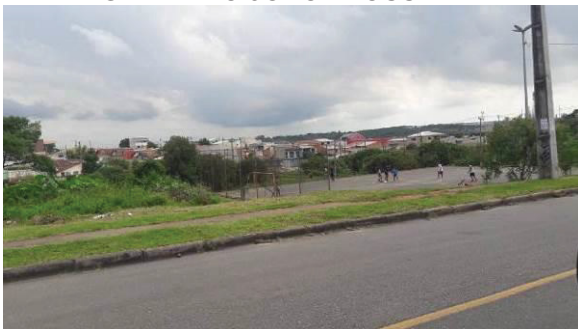
FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA D – JARDIM ENTRE A AV. SANTA RITA DE CÁSSIA DOS IMPOSSÍVEIS E A R. PEDRO PROSDÓCIMO



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA E – JARDIM ENTRE A AV. SANTA RITA DE CÁSSIA DOS IMPOSSÍVEIS E A R. ENGENHEIRO JOÃO KLOSS



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA F – PRAÇA ENTRE A R. JOSÉ MULASKI GEBERT E A R. HAMILCAR PIZZATO



FONTE: A autora (2018)

FOTOGRAFIA G – PRAÇA ENTRE A R. JUAREZ TAVORA E A RUA JOVENILSON AMÉRICO DE OLIVEIRA



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA H – PRAÇA NA R. JORNALISTA SILVINO ALVES BATISTA



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA I – PRAÇA ENTRE A R. CARLOS MUNHOZ DA ROCHA E A R. ENNETE DUBARD



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA J – PRAÇA NA R. LEONILDO BURBELLO



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA K – JARDIM ENTRE A R. WACILIO ZACACHUKA E A R. JOSÉ KRENCHICLOVA



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA L – PRAÇA ENTRE A R. FRANCISCO STROBACH E A R. OLIVIO JOSÉ ROSSETI



FONTE: A autora (2018).

APÊNDICE 5 – ÁREAS VERDES DO CAMPO COMPRIDO

FOTOGRAFIA M – JARDIM PROFA. IZAURA OLIVEIRA DE OLIVEIRA



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA N – PRAÇA GUILHERME SHULTZ



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA O – PRAÇA MARIA DE LURDES GASPARIN PIANOWSKI



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA P – JARDIM DAVID KRIEGER



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA Q – PRAÇA ENTRE A R. EDEMAR ERSEN E A R. SEBASTIÃO JOSÉ MARTINS



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA R – JARDIM ENTRE A R. MONS. IVO ZANLORENZI E A R. ANTENOR KAISER



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA S – PRAÇA DR. JOÃO URBAN



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA T – PRAÇA ENTRE A R. MARIO ZANLORENZI E A R. LUIZA VARDANEGA MARZANI.



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA U – JARDIM PROF. ADELINO FRESSATO



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA V – PRAÇA CELSO KAVA



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA W – JARDIM CIRCE SILVA PEIXOTO



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA X – JARDIM ENTRE A R. PEDRO DE CAMPOS FREIRE E A R. ANTONIO PAULINO TEIXEIRA DE FREITAS



FONTE: A autora (2018).

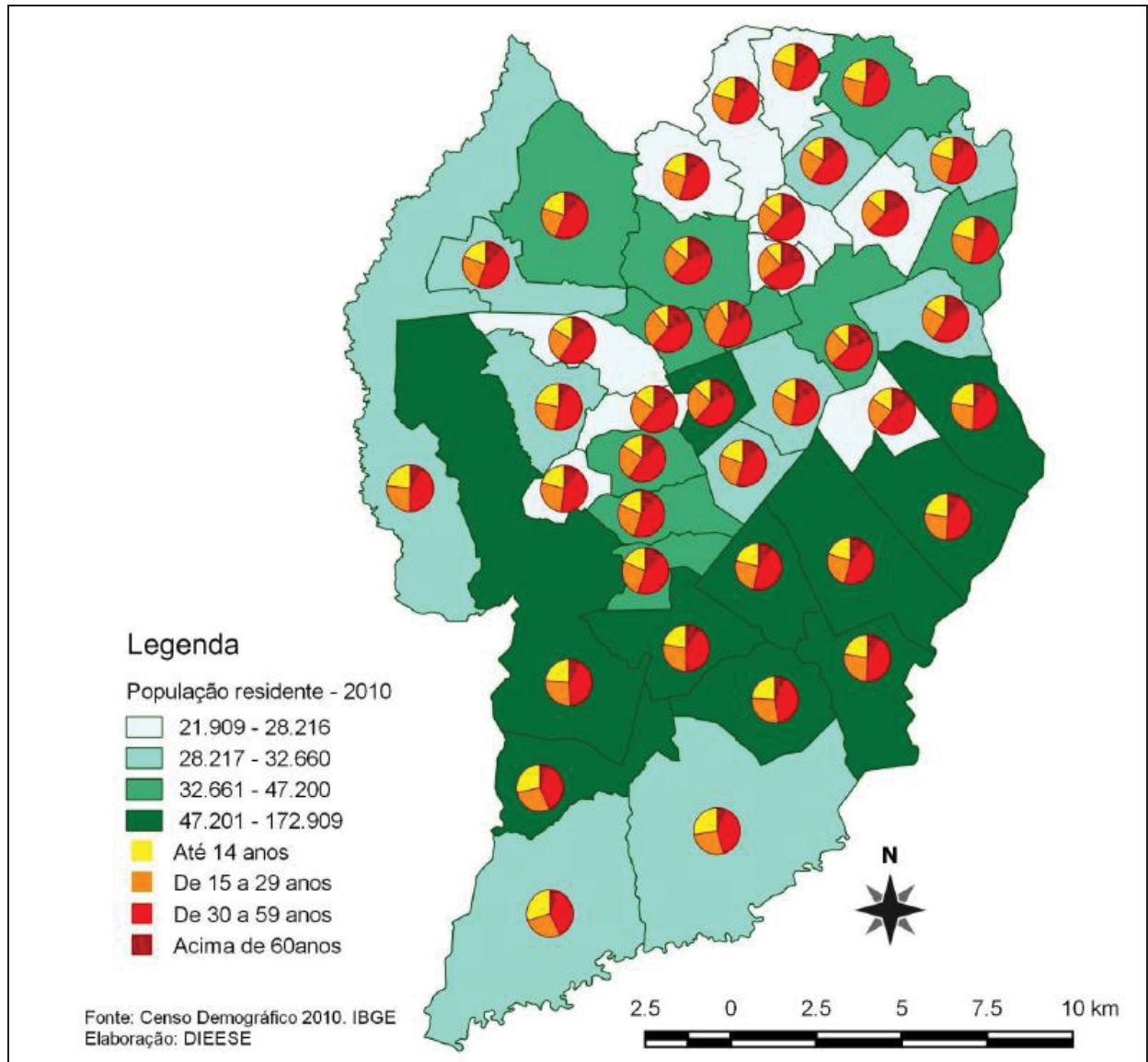
ANEXO 1 – CONSTITUIÇÃO DOS BAIRROS AGREGADOS



Quadro 1
Áreas de ponderação, bairros englobados e “bairros agregados” de Curitiba

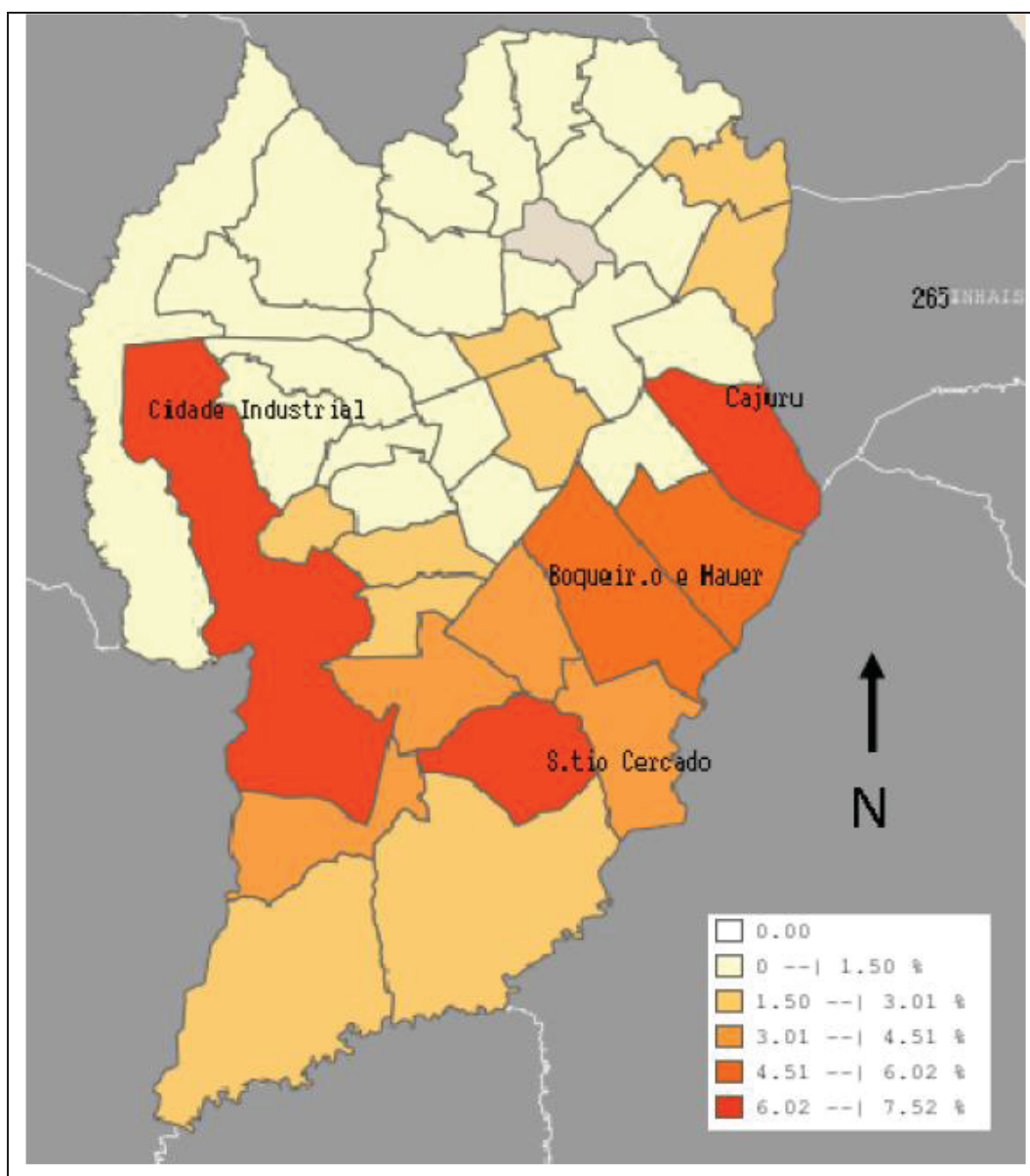
Áreas de ponderação do IBGE	Bairros englobados pelas áreas de ponderação	Proposta de nomenclatura dos “bairros agregados”.
1	São Lourenço, Abranches, Taboão	Abranches expandido
2	Bigorrião, Batel	Batel e Bigorrião
3	Centro	Centro
53	Centro	Centro
4	Santo Inácio, São bráz	São Braz e Santo Inácio
5	Juveve, Alto da glória, Centro cívico	Centro cívico e Juveve
6	Ahú, Cabral	Cabral
7	Pilarzinho	Pilarzinho
8	Boa vista	Boa vista
9	Merces, Vista alegre, Bom retiro, São francisco	São Francisco expandido
10	Cachoeira, Barreirinha	Barreirinha e Cachoeira
11	Santa Cândida	Santa Cândida
12	Tingui, Atuba	Atuba e Tingui
13	Bacacheri	Bacacheri
14	Jardim botânico, Cristo rei, Alto da rua XV, Hugo lange, Jardim social	Alto da XV expandido
15	Bairro alto	Bairro Alto
16	Tarumã, Capão da embula	Capão da Embula e Tarumã
17	Santa felicidade, São João, Cascatilha	Santa Felicidade expandido
18	Prado velho, Rebouças, Parolin	Rebouças expandido
19	Guabirota, Jardim das américas	Guabirota e Jardim das américas
20	Cajuru 1	Cajuru
21	Cajuru 2	
22	Cajuru 3	
23	Uberaba	Uberaba
24	Uberaba	
25	Boqueirão, Parte do hauer	Boqueirão e hauer
27	Boqueirão, Parte do hauer	
55	Parte do boqueirão	
26	Guaira, Lindóia, Fanny	Guaira e Fanny
28	Parte do xaxim	Xaxim
33	Parte do xaxim	
29	Parte do Alto boqueirão	Alto boqueirão
54	Parte do Alto boqueirão	
30	Parte do Agua verde	Agua verde
31	Parte do Agua verde	
32	São miguel, Augusta, Riveira, Orleans, Botatuvinha, Lamenha pequena	CIC norte
34	Seminário, Campina do siqueira, Mossunguê	Campina do siqueira expandido
35	Vila izabel, Santa quitéria	Vila izabel e santa quitéria
36	Portão	Portão
37	Campo comprido	Campo comprido
38	Fazendinha	Fazendinha
39	Novo mundo	Novo Mundo
40	Capão raso	Capão Raso
41	Tatuquara	Tatuquara
42	Umbará, Ganquinho	Ganquinho e Umbará
43	Campo do santana, Caximba	Campo do santana e caximba
44	Sítio cercado	Sítio cercado
45	Sítio cercado	
46	Sítio cercado	
47	Pinheirinho	Pinheirinho
48	Cidade industrial	CIC Sul
49	Cidade industrial	
50	Cidade industrial	
51	Cidade industrial	
52	Cidade industrial	

ANEXO 2 – NÚMERO DE HABITANTES E FAIXA ETÁRIA SEGUNDO BAIROS AGREGADOS – CURITIBA 2010



FONTE: Censo Demográfico 2010. IBGE. Elaboração: DIEESE


ANEXO 3 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA EM RELAÇÃO AO MUNICÍPIO, SEGUNDO BAIROS AGREGADOS. CURITIBA, 2010



FONTE: CENSO/ IBGE Elaboração: DIEESE(2016).

ANEXO 4 – QUESTIONÁRIO ENTREGUE ÀS ESCOLAS PRIVADAS

1

	<p>Esta é uma pesquisa que tem por objetivo conhecer a utilização dos espaços do bairro e da cidade pelas crianças curitibanas. Para que a pesquisa seja o mais completa possível, contamos com a sua disposição e desde já, agradecemos a colaboração.</p>
---	--

Orientações quanto ao preenchimento: este questionário deve ser preenchido pela pessoa mais próxima da criança (pai, mãe, tia, avó etc.). Por razões éticas, por favor, **não se identifique e nem identifique a criança**. Responda às questões **marcando um (X) e preenchendo as informações pedidas**, tendo como base a criança que estuda no 5º ano na escola. Lacre o envelope depois do preenchimento.

Quem responde este questionário?	Pai ()	Mãe ()	Avós ()	Tios ()	Irmãos mais velhos ()	Outro (s):
----------------------------------	------------	------------	-------------	-------------	---------------------------	------------

DADOS DA CRIANÇA

Idade da criança	Sexo	Cor/Raça/Etnia					
.....anos	() F () M	() Branca	() Preta	() Amarela	() Parda	() Indígena	() Não sabe

1) A CRIANÇA ESTUDA EM QUE PERÍODO?	2) A CRIANÇA VAI PARA A ESCOLA:	3) DE QUE MANEIRA A CRIANÇA VAI PARA A ESCOLA?	4) E QUANTO TEMPO LEVA? (CONTE O TEMPO SÓ DE IDA)
<input type="checkbox"/> Manhã <input type="checkbox"/> Tarde <input type="checkbox"/> Integral	<input type="checkbox"/> Sozinha <input type="checkbox"/> Com a mãe <input type="checkbox"/> Com o pai <input type="checkbox"/> Com os avós <input type="checkbox"/> Com irmãos ou amigos <input type="checkbox"/> Com vizinhos Outro (s): _____ <small>(Especifique)</small>	<input type="checkbox"/> A pé <input type="checkbox"/> Bicicleta <input type="checkbox"/> Carro da família <input type="checkbox"/> Carona (Vizinho) <input type="checkbox"/> Ônibus comum <input type="checkbox"/> Ônibus/ van escolar Outro (s): _____ <small>(Especifique)</small>	<input type="checkbox"/> Até 10 minutos <input type="checkbox"/> De 11 à 20 minutos <input type="checkbox"/> De 21 à 30 minutos <input type="checkbox"/> De 31 à 40 minutos <input type="checkbox"/> De 41 à 50 minutos Mais de 50 minutos (Escreva abaixo quanto tempo): _____

5) A CRIANÇA FAZ ATIVIDADES EXTRAS, NA PRÓPRIA ESCOLA, NO PERÍODO CONTRÁRIO AO DA AULA (REFORÇO ESCOLAR, ATIVIDADES COMPLEMENTARES, ESPORTE, ETC.)?	
() NÃO	() SIM
Escreva qual ou quais atividades: _____	

6) A CRIANÇA FAZ ATIVIDADES EXTRAS, EM OUTRA INSTITUIÇÃO, NO PERÍODO CONTRÁRIO AO DA AULA OU À NOITE (CURSOS, ESPORTES, AULAS PARTICULARES ETC.)?	
() NÃO	() SIM
Escreva qual ou quais atividades: _____	
Escreva onde ela faz essa atividade (Em qual instituição? Em qual bairro?): _____	

7) ASSINALE ATÉ QUATRO ATIVIDADES QUE A CRIANÇA MAIS COSTUMA FAZER NO SEU TEMPO LIVRE:			
<input type="checkbox"/> Brincar em casa	<input type="checkbox"/> Andar de bicicleta	<input type="checkbox"/> Estudar	<input type="checkbox"/> Ouvir música
<input type="checkbox"/> Brincar na rua	<input type="checkbox"/> Assistir TV	<input type="checkbox"/> Ler	<input type="checkbox"/> Desenhar
<input type="checkbox"/> Jogar bola	<input type="checkbox"/> Jogar videogame	<input type="checkbox"/> Andar de skate	<input type="checkbox"/> Utilizar equipamentos eletrônicos*
Existe alguma outra atividade que não consta na lista? Escreva qual: _____			

*Computador, tablets, smartphones, celulares etc.

A CRIANÇA E OS ESPAÇOS DA CIDADE (responder com base no bairro de moradia)

8) MARQUE QUE ESPAÇOS COMERCIAIS DO BAIRRO A CRIANÇA FREQUENTA SOZINHA OU COM IRMÃOS E AMIGOS (ASSINALE MAIS DE UMA ALTERNATIVA SE ACHAR NECESSÁRIO):			
<input type="checkbox"/> Padaria	<input type="checkbox"/> Farmácia	<input type="checkbox"/> Locadora	<input type="checkbox"/> Pet shop
<input type="checkbox"/> Mercadinho	<input type="checkbox"/> Banca de jornal ou Revistaria	<input type="checkbox"/> Feira de Alimentação	<input type="checkbox"/> Aviário
<input type="checkbox"/> Supermercado	<input type="checkbox"/> Loja de roupas/Armarinho	<input type="checkbox"/> Feira de Verduras	<input type="checkbox"/> Lan house
Existe algum outro lugar que não consta na lista? Escreva qual: _____			

9) MARQUE OUTROS ESPAÇOS DO BAIRRO QUE A CRIANÇA FREQUENTA (SOZINHA OU ACOMPANHADA) E INDIQUE A FREQUÊNCIA:

PARQUES DO BAIRRO <small>Escreva nome e/ou local</small>	<input type="checkbox"/> Poucas vezes no ano	Escreva as atividades desenvolvidas (Ex. passeios, atividades esportivas, reuniões familiares etc.):
	<input type="checkbox"/> De 1 a 3 vezes durante a semana	
	<input type="checkbox"/> Finais de semana	
	<input type="checkbox"/> Não frequenta	
	<input type="checkbox"/> Não existem parques no bairro	
PRAÇAS E JARDINS DO BAIRRO <small>Escreva nome e/ou local</small>	<input type="checkbox"/> Poucas vezes no ano	Escreva as atividades desenvolvidas (Ex. passeios, esporte, reuniões familiares etc.):
	<input type="checkbox"/> De 1 a 3 vezes durante a semana	
	<input type="checkbox"/> Finais de semana	
	<input type="checkbox"/> Não frequenta	
	<input type="checkbox"/> Não existem praças e jardins no bairro	
ESPAÇOS RELIGIOSOS DO BAIRRO <small>Escreva nome e/ou local</small>	<input type="checkbox"/> Poucas vezes no ano	Escreva as atividades desenvolvidas (Ex. missa, culto, reuniões, grupos de estudos, obras assistenciais, etc.):
	<input type="checkbox"/> De 1 a 3 vezes durante a semana	
	<input type="checkbox"/> Finais de semana	
	<input type="checkbox"/> Não frequenta	
	<input type="checkbox"/> Não existem espaços religiosos no bairro	
ESPAÇOS CULTURAIS DO BAIRRO <small>Escreva nome e/ou local</small>	<input type="checkbox"/> Poucas vezes no ano	Escreva as atividades desenvolvidas (Ex. oficinas de teatro ou circo, aulas de arte, visita ao Farol do saber* etc.)
	<input type="checkbox"/> De 1 a 3 vezes durante a semana	
	<input type="checkbox"/> Finais de semana	
	<input type="checkbox"/> Não frequenta	
	<input type="checkbox"/> Não existem espaços culturais no bairro	
RUA DA CIDADANIA <small>Escreva nome e/ou local</small>	<input type="checkbox"/> Poucas vezes no ano	Escreva as atividades desenvolvidas (Ex. cursos, atividades esportivas, compras etc)
	<input type="checkbox"/> De 1 a 3 vezes durante semana	
	<input type="checkbox"/> Finais de semana	
	<input type="checkbox"/> Não frequenta	
	<input type="checkbox"/> Não existe Rua da Cidadania no bairro	

*Biblioteca dos bairros

10) Responda se a criança frequenta a CASA DE PARENTES OU CONHECIDOS assinalando as seguintes alternativas: A) Algumas vezes no ano; B) Algumas vezes no mês; C) Todos os dias; D) Algumas vezes na semana.

Lugar	Frequência
Casa dos avós	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
Casa dos tios e primos	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
Casa de irmãos mais velhos	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
Casa de amigos/vizinho	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
Outro:	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D

11) Escreva se existem OUTROS ESPAÇOS DO BAIRRO frequentados pela criança assinalando para frequência uma das seguintes ALTERNATIVAS: A) Algumas vezes no ano; B) Algumas vezes no mês; C) Todos os dias; D) Algumas vezes na semana.

Nome do lugar	Frequência
	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D

12) ESCREVA QUE OUTROS ESPAÇOS DA CIDADE A CRIANÇA FREQUENTA, COM QUE FREQUÊNCIA E QUEM, GERALMENTE, A ACOMPANHA NESTAS VISITAS:

PARQUES (Escreva nomes e/ou locais)	<input type="checkbox"/> 1 a 3 vezes ao ano	<input type="checkbox"/> Pai
	<input type="checkbox"/> 1 vez ao mês	<input type="checkbox"/> Mãe
	<input type="checkbox"/> Todo final de semana	<input type="checkbox"/> Avós
	<input type="checkbox"/> Várias vezes na semana	<input type="checkbox"/> Escola
	<input type="checkbox"/> Não frequenta	Outro (a):
CINEMAS (Escreva nomes e/ou locais)	<input type="checkbox"/> 1 a 3 vezes ao ano	<input type="checkbox"/> Pai
	<input type="checkbox"/> 1 vez ao mês	<input type="checkbox"/> Mãe
	<input type="checkbox"/> Todo final de semana	<input type="checkbox"/> Avós
	<input type="checkbox"/> Várias vezes na semana	<input type="checkbox"/> Escola
	<input type="checkbox"/> Não frequenta	Outro (a):

3

SHOPPINGS (Escreva nomes e/ou locais)	<input type="checkbox"/> 1 a 3 vezes ao ano	<input type="checkbox"/> Pai
	<input type="checkbox"/> 1 vez ao mês	<input type="checkbox"/> Mãe
	<input type="checkbox"/> Todo final de semana	<input type="checkbox"/> Avós
	<input type="checkbox"/> Várias vezes na semana	<input type="checkbox"/> Escola
	<input type="checkbox"/> Não frequenta	Outro (a):
MUSEUS (Escreva nomes e/ou locais)	<input type="checkbox"/> 1 a 3 vezes ao ano	<input type="checkbox"/> Pai
	<input type="checkbox"/> 1 vez ao mês	<input type="checkbox"/> Mãe
	<input type="checkbox"/> Todo final de semana	<input type="checkbox"/> Avós
	<input type="checkbox"/> Várias vezes na semana	<input type="checkbox"/> Escola
	<input type="checkbox"/> Não frequenta	Outro (a):
TEATROS (Escreva nomes e/ou locais)	<input type="checkbox"/> 1 a 3 vezes ao ano	<input type="checkbox"/> Pai
	<input type="checkbox"/> 1 vez ao mês	<input type="checkbox"/> Mãe
	<input type="checkbox"/> Todo final de semana	<input type="checkbox"/> Avós
	<input type="checkbox"/> Várias vezes na semana	<input type="checkbox"/> Escola
	<input type="checkbox"/> Não frequenta	Outro (a):

13) Escreva se existem **OUTRAS ATIVIDADES CULTURAIS** que a criança costuma fazer e que não foram mencionados neste questionário (Ex. assistir apresentações musicais, visitação a feiras e pontos turísticos etc.). Assinale no item Frequência, a periodicidade dessas atividades de acordo com as seguintes **ALTERNATIVAS**: A) 1 vez ao ano; B) 2 a 3 vezes ao ano; C) 1 vez ao mês; D) **Todo final de semana**; E) **Várias vezes na semana**;

Atividade	Frequência	Quem acompanha
	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/> E	
	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/> E	
	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/> E	

14) Escreva se existem **OUTROS LUGARES DA CIDADE** que a criança costuma ir para passear que não foram mencionados neste questionário. Assinale no item Frequência, a periodicidade dessas atividades de acordo com as seguintes **ALTERNATIVAS**: A) 1 vez ao ano; B) 2 a 3 vezes ao ano; C) 1 vez ao mês; D) **Todo final de semana**; E) **Várias vezes na semana**;

Nome do lugar	Frequência	Quem acompanha
	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/> E	
	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/> E	
	<input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/> E	

	Lugar
15) A CRIANÇA JÁ VIAJOU PARA OUTRAS CIDADES DO PARANÁ (CIDADES DO INTERIOR, PRAIAS ETC.)? EM CASO AFIRMATIVO, ESCREVA AO LADO O NOME DA CIDADE:	

	Lugar
16) A CRIANÇA JÁ VIAJOU PARA OUTRAS CIDADES FORA DO PARANÁ? E A OUTROS PAÍSES? EM CASO AFIRMATIVO, ESCREVA AO LADO O NOME DA CIDADE, ESTADO E/OU PAÍS:	

DADOS FAMILIARES

17) A- ESCREVA A PROFISSÃO DO PAI (OU RESPONSÁVEL) DA CRIANÇA:

17) B - O PAI (OU RESPONSÁVEL) DA CRIANÇA:

TRABALHA MEIO PERÍODO. TRABALHA PERÍODO INTEGRAL. NÃO TRABALHA NO MOMENTO.

18) A - ESCREVA A PROFISSÃO DA MÃE (OU RESPONSÁVEL) DA CRIANÇA:

18) B - A MÃE (OU RESPONSÁVEL) DA CRIANÇA TRABALHA:
() TRABALHA MEIO PERÍODO. () TRABALHA PERÍODO INTEGRAL. () NÃO TRABALHA NO MOMENTO

19) ASSINALE A ESCOLARIDADE DOS FAMILIARES DA CRIANÇA:

Pai ou Responsável	
<input type="checkbox"/>	Não Alfabetizado
<input type="checkbox"/>	Até a 4ª série
<input type="checkbox"/>	1º grau* incompleto/ Ensino Fundamental incompleto
<input type="checkbox"/>	1º grau completo / Ensino Fundamental completo
<input type="checkbox"/>	2º grau incompleto / Ensino Médio incompleto
<input type="checkbox"/>	2º grau completo / Ensino Médio completo
<input type="checkbox"/>	Técnico (nível médio ou pós-médio)
<input type="checkbox"/>	Superior incompleto
<input type="checkbox"/>	Superior completo
<input type="checkbox"/>	Especialização
<input type="checkbox"/>	Mestrado
<input type="checkbox"/>	Doutorado

Avô Paterno	Avó Paterna
<input type="checkbox"/>	Não Alfabetizado
<input type="checkbox"/>	Até a 4ª série
<input type="checkbox"/>	1º grau incompleto
<input type="checkbox"/>	1º grau completo
<input type="checkbox"/>	2º grau incompleto
<input type="checkbox"/>	2º grau completo
<input type="checkbox"/>	Técnico
<input type="checkbox"/>	Superior incompleto
<input type="checkbox"/>	Superior completo
<input type="checkbox"/>	Especialização
<input type="checkbox"/>	Mestrado
<input type="checkbox"/>	Doutorado

Mãe ou Responsável	
<input type="checkbox"/>	Não Alfabetizada
<input type="checkbox"/>	Até a 4ª série
<input type="checkbox"/>	1º grau incompleto / Ensino Fundamental incompleto
<input type="checkbox"/>	1º grau completo / Ensino Fundamental completo
<input type="checkbox"/>	2º grau incompleto / Ensino Médio incompleto
<input type="checkbox"/>	2º grau completo / Ensino Médio completo
<input type="checkbox"/>	Técnico (nível médio ou pós-médio)
<input type="checkbox"/>	Superior incompleto
<input type="checkbox"/>	Superior completo
<input type="checkbox"/>	Especialização
<input type="checkbox"/>	Mestrado
<input type="checkbox"/>	Doutorado

Avô Materno	Avó Materna
<input type="checkbox"/>	Não Alfabetizado
<input type="checkbox"/>	Até a 4ª série
<input type="checkbox"/>	1º grau incompleto
<input type="checkbox"/>	1º grau completo
<input type="checkbox"/>	2º grau incompleto
<input type="checkbox"/>	2º grau completo
<input type="checkbox"/>	Técnico
<input type="checkbox"/>	Superior incompleto
<input type="checkbox"/>	Superior completo
<input type="checkbox"/>	Especialização
<input type="checkbox"/>	Mestrado
<input type="checkbox"/>	Doutorado

*Os termos 1º e 2º graus foram substituídos, a partir da Lei 9.394/96, por Ensino Fundamental e Ensino Médio.

20) ESCREVA A CIDADE ONDE A FAMÍLIA MORA ATUALMENTE:

21) ESCREVA O BAIRRO ONDE A FAMÍLIA MORA ATUALMENTE:

22) HÁ QUANTO TEMPO A FAMÍLIA MORA NO BAIRRO?

23) DE ONDE A FAMÍLIA VEIO (BAIRRO, CIDADE, ESTADO ETC.)?

24) QUAL É A RENDA BRUTA TOTAL DAS PESSOAS QUE TRABALHAM NA CASA?

- Até 1 salário mínimo
 De 2 a 3 salários mínimos
 De 4 a 5 salários mínimos
 De 6 a 7 salários mínimos
 De 8 a 9 salários mínimos
 Mais de 10 salários mínimos

25) A CASA É:

- Alugada
 Cedida/Emprestada
 Própria
 Financiada

26) QUANTOS MORADORES MORAM NA CASA?

- 2 pessoas
 3 pessoas
 4 pessoas
 5 pessoas
 6 pessoas
 7 pessoas ou mais

Agradecemos, mais uma vez, a sua colaboração e informamos que seguiremos as orientações éticas de pesquisa do Setor de Educação da Universidade. Neste sentido, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento que se faça necessário. Falar com Julia: 99041886 ou por e-mail: juliadocarmo@hotmail.com .

SUGESTÕES/CRÍTICAS:

ANEXO 5 – AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CURITIBA



CURITIBA



Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal da Educação
Superintendência de Gestão Educacional
Departamento de Ensino Fundamental
Av. João Gualberto, 623 7º Andar Torre A
Alto da Glória
80030-000 Curitiba PR
Tel 41 33503076
Fax 41 3350 3047
www.curitiba.pr.gov.br

Curitiba, 17 de maio de 2017.

AUTORIZAÇÃO

Informamos que a pesquisadora **Julia do Carmo Pabst Scholochuski**, aluna do Programa de Mestrado da Universidade Federal do Paraná, orientada pela Professora Dr.^a Valéria Milena Röhrich Ferreira, está autorizada a realizar pesquisa sobre “A socialização e a significação do espaço do bairro e da cidade de Curitiba pelas crianças pertencentes a rede pública e privada de ensino”.

O objetivo é analisar como crianças que estudam na rede pública e privada de ensino socializam-se e dão significado aos espaços do bairro e da cidade de Curitiba.

A pesquisadora pretende utilizar as seguintes estratégias:

- Identificar como crianças da rede pública e privada de ensino de Curitiba relacionam-se com os espaços do bairro e da cidade;
- Caracterizar os espaços do bairro pesquisado e da cidade frequentados pelas crianças;
- Compreender como os espaços do bairro e da cidade de Curitiba contribuem para o processo de socialização da criança.

Os instrumentos utilizados serão:

- Entrevista semiestruturadas com grupos de crianças;
- Entrevista com um (a) representante da equipe gestora.



CURITIBA



Prefeitura Municipal de Curitiba
 Secretaria Municipal da Educação
 Superintendência de Gestão Educacional
 Departamento de Ensino Fundamental
 Av. João Gualberto, 623 7º Andar Torre A
 Alto da Glória
 80030-000 Curitiba PR
 Tel 41 33503076
 Fax 41 3350 3047
 www.curitiba.pr.gov.br

Duração Total da Pesquisa | Cronograma

A pesquisa terá início em junho/2017 e a previsão de término em outubro/2017.

Informamos ainda que a decisão final de participar da referida pesquisa caberá aos profissionais envolvidos.

Ressaltamos também que o pesquisador deverá entregar **uma cópia impressa e encadernada dos resultados da investigação** para a escola e outra para o Departamento de Ensino Fundamental – Gerência Pedagógica.

Atenciosamente,

Simone Zampier da Silva
 Diretora
 Departamento de Ensino Fundamental

ANEXO 6 – BILHETE ENVIADO PARA AS FAMÍLIAS APRESENTANDO A PESQUISA



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



Senhores Pais e/ou Responsáveis:

Meu nome é Julia do Carmo Cardoso e sou Mestranda em Educação da Universidade Federal do Paraná. Pesquiso **como as crianças utilizam os espaços do bairro e da cidade de Curitiba**.

Nos próximos dias **pretendo conversar com as crianças sobre os espaços curitibanos**. Dessa forma, gostaria de solicitar a **sua autorização** para que eu possa realizar essa pesquisa com o(a) seu(sua) filho(a). Essas conversas serão de curta duração e ocorrerão na própria escola em momentos que não acarretem prejuízos pedagógicos. Comunico que, para otimizar o tempo e a qualidade, as entrevistas serão gravadas em forma de áudio, preservando a identidade da criança participante bem como da escola. Caso muitas famílias demonstrem interesse em participar, será realizado um sorteio para a escolha das crianças.

Agradeço desde já a atenção e caso permita que seu(sua) filho(a) participe dessa pesquisa, **preencha a autorização abaixo, recorte-a, e encaminhe novamente para a escola**.

Curitiba, junho de 2017.

Julia do Carmo Pabst Scholochuski Cardoso
Mestranda – PPGE / UFPR
Fone / Whatsapp: (41)99904-1886
juliadocarmo@hotmail.com

Orientadora da pesquisa: Profª Drª Valéria Milena R. Ferreira

AUTORIZAÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu, _____ autorizo
o(a) meu(minha) filho(a) _____ do ____ ano a
participar da conversa sobre a Infância e os espaços curitibanos.
Qual bairro a criança mora? _____

Ass: _____
Data: ____/____/____

ANEXO 7 – QUESTÕES QUE NORTEARAM AS CONVERSAS COM AS CRIANÇAS



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



QUESTÕES NORTEADORAS PARA AS CONVERSAS COM AS CRIANÇAS

<p>1º Encontro</p> <p>Tema: O que é ser criança hoje no espaço urbano.</p>
<ul style="list-style-type: none"> * Idade. * O que você faz quando não está na escola? * O que é ser criança? * O que você gosta de fazer quando não está na escola? * O que é ser cidadão curitibano?
<p>2º Encontro:</p> <p>Tema: Como eu vejo o meu bairro.</p>
<ul style="list-style-type: none"> * Bairro de moradia. * Como você utiliza o seu bairro? * Você sabe até onde vai o seu bairro? * O que é legal no seu bairro e o que não é legal? * Que lugar você gosta de ir? Por que? * Que lugar você não gosta de ir? Por que? * Você brinca com todas as crianças do seu bairro?
<p>3º Encontro</p> <p>Tema: Como eu vejo a cidade de Curitiba.</p>
<ul style="list-style-type: none"> * O que você costuma fazer em Curitiba? * Que lugares você vai? Tem algum que não é muito conhecido? * Onde você acha que as crianças brincam em Curitiba?

*Você conhece outros bairros e regiões de Curitiba? Quais?

* Onde você se sente seguro em Curitiba?

4º Encontro

Tema: Como é ser criança em Curitiba.

*Você conhece o Museu Oscar Niemeyer? O que você faz lá?

*Você conhece o Parque Barigui? O que você faz lá?

*Você conhece algum shopping de Curitiba? Qual?

*Se você fosse prefeito de Curitiba o que mudaria?

* Você já sofreu preconceito por ser criança?